

UMA FREGUESIA (CON)(VID(A)TIVA)

Uma intervenção social mais mediadora e em rede na Freguesia de Arrabal

Relatório de projeto

Sandra Ferreira Pereira

Trabalho realizado sob a orientação do

Professor Doutor Ricardo Manuel das Neves Vieira

Leiria, 29 de março de 2019

Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

UMA FREGUESIA (CON)(VID(A)TIVA)

Uma intervenção social mais mediadora e em rede na
Freguesia de Arrabal

Sandra Pereira

«Atravessar a fronteira que nos separa do outro pode ser difícil, mas o processo será facilitado se encarar essa fronteira como nas palavras de António Sousa Ribeiro (2001:471) [...] “espaço habitável em que o eu e outro encontram uma possibilidade de partilha e, assim, dar origem a novas configurações da realidade”».

(Matos, 2018)

AGRADECIMENTOS

Ao longo deste trabalho contei inevitavelmente com o apoio de muitas pessoas e entidades. Neste sentido, faço questão de expressar o meu sincero agradecimento a todos aqueles que tornaram possível a sua realização:

Ao professor doutor Ricardo Vieira por me apoiar, incentivar e partilhar os seus sábios conhecimentos e experiência comigo; à presidente da junta de freguesia, dr.^a Helena Brites, por me ter apoiado neste projeto desde início; às coletividades locais por disponibilizarem tempo para eu realizar as minhas entrevistas e por me deixarem entrar e tentar entender o mundo delas; a uma colega especial, uma segunda mãe para mim, pela compreensão e paciência para comigo.

Ao João pela paciência, carinho, dedicação e apoio moral que me tem dado sempre, e, sem nunca esquecer a minha família, que sempre me ensinou a não desistir das batalhas a que me proponho ao longo da vida, independentemente de serem duras ou não.

...

RESUMO

De acordo com Almeida (2001), a mediação apresenta diferentes funções sociais e tem-se vindo a afirmar como “modo de regulação social”. Dado isto, é no âmbito da mediação que o meu projeto de intervenção social com mediação comunitária se desenvolve numa das Freguesias mais ricas e compostas a nível de associativismo do concelho de Leiria, a Freguesia de Arrabal.

De modo a que pudesse desenvolver um projeto de mediação mais em rede, com e para a comunidade, senti necessidade de, numa primeira fase, conhecer melhor a população e os seus pontos de vista sobre o trabalho em rede desenvolvido na Freguesia, através da realização de uma entrevista aos presidentes de 14 instituições/coletividades locais.

Dessas entrevistas resultou um diagnóstico em que se verificaram diversos aspetos considerados negativos e comuns a todos os entrevistados, como é o caso da sobreposição de eventos, o individualismo, rivalidade entre lugares e a existência de muitas instalações com fracas condições. Também a grande maioria dos entrevistados concorda que existe trabalho colaborativo e em rede. No entanto não coincide com as expectativas dos mesmos, chegando mesmo, muitos deles, a reconhecer as várias tentativas realizadas pela junta de Freguesia neste sentido e solicitando que se continuem a desenvolver esforços nesse sentido.

Perante este diagnóstico, proponho como atividade de intervenção social a realização do evento “À Descoberta da Freguesia”. Embora esteja apoiado nas mesmas bases do evento “Arrabal em Movimento”, eventos que são descritos à frente, devido a muitos o referenciam como exemplo de atividade de mediação bastante positiva e enriquecedora, o evento “À Descoberta da Freguesia” pretende deslocalizar o evento e levá-lo a todos os lugares da freguesia, implicando a organização de grupos constituídos por elementos de várias coletividades, mediante o lugar e o tipo de atividade a desenvolver.

Independentemente da atividade proposta, foi intenção não detalhar muito os pormenores da mesma, dado se tratar de um trabalho em rede desenvolvido para e com os envolvidos, dando-lhes margem para que possam fazer parte do processo de criação e organização das atividades.

Palavras chave

Animação Cultural; Animação Social; Animação Sociocultural; Desenvolvimento Comunitário; Intervenção Social; Mediação Comunitária e Mediação Intercultural;

ABSTRACT

According to Almeida (2001), mediation presents different social functions, and has been claiming as a “mode of social regulation”. Given this, is in the field of mediation that my project of social intervention with community mediation is developed, at one of the richest parishes and compound at associative level of county of Leiria, the parish of Arrabal.

So that I can develop a project of mediation more in grid, with and for the community, I felt necessity of, in a first stage, to know the population and their points of view about the work developed at the parish, through the realization of an interview with the presidents of 14 local associations/collectivities.

Of all those interviews results one diagnosis, in which there were several aspects considered negative and common to all interviewed, as is the event overlap, individualism, rivalry between places and the existence of many installations with poor conditions. Also, the majority of the interviewed agrees there is cooperative work and in grid, but it does not match with their expectations, even coming, many of them, to know several attempts made from parish council in this regard and calling to continue to develop efforts in this way.

Towards this diagnosis, I propose as activity of social intervention the execution of the event “Discovering Parish”. Though the event is supported in the same basis of the event “Arrabal in Motion”, events that are described ahead, due to many of the interviewed refers that as an example of a mediation activity very positive and enriching, the event “Discovering Parish” attempts to shift the event and took it to all the parish’s places, involving the organization of groups made by elements of several collectivities, through the place and type of activity to develop.

Regardless of the proposed activity, it was intended not to detail the details of the same, given that is a work in grid developed to and with the involved, given them marge so they can make part of the process of creating and organizing activities.

Keywords

Community Development; Community Mediation; Cultural Animation; Intercultural Mediation; Social Animation; Social Intervention; Sociocultural Animation.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS *I*

RESUMO *II*

ABSTRACT *IV*

ÍNDICE GERAL *VI*

ÍNDICE DE TABELAS *X*

ABREVIATURAS *XI*

INTRODUÇÃO *13*

CAPÍTULO 1 - PROJETO DE INTERVENÇÃO COM MEDIAÇÃO: REVISÃO CONCEPTUAL *21*

CAPÍTULO 2 - DIAGNÓSTICO SOCIAL SOBRE AS ATIVIDADES DE ANIMAÇÃO NA FREGUESIA DE ARRABAL *26*

2.1 DIAGNÓSTICO REALIZADO COM AS ASSOCIAÇÕES LOCAIS *26*

2.1.1 *AS FILARMÓNICAS* *28*

2.1.1.1 **Sociedade Artística Musical 20 de Julho de Santa Margarida do Arrabal – SAMA** *30*

2.1.1.2 **Sociedade Filarmónica Sr. dos Aflitos** *33*

2.1.2 *GRUPO CORAL DO ARRABAL* *36*

2.1.3 *RANCHO FOLCLÓRICO DO FREIXIAL E MUSEU ETNOGRÁFICO DO FREIXIAL* *39*

2.1.4 *FUNDAÇÃO LAR SANTA MARGARIDA* *42*

2.1.5 *LAR SOCIAL DO ARRABAL* *45*

2.1.6 *ESCOLA BÁSICA DO 1º CICLO DO ARRABAL* *49*

2.1.7 *CASA DO POVO* *51*

2.1.8 *CÍRCULO CULTURAL DOS AMIGOS DO VALE* *54*

2.1.9 *CLUBE RECREATIVO E DESPORTIVO DO SOUTOCICO* *56*

2.1.10 *GRUPO DESPORTIVO E RECREATIVO DO SÃO BENTO* *58*

2.1.11 *AGRUPAMENTO DE ESCUTEIROS 1167 – ARRABAL* *60*

2.1.12 JUNTA DE FREGUESIA DE ARRABAL 62

2.1.13 IGREJA 65

2.2. ANÁLISE COMPARATIVA DAS ENTREVISTAS 67

CAPÍTULO 3 – PLANIFICAÇÃO 73

3.1. CARACTERIZAÇÃO DA FREGUESIA 73

3.2. CARACTERIZAÇÃO DO EVENTO ARRABAL EM MOVIMENTO 75

3.3 “À DESCOBERTA DA FREGUESIA” 76

3.3.1 SEGUNDA FEIRA 76

3.3.2 TERÇA FEIRA 76

3.3.3 QUARTA FEIRA 77

3.3.4 QUINTA FEIRA 77

3.3.5 SEXTA FEIRA 78

3.3.6 SÁBADO 78

3.3.7 DOMINGO 78

3.3.7 PLANIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES 80

3.3.8 CONSIDERAÇÕES 82

CAPÍTULO 4 – APLICAÇÃO/EXECUÇÃO – DO PAPEL À REALIDADE 83

CAPÍTULO 5 – AVALIAÇÃO 85

CAPÍTULO 6 – REFLEXÕES FINAIS 86

BIBLIOGRAFIA 88

APÊNDICES 93

APÊNDICE 1A - GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. LUIS BERNARDINO 94

APÊNDICE 1B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO SR. LUÍS BERNARDINO 96

APÊNDICE 1C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. LUÍS BERNARDINO 99

APÊNDICE 2A – GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. SÉRGIO FERREIRA 101

APÊNDICE 2B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO SR. SÉRGIO FERREIRA 103

APÊNDICE 2C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. SÉRGIO FERREIRA	108
APÊNDICE 3A - GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. MANUEL BRITES	110
APÊNDICE 3B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO SR. MANUEL BRITES	111
APÊNDICE 3C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. MANUEL BRITES	116
APÊNDICE 4A - GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. SÉRGIO FERREIRA	118
APÊNDICE 4B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO SR. JORGE FERREIRA	120
APÊNDICE 4C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. JORGE FERREIRA	125
APÊNDICE 5A - GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. LÚCIO CRESPO	127
APÊNDICE 5B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO SR. LÚCIO CRESPO	128
APÊNDICE 5C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. LÚCIO CRESPO	131
APÊNDICE 5.1A - GUIÃO DE ENTREVISTA À COLABORADORA ANA JÚLIO	133
APÊNDICE 5.1B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA À COLABORADORA ANA JÚLIO	135
APÊNDICE 5.1C – SINOPSE DA ENTREVISTA À COLABORADORA ANA JÚLIO	139
APÊNDICE 6A – GUIÃO DE ENTREVISTA À DRA. LILIANA BRITES	142
APÊNDICE 6B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA À DRA. LILIANA BRITES	143
APÊNDICE 6C – SINOPSE DA ENTREVISTA À DRA. LILIANA BRITES	146
APÊNDICE 7A - GUIÃO DE ENTREVISTA À PROFESSORA LÍDIA	148
APÊNDICE 7B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À PROFESSORA LÍDIA	149
APÊNDICE 7C – SINOPSE DA ENTREVISTA À PROFESSORA LÍDIA	152
APÊNDICE 8A - GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. ABEL SANTOS	154
APÊNDICE 8B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO SR. ABEL SANTOS	155
APÊNDICE 8C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. ABEL SANTOS	175
APÊNDICE 9A - GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. RENATO BRITES	177
APÊNDICE 9B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA AO SR. RENATO BRITES	178
APÊNDICE 9C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. RENATO BRITES	182
APÊNDICE 10A – GUIÃO DE ENTREVISTA À SRA. SANDRINA FAUSTINO	184

APÊNDICE 10B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À SRA. SANDRINA FAUSTINO	185
APÊNDICE 10C – SINOPSE DA ENTREVISTA À SRA. SANDRINA FAUSTINO	190
APÊNDICE 11A – GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. FERNANDO BERNARDINO	192
APÊNDICE 11B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA AO SR. FERNANDO BERNARDINO	193
APÊNDICE 11C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. FERNANDO BERNARDINO	196
APÊNDICE 12A – GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. DAVID SANTOS	197
APÊNDICE 12B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA AO SR. DAVID SANTOS	198
APÊNDICE 12C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. DAVID SANTOS	203
APÊNDICE 13A - GUIÃO DE ENTREVISTA À PRESIDENTE HELENA BRITES	206
APÊNDICE 13B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À PRESIDNETE HELENA BRITES	207
APÊNDICE 13C – SINOPSE DA ENTREVISTA À PRESIDENTE HELENA BRITES	211
APÊNDICE 14A - GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. PADRE FARIA	214
APÊNDICE 14B - TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA AO SR. PADRE FARIA	215
APÊNDICE 14C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. PADRE FARIA	219
APÊNDICE 15 – SINOPSE GERAL DAS ENTREVISTAS	222
APÊNDICE 16 – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO EVENTO “À DESCOBERTA DA FREGUESIA”	236
ANEXOS	237
ANEXO 1	238
ANEXO 2	240

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Tabela de planeamento das atividades	81
Tabela 2 - Sinopse da entrevista ao sr. Luís Bernardino	100
Tabela 3 - Sinopse da entrevista ao sr. Sérgio Ferreira	109
Tabela 4 - Sinopse da entrevista ao sr. Manuel Brites	117
Tabela 5 - Sinopse da entrevista ao sr. Jorge Ferreira	126
Tabela 6 - Sinopse da entrevista ao sr. Lúcio Crespo	132
Tabela 7 - Sinopse da entrevista à colaboradora Ana Júlio	141
Tabela 8 - Sinopse da entrevista à dra. Liliana Brites	147
Tabela 9 - Sinopse da entrevista à professora Lídia	153
Tabela 10 - Sinopse da entrevista ao sr. Abel Santos	176
Tabela 11 - Sinopse da entrevista ao sr. Renato Brites	183
Tabela 12 - Sinopse da entrevista à sra. Sandrina Faustino	191
Tabela 13 - Sinopse da entrevista ao sr. Fernando Bernardino	196
Tabela 14 - Sinopse da entrevista ao sr. David Santos	205
Tabela 15 - Sinopse da entrevista à presidente Helena Brites	213
Tabela 16 - Sinopse da entrevista ao sr. Padre Faria	221
Tabela 17 - Sinopse geral das entrevistas realizadas	235

ABREVIATURAS

ABVL - Associação de Bombeiros do Sul do Concelho de Leiria 6ª Companhia dos Bombeiros Voluntários de Leiria

AEA – Agrupamento de Escuteiros do Arrabal

AEC – Atividades Extracurriculares

AP – Associação de Pais

ATL – Atividades de Tempos Livres

CCPM – Clube de Caça e Pesca das Mourinheiras

CCRFA– Centro Cultural e Recreativo da Freguesia de Arrabal

CIRCAV – Círculo Cultural dos Amigos do Vale

CP – Casa do Povo

CRDS - Clube Recreativo e Desportivo do Soutocico

CSVP – Conferência São Vicente Paulo

EB1 – Escola Básica do 1º Ciclo

FLSM – Fundação Lar Santa Margarida

GCA – Grupo Coral do Arrabal

GDRSB – Grupo Desportivo e Recreativo do São Bento

IPSS - Instituição Particular de Solidariedade Social

JFA – Junta de Freguesia de Arrabal

JIS – Jardim de Infância do Soutocico

LSA – Lar Social do Arrabal

MEF – Museu Etnográfico do Freixial

RFF – Rancho Folclórico do Freixial

SAMA - Sociedade Artística Musical 20 de Julho de Santa Margarida

SFSA – Sociedade Filarmónica Senhor dos Aflitos

SICAD - Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

INTRODUÇÃO

Desde o início do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social que eu tive a necessidade de criar algo dinâmico que não fosse apenas mais uma ideia no papel arrumada num canto de uma biblioteca, mas sim que fosse um projeto que tivesse alma e que permitisse às pessoas pôr em circulação as suas vontades e pontos de vista, facilitando assim a sua comunicação, a sua autonomização e implicação (Lopes, 2011). Foi assim que optei pela elaboração de um projeto social em vez de uma dissertação.

O projeto de intervenção social e animação sociocultural (Serrano, 2008 e Lopes, 2011) em questão irá ser desenvolvido na freguesia de Arrabal, concelho de Leiria, e decorre do facto de eu, ao longo de todo o meu percurso de vida, me ter envolvido diretamente nas dinâmicas da minha própria freguesia na qual me encontro a exercer funções administrativas na Junta de Freguesia de Arrabal (JFA).

Posto isto, reuni com a Presidente Helena Brites da JFA, local onde atualmente exerço funções, e mostrei-me receptiva a uma possível sugestão de intervenção social alimentada teoricamente pela mediação intercultural (Vieira e Vieira, 2016) ao que me foi sugerido a elaboração de um projeto baseado numa investigação sobre o património histórico da freguesia procedendo à criação de roteiros temáticos e, posteriormente, a construção e dinamização de uma exposição na comunidade.

Com o decorrer do tempo, e após várias leituras sobre a mediação intercultural, Intervenção social, animação cultural, animação sociocultural (Vieira & Vieira, 2016; (Baptista, 2011; Pereira & Lopes, 2011; Serrano, 2008; Costa, 2011; Cebolo, 2011; Castro, 2011), no capítulo 1 discutidos, e com o aprofundar de conhecimentos, reparei que o projeto que me foi sugerido não cumpria os requisitos necessários para ser considerado um projeto de intervenção mediadora.

Efetivamente, segundo Oliveira e Freire (2009), para ser um projeto mediador tem de respeitar a visão dinâmica das relações humanas, considerando que um projeto mediador se apresenta como um processo cooperativo (Milagre & Rodrigues, 2017) cujo objetivo principal é promover a criação do diálogo e da valorização de modo a prevenir ou solucionar o conflito por meio da promoção e participação ativa dos cidadãos, e o meu projeto inicial só se baseava numa única voz, a da Presidente da Junta.

Assim, há que ter em consideração o pretendido neste projeto, cujo objetivo é promover o trabalho em rede, o que só por si carece da existência de uma mediação cuidada, que neste caso, e como envolve uma freguesia, um grupo de população heterogénea, deixa de ser uma mediação simples para ser uma mediação intercultural e comunitária (Vieira & Vieira, 2016; Vieira et al, 2016; Vieira et al, 2017; Vieira et al, 2018).

Segundo Giménez, (1997) a mediação intercultural assume-se como uma modalidade de intervenção por terceiras partes, perante situações sociais de multiculturalidade com particular atenção ao outro, quer na sua revalorização e reconhecimento dessa diferença. Para tal, os princípios e os métodos da mediação procuram alcançar objetivos concretos através da aproximação das partes; da promoção da comunicação e respetiva compreensão mútua; da aprendizagem por meio da convivência pacífica. Todos estes aspetos são formas importantes de regulação dos conflitos tanto entre os atores sociais como atores institucionais diferentes etnoculturalmente.

Uma vez que pretendo trabalhar diretamente com uma comunidade, o conceito de mediação comunitária ganha destaque tendo em conta que esta passa por envolver a população na negociação das regras e na resolução dos seus conflitos, bem como na gestão dos seus recursos, em prol dos interesses coletivos (Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências, 2014; Vieira et. al 2018; Vieira & Araújo, 2018). Assenta também no desenvolvimento de um projeto de intervenção social autónomo de gestão de tensões e de resolução de conflitos, de modo a fortalecer as relações da comunidade, integrando as redes de sociabilidade local e territorial (Caride, 2016; Vieira & Vieira, 2016; Silva, Margarido, Pimentel & Santos, 2016; Milagre & Rodrigues, 2017; Cunha, Alcobia, & Alves, 2017).

Assim, a intenção passa por empoderar a comunidade local através da promoção do respeito mútuo, da reflexão crítica e a participação ativa bem como a partilha dos mesmos recursos e iguais responsabilidades.

Para que eu possa intervir, uma das vias pode ser a utilização da animação cultural, que, de acordo com Pereira e Lopes (2011) se centra

“na promoção e na difusão das artes e da cultura e aparece arraigada a uma perspectiva de intervenção alicerçada na matriz francófona, direcionada para debater as diferentes opções estéticas e que implica os artistas / produtores de bens culturais e artísticos e um publico receptor/consumidor”.

Não obstante, esta animação sociocultural partilha da perspectiva de Quintana (1933), citada por Lopes (2011, p. 188), que defende que o código “genético da Animação Sociocultural requer uma ação de compromisso, não se coadunando com contextos onde a liberdade de expressão, liberdade de associação e liberdade de participação não existam, sendo condição imprescindível para existir animação sociocultural”.

De acordo com estes conceitos, o que se pretende é que haja um desenvolvimento comunitário, considerando um esforço feito em prol da melhoria das condições de vida daqueles que habitam o mesmo espaço geográfico, (as comunidades), nunca esquecendo o que caracteriza esse local:

“A mediação comunitária surge como o corolário da mediação intercultural uma vez que se trata de a aplicar a uma comunidade que habita determinado município ou outro território. Esta mediação, bem mais desenvolvida em Espanha (Vieira & Vieira, 2016a e Vieira & Vieira, 2016b) que em Portugal, por exemplo, implica: a) uma atenção especial à territorialidade das políticas sociais (Vieira & Vieira, 2017); b) um diálogo interorganizacional e interinstitucional num mesmo município para que a rede de esforços e objetivos funcione como um todo e inserido num projeto holístico na prevenção e resolução de tensões e problemas sociais e na intervenção social mediadora (Milagre & Rodrigues, 2017; Cunha, Alcobia & Alves, 2017). Toda esta intervenção implica um trabalho social implicado e de relação (Caride, 2016; Vieira & Vieira, 2016a) com as pessoas, os grupos e as populações. Isto é, com a comunidade e a partir, por exemplo, de diagnósticos sociais municipais (Silva, Margarido, Pimentel & Santos, 2016)” (Vieira e Araújo, 2018).

Assim, com o desenvolvimento comunitário, também se pretende que haja um desenvolvimento equilibrado e integrado da comunidade em estudo, respeitando sempre os seus valores próprios e, ao mesmo tempo, tirar proveito da sua riqueza histórica, conduzindo, deste modo, não só a uma tomada de consciência das potencialidades locais, como também ao desencadeamento de iniciativas geradoras de riqueza e de emprego. Ou seja, consiste na criação de estratégias e metodologias de investigação-ação, cujo objetivo é alterar, de modo a melhorar, o atual contexto e o nível de vida das pessoas que fazem parte dessa comunidade (Torremorell, 2008; Gimenez, 2010).

Assim sendo, de acordo com Faria e Vieira (2016, p. 118), a metodologia passa por:

“delimitar o campo de estudo nesta fase de investigação, a fim de evitar a dispersão do investigador nas suas investidas no terreno e no abismo bibliográfico. Uma vez definido o objeto de estudo, o investigador deverá definir a forma como pretende olhar para ele e o que pretende descobrir acerca do fenómeno em causa, identificando o que genericamente se designa por problema ou objetivo central da investigação”.

Assim, no que diz respeito à elaboração do meu projeto de intervenção social, este segue a orientação da obra de Serrano (2008) mas, dada a sua complexidade ao implicar um desenvolvimento comunitário mais em rede, terá uma duração alargada, superior a um ano. Assim sendo, que tive de pedir prorrogação de um semestre, estando prevista a sua aplicação em agosto de 2019, altura em que este estudo já irá estar completo.

Dado isto, existe a necessidade de um espaço de tempo grande para que haja a deteção das necessidades da população onde se quer intervir. Para que as atividades a desenvolver na aplicação tenham por base as vozes e o desejo da população, ainda que heterogénea, irá ser realizada, embora de forma sintética e sem nunca esquecer o diagnóstico realizado, uma planificação do projeto. Esta planificação poderá ser, posteriormente, adaptada ao longo do processo de criação e execução do projeto. O mesmo irá acontecer com a avaliação final, em que irá ser elaborado um questionário de modo a avaliar cada atividade planificada. Este questionário terá como objetivo obter uma avaliação geral sobre o evento, sem nunca esquecer que o mesmo poderá ser melhorado mediante o feedback obtido ao longo de todo o processo.

Antes, porém, continuaremos com a revisão da literatura agora sobre os conceitos de animação sociocultural, considerando que podem subdividir em três (animação, social e cultural).

Relativamente ao projeto inicial, onde se pretendia vir a concretizar uma das intervenções sociais que funciona mais em rede na freguesia de Arrabal, que é a comemoração do Dia Mundial da Criança, que ocorre, de acordo com os anos anteriores, no dia 1 Junho, e considerando todo o diagnóstico feito até aqui, não poderei intervir, uma vez que a estrutura da organização do Dia Mundial da Criança já se encontra bastante estruturada por parte das escolas e respetiva JFA em volta de um tema, que é o Imaginário das Crianças.

Assim seria muito difícil, e até violento, propor uma alteração da minha parte, enquanto investigadora, neste momento. Assim, relativamente ao projeto que foi apresentado na Unidade Curricular de Seminário de Acompanhamento, mantêm-se a ideia geral apresentada de potenciar com este projeto uma mediação comunitária mais em rede onde a autarquia possa ser uma espécie de mediadora com todas as associações culturais e escolas que promovem ações de animação, mas o projeto acaba apenas por elencar propostas futuras a serem colocadas no ano que vem, não por mim, enquanto investigadora, com as populações na clássica investigação-ação mas no próximo ano com a investigação ação acompanhada por mim, enquanto animadora/educadora, técnica da JFA tendo em conta que já não serei teoricamente estudante de mestrado, mas estarei no terreno, enquanto técnica, a acompanhar os processos de investigação, para que sejam cada vez mais mediadores. Isto é, trabalhados em rede, com o objetivo de envolver toda a comunidade de modo a ouvir as populações para desenhar com elas planos anuais de animação comunitária mais em rede.

Considerando que a minha função enquanto técnica da JFA me permite ter um conhecimento mais alargado da realidade da freguesia, há que ter em atenção a minha necessidade em «estar dentro» e «estar fora» em simultâneo. Esta necessidade permite conjugar realidades diferentes, de modo a estabelecer pontes entre ambas, por meio do diálogo e partilha de interesses e necessidades. Logo é “com base neste tipo de distinções – toda a identidade pressupõe uma alteridade – que se constroem e reconstroem as interações sociais quotidianas” (Vieira et al, 2018). “O «estar dentro» e o «estar fora»

surtem associados por um «e» que assume um valor copulativo, de interligação” (Vieira et al, 2018), o que nos leva a perceber que é “neste sentido que encaramos a intervenção e a mediação. Esta, em particular, é vista não como ambígua, mas como ambivalente: implica o mediador estar com um pé dentro e outro fora; ser um «nós» e ser um «outros»; reconhecer-se simultaneamente como insider e outsider, numa perspetiva de hermenêutica diatópica” (Santos, 1997), “mas também de hermenêutica multitópica” (Vieira, A, 2013).

Como referem Vieira et al (2018) “em resultado desta dupla função, as fronteiras são, frequentemente, «pontos de fricção» pelo que se torna necessária uma mediação que consiga compreender os dois lados da fronteira (que consiga estar dentro e estar fora sem ignorar que existe uma diferença entre estes dois lados) para promover estratégias de intervenção social eficazes que permitam sustentar o diálogo e a interação entre as pessoas”.

Dado tudo o que foi atrás mencionado, sublinho novamente a importância de se realizar um diagnóstico considerando que “é uma fase de vital importância para a elaboração de projetos”, pois permite “localizar os principais problemas, dá a conhecer as suas causas de fundo e oferece vias de ação para a sua resolução gradual” (Serrano, 2008, p. 29). Ou seja, o objetivo do diagnóstico é essencialmente o conhecimento da realidade, afirmando-se como “uma das ferramentas teórico-metodológicas mais importantes para nos aproximarmos do conhecimento da realidade objeto de estudo” (Serrano, 2008, p. 29).

Logo é “preciso que o projeto se baseie numa necessidade real para a qual se pretende encontrar uma solução e, também, que esta possa ser resolvida com a colaboração de todos” (Serrano, 2008, p. 31).

Para a realização deste diagnóstico, procurei, ao longo de dois meses, entrevistar os dirigentes das coletividades/associações e estabelecimentos de ensino público e privado da freguesia. Embora as associações/coletividades sejam dezanove, optei por selecionar apenas catorze, escolhendo as mais representativas do universo de associações potencialmente envolvidas com a JFA, em atividades que a todos interessam.

Ficam de fora a Conferência São Vicente Paulo (CSVP) por se destinar única e exclusivamente à caridade, o Centro Cultural e Recreativo da Freguesia (CCRF) e o Clube

de Caça e Pesca das Mourinheiras (CCPM) devido ao número reduzido de eventos e/ou atividades que realizam, a Associação de Pais (AP) por se focar essencialmente nos assuntos que dizem respeito aos estabelecimentos de educação e, por fim o Jardim de Infância do Soutocico (JIS) por apresentar um número muito reduzido de crianças. Independentemente destas entidades ficarem de fora, realço o esforço e dedicação com que trabalham todos os dias e se envolvem nas atividades da freguesia e com a freguesia quando chamadas, bem como alerto para o facto que muitas das pessoas envolvidas na organização destas entidades/associações também estão presentes em outras.

A estrutura destas entrevistas é constituída por nove questões para ambas as filarmónicas e, por oito questões para as restantes entidades, onde pretendo perceber o ponto de vista de cada um dos entrevistados.

Numa primeira fase, questiono sobre a idade e há quanto tempo é que dirige a associação/entidade, de modo a estabelecer uma relação entre a faixa etária predominante na direção das associações e o tempo que as mesmas a dirigem.

Posto isto, a partir da terceira questão, já procuro informações mais concretas, como tentar perceber, segundo a opinião do entrevistado o impacto que a associação/coletividade tem tido na Freguesia. E ligando a uma quarta questão procuro saber se existem atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades, e caso hajam, quais são.

Após isto, procuro aprofundar um pouco mais o entendimento do entrevistado, fazendo-o refletir numa quinta questão sobre a possibilidade desse trabalho em rede poder ser melhorado e como? Convidando-o, numa sexta questão, a dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida.

Por fim questiono se tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal e quais. Sendo que antes de terminar todas as entrevistas questiono sobre a existência de algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia, em que os entrevistados podem aproveitar para expor ou mencionar algo que não tiveram oportunidade de mencionar ao longo da entrevista.

Contudo, como havia dito, a entrevista direcionada para as filarmónicas contem mais uma questão onde procuro perceber o que representou para os mesmos a criação do projeto SOAR, tendo em conta que é um exemplo direto de mediação, e contribuiu, não só, para a união das duas filarmónicas como também para a diminuição das rivalidades sentidas entre os lugares em que estão sediadas, como vou explicar mais à frente.

O trabalho seguiu a orientação sugerida no livro de Serrano (2008) que, para além de conter exemplos de casos concretos, está estruturado em quatro capítulos que são: o diagnóstico, a planificação, a aplicação-execução e a avaliação, estruturando o meu projeto de mestrado por quatro etapas no mesmo recomendadas. Adicionei, contudo, um capítulo dedicado à revisão da literatura e fundamentação teórica, designado de projeto de intervenção com mediação. Neste capítulo discuto, fundamentalmente, a importância da mediação intercultural numa intervenção social não impositiva (Vieira & Vieira, 2016; Caride, 2016 e Milagre & Rodrigues, 2017).

CAPÍTULO 1 - PROJETO DE INTERVENÇÃO COM MEDIÇÃO: REVISÃO CONCEPTUAL

Para o desenvolvimento deste projeto importa perceber de um modo mais pormenorizado os diferentes conceitos inerentes à criação das atividades. É de salientar também que embora os conceitos sejam diferentes, tendem a completar-se intimidante entre si.

A caracterização das noções operatórias feitas de seguida não tem uma revisão de leitura exaustiva dado tratar-se de um projeto de intervenção e de uma dissertação. De qualquer forma estes conceitos aqui sintetizados são aplicados ao longo do desenvolvimento do diagnóstico no capítulo 2.

Assim, o primeiro conceito a destacar é a mediação, considerando que é um dos conceitos chave e que tem vindo a ganhar uma crescente importância não só a nível global, mas também nos mais diversos domínios como por exemplo: político, judicial, educacional, comunitário e também das relações comunitárias. Segundo Almeida (2001) a mediação apresenta diferentes funções sociais e tem-se vindo a afirmar como “modo de regulação social”, como “meio alternativo de resolução de conflitos” e como “método de transformação social e cultural”.

Pois, com as mudanças que a sociedade tem vindo a sofrer, é necessário fazer face às mesmas, criando estratégias com base na mediação rumo à resolução de conflitos, promoção do diálogo promovendo a união dos cidadãos.

Assim, e de acordo com Torremorell, a mediação assenta numa “[...] tentativa de trabalhar com o outro, procurando uma via pacífica para enfrentar os conflitos num ambiente de crescimento, aceitação, aprendizagem e respeito mútuo. [...] A mediação além do mais, procura equidade e compromisso informado superando a violência, e a

exclusão é integrada num amplo movimento personalizado de coesão social.” (2008, p. 85)

No entanto não se esgota em si, e de acordo com o meu projeto pode subdividir-se em dois conceitos: mediação intercultural e mediação comunitária.

A mediação intercultural assume-se como um dos conceitos mais importantes ao ser defendida por Gimenez (1997), citado por Lopes (2011), como uma modalidade de intervenção de terceiras partes, em e sobre situações sociais de multiculturalidade significativa com particular atenção ao outro. Não obstante, a Mediação Comunitária, segundo o Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD, 2014), assenta no envolvimento da população na negociação das regras e na resolução dos seus conflitos, bem como na gestão dos seus recursos, em prol dos interesses coletivos.

Vivemos numa sociedade em que as tensões são constantes e podem surgir de qualquer um, por qualquer motivo, e resultar numa enorme panóplia de desfechos. Porém, a prevenção e o saber gerir tensões é uma mais valia, recorrendo ao esforço individual para contrariar esse ambiente exaustivo e assim fomentar a cidadania, ou seja, em que o facto de eu me apresentar como um ser livre não ponha em causa a liberdade do outro. Assim, é essencial que se juntem esforços e que se canalize energias para a existência de uma participação mais ativa de modo a, segundo Lopes (2011, p. 11), que se construam novos desígnios, rompendo assim com toda a apatia e marasmo existentes e então zelar pela promoção de uma cidadania local e global, em que as bases sejam a participação e responsabilidade. Por outras palavras, não nos podemos contentar unicamente com aquilo que temos, e sim lutar pela constante melhoria das relações entre os cidadãos bem como pela qualidade da sua liberdade de modo a que esta seja cada vez melhor, ou traduzindo pelas palavras de Fanha, citado por Pereira e Lopes (2011), somos “[...] Portugueses aqui e ainda trazemos o 25 de Abril a voar dentro do peito”.

Destaco assim dois conceitos que se prendem intimamente com o desenvolvimento do meu projeto. O primeiro é a Animação Cultural, que é caracterizada por se centrar “na promoção e na difusão das artes e da cultura e aparece arreigada a uma perspectiva de intervenção alicerçada na matriz francófona, direccionada para debater as diferentes

opções estéticas e que implica os artistas/produtores de bens culturais e artísticos e um público recetor/consumidor” (Lopes, 2011, pag.188).

O segundo é a Animação Sociocultural que na perspectiva de Quintana (1933), citada por Lopes (2011), é defendido que o “código genético da Animação Sociocultural requer uma ação de compromisso, não se coadunando com contextos onde a liberdade de expressão, liberdade de associação e liberdade de participação não existam, sendo condição imprescindível para existir animação Sociocultural” (Lopes, 2011, pag.188). É por isso que os conceitos de Animação Cultural e Animação Sociocultural, embora diferentes, se encontram intimamente interligados.

Segundo Bouzada, citado por Pereira e Lopes (2011) a animação sociocultural consiste, em “aportar elementos teóricos para uma reformulação das identidades, como processos abertos de construção reflexiva ativa e imaginativa, capaz de promover vias aos novos modos de desenvolvimento local e de implicação nas demandas emergentes da cidadania. Por isso resulta hoje um facto generalizado a aceitação da exigência de que o desenvolvimento nas suas distintas dimensões terá de ser pensado em programas e estratégias chave consistentes que reconheçam os diferentes atores e promovam a sua implicação”.

Não esquecendo nunca de que o conceito de Animação Sociocultural é um conceito em constante revisão, há mais autores que nos ajudam a ter uma noção sobre o mesmo. Segundo Besnard, citado por Lopes e Pereira (2011), por volta dos anos oitenta, o conceito de Animação Sociocultural continha em si uma complexidade quando aplicado em diferentes realidades sociais caracterizando-se assim como uma fonte rica embora se apresentasse confusa: “um dos problemas teóricos mais importantes continua a ser uma investigação em profundidade do campo semântico contido pelo termo animação”.

Segundo Serrano e Cepevedila (2011, p.105 a 107) é importante conhecer melhor o termo Animação Sociocultural, dividindo-o assim em três partes distintas: Animação, Social e Cultural. Nas suas palavras a “dimensão relacional é um pormenor destacado da Animação Sociocultural. Significa facilitar o contacto uns com os outros, fomentando a aceitação e o respeito. É uma ação propicia a integração dos sujeitos no grupo e na sociedade. Há que procurar pôr em jogo as possibilidades dos indivíduos e estabelecer entre eles, relações fecundas, desenvolvendo potencialidades de toda a índole, ao mesmo

tempo que alcança um benefício social. Promove a adesão aos objetivos que se pretendem alcançar mediante processos de desenvolvimento sociocultural” (Serrano e Cepevedila (2011, p.106)

O termo animação provém do latim e a sua origem deriva de duas palavras: *anima* e *animus*. *Anima*, só por si apresenta um significado forte em que o dar alento, motivar, o dar vida em prol da permanente necessidade de melhoria da vida dos indivíduos, grupos ou instituições leva a que haja uma promoção da inovação e criação cultural levando então a uma mudança e transformação social. Traduz-se numa provocação e/ou estímulo dada pelo animador em prol de quem desse animo carece Serrano & Sarrate (2011).

Já o *animus*, embora não muito longe do mesmo significado, transporta em si o movimento e o dinamismo realizando-se de dentro para fora. Assim, cabe ao indivíduo permitir-se à inter-relação criando assim uma mudança positiva, facilitando o contacto com os outros e a promoção da aceitação e do respeito.

Podemos assim concluir que a animação se considera uma ação com o objetivo de criar dinamismo, orientando sempre as suas atividades para a mudança social e destinando-se a favorecer a comunicação social.

Quanto ao animador, este é considerado também um elemento importante do grupo, pois permite que a animação se faça com base no processo em que as mudanças ocorrem do interior de cada indivíduo para fora, fornecendo as ferramentas base e cativando o público alvo com as suas técnicas animando-os.

Segundo Serrano (2008), uma das palavras chave que podemos destacar dentro da animação é participar, pois tudo é feito com o objetivo de cativar as pessoas a participar e por isso mesmo a ter um papel ativo na evolução da sociedade.

Posto isto, o conceito de animação ainda se estende à realidade do social e do cultural, resultando assim numa animação sociocultural, que é o resultado direto “da participação do ser humano na construção do seu próprio futuro e o da comunidade” (Serrano, 2008, p. 107).

Outros dos conceitos chave é o desenvolvimento comunitário como fim a alcançar, ou seja, “é o esforço para melhorar as condições de vida daqueles que habitam um local (a comunidade e o seu espaço geográfico e cultural) tomando em linha de conta a especificidade desse local” (Quintana, 1933 cit. por Lopes, 2011, pag.188).

Assim sendo, e uma vez que irei interagir diretamente com a população, o próximo passo que terei de dar irá consistir num diagnóstico social, que será descrito no parágrafo seguinte, mas que sem o suporte dos conceitos anteriormente estudados não seria possível de realizar. Pois é por meio da mediação planeada e consciente que poderei vir a intervir diretamente com os cidadãos de um modo mais ativo e de forma direta fomentando a construção de laços sociais e promovendo a aprendizagem por meio da cooperação. No entanto, segundo Amiguinho (1992), “a necessidade de conceber e executar projetos coletivos que conferem unidade ao processo, tornam ainda mais prementes a partilha e as permutas entre “pares”, a conjugação de esforços, a necessidade de pensar e refletir em grupo”.

Como estratégia de intervenção ao longo do processo de mediação, optei pela animação sociocultural que permite que todos participem ativamente e em conjunto numa atividade enriquecedora e estimulante, e que acima de tudo promova a partilha e a coesão.

CAPÍTULO 2 - DIAGNÓSTICO SOCIAL SOBRE AS ATIVIDADES DE ANIMAÇÃO NA FREGUESIA DE ARRABAL

2.1 DIAGNÓSTICO REALIZADO COM AS ASSOCIAÇÕES LOCAIS

Ao longo da realização das entrevistas, tentei priorizar e entrevistar, preferencialmente, os presidentes das associações/coletividades. Em certos casos, como no Lar Social do Arrabal (LSA), fui encaminhada pela Direção para a Diretora Técnica. O mesmo aconteceu na Fundação Lar Santa Margarida (FLSM) onde, ao entrevistar o Presidente, foi-me indicado que poderia entrar em contacto com as suas colaboradoras técnicas, caso necessitasse de alguma informação adicional, tendo em conta que são elas que gerem e planificam todas as atividades das crianças. Posto isto, o objetivo destas entrevistas prende-se com o meu Projeto de Mestrado, que é sobre Mediação Intercultural e Intervenção Social aplicado a uma freguesia, pelo que eu vou designar de Mediação Comunitária e Sociocultural, uma vez que se trata de estudar a mediação intercultural em contexto autárquico (Vieira et al, 2018). No fundo, pretende-se estabelecer “um diálogo interorganizacional e interinstitucional, [...] para que a rede de esforços e objetivos funcione como um todo e inserido num projeto holístico na prevenção e resolução de tensões e problemas sociais e na intervenção social mediadora (Milagre & Rodrigues, 2017; Cunha, Alcobia & Alves, 2017). “Toda esta intervenção implica um trabalho social implicado e de relação (Caride, 2016; Vieira & Vieira, 2016) com as pessoas, os grupos e as populações” (Viera et al, 2018, p. 127).

O objetivo destas análises passa por obter um diagnóstico feito com as associações da freguesia, ao invés de fazer um diagnóstico distanciado sem o ponto de vista das associações, ou seja, “procura favorecer que os projetos não sejam meramente impositivos, deixando-os surgir de forma espontânea” (Serrano, 2008, p. 31).

Temos, assim, um diagnóstico de modo a realizar uma intervenção social de cariz mediadora, onde a prática é “alimentada pela negociação, quer dizer, pela comunicação, pela negociação e não pela imposição dum único modelo e filosofia de vida. Neste sentido, referimo-nos à mediação enquanto área e conjunto de competências transversais a várias profissões, como uma filosofia hermenêutica, comunicação interpessoal e intercultural, como tradução sistémica de interesses das partes numa interação e por vontade dos implicados” (Vieira & Vieira, 2016, p. 100). Quero dizer com isto que é um diagnóstico não feito sobre as populações, mas com as populações, com recurso às associações que se vão envolvendo, mais ou menos, nas atividades comunitárias e mais em rede, e que se possa prolongar pelo tempo. Quando falo em prolongar, refiro-me a uma atividade que exija um trabalho contínuo, como por exemplo o trabalho das escolas, que quando acolhem as crianças não as acolhem apenas um dia, mas sim todos os dias ao longo do ano, de modo a fomentar a educação, e até mesmo auxiliando os pais, que como o sr. Lúcio Crespo mencionou, permite que exerçam uma profissão e assim ganhar o seu sustento (cf. apêndice 5B), como vai ser possível observar mais adiante.

Seria também interessante, enquanto técnica qualitativa de recolha de dados, usar o *focus-group*, permitindo ir de encontro aos objetivos pretendidos, ao clarificar e explicitar as ideias por meio de uma metodologia dialética, que permite a produção do conhecimento. Efetivamente, o *focus-group* é

“uma técnica qualitativa de recolha de dados [...], cuja finalidade principal é extrair das atitudes e respostas dos participantes do grupo representações, opiniões, reações e sentimentos que se constituem num novo conhecimento para os próprios participantes (autoformação) e para o próprio investigador. É qualquer coisa como uma reação em que 1 e 1 é igual a 3 como diz Vieira, (1999b; 2006) na medida em que da interação surgem dimensões novas proporcionadas pela entrevista em grupo” (Vieira & Vieira, 2007, p.40).

Ou seja, no meu caso, pretende-se que se realize uma reunião com os entrevistados das entidades, juntamente com a JFA, de modo a que seja possível desenhar um plano de intervenção mais comunitário. Este plano será “mediante uma intervenção que abarca três aspetos fundamentais: facilitar a comunicação; fomentar a coesão social; e promover a

autonomia e a inserção social orientada para a construção de um novo marco comum de convivência” (Giménez, 1997, p. 125-160). No entanto, tal não será possível, dado que as associações se reúnem no início de cada ano civil com a JFA para discutir o plano anual de atividades e definir a agenda, não sendo possível ter o presente Projeto de Mestrado pronto na data limite de entrega.

2.1.1 AS FILARMÓNICAS

No âmbito da música e com um papel importantíssimo, a Freguesia do Arrabal faz-se representar por duas filarmónicas, uma sediada no lugar de Arrabal, com a Sociedade Artística Musical 20 de Julho de Santa Margarida do Arrabal (SAMA) e a segunda sediada no lugar de Soutocico, denominada de Sociedade Filarmónica Senhor dos Aflitos (SFSA).

Assim, de modo a poder perceber a importância das filarmónicas na freguesia, fui procurar conhecer a história de cada uma, de modo a ter um diagnóstico o mais completo possível. De seguida procedi à exploração das entrevistas que realizei com os respetivos dirigentes, de modo a compreender as dinâmicas, não só das filarmónicas, como também a influência que têm na freguesia, nunca esquecendo de verificar a existência de exemplos de mediação (cf. Guiões das entrevistas, apêndice 1A e 2A)

Segundo Luís Bernardino, a existência das filarmónicas prende-se fortemente com a igreja, afirmando mesmo que “elas foram essencialmente criadas para isso, para dar uma resposta ao culto” (cf. Apêndice 1B e 1C). Daí nasce a SAMA, fundada a 20 de julho de 1899 por Luís Lopes Vieira e pelos padres João Maria de Assis Gomes e José da Silva Rosário, tendo vários regentes até ao momento, sendo atualmente dirigida por Luís Bernardino. Sediada na localidade de Arrabal, apresenta um percurso invejável, no que diz respeito a atuações em vários eventos, quer sejam locais, religiosos ou de representatividade. A 5 de agosto de 1946, motivada por “grandes rivalidades entre os executantes desta localidade e que faziam parte da filarmónica do Arrabal e o pároco da freguesia, António Marques Simão” (Cardoso, 1992, p. 62), é criada a SFSA no lugar de Soutocico, e segundo o atual presidente da SFSA, foi “mau na altura, mas até foi bom porque fez com que criasse duas filarmónicas na freguesia (cf. apêndice 2B e 2C).

Decorrente destas rivalidades, ambas mantiveram as costas voltadas uma para a outra durante muitos anos, e ainda hoje se sente um clima de competição e de rivalidade entre ambas. Perante tal cenário, e uma vez que as bandas foram ficando mais envelhecidas, tornou-se imperativo apostar na renovação das mesmas, dando a formação necessária aos jovens residentes que assim o pretendessem, dando continuidade à transmissão dos valores defendidos, de modo a que as filarmónicas fossem tendo continuidade e acompanhando os tempos, de forma a travarem o envelhecimento, através da criação de uma escola de música, “de onde sairia a Orquestra Juvenil com jovens de ambos os sexos” (Cardoso, 1992, p. 62).

Um aspeto importante no passado destas bandas é que, apesar de até há relativamente pouco tempo alimentarem entre si uma rivalidade, também era alimentada uma rivalidade entre as localidades em que estas estavam sediadas, Arrabal e Soutocico. Assim, a necessidade de unir as bandas ainda se tornava mais importante, de modo a que os seus intervenientes, músicos, apoiantes e demais criassem laços e deixassem as guerrilhas de lado, através da criação de um Projeto Musical SOAR (SO-utocico e AR-rabal)

Este projeto é o maior e melhor exemplo de uma mediação realizada na Freguesia de Arrabal uma vez que, como já foi referido anteriormente, consiste essencialmente num processo de mediação por se tratar de uma “recriação e renovamento da relação social, que não visa pôr fim aos conflitos – se não houver conflitos não há vida – mas colocá-los no espaço mais pertinente, que é necessariamente mais complexo” (Mendonça, 2008, p. 28). Assim, cria uma intervenção “destinada a produzir um acordo”, podendo recorrer a um mediador que “é aquele que intervém para estabelecer a reconciliação ou a coordenação da ação entre as partes” (Mendonça, 2008, p. 27).

Na figura do mediador podemos encontrar a JFA que, de modo alheio “e imparcial em relação ao conflito, aceite pelos litigantes e sem poder de decisão sobre eles” (Jarez, 2002, p. 153), tem como objetivo “facilitar um acordo por meio do diálogo e da negociação” (Jarez, 2002, p. 153), através do “seu caráter educativo, dado que as partes mantêm a sua capacidade de atuação e aprendizagem, com vista à obtenção de um acordo. Daí o dizermos, também, que é um processo ativo, não só para o mediador, mas igualmente, para os protagonistas do conflito” (Jarez, 2002, p. 153).

Ou seja, promover o respeito por meio da cooperação e participação dos mediados no processo, procurando uma solução para os seus conflitos e/ou problemas, de um modo igualmente satisfatório para ambos a longo prazo. A participação dos membros requer um caráter ativo e uma participação direta na construção de soluções satisfatórias, promovendo não só a aprendizagem por meio da cooperação, como também a construção dos laços sociais em prol da promoção da cultura das bandas e da Freguesia.

Este projeto, após concretizado, foi um grande passo para o acalmar da rivalidade que se vivia entre os lugares de Arrabal e Soutocico, ao juntar de elementos das duas filarmónicas numa só, partilhando tanto o repertório musical, como também o uniforme alusivo ao projeto, evidenciando a riqueza desta freguesia.

De modo a perceber o ponto de vista dos dirigentes das filarmónicas sobre o trabalho desenvolvido pelas mesmas segue-se a análise das entrevistas dos mesmos.

2.1.1.1 Sociedade Artística Musical 20 de Julho de Santa Margarida do Arrabal - SAMA

A SAMA é presidida há cerca de 14 anos pelo Sr. Luís Bernardino, que de acordo com o seu ponto de vista, reconhece existir um impacto positivo na Freguesia, uma vez que, “tendo em conta todo o passado da mesma, que antes estava destinada unicamente a servir a igreja” e com “a evolução dos tempos e a promoção da cultura, houve mudanças visíveis, e que atualmente se destinam a toda a população” (cf. apêndice 1B e 1C). É o caso das aulas de música dinamizadas pela Escola da SAMA. Deste modo, permite que haja uma renovação das gerações, primando pela educação e transmissão dos valores nos jovens. Esta população jovem é caracterizada, essencialmente, por crianças que frequentam a Escola Básica do 1º Ciclo de Arrabal (EB1), a FLSM, bem como por intermédio de algumas atividades pontuais dinamizadas em parceria com a JFA e com os estabelecimentos de ensino da freguesia.

É importante salientar que, na resposta dada a esta pergunta, é evidente a relação que as crianças estabelecem com a música desde tenra idade, o que, conseqüentemente, facilita a transmissão dos valores e uma educação sólida, promovida por todas as entidades, através de um trabalho em rede. Por outras palavras, o sucesso passa pela união, e fazendo uso das palavras do sr. Luís Bernardino, o trabalho em rede “pode ser bastante melhorado,

a partir do momento em que as instituições aceitem que o caminho para o sucesso passa por se juntarem” pois, segundo o mesmo, “infelizmente, as associações/coletividades ainda estão bastante viradas para si próprias, o que no futuro irá ter resultados negativos” (cf. apêndice 1B e 1C). Como estratégia principal no combate a essa individualidade, são apontados os trabalhos/atividades em rede, que poderiam ser ainda mais desenvolvidos, entre os quais o sr. Luís Bernardino menciona dois: o Arrabal em Movimento, que uniu todas as coletividades da Freguesia durante três dias de festa, agregando em si áreas como a gastronomia, cultura e desporto, e que segundo o mesmo, “se fosse realizado de modo individual não iria resultar do modo esperado, tendo em conta que todas as coletividades lutam em prol de um momento” (cf. apêndice 1B e 1C), e o Projeto SOAR, que após tantos anos de rivalidades entre as filarmónicas, conseguiram juntar elementos de ambas e fazer uma apresentação em que tocavam juntos.

Dado o Projeto SOAR ser considerado uma atividade importante na Freguesia de Arrabal, e acima de tudo um trabalho em rede e de mediação como “estratégia promotora da participação, do reforço dos laços sociais e da democracia, no sentido em que contribui para a construção de uma identidade comum, sem pôr em causa a legítima diversidade” (Oliveira & Freire, 2009, p. 14), com o apoio de uma terceira parte, que neste caso é JFA, senti necessidade de perceber o que este projeto representou para o sr. Luís Bernardino. A esta questão, o entrevistado contextualizou muito sinteticamente a história das duas bandas e o porquê das rivalidades existente entre ambas, que até há pouco tempo estavam de costas voltadas uma para a outra, e que o destino tratou de unir e aproximar. Segundo o mesmo “o projeto SOAR é mesmo isso. É um aproximar, [...] o tocar em conjunto”, tornando assim o trabalho desenvolvido num “trabalho de qualidade que não teríamos se não fosse assim feito” (cf. apêndice 1B e 1C).

Por outro lado, e fazendo uso da expressão popular “nem tudo são rosas”, quando questionado sobre possíveis críticas às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia o sr. Luís Bernardino mencionou com prontidão o individualismo, a sobreposição de eventos e o facto de “cada instituição/associação ter as suas instalações e muitas delas serem pouco usadas”, e que segundo o mesmo “quando necessárias, apresentam instalações pouco condignas” (cf. apêndice 1B e 1C).

Terminada a entrevista, decidi dar espaço ao entrevistado para se exprimir livremente e partilhar as suas ideias, onde este aproveitou e alertou para a importância de “todas as entidades se unirem, tendo em conta a realidade económica e social na freguesia do Arrabal” que se apresenta “bastante diferente, devido à diminuição da população e do interesse em tudo o que é considerado associativismo” (cf. apêndice 1B e 1C).

Em suma, e com base na entrevista realizada ao sr. Luís Bernardino, o mesmo deixou claro que ainda existe algum individualismo, e que embora um pouco camuflado, ele existe e se reflete nas atividades do dia a dia. Refere como exemplos os gestos, as atitudes e o desrespeito das datas agendadas para eventos de outras associações, criando assim uma sobreposição de eventos, bem como a resistência ao trabalho em equipa quando confrontados com atividades que promovem a união, como é o caso do evento Arrabal em Movimento. Por outro lado, nem tudo é mau, e o trabalho que a SAMA desenvolve prima pela união e colaboração com as outras entidades residentes, o que facilita a circulação e cooperação entre elas, principalmente na transmissão de valores importantes para a vida e na formação das crianças e jovens da Freguesia.

Aqui, mais uma vez, reconhecemos a animação sociocultural como um espaço de interações e relações cada vez mais denso e complexo (Pereira & Lopes, 2011, p. 22), e acima de tudo inovador, quando tenta romper com as cicatrizes do passado ao criar o Projeto SOAR (SO-utocico e AR-rabal), em que consegue ter elementos de ambas as filarmónicas a tocar em conjunto perante toda a comunidade, demonstrando que juntos também se pode produzir um trabalho de qualidade. Assim o “gosto pela diversidade cultural e a sua aplicação nos enfoques interculturais, reforçadas com a participação crítica e ativa da população, são fundamentos imprescindíveis para imaginar um futuro diferente ao que desenham os mercados, em situações de prosperidade e, muito mais ainda quando se esforçam em resolver a crise que eles mesmos provocaram (Pereira & Lopes, 2011, p. 23).

Embora eu não tenha questionado diretamente o entrevistado sobre que tipo de atividade em rede poderia ser dinamizada no futuro, o meu objetivo passa por desenvolver um projeto de animação mais em rede e com as coletividades, primando por uma mediação comunitária assente na procura de “soluções satisfatórias para as partes em conflito” promovendo a “diminuição da violência interpessoal”. A mediação comunitária seria

realizada colocando “a tónica no crescimento e desenvolvimento pessoal, no fortalecimento da autoestima e desenvolvimento das capacidades de cada um para resolver conflito. O procedimento de mediação faz com que as pessoas se sintam mais humanas e responsáveis, fortalece valores fundamentais de convivência humana, de respeito, tolerância e liberdade” (Mendes, 2008).

Assim, não me basta ouvir apenas o que as coletividades têm para dizer, mas sim pôr em trânsito as vontades e necessidades de cada uma com base no trabalho desenvolvido pelas mesmas até aos dias de hoje.

Dado isto, questioneei sobre uma atividade em rede já desenvolvida que pudesse ser melhorada. Importa perceber quais as necessidades que cada uma me faz chegar e aquilo que considera que poderia ser mais desenvolvido. No caso do sr. Luís Bernardino, as atividades sugeridas como possíveis de melhorar são o Arrabal em Movimento, devido à individualidade que ainda se sente entre as coletividades, e o Projeto SOAR que é considerado um trabalho com uma qualidade excelente, perante as raras vezes que acontece. Portanto, a atividade que retiro desta entrevista como possível de melhorar e/ou recriar é o Evento Arrabal em Movimento, que dado o seu destaque e envolvimento de quase todas as coletividades tem um maior potencial para ser explorado e atingir resultados positivos.

2.1.1.2 Sociedade Filarmónica Sr. dos Aflitos

Dando continuidade à análise das entrevistas realizadas às coletividades, apresento outra filarmónica, a SFSA, presidida pelo sr. Sérgio Ferreira.

Embora tenha sido a entrevista mais complicada de conseguir, por motivos de incompatibilidade de agendas, era importante realizá-la, uma vez que, tendo em conta o seu passado, está intimamente ligada com a SFSA. Apesar de a entrevista ter sido realizada num café no centro de Leiria e eu temesse a qualidade da gravação, acabou por correr tudo pelo melhor e a entrevista, do meu ponto de vista, foi bastante produtiva.

O Sr. Sérgio Ferreira tem 55 anos de idade e acompanha a SFSA há já sete anos. No entanto, só há dois anos e três meses é que assumiu o cargo de Presidente, reconhecendo o impacto da Filarmónica como “bastante positivo até ...”, pois como todos sabem, “há

duas filarmónicas, o que é inédito no concelho de Leiria” e se verificarmos, “são poucas, não deve de haver mais freguesias com duas filarmónicas, que envolve logo cento e tal pessoas [...] numa freguesia” (cf. Apêndice 2B e 2C).

Este mostra ter conhecimento do que aconteceu no passado e reconhece existirem “pessoas do antigamente que ainda ligam um bocado a isso, pessoas de 70, 80 anos”. Porém, e com a evolução dos tempos e das mentalidades, estas rivalidades entre as filarmónicas e os respetivos lugares da Freguesia, de acordo com a opinião do Sr. Sérgio Ferreira, para “os miúdos já não faz sentido nenhum, porque eles hoje são amigos, vão para os cursos juntos” (cf. Apêndice 2B e 2C).

Exemplos diretos que mencionou foram o projeto SOAR, já anteriormente mencionado e que pode ser de “um momento para o outro, reaberto”, dado que “ambas contribuem bastante para a união dos miúdos e para a projeção da Freguesia” bem como na transmissão de “valores que passam para os garotos e ficam para a vida de quem passa por uma filarmónica” (cf. Apêndice 2B). O segundo exemplo é a organização da Sinfónica que, embora mais recente, está sobre a responsabilidade da SAMA e da SFSA que, direta ou indiretamente, vem ajudar a pôr em concordância as ideias de ambas, estabelecendo um trabalho em rede constante, promovendo as relações interpessoais dentro da Filarmónica.

Ainda abordando o Projeto SOAR como um exemplo direto de mediação entre as duas filarmónicas, importa também perceber o ponto de vista do Presidente da SFSA sobre o mesmo. Ao que partilhou, embora ainda não estivesse como Presidente “foi agradável ver, ao vivo mesmo, uma coisa que muita gente imaginava que não seria possível ao ver as duas filarmónicas juntas. Embora não tivessem cem por cento representadas, [...] foi um passo bastante importante para mostrar às pessoas, de uma vez por todas, que já não havia nenhuma intriga entre elas. Não havia nada. É uma coisa que não faz sentido” (cf. apêndice 2B e 2C).

No que diz respeito a atividades que a Instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades, é notória a preocupação do mesmo, ao afirmar que “sempre que somos solicitados para alguma coisa que aconteça na freguesia, como foi agora o caso do Festival do Feijão, com o Rancho Folclórico do Freixial (RFF). Foi com a Junta de Freguesia que

também estivemos a colaborar, foi-nos pedida a nossa colaboração, sendo que [...] foram bastantes elementos da direção e músicos, e nós fizemos aquilo que eramos capazes” (cf. apêndice 2B e 2C).

Ao dar continuidade à entrevista, e de modo a tentar compreender até que ponto é que o trabalho em rede pode ser melhorado, o Sr. Sérgio Ferreira reconhece que pode ser bastante melhorado e partilha com tristeza um episódio em que as pessoas não reconheceram o esforço das coletividades:

“Eu vou-lhe dar um exemplo, como sabe [...] nós fizemos um aniversário virado para a freguesia, para a comunidade toda. [...] não é todos os dias que vem cá uma orquestra do exército. Contavam-se pelos dedos das duas mãos as pessoas que estavam de fora da freguesia, fora do Soutocico, a ver o concerto. Fiquei triste, entristeceu-me bastante” (cf. apêndice 2B e 2C).

Ao pedir um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida, o Sr. Sérgio Ferreira menciona o facto de haver uma representação ativa e assídua da SFSA em eventos de outras coletividades como um ponto fulcral para a criação de laços e intercâmbio dos públicos de cada uma das coletividades, justificando que “já disse mais do que uma vez aos colegas da direção, enquanto eu estiver, sempre que eu puder, eu ou alguém, vai estar sempre presente em qualquer atividade das outras coletividades, na freguesia. Pode ser que isso contribua, que as pessoas vão” (cf. Apêndice 2B e 2C).

No que diz respeito às críticas, o entrevistado menciona não ter, mas após eu ter explicado que estas poderiam ser também críticas construtivas, o Sr. Sérgio Ferreira refere como crítica positiva a realização do Arrabal em Movimento que “é precisamente um passo muito grande para que as pessoas se comecem a juntar. [...] comecem a criar laços”, tendo na organização a JFA “tem feito um bom trabalho nesse aspeto” (cf. Apêndice 2B e 2C).

Este evento é visto por muitos dos entrevistados, como iremos observar ao longo da análise, como uma atividade benéfica e promotora das relações interpessoais e interassociativas, o que torna o desafio mais interessante e enriquecedor, e como o sr. Sérgio Ferreira sugere, “porque não, até juntar 2 coletividades ou 3 num só espaço, para as pessoas comecem a criar laços?” (cf. Apêndice 2B e 2C). Esses laços dependem

diretamente da entreatada das associações e entidades, constituindo um dos aspetos principais mencionados pelo sr. Sérgio Ferreira, em relação ao trabalho colaborativo na freguesia. Como é bastante evidente, não escapando aos olhos de ninguém, a Freguesia de Arrabal, tal como já foi referido anteriormente, tem muitos espaços físicos destinados às mais variadas coletividades existentes. É importante que, tal como sucedeu com o entrevistado, se reconheça esse pormenor, que em muito dificulta e preocupa os dinamizadores e responsáveis das entidades, pois quando se fala em dificuldades, não são apenas recursos financeiros. Embora sejam parte da solução para a maioria das dificuldades, estes espaços físicos traduzem-se muitas vezes em instalações débeis, antigas ou em ruína, falta de espaço, acústica deficiente.

Aqui, o entrevistado ao invés de referir apenas uma atividade que poderia ser melhorada, ainda sugeriu como proposta a criação de “um pequeno pavilhão multiusos, um anfiteatro, em que todas as coletividades contribuíssem para a construção total”, continuando a reforçar a ideia de que “não teria que ser a Junta de Freguesia nem a Câmara Municipal” responsáveis pela sua construção, criando assim uma cooperação entre todas as entidades da freguesia. Porém, é o primeiro a reconhecer a dificuldade maior, ao afirmar que “não é fácil, porque cada um olha para o seu umbigo” (cf. apêndice 2B e 2C), mostrando que há um longo caminho a percorrer, de modo a alterar mentalidades e a unir, de um modo quase total, toda a população dos vários lugares da Freguesia. Contudo, esta sugestão não é passível de ser realizada, considerando que pretendo criar uma atividade inserida no âmbito da animação sociocultural, mas com base nas necessidades e intenções das coletividades, recorrendo ao património das mesmas.

Porém, como já foi referido anteriormente pelo sr. Sérgio Ferreira, e que eu pretendo ter em consideração na elaboração do projeto, é a fomentação do intercâmbio entre as entidades, através da representatividade em atividades que não as suas, assumindo-se como estratégia possibilitadora de criação de laços, e intercâmbio dos públicos de cada uma das coletividades.

2.1.2 GRUPO CORAL DO ARRABAL

Ainda na área da música encontramos o Grupo Coral do Arrabal (GCA). É dirigido pelo sr. Manuel Brites, de 64 anos, presidente do GCA desde que este foi criado, em 1988,

devido à sua curiosidade e à de mais uns quantos elementos em espírito de “aventura”, como caracteriza o mesmo, acompanhados pelo Maestro Mário Gomes. Facto curioso é que o próprio presidente se questiona por que razão ainda é o Presidente do GCA, ao afirmar que não sabe se “é por não haver mais ninguém que queira, ou se é por acharem que as coisas estão bem assim” (cf. apêndice 3B e 3C).

Desde a sua fundação que o GCA nunca sofreu quaisquer mudanças no que diz respeito à estrutura administrativa, tornando assim esta relação muito próxima com o passar dos anos. E isso é visível, quando o sr. Manuel Brites, ao ser questionado sobre o impacto do GCA na Freguesia, responde de uma forma carinhosa ao referir-se ao mesmo como sendo a sua criança dizendo: “falar do grupo coral é falar da nossa criança, nasceu-nos nos braços e, portanto, é sempre, achamos sempre que o nosso filho é mais bonito que o filho dos outros” (cf. Apêndice 3B e 3C). No entanto, e fazendo uso das palavras do mesmo, o impacto que o Grupo Coral tem é “um impacto aceitável, porque não há cá mais nenhuma coisa desse género, as pessoas gostam de ouvir, temos tido feedback nas participações que temos tido cá na freguesia, desde logo o nosso concerto, que é também o nosso concerto anual”.

De modo a avaliar a dinâmica entre coletividades e associações, questionando sobre a existência de atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades, podemos encontrar um calendário de atividades bem extenso, tanto dentro como fora da Freguesia, o que para além de exigir um nível de qualidade mais alta, tem valorizado bastante o seu desempenho e progresso, não só dentro da Freguesia como também nos arredores.

Focando-me apenas no trabalho desenvolvido no seio da Freguesia existe o concerto anual, que coincide com o seu aniversário, no mês de dezembro. Para além disso, foi possível verificar que, com esforço e muita dedicação tudo é possível, pois o sr. Manuel Brites referiu algumas participações conjuntas com ambas as filarmónicas, embora a SAMA tenha sido relatada com um maior carinho devido à anterior presidente falecida, [...] a Cila”. Esta antiga Presidente ajudou no desenvolvimento de atividades da SAMA em conjunto com o GCA e que, segundo o sr. Manuel Brites, fizeram algumas peças em comum, “a filarmónica com os instrumentos entendidos pelos maestros como importantes e esses instrumentos acompanhados com as nossas vozes” (cf. Apêndice 3B e 3C).

Seguindo esta linha de atividades realizadas em parceria com as filarmônicas, o sr. Manuel Brites identifica o intercâmbio entre o GCA e as Filarmônicas como uma atividade ou trabalho exequível de ser ainda mais desenvolvido, de modo a “enraizar mais ou fortalecer mais aquilo que já iniciámos [...]. Portanto, intercalar nos reportórios que cada um tem, as datas necessárias para preparar uma peça é uma coisa que demora muito tempo”, tendo em conta que as “pessoas durante o dia trabalham, à noite têm aquele bocadinho para se disponibilizarem, mas [...] é sempre muito cansativo e é muito problemático lançar um projeto desta ordem” (cf. Apêndice 3B e 3C). Ao desenvolver este trabalho em rede, e tendo em conta o tipo de atividades aqui desenvolvido, assume ter noção que o trabalho em rede pode ser ainda mais melhorado “porque o teto não existe. Como se costuma dizer: “o céu é o limite”. Porém o sr. Manuel Brites demonstra ter consciência de que não é fácil porque “não há ninguém profissional, cada um tem as suas atividades e é preciso conjugar uma série de esforços e de vontades para se conseguir alguma coisa, desde logo”, acreditando que essa vontade existe.

Com o continuar da entrevista conseguimos perceber as limitações de cada entidade, sendo que o entrevistado afirma que cada coletividade tende a atuar dentro da sua área de conforto, a desenvolver atividades que mais gosta ou que já viu que resulta. Contudo, à semelhança da SFSA, também procura estar presente em atividades dinamizadas por outras coletividades/associações, como é o caso do RFF.

Quando questionado sobre a existência de críticas relativamente às atividades de animação e intervenção até agora desenvolvidas na freguesia, o sr. Manuel Brites defende-se ao afirmar que não é ninguém para criticar esse tipo de situações, acreditando que “quem lança os seus programas” o faz “apresentando o melhor de si”. Daí que ao criticar esse trabalho considera ir longe demais. E, segundo o mesmo, o objetivo, é fazer “parte da solução e não do problema” (cf. Apêndice 3B e 3C). Esta última expressão utilizada pelo sr. Manuel Brites, de acordo com o seu ponto de vista, representa a necessidade de promover respeito, fazendo “parte da solução e não do problema”, pois só deste modo os conflitos serão resolvidos de uma maneira mais simples, célere e sem prejuízo para os envolvidos.

Respeitante ao trabalho em rede, como foi possível verificar, o sr. Manuel Brites apresenta ter noção dos limites e potencialidades do GCA, independentemente de todos

os obstáculos que possam surgir, ao manifestar o interesse em que se realizem mais atividades em parceria com as filarmónicas, de modo a dar continuidade a todo um trabalho que, embora já tivesse sido realizado, teria todo o potencial necessário para ser ainda mais explorado e considerado numa atividade futura.

2.1.3 RANCHO FOLCLÓRICO DO FREIXIAL E MUSEU ETNOGRÁFICO DO FREIXIAL

Como foi possível perceber, o RFF e o Museu Etnográfico do Freixial (MEF) estão intimamente ligados, pois o RFF é uma Associação Cultural e Recreativa, fundada em março de 1978 no lugar de Freixial, cujo seu trabalho tem sido exemplar no que diz respeito à cultura na Freguesia. Foi o RFF que, após uma recolha feita ao longo dos anos em colaboração com a comunidade residente, através de doações, criou uma exposição em Outubro de 1996, concretizando o seu grande sonho em 2002 com a criação do MEF, que consiste essencialmente na “reconstituição de uma casa rural representativa do viver do povo da freguesia de Arrabal, nos princípios do século XX” (Freguesia de Arrabal, s.d.a, Freguesia de Arrabal, s.d.b, Museu Etnográfico do Freixial, s.d.).

Atualmente, o grupo do RFF é constituído aproximadamente por 45 elementos, distribuídos entre a tocata e a dança, e os trajes que vestem são a representação de como se vestiam os camponeses. Estas coletividades são dirigidas pelo sr. Jorge Ferreira, de 37 anos, há sensivelmente sete, oito anos, o que me permitiu obter uma visão mais aprofundada sobre as entidades em questão.

Quanto ao impacto criado na Freguesia por parte do RFF e pelo MEF, o sr. Jorge Ferreira afirma ser bastante grande, afirmando como potenciais motivos não só o “número de elementos que o próprio grupo tem, como também nas atividades que realiza, e que têm também muita adesão”. Aqui, verificamos que o que acaba por atrair as pessoas ao evento são os laços que têm com os elementos do grupo do RFF, seguindo, apoiando e participando assiduamente nas atividades do mesmo. No que diz respeito ao contexto cultural, também se tem verificado “a sua importância, quer nos eventos, quer na própria atividade relacionada com o folclore, relacionada com a etnografia” (cf. apêndice 4B e 4C).

Este conceito de etnografia é fundamental para conhecer o que “fazem as pessoas, como se comportam, como interatuam. Propõem-se descobrir as suas crenças, valores,

perspetivas, motivações, e o modo como tudo isso muda com o tempo, ou de uma situação para a outra” (Woods, cit por Vieira et al, 2016), trabalho este desenvolvido quer pelo RFF, quer pelo MEF.

A nível de atividades desenvolvidas colaborativamente com outras entidades, segundo o entrevistado, para além das parcerias que têm estabelecidas com outras entidades relacionadas com o folclore português, como a Associação Folclórica da região de Leiria Alta Estremadura e a Federação do Folclore Português, dentro da Freguesia do Arrabal também primam por uma parceria assídua com a JFA. No entanto, como a Freguesia é demarcada por um forte associativismo e entidades das mais diferentes áreas, também têm colaborado “muito esporadicamente com outras associações, nomeadamente a Filarmónica do Arrabal (SAMA), a do Soutocico (SFSA), com o São Bento e Soutocico, o Clube. Penso eu! Pelos menos, foram essas colaborações que temos” (cf. Apêndice 4B e 4C).

Quanto à melhoria do trabalho desenvolvido em rede, o entrevistado defende que o mesmo pode ser melhorado, dependendo única e exclusivamente das vontades de cada um e das próprias coletividades/associações. Deste modo, dá a entender que quando se começa a pensar de um modo global há mais benefícios para todos, ao invés de lutar em direções opostas, com um único público e sem expandir horizontes. Aqui a estratégia é clara, “começar a pensar em freguesia [...] mas há muito trabalho a fazer nesse aspeto” (cf. Apêndice 4B e 4C).

Um facto bastante interessante e presente em todas as entrevistas realizadas até ao momento, é que houve uma tentativa por parte dos entrevistados de não apontar pontos negativos por me associarem como sendo um rosto da JFA e não como investigadora e mestranda no âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social. No entanto, o sr. Jorge Ferreira colocou de parte esse pormenor e admitiu ter sentido não haver ligação nem união no evento Arrabal em Movimento.

Segundo o mesmo, o “Arrabal em Movimento é um exemplo de que [...] as coisas podem realmente funcionar” pois o “último Arrabal em Movimento acabou por demonstrar este afastamento das associações perante o objetivo comum. Ou seja, fez-se um evento, foi um evento interessante, sem dúvida nenhuma, mas parece que era um monte de

associações que ali estava, cada uma a trabalhar para si em vez de ser a Freguesia do Arrabal agregada e a trabalhar em prol de um único objetivo”. Considerando que cada “associação tem as suas próprias necessidades” e que “com a ajuda das outras associações podia-se criar sinergias, [...] entrar-se aqui em parcerias, colaborações”, em que os “objetivos seriam mais facilmente alcançados” (cf. Apêndice 4B e 4C).

Tendo em conta esta opinião, procurei tentar perceber até que ponto o mesmo possuía uma estratégia para solucionar este aspeto, ao qual afirmou não ter a fórmula. No entanto, a solução mais lógica para o sr. Jorge Ferreira é “começar a pensar em Freguesia, as associações trabalhem”. Mediante a ajuda de um membro regulador e “agregador, que no meu entender, poderia ser a Junta de Freguesia (JFA)” (cf. Apêndice 4B e 4C).

Como atividade em rede que poderia ser ainda mais melhorada, do ponto de vista do sr. Jorge Ferreira, é o evento Arrabal em Movimento, pois, como foi referido anteriormente pelo sr. Sérgio Ferreira, não se notou uma ligação entre as diversas coletividades, havendo alguma individualidade no modo de trabalho e nos objetivos que cada uma queria atingir. Porém, aponta como possível solução a criação de sinergias, e até mesmo desenvolver algumas parcerias, de modo a atingir os objetivos pretendidos (cf. Apêndice 4B e 4C).

Como críticas, apontou a falta de projeção dos eventos, e a resistência que a população ainda apresenta devido ao bairrismo, o que, ao considerar que os eventos possuem todos uma grande qualidade e empenho por parte dos envolvidos, torna-se frustrante para quem os dinamiza. O entrevistado justifica esta opinião ao afirmar que “é tudo bem feito, com brio, com qualidade, e depois as pessoas são as mesmas. Ou seja, isto não há projeção para fora da Freguesia, não há divulgação, mas mesmo que haja parece que as coisas não fluem” e “depois o bairrismo acaba por provar isso. Ok! É no Soutocico que é o evento, então não vou. Se eu sou do Freixial não vou ao Soutocico, e do Soutocico, é no Freixial então também não vou” (cf. Apêndice 4B e 4C). Parecendo que não, este raciocínio dificulta imenso o trabalho das associações, podendo ser confirmado ao longo da análise como uma das principais inquietações dos representantes das mesmas. Por outro lado, e segundo aquilo que vai sendo possível apurar, este bairrismo também já foi vivido de um modo mais intenso, não se comparando em nada com o que se vive atualmente. E é ao confirmar esta mudança que percebemos o quanto é fundamental o trabalho da geração mais nova na mudança das mentalidades e extinção das rivalidades sentidas. Mas não

cabe única e exclusivamente à geração mais nova, pois segundo o sr. Jorge Ferreira, este “é o trabalho de todos nós” juntamente com a ajuda do membro agregador, a JFA (cf. Apêndice 4B e 4C).

Para além de Jorge Ferreira, estava também presente a Célia Carvalho que, embora não tivesse acompanhado a entrevista desde o início, quis dar o seu parecer na última pergunta que dá espaço aos entrevistados para mencionar alguma opinião que considerassem importante e que ainda não tivessem tido oportunidade de o mencionar ao longo da entrevista. Deste modo, concluo a análise desta entrevista com a intervenção que a sra. Célia Carvalho relatou e que retrata um pouco as mentalidades antigas:

“Eu sou do tempo da Filarmónica do Arrabal, em que o meu pai também lá andava e havia aquele trabalhar só em função deles mesmos, e então com as pessoas de mais idade isso era uma complicação. Nós tivemos lá uma vez uma reunião que aquilo deu mesmo para o torto, porque realmente as pessoas de mais idade eram muito agarradas às suas raízes, pronto. E eu estou convencida que a partir do momento em que as gerações mais novas começam a aparecer, [...]. Acabam por minimizar, entre aspas, os atritos do antigamente e vão mudando as tais mentalidades que é mesmo preciso mudar” (cf. Apêndice 4B e 4C).

Situando o entrevistado na entrevista, podemos perceber que o mesmo se encontra atento sobre as dificuldades e impedimentos que as entidades da freguesia enfrentam na conquista de novos públicos e no entendimento interassociativo. Porém, como atividade que gostaria de ver melhorada, tal como foi dito anteriormente, e mais uma vez referido ao longo das entrevistas que realizei, foi o Arrabal em Movimento, dado ser a atividade modelo da freguesia que envolve um trabalho conjunto entre todas as associações/coletividades através da cooperação entre as mesmas (cf. Apêndice 4B e 4C).

2.1.4 FUNDAÇÃO LAR SANTA MARGARIDA

A (FLSM) tem como Presidente o sr. Lúcio Crespo, de 63 anos de idade, e na direção há 30 anos. A mesma divide-se em duas áreas distintas, uma funciona como Atividades de Tempos Livres (ATL) e a outra funciona como Jardim de Infância e Creche.

De acordo com a opinião do Presidente, o impacto que a FLSM tem para a Freguesia é bastante positivo, uma vez que dá a possibilidade de acolher as crianças, pois “acolher cá as crianças é dar possibilidade para que os pais procurem a sua subsistência, nomeadamente com a possibilidade que tanto as mães como os pais possam ter,

desenvolver uma atividade profissional” (cf. apêndice 5B e 5C). Para além de todas as suas polivalências, uma das colaborações diretas com as outras entidades da freguesia é o fornecimento de refeições ao pré-escolar, nunca desprezando a abertura quando se trata de outras atividades propostas, como é o caso da SAMA, da JFA, do RFF e do LSA.

Com o avançar da entrevista, e de modo a tentar perceber que tipo de atividades a FLSM desenvolve colaborativamente com outras entidades e quais são, o sr. Lúcio Crespo afirma não serem muitas “para além da atividade que temos com o fornecimento de refeições ao pré-escolar, em colaboração com a associação de pais”. Porém, mencionou que também estão “sempre disponíveis para desenvolver outro tipo de atividades”, sempre que lhes sejam propostas, revelando alguns trabalhos desenvolvidos, segundo menciona, com “a Filarmónica, se calhar parcerias com a Junta, se calhar com o Rancho, com o Lar Social. Essencialmente, sempre que nos pedem colaboração nós estamos disponíveis” (cf. Apêndice 5B e 5C).

Quanto à melhoria do trabalho em rede, o sr. Lúcio Crespo afirma que todo o trabalho em rede na freguesia pode ser melhorado, salientando a falta de convivência entre as diversas coletividades, e apontando como principal motivo a sobreposição de eventos nas mesmas datas, o que em nada beneficia as coletividades, necessitando de uma entidade que possa fazer esta mediação. Assim, justifica que, para “além da cooperação que eu acho que deveria de existir em todas as coletividades, eu acho que, havendo essa colaboração, poder-se-ia desenvolver qualquer tipo de trabalho ou qualquer tipo de atividade” (cf. Apêndice 5B e 5C).

Como trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida, o mesmo confessa não ter uma resposta, justificando que dado o tempo que se encontra à frente da instituição, acaba por estar mais ligado gestão da instituição, afirmando deixar “esse tipo de atividades, tipo de propostas que possam surgir para as nossas colaboradoras, nomeadamente, portanto, aqui no ATL é a Luísa ou a Ana Rita e neste momento a Bárbara, lá em baixo é a Irene e a Dulcínea. Elas é que coordenam mais esse tipo de atividades. A nós só nos pedem luz verde e nós, se entendermos que devem de avançar, avançam e pronto” (cf. Apêndice 5B e 5C).

Perante esta lacuna, agendei entrevista com uma das colaboradoras mencionadas por Lúcio Crespo, a Ana Rita Júlio, que embora não seja da Freguesia, já desenvolve atividade no ATL à quatro anos, permitindo assim uma visão do que atualmente é realizado na freguesia, e uma opinião isenta do que atualmente se faz e do que poderia ser ainda mais desenvolvido.

A Ana Júlio mencionou como atividades a serem melhoradas o Arrabal em Movimento que “pessoalmente, não conhecia” e que achou “superinteressante”, justificando que “são atividades [...] que são benéficas para as próprias instituições. Também são formas de valorizar o seu trabalho, darem a conhecer”. No fundo dar a “conhecer o trabalho que é feito pelas outras instituições” (cf. Apêndice 5.1B e 5.1C). Mas não se fica só por este projeto, pois para além do Arrabal em Movimento, também mencionou mais dois eventos, o projeto Novos Ventos e o Dia da Criança.

O projeto Novos Ventos é um programa de teatro comunitário para as freguesias, que é desenvolvido ao longo de uma semana com os vários grupos da freguesia e que culminam numa apresentação dos trabalhos que foram desenvolvidos e com uma peça de teatro profissional (Leirena Teatro, s.d.). A FLSM também participou nas duas edições realizadas na Freguesia, mas de acordo com a Ana Júlio, embora tivesse resultado muito bem, na edição passada o projeto “não correu da mesma maneira. [...] Porque calhou-nos, à freguesia, a vinda dos Novos Ventos em período escolar, ou seja, nós, enquanto fundação, não conseguimos funcionar da mesma maneira” (cf. Apêndice 5.1B e 5.1C). O Dia da Criança, consiste numa atividade realizada pela JFA, em articulação com a escola e jardins de infância da freguesia, de modo a proporcionar um dia de atividades e diferentes experiências às crianças da freguesia, evento que Ana Júlio considera ser uma articulação importante.

No que diz respeito a críticas, Lúcio Crespo afirma que o trabalho desenvolvido é “feito com cabeça, tronco e membros”. Já a Ana Júlio surpreende-lhe o facto de a Freguesia do Arrabal “ter tantas instituições, de ter tanta valência, tanta cultura, de ter uma oferta cultural excelente”. Porém, como crítica em concreto, ressalta que por vezes, “enquanto ATL, como nós apanhamos uma faixa etária que é mais relacionada com a escola, muitas vezes a escola é que fica convidada a participar e o ATL, nesse momento, não é tanto. Ou seja, nós participamos enquanto Cresce e Jardim de Infância e depois vai à escola, ou

seja, nós, enquanto ATL, não tanto. Por isso, o que eu posso dizer é que, nas férias, ou sempre que seja possível, e que nós aí estamos a tempo inteiro com os meninos, sempre que for necessário também estamos disponíveis... Aí somos nós a resposta, não é a escola, não é, aí somos nós, é connosco que eles estão, por isso o que precisarem da nossa parte é a nós que podem recorrer” (cf. Apêndice 5.1B e 5.1C).

Em suma, através da entrevista ao sr. Lúcio Crespo e a Ana Júlio, foi possível constatar uma visão bastante clara e objetiva do que se passa na sua instituição e na freguesia, referindo, assim como a grande maioria dos entrevistados, haver pouca colaboração e diálogo entre as várias instituições que existem na freguesia, mas por outro lado perceber que as atividades realizadas são bem sucedidas.

É de ter em conta que ambos os entrevistados têm uma visão completamente diferente da realidade da associação, por um lado, temos o sr. Lúcio Crespo que assume estar mais ligado à gestão da instituição, mencionando apenas as atividades habituais (cf. apêndice 5B e 5C), e por outro, a colaboradora Ana Júlio, que manifesta ter um conhecimento mais amplo das atividades dinamizadas pela fundação, mais concretamente pelo ATL. A mesma chega a referir, dando seguimento ao raciocínio do sr. Lúcio Crespo quando menciona que sempre que são solicitados para atividades estão disponíveis e participam ativamente (cf. apêndice 5B e 5C), que as atividades que poderiam ser desenvolvidas novamente poderiam ir de encontro ao que é feito no Arrabal em Movimento, nos Novos Ventos e no Dia da Criança (cf. apêndice 5.1B e 5.1C). Ou seja, toda a atividade que fosse criada poderia ser “uma desculpa qualquer” para que todos ficassem a conhecer o que de melhor é feito na freguesia e inclusivamente cada associação/coletividade conhecer o trabalho que as outras fazem (cf. apêndice 5.1B e 5.1C).

2.1.5 LAR SOCIAL DO ARRABAL

O LSA é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) sem fins lucrativos, cuja missão é a promoção da prestação de serviços caracterizados pela inovação, personalização e qualidade nas respostas sociais disponíveis, como o serviço de LSA, o centro de dia e o apoio domiciliário como serviços de apoio à população idosa, com vista à melhoria da qualidade de vida e bem-estar dos seus utentes, familiares e comunidade em geral (Lar Social do Arrabal, s.d.).

Após me ter dirigido ao LSA e questionado um dos elementos da Direção, fui aconselhada a entrevistar a Diretora Técnica, a dra. Liliana Brites, de 35 anos, que se encontra a exercer funções há 3 anos. No entanto, antes de se ser Diretora Técnica, já se encontrava no Lar como Animadora Sociocultural. Dada a sua formação, posso afirmar que foi a pessoa com mais competências académicas que entrevistei, pelo que a minha expectativa era positiva.

No que diz respeito ao impacto que o LSA tem na freguesia, a dra. Liliana Brites caracteriza como sendo bastante grande, justificando que é a “única instituição de apoio aos idosos na freguesia e é muito solicitada. Não conseguimos dar resposta a todos os pedidos da freguesia” (cf. Apêndices 6B e 6C).

Tendo em conta que na maioria dos casos os lares são vistos como depósitos de pessoas idosas, este tenta combater essa mentalidade, não tratando o idoso como “uma pessoa envelhecida, denegrada e despersonalizada, mas sim como uma pessoa com características próprias e com um manancial de conhecimentos e de experiências que têm de ser conhecidas” (d’Almeida, Sousa & Afonso, 2014) e partilhados com a sociedade, desenvolvendo quase diariamente atividades com e para os utentes.

Sempre que possível, tentam desenvolver atividades colaborativamente com outras entidades, quer seja dentro ou fora da freguesia. Dentro da freguesia os intercâmbios que têm vindo a ser feitos até ao momento tem sido com a JFA, a Escola de Música da SAMA, com a FLSM nas valências de creche/infantário e ATL, e com o infantário do Soutocico. Por outro lado, e com muita pena por parte da dra. Liliana Brites, atualmente não são realizadas atividades com os clubes recreativos, pois muitas delas “não têm esse tipo de atividades diretamente direcionadas para o nosso público-alvo”, acabando por não haver uma procura dos mesmos para a realização de “atividades em conjunto. Só se eles mudarem o tipo de atividades para a nossa instituição”. Outro pormenor que dificulta esta interação é o facto de algumas das atividades serem “durante a noite, outras são durante o fim de semana, e nós temos dificuldade em, à noite, deslocar os nossos utentes para participar neste tipo de eventos que algumas associações desempenham ao fim de semana” (cf. Apêndice 6B e 6C).

Como exemplo direto destes impedimentos, a dra. Liliana Brites refere o trabalho que há uns anos atrás era feito em parceria com o clube do Soutocico, “as crianças vinham pelo

menos uma vez por mês estar com os idosos, fizeram uma árvore de natal com garrações reciclados, o grupo masculino veio jogar às cartas com os idosos, e foi pena termos parado esse intercâmbio“ devido a compromissos do clube. “Porque eles têm jogos, treinos, e era difícil para eles continuar. [...] Eles tinham que disponibilizar mais tempo para além dos jogos e dos treinos e utilizavam esse tempo para virem ao lar” (cf. Apêndice 6B e 6C).

Ao avançar para a sétima questão, e ao tentar perceber se Liliana Brites tinha alguma crítica a mencionar, em relação ao trabalho colaborativo na Freguesia, a mesma revelou-se tranquila, enquanto afirmava que no seu entender achava “que se têm dinamizado várias atividades que vão de encontro de toda a população” (cf. Apêndice 6B e 6C).

Por outro lado, e já na última questão, fez questão de não deixar passar em branco um aspeto que, do seu ponto de vista, é uma das necessidades da freguesia, e principalmente da faixa etária mais idosa, como a necessidade de transporte para os afazeres do seu dia a dia e para dar resposta às suas necessidades, quer seja a nível de saúde, sociais, financeiras, entre muitas outras. Fazendo uso das palavras da dra. Liliana, “o que nós notamos nos nossos utentes do apoio domiciliário, nalguns casos, é a necessidade de meio de transporte, não têm família para se deslocarem ao Centro de Saúde, [...], nós não conseguimos dar resposta aos nossos utentes do apoio domiciliário na área clínica, de enfermagem vamos tentando, pois eles podem vir cá e, se for urgente, a enfermeira vai lá a casa. A nível clínico não conseguimos colmatar essas necessidades, e sinto que eles têm essa necessidade, não só os nossos utentes mas a maioria dos idosos, pois não têm família e para se deslocarem à consulta aberta, têm dificuldade em se deslocar, e é uma das lacunas que vejo, mas não deve ser fácil resolver” (cf. Apêndice 6B e 6C).

Há que não esquecer também que o LSA participa de forma ativa nos eventos da Freguesia, quer seja em articulação com a JFA em eventos como o Arrabal em Movimento e no dia da Criança, promovendo relações intergeracionais, quer em articulação com outras entidades, como a FLSM e a EB1, com o projeto Rostos, e o RFF, por meio de visitas àquilo que já foi a sua realidade antigamente. O Projeto Rostos caracteriza-se essencialmente pela realização de entrevistas pelas crianças da EB1 aos idosos, destinando-se a uma exposição no evento Arrabal em Movimento com fotografia e breve descrição da sua vida, sendo uma atividade que despoletou bastantes comentários positivos.

Embora eu só tenha mencionado algumas parcerias, elas são bem mais e permitem que haja uma estimulação do idoso a níveis biopsicossociais. No entanto, há muitas atividades passíveis de realizar, ou seja, aqui a animação sociocultural assume-se “como uma forma de combate à solidão” (d’Almeida, Sousa & Afonso, 2014) podendo serem realizadas atividades em conjunto com a população fora da instituição, pois o que esta população necessita é de se sentirem valorizados e integrados, e não com a falsa noção de que frequentam um lar apenas porque estão à espera da morte e porque a família os pôs a um canto, como se fossem lixo.

No seguimento desta ideia, a Diretora Liliana Brites foi bastante clara ao dar a entender que o trabalho antes desenvolvido pelo Clube Recreativo e Desportivo do Soutocico (CRDS), ao disponibilizar tempo para os idosos desta instituição, era fundamental no dia-a-dia dos mesmos, não guardando ressentimentos, mas tentando compreender o porquê do fim desse trabalho, pondo-se na pele do CRDS (cf. apêndice 6B e 6C).

Seguindo este raciocínio, qualquer atividade que seja dinamizada com os idosos do LSA é bem-vinda. Porém, a entrevistada alertou para uma outra necessidade, que embora difícil de implementar gostaria de ver na freguesia, a carrinha, como foi dito acima. Esta atividade, para mim, seria muito desafiadora, mas seria bastante difícil envolver todas as associações neste projeto e tornar um serviço de livre acesso, único e exclusivamente destinado à população mais idosa da Freguesia. Recorrer-se-ia a parcerias entre as coletividades, através da cedência de um meio de transporte, financiamento do combustível e até mesmo o desenvolvimento de várias atividades lúdicas, cognitivas e desportivas, em que cada instituição/coletividade iria ter a sua função. Após obter mais esclarecimentos sobre a atividade em questão, percebi não ser de todo realizável, uma vez que essa tarefa faz partes das competências da JFA, e que atualmente seja uma das propostas em cima da mesa para dar seguimento após a aquisição do meio de transporte apto para este tipo de público.

Uma vez que não irei utilizar a sugestão de atividade dada por Liliana Brites, irei ter em conta o trabalho desenvolvido pelo LSA até aos dias de hoje, recorrendo a atividades que pretendam ir de encontro aos desejos e necessidades de cada um, bem como ir de encontro à sua cultura.

2.1.6 ESCOLA BÁSICA DO 1º CICLO DO ARRABAL

Aqui optei por entrevistar a professora Lídia, de 44 anos de idade, e que já se encontra a lecionar na EB1 do Arrabal há 4 anos. Desta entrevista esperava uma maior abertura, que ao longo da entrevista, como poderão verificar, não aconteceu, talvez pelo simples facto de a professora Lídia me interpretar como um rosto da Junta, independentemente de me apresentar como Estudante de Mestrado. No entanto, e embora tenha tido essa dificuldade ao longo da entrevista, dei-lhe o seu rumo normal, possibilitando a análise de alguns pontos interessantes.

Independentemente da professora Lídia não ser da Freguesia do Arrabal, reconhece o esforço que tem sido feito em prol do diálogo entre as coletividades, como refere na entrevista: “eu penso que há um grande envolvimento entre todas as instituições aqui da Freguesia do Arrabal, e penso que há uma dinâmica muito grande entre a Escola e entre a Junta de Freguesia (JFA), e vice-versa” (cf. Apêndice 7B e 7C). Tal afirmação faz acreditar que haja um grande envolvimento entre todas as instituições da freguesia.

Com o avançar da entrevista fui percebendo que a EB1 tem atividades que desenvolve colaborativamente com outras entidades, como por exemplo “a farmácia. Há atividades sempre que nos são propostas com a farmácia e a farmácia vem cá a escola. Com o Lar (LSA) há sempre a atividade tradicional dos reis, que nós vamos ao Lar (LSA) ou então no carnaval que costumamos sair”. Com a “Junta de Freguesia (JFA) é o Dia da Criança e o postal tradicional de natal, [...] e depois também outros projetos que aparecem ou que nos propõem, como foi o projeto Rostos” (cf. Apêndice 7B e 7C).

Quando questionada sobre se considera que o trabalho em rede pode ser melhorado, e de que modo, afirma que “estamos cá sempre para melhorar [...]. E como? Continuando a mesma colaboração, a mesma comunicação que tem havido de parte a parte. Isso tem sido essencial, e a criatividade vem daí, da capacidade de comunicarmos entre nós” (cf. Apêndice 7B e 7C).

Como exemplo de atividade que pode ser ainda mais melhorada, refere o trabalho em rede “que é dinamizado pela professora Tânia Lhera, [...] em parceria com a Junta de Freguesia (JFA) e com a Banda Filarmónica, que é uma mais valia para a Escola (EB1), no âmbito das Artes”. Chega mesmo a considerar que era importante incluir numa

atividade de enriquecimento escolar, uma AEC, “mas nunca houve essa prospeção. Não havendo essa prospeção, pelo menos a escola tem esta mais valia de ter cá a arte pela música, pelo teatro”, por meio do incentivo da JFA (cf. Apêndice 7B e 7C).

Dando seguimento à entrevista, e de modo a perceber a noção que a entrevistada tem do panorama geral da Freguesia, foi necessário especificar mais a pergunta, relativamente à existência de críticas relacionadas com as atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal e, caso houvesse, quais. Perante esta questão, defende as críticas como sendo maioritariamente positivas, e embora se tenha restringido única e exclusivamente ao espaço da escola, fora do espaço escolar afirma não ter conhecimento prático. No entanto, saliento uma resposta dada pela Professora Lúcia, onde acha que este trabalho é para continuar e “que haja sempre esta visão de abranger. Uma coisa que eu acho muito importante é a preocupação em abranger todas as faixas etárias, e acho que é muito importante, porque todas as faixas etárias têm algo de benévolo para contribuir, e não se precisa só da infância, nem dos jovens, nem só da classe mais idosa, mas todos em comum. E acho que isso procura transmitir muito e acho que isso era de continuar a valorizar, como em pequenos pormenores nós vemos. Quando é no dia da criança, a importância de estarem presentes os idosos. Estes pequenos pormenores que transmitem logo uma mentalidade” (cf. Apêndice 7B e 7C).

Aqui, perante um cenário quase totalmente satisfatório, a única atividade sugerida pela professora Lúcia seria unicamente a tão desejada criação da Atividades Extracurriculares, (AEC) atividade essa que, dado a limitação ao espaço escolar, não permite de uma forma livre o acesso e a partilha de atividades com todas as coletividades e população residente, dificultando o trabalho de criação de laços entre todas as entidades na freguesia.

Dado a impossibilidade de desenvolver uma AEC, outra das atividades mencionadas como bastante positivas foi o dia da criança que, como já havia dito anteriormente, dado o modelo dos anos anteriores poderia ser passível de melhorar e adaptar com um novo objetivo. No entanto, dado que o seu modelo já está bastante estruturado por parte das escolas e respetiva JFA em volta de um tema, não podendo fazer alterações de maior, de modo a este evento ir de encontro ao meu projeto. Apesar da impossibilidade, vou ter em consideração os moldes da mesma, aplicando posteriormente numa atividade em que a

maioria dos entrevistados tenham mencionado, de modo a que todos possam participar e cooperar de igual modo.

2.1.7 CASA DO POVO

A Casa do Povo (CP) foi inaugurada em 1973 por meio de um de “um protocolo com o Ministério dos Assuntos Sociais a Casa do Povo (CP), independentemente das suas atividades, atribuídas pelo mesmo Ministério, desempenhava as atividades de Posto Médico, cobrança das contribuições para assistência” (Freguesia de Arrabal, s.d.) e atualmente promove as seguintes atividades: divulgação de notícias das diversas instituições e coletividades, através da publicação mensal do Boletim Informativo; excursões e visitas a diversas localidades; ações de formação em diversas áreas; e outras atividades pontuais.

Independentemente do sr. Abel Santos ter sido um dos primeiros entrevistados, posso afirmar que esta foi a entrevista mais difícil que fiz, e a mais desconfortável. Não pela pessoa em causa, mas sim devido às condições do espaço.

Contactei o sr. Abel e marquei uma hora que lhe desse mais jeito, ficando assim para depois do jantar, às 21 horas, na sede da CP. Porém, o edifício em questão é um edifício parcialmente em ruína e estava bastante frio, na altura, pelo que o ambiente estava gelado.

O início correu bem, no entanto também tentei entrar em diálogo com o entrevistado, a ver até que ponto conseguia obter as minhas informações e também tentar descolar um pouco do guião. Assim que me desprendi do guião, toda a estrutura de entrevista desapareceu e transformou-se num diálogo, e o cansaço acumulado, devido ao trabalho, fazia-se acumular, resultando, conseqüentemente, na falta de estruturação da entrevista e na falta de orientação da minha parte, ao entrevistado. No entanto, e sempre sem perder a postura, fui dando continuidade á entrevista, umas vezes saltando perguntas, outras repetindo. Mas o cansaço e o frio que se fez sentir durante a hora e meia de entrevista tiveram as suas influências, e só quando cheguei a casa é que me apercebi de todas as falhas durante a transcrição da mesma.

À parte de tudo isso, irei tentar analisar, de modo a tirar algumas conclusões sobre conteúdo da entrevista. Independentemente de todas as falhas ocorridas, consegui apurar

que o sr. Abel Santos, de 59 anos de idade, e presidente da CP há quatro anos, tem lutado em prol dos seus direitos, para manter a CP aberta. O seu impacto na Freguesia faz-se sentir através do feedback que vão tendo das pessoas que, apesar de não darem apoio à instituição, fazem logo chegar o seu descontentamento, afirmando “ou que não há dinheiro, ou que nos esquecemos das coisas”. Logo, segundo a opinião de Abel Santos, “se as pessoas fazem esses reparos é porque é interessante”. Para além do boletim de voto, também se destacam na área mais social, pelas formações que desenvolvem (cf. Apêndice 8B e 8C). Manifesta também o seu sentimento de frustração para com o individualismo das restantes coletividades que, de acordo com o seu ponto de vista, em nada ajudam ao reproduzir as atividades desenvolvidas pela CP nas suas associações.

À parte desse aspeto, o mesmo, quando questionado sobre a existência de atividades desenvolvidas em colaboração com outras entidades, revela ter consciência sobre a importância que tem em se unirem todos, de modo a levar os desafios em frente e com o esperado sucesso. Isto porque a CP, desde há sensivelmente três anos que organiza os festejos dos Santos Populares no recinto de uma escola fechada pelo estado, no lugar de Várzea, devido ao seu amplo espaço, sendo que em cada ano convida uma coletividade diferente a participar na organização, como justifica “a primeira foi com a CAOsas, a segunda foi, e era para ser o São Bento, mas o São Bento tinha a festa deles. Depois o ano passado foi com o Centro (CCRF)” (cf. apêndice 8B e 8C).

Embora ao longo da entrevista o mesmo se tenha centrado essencialmente na sua instituição, ressaltou um facto que normalmente costuma acontecer, embora muitos dos outros entrevistados não o assumam, que é o caso de na organização dos eventos haver alguns elementos que ficam sobrecarregados com a gerência e dinamização do evento, enquanto alguns usufruem apenas do dia e dando apenas a cara, quando na verdade não se envolveram no processo de organização da mesma.

Em resposta à questão sobre se o trabalho em rede na freguesia pode ser ainda mais melhorado, o entrevistado responde positivamente, mediante os “outros o queiram. E assim os outros o pensem”. Tendo em conta a falta de verba para todas as coletividades, e como tal, se todos se unirem, “se calhar é mais fácil haver verbas, e fazermos força porque [...] se a gente se unir todos é uma mais valia” (cf. Apêndice 8B e 8C).

Quanto ao exemplo de uma atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida, o sr. Abel Santos menciona a certificação da CP “enquanto uma instituição de formação. Há muita falta na freguesia, porque há muitas firmas na freguesia e se a gente for contabilizá-las há muitas firmas, e a gente sabe que as firmas têm de dar trinta e cinco horas de formação todos os anos aos empregados e a maior parte delas não o dão”. E tal seria possível se “a Casa do Povo (CP) se juntasse, se houvesse interesse, se várias associações se juntarem à Casa do Povo (CP) e a Casa do Povo (CP) ter um âmbito só... Por exemplo, imagina que o São Bento se juntava, imagina que o CRDS se juntava (tosse)... A gente não quer aglutinar ninguém, não quer comer ninguém! Eles ficariam autónomos na área deles. Faz de conta que, dentro da Casa do Povo (CP), haveria um departamento desportivo, um departamento cultural, um departamento informativo e formativo, e aí a gente juntava, se houvesse interesse, as instituições” (cf. Apêndice 8B e 8C).

No que diz respeito a críticas, o mesmo salienta o individualismo das entidades. [...] cada uma pensa que é melhor que a outra”. Chega mesmo a reforçar que “há delas que dizem que não, dizem que não precisam. É o caso da Filarmónica (SAMA), que diz que não precisa, que já tem 100 anos, já tem muito historial. Não precisa nada de se unir com ninguém. O Rancho (RFF) diz que tem um património grande, também não pode, não é preciso unir-se a ninguém” (cf. Apêndice 8B e 8C).

Respeitante à última questão, sobre algum aspeto que quisesse mencionar sobre o trabalho colaborativo na Freguesia, o sr. Abel Santos garante que, “tirando a Casa do Povo (CP) que faz algum, e é só uma atividade anual”, mais ninguém faz nada. E o objetivo é “ver se as pessoas começam a se habituar a partilhar” (cf. Apêndice 8B e 8C).

De modo a finalizar a entrevista, um aspeto que mencionou relativamente ao trabalho colaborativo na freguesia foi o facto de não existir mediação nos mais variados níveis. Tanto a JFA como a CP já o tentaram fazer, assumindo sempre um papel de mediador, mas sempre sem sucesso, uma vez que as instituições se encontram focadas apenas em si mesmas, havendo pouca ou nenhuma colaboração entre as diversas entidades.

No que diz respeito às perspetivas para o futuro, e sem ter uma pergunta exclusiva a essa questão, o mesmo foi referindo ao longo da entrevista como um desejo, o facto de haver

a possibilidade de todas as coletividades se unirem à CP, usufruindo dos seus benefícios financeiros e também através do desenvolvimento de ações de formação mediante as necessidades que as coletividades manifestassem (cf. apêndice 8B e 8C).

Dependendo das intenções dos entrevistados ao longo das análises é que poderei decidir se irei ponderar assumir essa sugestão como um projeto de medição, de modo a que a mesma seja comunitária e de caráter não impositivo.

2.1.8 CÍRCULO CULTURAL DOS AMIGOS DO VALE

O Círculo Cultural Amigos do Vale (CIRCAV) “nasceu da vontade de um grupo de conterrâneos em dar continuidade à iniciativa de dois septuagenários da terra, que haviam organizado um convívio comemorativo do aniversário do Vale de Santa Margarida” (Freguesia de Arrabal, s.d.) sendo fundado a 29 de outubro de 1997, mantendo essa tradição até aos dias de hoje. Com o passar do tempo, esta coletividade procedeu à aquisição de “um terreno para a organização dos convívios anuais” edificando a sua sede no lugar de Vale de Santa Margarida.

Atualmente, tem como presidente o sr. Renato Brites, de 43 anos de idade que dirige a mesma há cerca de ano e meio. Aqui as atividades são maioritariamente desenvolvidas para fomentar o convívio entre a população, não só do lugar, mas também da freguesia em geral. De acordo com o entrevistado, o impacto que o CIRCAV tem vindo a ter na Freguesia é “a nível de associativismo. Se calhar podemos dividir aqui a Freguesia, digamos em duas partes, a parte mais cultural e a parte mais, digamos, entre aspas, mais de cafés, de comes e bebes. [...] A nível cultural, se calhar, o que se aproxima mais é, tem haver com o festival da filhós, mas na outra parte mais de cafés, digamos assim, tem algum impacto, que os eventos que são feitos, tanto o carnaval, como os santos populares, como o convívio de 15 de agosto, como já tem alguma história, também ao longo destes anos, até já tem um impacto grande na freguesia” (cf. Apêndice 9B e 9C).

Porém, senti que o sr. Renato Brites não seguiu um raciocínio lógico, sendo para mim muito complicado entender o verdadeiro sentido desta abordagem. Segundo o meu ponto de vista, e com base naquilo que pude acompanhar da coletividade, os eventos pelo entrevistado mencionados fazem todos parte da identidade cultural do CIRCAV, sendo o mais antigo o convívio de 15 de agosto. Os mais recentes, são o Festival da Filhós, o baile

de carnaval e os Santos Populares. A parte dos comes e bebes acaba por ser um denominador comum a todos eventos, não só nesta coletividade em questão, mas em muitas outras, também.

Um aspeto que destaco, e que o entrevistado mencionou, é o facto de ser “um lugar onde, digamos, onde não é de ninguém, entre aspas, não é de nenhum ramo, pronto, tem também essa vantagem de conciliar aqui muitas pessoas dos vários ramos. Resumindo, tem uma predominância um bocado, digamos, média, na freguesia” (cf. Apêndice 9B e 9C).

Com o avançar da entrevista, é possível constatar que não existem atividades que a mesma desenvolva colaborativamente com outras coletividades, salvo a JFA, que ao tentar melhorar o trabalho em rede, solicita para a participação das coletividades em eventos como o Arrabal em Movimento e que, segundo o mesmo afirma, “fomos obrigados, entre aspas, positivamente, a trabalhar em conjunto, porque o espaço muitas das vezes foi comum e aí és mesmo obrigado a trabalhar em rede” (cf. Apêndice 9B e 9C).

Quando questionado sobre um exemplo de um trabalho/atividade em rede que possa ser ainda mais desenvolvida o mesmo referenciou o Arrabal em Movimento, ao sugerir que o mesmo tivesse “várias valências, e porque não aproveitar [...]. Por exemplo, na Martinela temos um campo de futebol que está parado, mas tem lá um campo e é o único que existe na freguesia com aquelas características, temos um pavilhão. Ou seja, nesse fim de semana dinamizar um bocadinho de cada uma e fazer um evento parecido com o Arrabal em Movimento, não só de comes e bebes, mas também cultural, um bocadinho mais por aí, um bocadinho desportivo também” (cf. apêndice 9B e 9C).

Quanto às críticas, relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal, o entrevistado assume não ouvir críticas em especial, exceto a duplicações de datas em que a “Junta tenta, nós já tentámos também, já houve muitas reuniões há alguns anos, quando era na Casa do Povo (CP), tentar que não se coincidissem, mas há sempre coincidências, porque depois há os fura datas [...]. Agora, umas contra as outras não, não acho que haja nenhuma crítica muito má para apontar” (cf. apêndice 9B e 9C).

De modo a concluir, a última pergunta dá espaço ao sr. Renato Brites para mencionar algo em relação ao trabalho colaborativo na Freguesia do Arrabal, ao qual o mesmo refere

que a “nível cultural tem melhorado muito. Tem havido um grande *forcing* desta nova Junta e da passada. Notou-se aqui uma grande diferença na parte cultural, em agregar e fazer com que haja estas atividades todas mais culturais na freguesia” (cf. apêndice 9B e 9C).

Um trabalho em rede que mencionou ter gosto em um dia, vir a ser realizado, como foi possível verificar, foi o evento Arrabal em Movimento, não como o conhecemos atualmente, mas de um modo mais descentralizado, com atividades a decorrer por toda a freguesia. Embora tenha sido apenas uma ideia solta e pouco estruturada, foi uma sugestão que me cativou bastante, no entanto só no fim do diagnóstico de todas as entrevistas e mediante as opiniões e vontades das coletividades, como tenho vindo a reforçar ao longo do projeto, é que poderei saber se o poderei propor como projeto a desenvolver.

2.1.9 CLUBE RECREATIVO E DESPORTIVO DO SOUTOCICO

O CRDS tem origem no final da década de sessenta, com o surgimento da primeira equipa de futebol. Após a revolução de abril, “com o recrudescimento do movimento associativo, a população de Soutocico sentiu necessidade de criar um espaço onde se pudessem encontrar regularmente” (Freguesia de Arrabal, s.d.), nascendo assim o CRDS, que ao longo da sua história tem vindo a desenvolver diversas atividades, de carácter desportivo, quer cultural.

Respeitante às atividades culturais desenvolvidas no CDRS a que mais se destaca é o enterro do bacalhau que, embora se realize de quatro em quatro anos, data de 1976 até aos dias de hoje.

“Para além do atrás descrito, tem sido preocupação dos órgãos sociais promover algumas iniciativas que proporcionam à população momentos de convívio, lazer e cultura, tais como atuações de grupos corais, bandas filarmónicas, grupos de teatro, música popular, piqueniques, excursões, passagens de ano, etc” (Freguesia de Arrabal, s.d.).

Respeitante à entrevista realizada à sra. Sandrina Faustino, que se proporcionou um pouco atribulada pelo local em que foi realiza, no café do CRDS, e pelas interferências que existiram, senti alguma dificuldade em acompanhar o discurso da mesma. Esta dificuldade foi sentida, pois para além do seu discurso ser acelerado, por várias vezes se

dirigiu a mim enquanto elemento direto da JFA, e não como estudante de mestrado, aproveitando várias vezes por fazer reivindicações.

Com a intervenção da sra. Sílvia Brites, dificultou um pouco mais, pois em certas alturas falavam em simultâneo. No entanto, a entrevista seguiu o seu rumo normal e todas as questões foram respondidas, apesar das dificuldades.

A sra. Sandrina Faustino, de 55 anos, é atual Presidente do CRDS, acompanhada pela Vice-Presidente Sílvia Brites. Ambas afirmam que o impacto que o clube tem na Freguesia deve-se ao facto de o mesmo ser uma “coletividade que já nasceu há bastante tempo e que teve sempre a sua utilidade social, foi sempre necessária, principalmente às pessoas do Soutocico, mas é cada vez mais útil a toda a Freguesia, não só pelas valências, pelas pessoas que envolve, pelas atividades, pelo seu património, pelas suas instalações, e mesmo pela sua cultura”. De acordo com tal, pretendem envolver, sempre que necessário, toda a Freguesia, mais concretamente outras coletividades, considerando que esta será a melhor maneira de chegar à população.

No que concerne às atividades desenvolvidas colaborativamente com outras entidades, a sra. Sandrina Faustino falou um pouco sobre toda a organização do Enterro do Bacalhau, realizado de 4 em quatro anos, mas cujo impacto é bastante sentido, quer dentro da Freguesia com a participação de várias entidades, quer fora da Freguesia a nível de divulgação, suscitando muita curiosidade a quem é de fora de Leiria.

Para a realização deste evento, o CRDS recorre a parcerias com a SFSA e mais recentemente com a SAMA, através de um convite aberto aos membros que queiram participar. Convida também o RFF e outros atores, bem como a população, a serem figurante e a participar neste cortejo fúnebre do bacalhau, totalmente encenado.

O mesmo evento foi considerado pelas entrevistadas um trabalho/atividade em rede que poderia ser muito mais desenvolvido. É uma atividade em que a sra. Sandrina Faustino realça a importância que tem a presença de todas as coletividades, pela diversidade de habilidades de cada uma, podendo abrir ainda mais o evento à participação de todas elas. Segundo a mesma, “cabíamos cá todos, todas as coletividades seriam úteis, uns porque dançam, outros porque cantam, outros porque tocam, outros porque são novos figurantes” (cf. Apêndice 10B e 10C).

Quando questionadas sobre a existência de críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal, salientam a comunicação como sendo deficiente, e afirmando mesmo que existe “uma falha de comunicação muito grande”, bem como a falta de receptividade decorrente desse aspeto (cf. apêndice 10B e 10C).

A sra. Sandrina Faustino também afirma e reconhece as rivalidades que existem entre lugares, e do ponto de vista que partilhou também sabe que “não há melhor do que a cultura e o turismo para as pessoas se juntarem, para as pessoas colaborarem, e para as pessoas andarem. Portanto, é um papel muito importante que as coletividades têm. Tem havido progressos e tem acontecido e vai haver mais, e que há boa vontade, e que faz parte dos objetivos de cada uma das coletividades, mas ainda falta” (cf. Apêndice 10B e 10C).

Com esta noção de que pode ser feito muito mais e melhor com a colaboração de todas as coletividades e toda a população, as sras. Sandrina e Sílvia fazem questão de voltar a mencionar o quão rica é a Freguesia do Arrabal e o quão diversa se revela pelas várias áreas que engloba em si, desde a cultura ao desporto. Deste modo, afirmam que “não há melhor do que a cultura e o turismo para as pessoas se juntarem, para as pessoas colaborarem e para as pessoas andarem. Portanto, é um papel muito importante que as coletividades têm” (cf. Apêndice 10B e 10C).

Respeitante às atividades que poderiam ser ainda mais desenvolvidas futuramente, e de acordo com o mencionado anteriormente, podemos perceber que cada coletividade puxa para si, e esta não é exceção. Para o CRDS, o seu objetivo futuro é poder ter a participação de mais entidades parceiras na dinamização do evento Enterro do Bacalhau, independentemente do tipo de atividades que as coletividades/associações desenvolvam, aproveitando o que de melhor cada um tem para dar, completando e enriquecendo ainda mais o cortejo.

2.1.10 GRUPO DESPORTIVO E RECREATIVO DO SÃO BENTO

O Grupo Desportivo e Recreativo de São Bento (GDRSB) foi fundado a 18 de março de 2003, participando e promovendo diversos eventos a nível desportivo e recreativo, sendo atualmente presidido, desde há seis anos, pelo sr. Fernando Bernardino, de 47 anos.

Esta entrevista foi um tanto ou pouco engraçada, tendo em conta que as respostas que me foram dadas pelo presidente da associação eram tão curtas e tão pouco conclusivas que me dificultaram imenso a análise da entrevista, tendo de me basear no que eu conheço da instituição e da relação que habitualmente estabeleço na JFA.

Fernando Bernardino tem lutado em prol da promoção do desporto na freguesia que, segundo afirma, tem vindo a cativar novos públicos, dando a oportunidade a todos para praticar desporto. Descrevendo o quotidiano do clube, consegue-se perceber que, no que diz respeito à dinamização de atividades colaborativas, a atividade não é regular, porém, e como acontece em outras entidades, quando a oportunidade surge é bem aceite. Por outro lado, o entrevistado afirma ter consciência de que o trabalho em rede poderá ser sempre melhorado, exigindo “mais atenção da parte das pessoas que gerem” e possivelmente do presidente, que, “se tivesse mais tempo, possivelmente as coisas seriam melhores” (cf. Apêndice 11B e 11C).

Embora haja margem de melhoria, o mesmo afirma não ter críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal, destacando como exemplo positivo o programa Freguesia Ativa, considerando “que é um trabalho muito bom que a freguesia tem feito”, principalmente para a população sénior que não se encontra no ativo (cf. Apêndice 11B e 11C).

O programa Freguesia Ativa é aplicado pelas Juntas de Freguesia do concelho de Leiria, com o objetivo de promover a atividade física junto do público sénior (maior de 55 anos), cujo preço se assume como um valor simbólico, tendo em conta que há duas aulas por semana. O que se pretende, essencialmente, com este programa é que seja possível proporcionar a esta população uma atividade física adequada, contribuindo assim para a gradual melhoria da saúde e qualidade de vida, por meio da independência funcional individual, ao mesmo tempo que se promove o convívio e integração social (CML, 2014).

Logo, como consequência do primeiro objetivo, e de acordo com o que fui observando ao longo da minha atividade profissional na JFA, a massificação da prática desportiva tornou-se mais evidente, contando neste momento com cerca de 52 inscritos. A maioria tem vindo, progressivamente, a conseguir recuperar a mobilidade que havia perdido há

algum tempo, e outras tentam mantê-la, acabando todos por usufruir de um ambiente de convívio.

Uma nota que pretendo acrescentar é o facto de, na questão sobre a existência de atividades em rede desenvolvidas com outras entidades, o sr. Fernando Bernardino ter mencionado não haver nenhuma. Porém, esqueceu-se de mencionar a parceria ativa que desenvolve assiduamente com a JFA, ao ceder a carrinha do clube para efetuar o transporte de algumas utentes para as aulas de ginástica. Embora não o tenha reconhecido como uma atividade em rede, há que salientar que se não fosse disponibilizado este transporte, o programa Freguesia Ativa não teria a mesma abrangência a nível de população, como tem tido até aos dias de hoje.

Dado a dificuldade em obter respostas do mesmo com informação, não consegui perceber que tipo de atividades o mesmo deseja desenvolver futuramente, não apenas ligadas ao desporto, mas sim como parte integrante da atividade dinamizada.

2.1.11 AGRUPAMENTO DE ESCUTEIROS 1167 – ARRABAL

Este Agrupamento de Escuteiros do Arrabal (AEA) nasceu da vontade de pais que, preocupados com o futuro dos seus filhos, começaram a reunir desde 1994, iniciando as atividades em outubro de 1996 auxiliados por chefes de outros agrupamentos, de quem eram amigos, fazendo as promessas em abril de 1997, já com crianças a frequentar (cf. apêndice 12B e 12C). O AEA é atualmente liderado pelo sr. David Santos, de 59 anos, que se encontra no seu segundo mandato enquanto presidente, contando também com outros mandatos assumidos anteriormente desde a criação do grupo.

No que diz respeito ao impacto que o AEA tem na Freguesia, e de acordo com a opinião do entrevistado, é misto, dado que “o agrupamento de escuteiros está muito ligado à igreja católica [...], portanto, nem toda a gente vê da mesma forma que aqueles são crentes, as pessoas são crentes, veem que realmente ajuda, os valores são ligados à igreja, não são só os valores da igreja, mas também estão ligados. Para aquelas pessoas que estão mais afastadas da igreja, é uma indiferença, é um grupo que andam ali pelos campos e fazem algumas brincadeiras e não ligam muito. Mas a grande maioria tem uma boa impressão dos escuteiros” (cf. Apêndice 12B e 12C).

Quanto ao trabalho dos escuteiros na dinamização de atividades em colaboração com outras coletividades, o mesmo não tem existido, o que de acordo com o que o entrevistado menciona, ultimamente tem “combatido um pouco isso, porque há pouca abertura à comunidade e às outras associações, dado que “o agrupamento tem andado muito fechado para si próprio” (cf. apêndice 12B e 12C). O sr. David Santos refere que sempre sentiu isso, e que talvez isso se deva em certa parte aos “movimentos da direção”, chegando mesmo a afirmar que “tem a ver com os elementos que têm composto as direções porque, se eles forem mais abertos para as outras associações, há interação entre elas” (cf. apêndice 12B e 12C). Porém, também afirma que a resistência não é unicamente de um lado, sendo que as outras entidades também oferecem alguma resistência. Ou porque não se enquadram, ou porque estão única e exclusivamente focados no desenvolvimento da sua entidade, o que não impede de todo a existência de parcerias (cf. Apêndice 12B e 12C). Tendo em conta esta informação, o mesmo confirma ter consciência de que todas elas se podiam agregar, mas uma vez que a decisão não passa diretamente por eles, enquanto Agrupamento, mas sim enquanto associação, que é o Corpo Nacional dos Escutas, só pode atuar mediante o *feedback* positivo dessas entidades.

Quando questionado sobre se existia a possibilidade de o trabalho em rede na freguesia ser melhorado, o sr. David Santos respondeu positivamente, salientando como principais estratégias a existência de intercâmbios e dinamização de diversas atividades em que seja possível ajudarem-se mutuamente, cativando novo público e, intrinsecamente, a partilhar experiências.

Por outro lado, e num ponto mais à frente, o sr. David Santos destaca algumas críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal, entre as quais o *Trail* do Dragão, inserido na primeira edição do Arrabal em Movimento, que atraiu muita gente à Freguesia do Arrabal, porém “ao fim de alguns anos as pessoas também acabam por se cansar, se saturar”, perdendo o seu destaque, devido à população ser relativamente pequena e com muitas associações, tendo em conta que existem elementos que estão inseridos em várias entidades (cf. Apêndice 12B e 12C).

No término da entrevista, e de um modo geral, deixei que o entrevistado pudesse referenciar algo relacionado com o trabalho colaborativo na freguesia, o qual fez questão

de aproveitar e evidenciar vários aspetos, entre eles a atribuição da responsabilidade à JFA no estabelecer de ligações, que embora difícil, tanto a atual Presidente como o anterior têm vindo a desenvolver esforços nesse sentido, mas sempre sem sucesso, de acordo com os objetivos pretendidos, embora com resultados. Outro dos pontos que fez questão de salientar é a articulação de esforços entre coletividades/associações, a nível de horários, (particularmente) mas também a nível de agendamento das datas de diversos eventos que, por vezes tende a coincidir entre si, bem como a respetiva divulgação de forma a que a informação chegue à população e, conseqüentemente, os eventos tenham aderência por parte do público.

Neste caso em concreto, e embora o evento Arrabal em Movimento também tenha sido mencionado ao longo da entrevista, uma das atividades em rede mais desenvolvida na freguesia, mencionada também ao longo desta entrevista, foi o *Trail* do Dragão. Esta teve três edições, nas quais os escuteiros se envolveram quer na organização, quer na marcação de percursos e apoio ao longo do percurso, quer na alimentação em colaboração com outras associações/coletividades.

Dada a sua polivalência na dinamização de atividades, embora os escuteiros não tenham uma participação tão regular nas atividades da Freguesia, quando envolvidos primam pela qualidade através de empenho e dedicação, sendo facilmente integrados em atividades de animação comunitária.

2.1.12 JUNTA DE FREGUESIA DE ARRABAL

Considerando a opinião de todos os representantes das coletividades sediadas na Freguesia de Arrabal, senti a necessidade de entrevistar também representante do órgão político da Freguesia, que atualmente é presidido por Helena Brites, Presidente da JFA.

Respeitante à história da freguesia, esta foi criada em 1592, quando o Bispo D. Pedro reuniu os lugares das freguesias de S. Martinho (Leiria) e de S. João de Espite (Ourém), originando assim a Paróquia do Arrabal, que ocupa aproximadamente uma área de 24 Km² no sul do concelho de Leiria (Freguesia de Arrabal, s.d.).

No ano de 1592 foi criada a Freguesia de Santa Margarida do Arrabal, em honra da mesma Santa Margarida, num local onde existia uma ermida consagrada à mesma. Os primeiros

dados da população da Freguesia que se conhecem vêm referidos no Couseiro, e referem-se à mortandade causada pelas invasões francesas, que significou uma perda de cerca de 38% do total da população da Freguesia (Freguesia de Arrabal, s.d.).

Tendo em conta as eleições autárquicas de 2017, a liderança da presidência de JFA, assumida por Helena Brites, enquadra as suas preocupações e propostas na primazia do apoio à população, em todas as suas vertentes, histórico, social, cultural, desportiva, entre outras, tentando tentado gerir de alguma forma as tensões e vontades de cada um, bem como tentar promover a criação de laços entre as coletividades (Freguesia de Arrabal, s.d.).

A atual presidente tem 42 anos e encontra-se na presidência da Junta há já cinco anos, ou seja, neste momento, encontra-se no segundo mandato. No que diz respeito ao impacto da JFA na freguesia, a entrevistada faz questão de salvaguardar que a mesma “continuou a levar a cabo, digamos assim, as atividades que já existiam e que são da sua responsabilidade nos diversos âmbitos, mas abriu também áreas novas”. Áreas essas que constituíram, do seu ponto de vista, “o principal impacto, nomeadamente ao nível de uma maior coesão cultural e divulgação da cultura e da artística da nossa freguesia, sobretudo, e também na divulgação”. Também destaca o facto de existir “uma relação de proximidade com a população, e que as pessoas sabem disso” (cf. Apêndice 13B e 13C).

Com o decorrer do questionário percebe-se que as atividades desenvolvidas pela JFA, ou em parceria com a mesma, são muitas e bastante variadas, como é o caso do Dia da Criança e o Arrabal em Movimento. Fazendo uso das palavras da Presidente Helena Brites, é “onde há atividade colaborativa a nível gastronómico, a nível cultural, a nível desportivo”, tentando envolver o máximo possível o associativismo da freguesia, realizando-se uma vez por mandato e contando já com a segunda edição em 2018. “Portanto, é o associativismo da freguesia, constituído por 18, 19 instituições em dois, três dias de gastronomia, cultura e atividade desportiva, tudo prata da casa”, sendo o Arrabal em Movimento considerado o evento mais importante da Freguesia, no que diz respeito a diversidade e desenvolvimento das relações (cf. Apêndice 13B e 13C).

Porém, a Presidente Helena Brites considera que poderá haver melhorias, salientando algumas, como uma maior frequência de vezes em que o evento ocorre, de modo a que

haja uma partilha de espaços e dinâmicas entre as várias entidades. Tudo isto fazia parte de uma “estratégia de liderança para ir rompendo com este tipo de divisões, digamos assim”, estratégia essa que passava por “colocar, repetidamente, as pessoas a trabalhar em conjunto”. A entrevistada acredita que “esse objetivo vai sendo tanto mais conseguido, quanto mais vezes isso for acontecendo”. Por outras palavras, o objetivo, segundo a mesma, passa por superar as divisões/bairrismos existentes entre os lugares da freguesia, criando assim a identidade da Freguesia no seu todo, ao unir os seus habitantes, tornando este tipo de atividades/eventos numa rotina.

Como atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida, a Presidente Helena Brites comenta que gostaria de desenvolver a “criação dos roteiros, os roteiros da freguesia”, que poderiam abordar “desde o património natural ao património religioso, ao património histórico, onde podemos realmente envolver estas diversas valências dos diferentes lugares, pondo essas pessoas a trabalhar em conjunto, de maneira a conseguirmos criar um roteiro que possa dar a conhecer a freguesia, e que, simultaneamente, possa ser mais um projeto que sirva para unir pessoas” (cf. Apêndice 13B e 13C).

Quando questionada sobre possíveis críticas que tenha em relação às atividades de animação ou intervenção desenvolvidas até ao momento na freguesia, a mesma redireciona a questão e responde segundo aquilo que acha ser a perspetiva da população sobre as atividades desenvolvidas pela JFA. Afirma que as atividades promovidas pela JFA, por si só, são muito alvo de críticas, e embora não particularizando nenhuma em especial, deixa bem claro que críticas existem em todo o lado e decorrem porque há atividade a decorrer, independentemente do contexto. Salienta também, como possível justificação da existência dessas críticas, o facto de a população ser heterogénea, no que diz respeito aos gostos e preferências. Enquanto uns gostam mais de cultura, outros apreciam mais as obras públicas. Como a mesma ressalta, “cada uma sente as necessidades ou as suas prioridades de acordo com o seu ponto de vista”, resultando em críticas como “a Junta (JFA) apostou pouco em espaços verdes”, “a Junta (JFA) fez pouca obra pública”, “a Junta só pensou em cultura e descuidou outras áreas” (cf. Apêndice 13B e 13C). No fundo, irão existir sempre críticas, independentemente do que se faça.

Para finalizar, a Presidente Helena Brites faz questão de ressaltar que, desde o seu primeiro mandato, o objetivo em mente era, acima de tudo, trabalhar a cultura e abrir, de certo modo, as mentes da população residente para aquilo que de património artístico e cultural que a Freguesia possui. Afirma mesmo que o “trabalho colaborativo é das coisas que mais nos enriquece, ou seja, a Junta de Freguesia (JFA) não existe para liderar sozinha com o executivo de três pessoas. Portanto, todas as atividades que promovem a colaboração, ou de instituições, ou de coletividades, ou de terceiros, ou de colaboradores, ou de voluntários, são de facto aquelas que mais nos enriquecem” e a “mentalidade deste executivo é precisamente romper com a ideia de que os líderes lideram sozinhos e não mandam sozinhos, portanto um bom líder é aquele que motiva é aquele que envolve, e aquele que trabalha o mais possível em conjunto com a população e a comunidade” (cf. Apêndice 13B e 13C).

Como desejo de atividade futuramente a ser implantada, mencionou os roteiros históricos, que para além de reunir as associações/coletividades de modo a desenvolver um trabalho mais em rede, daria também a conhecer de um modo mais aprofundado a freguesia (cf. apêndice 13B e 13C). Porém, há que ter em conta que é a vontade de uma única pessoa que aqui está em causa e que, portanto, a atividade que irei propor como projeto, como já havia salientado anteriormente na introdução, não poderá resumir-se única e exclusivamente a uma só voz. Posto isto, terei de perceber os interesses individuais das instituições, descobrir ideias em comum e tentar conciliar, e só a partir daí é que poderei desenvolver o meu projeto com base no resultado obtido.

2.1.13 IGREJA

A Igreja Matriz da Freguesia do Arrabal foi construída no século XVI, em dedicação a Santa Margarida (Freguesia de Arrabal, s.d.), e atualmente tem como pároco o Padre António Faria de 75 anos de idade. Este encontra-se nesta freguesia há cerca de 17 anos e empenha-se em conhecer bem o seu povo, considerando que a Igreja é uma das principais componentes desta Freguesia, e por consequência, um local de passagem comum a muitas pessoas e gerações. Como o Padre Faria menciona, boa “parte da vida das pessoas gira em volta da Igreja, que é o seu centro de atenção, o seu centro de preocupações e centro, mesmo daquelas pessoas que andam assim, mais distantes, há um momento e há um dia que passam pela Igreja. Mas a Igreja não é tanto a casa, não é o

edifício. A Igreja é a comunidade cristã” (cf. Apêndice 14B e 14C). O facto de me receber de braços abertos e manifestar interesse no meu projeto fez com que a entrevista fosse bastante produtiva e não abordasse unicamente a parte religiosa, mas também a parte mais prática do associativismo.

Logo, e tendo em conta que a Freguesia do Arrabal “é uma comunidade profundamente cristã, [...] com laços cristãos, com tradição cristã e com convicção cristã, e [...] valores cristãos”, podemos verificar que o seu impacto é bastante demarcado e acentuado (cf. Apêndice 14B e 14C). Reforçamos esta ideia quando o mesmo, em resposta à existência de atividades que a igreja desenvolve colaborativamente com outras entidades, afirma “que toda a vida da paróquia e da comunidade está ligada, de alguma maneira, às outras instituições. Mas há umas que mais” como por exemplo, entre outras tantas, os escuteiros (cf. Apêndice 14B e 14C).

Em relação à melhoria desse mesmo trabalho, é mais um entre muitos entrevistados a afirmar que pode ser melhorado, na “medida em que as pessoas se possam disponibilizar” e se queiram comprometer. Traduzindo por outras palavras, não consiste numa função que se tem de fazer obrigatoriamente, mas sim colaborar de mente aberta e, voluntariamente, fazer parte do grupo em questão (cf. Apêndice 14B e 14C).

Embora o Padre António Faria não tenha críticas a apontar ao trabalho desenvolvido na Freguesia, salienta apenas um problema que tem vindo a sentir ao longo do tempo. Mais uma vez, é mencionado no decorrer das entrevistas que realizo, como o facto de haver muitas iniciativas em simultâneo, muitas atividades, o que por vezes acaba por colidir entre si, dificultando a capacidade de dar resposta a todas as atividades a decorrer, independentemente de ser de carácter desportivo, gastronómico ou cultural. Resumindo, e fazendo uso da expressão do mesmo, “o Arrabal tem muitas coletividades, 17 ou 18, mas parece-me que se atropelam um pouco umas às outras, a certa altura não há nem espaço, tempo, nem pessoas para desenvolver essas atividades”.

Como solução, afirma que se soubesse já a tinha dado. Segundo o mesmo, o que complica tudo é que cada instituição tem o seu fim e um objetivo diferente para o qual trabalha, e que a JFA já tentou solucionar esse mesmo problema através de uma espécie de programa, no entanto sem resultados muito concretos, pois ainda se continuam a verificar atividades

variadas aos domingos e nos mesmos horários (cf. Apêndice 14B e 14C). Posto isto, o Padre António Faria fez questão de exemplificar com um episódio pessoal:

“Eu, quando cheguei, fiquei muito entusiasmado e queria até estar em todo o lado, isto é, para participar, para acompanhar, e a certa altura pensei assim “não é possível, o melhor é ... também podia ser uma atitude budista mas não se consegue responder”. Ir a uma, não estar noutra, apoiar aqui, não estar acolá. É melindroso e agora, pronto, é assim” (cf. Apêndice 14B e 14C).

No entanto, o mesmo, perante a possibilidade de realização de atividades em rede no futuro, manifesta um foco exclusivo para a igreja, chegando mesmo a transparecer a exaustão sobre a frequência de tanta atividade que se realiza na Freguesia, não sugerindo nenhuma em especial, mas destacando sempre a fundamental presença dos escuteiros e o trabalho desenvolvido na catequese.

2.2. ANÁLISE COMPARATIVA DAS ENTREVISTAS

Após esta análise individual feita sobre cada entrevista realizada com os dirigentes das associações, conseguimos perceber, numa primeira fase, que a maior parte dos entrevistados é do sexo masculino. As faixas etárias predominantes são os 40 e os 50 anos. Porém, de um modo geral, foi possível observar que metade dos inquiridos se encontra a dirigir a sua associação há um tempo igual ou inferior a 10 anos

Numa segunda parte pude verificar que, respeitante ao impacto que as associações pensam ter na freguesia, este se apresenta como maioritariamente positivo, podendo o mesmo ser constatado através de testemunhos de alguns representantes das entidades. Estes testemunhos baseiam-se, essencialmente, no tipo de atividades que desenvolvem e na exclusividade das mesmas, bem como a aderência às mesmas, como é o caso do GCA em que o sr. Manuel Brites acha que esse impacto é “aceitável, porque não há cá mais nenhuma coisa desse género” (cf. apêndice 3B e 3C). Já o RFF assenta numa avaliação diferente feita pelo sr. Jorge Ferreira, que afirma “que é um impacto bastante grande, não só pelo número de elementos que o próprio grupo tem,” mas “também nas atividades que realiza e que têm também muita adesão” (cf. apêndice 4B e 4C). No entanto não são os únicos, pois Lúcio Crespo fundamenta o impacto positivo da FLSM na freguesia como uma benesse, ao referir “o acolhimento das crianças, a possibilidade que a gente tem. Ao acolher cá as crianças é dar possibilidade para que os pais procurem a sua subsistência”

(cf. apêndice 5B e 5C). Destaco ainda a resposta da Diretora Técnica do LSA, ao atribuir o seu impacto ao facto de ser a “única instituição de apoio aos idosos na freguesia”, em que muitas vezes não conseguem “dar resposta a todos os pedidos da freguesia” (cf. apêndice 6B e 6C). Destaco também a resposta dada por David Santos, quando o mesmo aborda um ponto sensível, que é o facto de que “nem toda a gente vê da mesma forma” (cf. apêndice 12B e 12C) uma vez que são um grupo religioso.

De modo a compreender um pouco mais sobre o trabalho das associações/coletividades, procurei perceber se existem atividades que as mesmas desenvolvem colaborativamente com outras, e caso existam, quais são.

Na maioria das entrevistas foi mencionada essa existência, salvo raras exceções como é o caso da CP, do CIRCAV e até mesmo dos escuteiros, que justificam essa ausência de trabalho colaborativo devido à “pouca abertura à comunidade e às outras associações”. O sr. David Santos chega mesmo a afirmar que sente “que o agrupamento (AEA) tem andado muito fechado para si próprio. Sempre senti isso, e se calhar tem um pouco a haver com os movimentos da direção” (cf. apêndice 12B e 12C).

Ainda dentro desta pergunta, podemos encontrar um vasto leque de atividades dinamizadas em parceria, entre elas o Arrabal em Movimento e o Dia da Criança, que foram as atividades mencionadas o maior número de vezes. No entanto, a lista não se resume a apenas a duas atividades, podendo incluir eventos como o Festival do Feijão, o Enterro do Bacalhau, as Novas Primaveras, a Festa de Natal do Lar, o Projeto Rostos, os postais de Natal, o festival de teatro comunitário dos Novos Ventos, os festejos dos Santos Populares, o *Trail* do Dragão, entre muitas mais. Nunca esquecendo que vários entrevistados, à semelhança de Lúcio Crespo, mencionaram estar “sempre disponíveis para desenvolver outro tipo de atividades, sempre que nos venham propor isso” (cf. apêndice 5B e 5C).

Um aspeto é consensual, todos concordam que o trabalho colaborativo pode ser melhorado, defendendo, de um modo geral, e usando as palavras do sr. Luís Bernardino, que “o sucesso passa pela união” (cf. Apêndice 1B e 1C). O sr. Jorge Ferreira justifica a sua opinião afirmando que tudo depende das “vontades das próprias associações”, e que seria muito mais frutífero “começar a pensar em freguesia” (cf. apêndice 4B e 4C). Tal

opinião, é ainda mais reforçada por Sandrina Faustino, mediante a existência de “abertura, não só para convidar, como também para aceitar o convite, e isso é preciso de ambas as partes” (10B e 10C).

Posto isto, solicitei aos entrevistados um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida, de onde saíram muitas atividades diferentes. Porém, a mais mencionada foi o Arrabal em Movimento que, dado a estrutura que teve e o facto de ser uma atividade de mediação comunitária e em rede com as coletividades, resultou num evento de qualidade, com um *feedback* bastante positivo. No entanto, apresentou alguns pontos negativos possíveis de melhorar, podendo ser melhorados ao colocar “repetidamente, as pessoas a trabalhar em conjunto”, acreditando que tal pode ser melhorado “quanto mais vezes isso for acontecendo” (cf. apêndice 13B e 13C). De acordo com o sr. Luís Bernardino, se este evento “fosse realizado de modo individual não iria resultar do modo esperado (cf. apêndice 1B e 1C).

De modo a avaliar de um ponto mais completo o ponto de vista dos entrevistados, questionei também sobre a existência de críticas em relação às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal e quais eram. Foram realçadas muitas críticas positivas, em que no geral elogiaram o trabalho desenvolvido na freguesia. Tal é possível de perceber na resposta da dra. Liliana Brites, ao mencionar que pensa “que se têm dinamizado várias atividades que vão de encontro de toda a população” (cf. apêndice 6B e 6C), salientando que é um bom sinal a existência das mesmas. No entanto, consegui ter acesso a diversas críticas como, “o facto de serem bastantes as atividades individualizadas e sobrepostas, o que resulta numa fraca aderência, e caso contrário, se fossem realizadas em conjunto, teriam muito melhores resultados” (cf. apêndice 1B e 1C), assim como o “facto de cada instituição/associação ter as suas instalações e muitas delas serem pouco usadas, e quando necessárias, apresentam instalações pouco condignas” (cf. apêndice 1B e 1C), mencionado pelo sr. Luís Bernardino. Mas não só, agregada a esta sobreposição de eventos o sr. David Santos acrescenta o facto de as pessoas pertencerem a uma pequena população, acabando muitas vezes por “haver elementos que estão em várias associações, e as pessoas não se podem partir ao meio” (cf. apêndice 12B e 12C). Como menciona a Presidente de Junta Helena Brites, “críticas há em todo o lado, agora isso também é um sinal claro de duas conclusões.

[...] Se mexemos, obviamente, que somos criticados, e se somos criticados é porque fazemos e, portanto, lidamos muito bem com essas críticas” (cf. apêndice 13B e 13C).

Como o grupo de entrevistado é bastante heterogéneo, nem todos tiveram críticas a apontar em relação às atividades de animação, como foi o caso do sr. Fernando Brites, do sr. Lúcio Crespo e da dra. Liliana Brites. O sr. Manuel Brites justificou a sua posição questionando-se sobre “quem sou eu para criticar esse tipo de coisas. [...] criticar esse trabalho, penso que era ir longe demais” (cf. apêndice 3B e 3C), considerando que cada coletividade dinamiza as atividades dando o melhor de si e com um empenho máximo.

Outras das perguntas aplicadas, e apenas destinada aos representantes das filarmónicas da freguesia, foi sobre o projeto SOAR e sobre o que representou a criação do mesmo para ambas as filarmónicas, tendo em conta que é um exemplo direto de mediação, e que contribuiu para a união das duas filarmónicas. Ambos destacaram o facto de se tratar de, segundo o sr. Luís Bernardino, “um aproximar, mas o tocar em conjunto [...] resulta noutra trabalho de qualidade, que não teríamos se não fosse assim feito” (cf. apêndice 1B e 1C). O sr. Sérgio Ferreira partilha da mesma opinião, ao afirmar que para si “foi agradável ver, ao vivo mesmo, uma coisa que muita gente imaginava que não seria possível ao ver as duas filarmónicas juntas” (cf. apêndice 2B e 2C), finalizando o seu raciocínio com a convicção de que “foi um passo bastante importante para mostrar às pessoas, de uma vez por todas, que já não havia nenhuma intriga entre elas” (cf. apêndice 2B e 2C).

Dado que a última pergunta permite ao entrevistado abordar algo do seu interesse ou algo que se tenha esquecido de mencionar ao longo da entrevista, muitas foram as sugestões de atividade abordadas. A dra. Liliana Brites, do LSA sublinha a falta de transporte dos idosos em que, “nalguns casos, [...] não têm família para se deslocarem ao Centro de Saúde” (cf. apêndice 6B e 6C). O sr. Sérgio Ferreira, da SFSA, sugere a criação de “um espaço na freguesia, tipo um pequeno pavilhão multiusos, um anfiteatro, em que todas as coletividades contribuíssem para a construção total [...] Não é fácil, eu sei que não é fácil porque cada um olha para o seu umbigo” (cf. apêndice 2B e 2C).

De modo a dar por finalizada esta análise é importante perceber que o facto de haver colaboração e um trabalho em rede se traduz num resultado de qualidade superior. De

acordo com a Presidente Helena Brites, o “trabalho colaborativo é das coisas que mais nos enriquece. Portanto, todas as atividades que promovem a colaboração, [...] são de facto aquelas que mais nos enriquecem” (cf. apêndice 13B e 13C). O objetivo é “romper com a ideia de que os líderes” (cf. apêndice 13B e 13C) lideram sozinhos e que para tal um “bom líder é aquele que motiva, é aquele que envolve e aquele que trabalha o mais possível em conjunto” (cf. apêndice 13B e 13C).

Em síntese, os aspetos negativos apontados pelos entrevistados das catorze instituições passam pelo elencar das seguintes questões: O individualismo, que não se sente apenas no dia à dia, mas, também nas atividades que são realizadas em conjunto, quer seja no Arrabal em Movimento quer seja no Trail do Dragão (cf. apêndice 4B, 4C, 8B, 8C, 9B e 9C). Este individualismo no dia à dia, acaba por conduzir a outro aspeto negativo que é a sobreposição de eventos, fator comum mencionado em quase todas as entrevistas, uns de um modo mais direto que outros (cf. apêndice 1B, 1C, 9B, 9C, 14B e 14C) , e que, de certo modo tem vindo a prejudicar em muito o trabalho das coletividades ao impedir que haja projeção e aderência aos eventos, outro dos aspetos negativos também mencionado.

Como seria de esperar, a população da freguesia de Arrabal é uma população cada vez mais envelhecida, e a parte que participa em eventos é, na maioria das vezes, sempre a mesma (cf. apêndices 12B, 12C, 14B e 14C) quer seja, movida por afinidade à entidade organizadora, quer seja movida pelo bairrismo, que embora já não seja tão acentuado, ainda se sente no que diz respeito à dinamização de eventos (cf. apêndices 4B e 4C). Isto é válido para quem organiza os eventos também, pois muitos deles estão inseridos em várias coletividades em simultâneo já há bastante tempo. E são esses que acabam por dinamizar as atividades de duas ou três coletividades em simultâneo (cf. apêndices 12B, 12C, 14B e 14C).

A ajudar a tudo isto, podemos mencionar também as instalações que se apresentam em grande número e todas elas com fracas condições, como foi possível verificar na análise da entrevista a Luís Bernardino (cf. apêndices 1B e 1C)

Face a isto tudo, em termos de propostas apresentadas, é consensual entre os entrevistados o esforço que tem vindo a ser feito pela JFA ao tentar gerir os eventos por meio de uma agenda anual, mas até à data com poucos resultados, salientando que o mesmo, de acordo

com a opinião dos entrevistados deve de ser continuado conferindo à JFA o papel de mediador entre as partes e assim manter a ordem e uma gestão adequada dos eventos. (cf. apêndices 4B, 4C, 10B, 10C, 12B, 12C, 13B, 13C, 14B e 14C)

Outras das sugestões dadas passa pela partilha e representação das várias coletividades nos eventos que as restantes dinamizam, esperando assim trazer mais público consigo e diversificar a população, promovendo assim, não só a criação de laços entre as coletividades, como também um intercâmbio de públicos (cf. apêndices 2B, 2C, 10B e 10C).

Em relação às instalações das coletividades que se encontram espalhadas pela freguesia e as suas fracas condições, há quem tenha mesmo sugerido a construção de um pavilhão multiusos financiado pelas diversas coletividades (cf. apêndices 2B e 2C).

Já o Arrabal em Movimento foi criticado por ter espelhado o individualismo que se faz sentir na freguesia entre as coletividades e conseqüentemente entre os lugares (cf. apêndices 4B e 4C), ressaltando a necessidade da continuação deste evento dado que, é uma estratégia para unir as coletividades e que, o sucesso da mesma irá depender da quantidade de vezes que o evento seja repetido (cf. apêndices 13B e 13C).

Por último e de acordo com todas as propostas sugeridas pelos entrevistados, o que me chamou mais atenção, e que vai de encontro às necessidades levantadas ao longo das entrevistas, foi a sugestão de Renato Brites, o presidente do CIRCAV, que sugeriu a possibilidade de criar um evento, semelhante ao Arrabal em Movimento, só que desta vez deslocalizado, não se focando única e exclusivamente num local, mas percorrendo vários espaços e lugares diferentes da freguesia (cf. apêndices 9B e 9C).

A planificação e aplicação/execução do projeto (Serrano, 2008) que surgiram no capítulo seguinte terão em conta as críticas e sugestões aqui abordadas.

CAPÍTULO 3 – PLANIFICAÇÃO

De modo a dar início ao capítulo da Planificação, irá ser realizada uma breve caracterização da freguesia na qual se vão desenvolver as atividades, uma breve caracterização do “Arrabal em Movimento”, como modelo de referência já realizado anteriormente e exemplo de atividade a ser melhorada referida pela maioria dos entrevistados, e a atividade a ser desenvolvida na freguesia enquanto projeto de mestrado.

Segundo Serrano (2008, p. 37), “uma vez tomada a consciência do diagnóstico do projeto social estamos em condições de realizar a sua planificação. Qualquer ação social necessita de ser planificada. A planificação implica saber onde estou ou qual o ponto de partida, com que recursos posso contar e que procedimentos vou utilizar para alcançar as metas, mediante a realização de atividades que desenvolvem os objetivos programados a curto, médio e longo prazo”.

3.1. CARACTERIZAÇÃO DA FREGUESIA

Em 1592, o Bispo D. Pedro reuniu os lugares das freguesias de S. Martinho (Leiria) e de S. João de Espite (Ourém), criando a Paróquia do Arrabal que ocupa aproximadamente uma área de 24 Km², no sul do concelho de Leiria.

“No ano de 1592 foi criada a Freguesia de Santa Margarida do Arrabal em honra da mesma Santa Margarida, num local onde existia uma ermida consagrada à mesma. [...] Os primeiros dados da população da Freguesia [...] que se conhecem, vêm referidos no Couseiro e referem-se à mortandade causada pelas invasões francesas que significou uma perda de cerca de 38% do total da população da Freguesia.

Fazendo uma análise do crescimento demográfico a partir desta data, constata-se um aumento de população entre os anos de 1811 e 1890 de 888 habitantes, ou seja, em 79 anos a população triplica, passando de 537 para 1526 residentes. De 1890 a 1960 a população continua a crescer [...] [passando] de 1526 para 2224 residentes. Na década de 60 verifica-se a primeira diminuição da população

residente, menos 194 habitantes, facto devido ao fenómeno da emigração. [...]”
(Freguesia de Arrabal, 2014).

De acordo com os últimos Censos, de 2011, a população apresenta um crescimento com um total de 2690 habitantes distribuídos pelos 12 lugares da freguesia, sendo eles o Arrabal, Curvachia, Casal dos Ferreiros, Cardosos, Martinela, Freixial, Lagoa, Lagoinha, Várzea, Parracheira, Soutocico e Vale de Santa Margarida (Freguesia de Arrabal, s.d.e)

A atividade económica caracteriza-se essencialmente pelo sector primário, nomeadamente a agricultura, e pelo sector secundário, onde predomina a indústria têxtil, o comércio e a construção civil. A nível histórico, os vestígios arqueológicos apontam para a existência de população do período pré-romano na zona da Curvachia, e mais tarde do período romano na Várzea, sendo a principal prova o Forno de cerâmica referente ao século III encontrado em 1992. Em termos de património material podemos referir a Igreja Paroquial do Arrabal (construída no século XVI), a Capela da Martinela (datada de 1563), a Capela do Soutocico de 1610, o Museu Etnográfico do Freixial, a Mata da Curvachia e o Vale das Chitas (mata de carvalhos e vegetação mediterrânica de grande interesse ambiental).

A nível social, em termos de Instituições, podemos encontrar a Casa do Povo do Arrabal, a Fundação Lar Santa Margarida do Arrabal e o Lar Social do Arrabal. Em termos de Coletividades, estas são 16, divididas nas áreas social, desportiva e cultural.

Assim sendo, torna-se importante o desenvolvimento de atividades em rede com e para as instituições e coletividades residentes, respeitando sempre a identidade de cada associação/coletividade e, acima de tudo, respeitando a história e o património da freguesia. Sublinho esta necessidade de respeitar o património porque, é com base no mesmo que as coletividades e associações desenvolvem as suas atividades diariamente. Quando me refiro a património, refiro-me a “todo um conjunto de valores, práticas, rituais e ritos, com características e objetivos fixos e invariáveis, que são praticados de forma repetitiva, e cuja justificação se encontra na sua história” (Teixeira, 2014, p. 18).

Assim sendo, o “património pode não só incluir qualquer objeto, mas qualquer coisa não apenas física, mas também ideacional; não apenas as coisas que são ideias, mas também as ideias que são coisas” (Thompson, 1979, citado por Teixeira, 2014).

Com esta noção, verificamos que a base do que consideramos património é muito mais ampla e engloba não só os objetos e edifícios, como também os “locais, cantares, costumes, lendas e mitos, histórias e contos, processos criativos, danças, músicas (escritas e tocadas), marchas (populares e militares), alimentos, processos de confeção de comida, caça, jogos...” (Teixeira, 2014, p. 28) entre muitas outras que eu terei de ter em consideração e respeitar ao longo da planificação do projeto.

Uma vez que existe um total de 19 instituições/coletividades, a tarefa requer uma atenção redobrada uma vez que é uma população heterogénea, independentemente dos elementos que partilham. Estas instituições/coletividades possuem áreas de atuação distintas, tais como a nível social, cultural e recreativo, o que faz com que os seus interesses sejam diferentes entre si, resultando em tensões que necessitam de ser trabalhadas e prevenidas.

3.2. CARACTERIZAÇÃO DO EVENTO ARRABAL EM MOVIMENTO

A primeira edição do Arrabal em Movimento foi nos dias 26, 27 e 28 de setembro de 2014 (cf. Anexo 1), e decorreu nas imediações do edifício da JFA, ao passo que a segunda edição nos dias 28, 29 e 30 de Agosto de 2018 (cf. Anexo 2). Por uma questão de logística, esta segunda edição decorreu no recinto de festas da Igreja Matriz do Arrabal, onde foram dinamizadas mais atividades no âmbito do desporto, cultura e gastronomia, comparativamente com a primeira edição.

Este evento destaca-se porque, para além de envolver e promover o associativismo, pretende mostrar o que de melhor tem a freguesia, tendo inserido em si um espaço dedicado às exposições, onde artistas das mais variadas áreas são convidados a mostrar os seus trabalhos. Para além disto, os concertos também são assegurados por bandas da freguesia, tal como a gastronomia é assegurada pelas instituições/coletividades que assim o pretendam. Com isto pretende-se ajudar as coletividades a angariar fundos, já que muita delas não tem apoios e sobrevivem essencialmente de voluntariado (Camponês, 2018).

Por estes motivos, o evento “Arrabal em Movimento” tem tido destaque tanto a nível local, como no concelho de Leiria, como uma das maiores concentrações de associações/coletividades a trabalharem com um objetivo em comum. Este destaque deve-se também ao facto de se assumir como um exercício benéfico para a resolução de conflitos e aproximação entre todas as instituições/coletividades.

3.3 “À DESCOBERTA DA FREGUESIA”

Mediante todas as sugestões que me foram destacadas, irei elaborar um projeto/atividade, denominado “À Descoberta da Freguesia”, seguindo a base do evento “Arrabal em Movimento”. Irei adotar, também, a sugestão do sr. Renato Brites, apostando na deslocalização e descentralização do evento pelos vários lugares da Freguesia, de modo a dar resposta às dificuldades sentidas em edições anteriores do evento pelas restantes associações/coletividades. No entanto, nunca poderei esquecer que cada atividade será criada e atribuída a um grupo diferente de coletividades, mediante a sua área de atuação, de modo a que todos se empenhem na organização da mesma ao longo do evento.

De um modo mais detalhado, e de acordo com a tabela 1, o evento irá ser realizado durante o Verão de 2019, em período de férias escolares, mais propriamente no mês de Agosto, com datas a definir.

3.3.1 *SEGUNDA FEIRA*

Este evento terá início numa segunda feira, com uma abertura solene no Auditório da JFA, com a Presidente de Junta e o Presidente da Câmara Municipal de Leiria convidados a testemunhar e a dar início às comemorações, após um breve discurso. Nesta inauguração também estarão presentes todas as coletividades/associações e instituições da freguesia que, por meio da sua apresentação e divulgação de plano de atividades, pretende incentivar o público a aderir às atividades dinamizadas por outras coletividades, em lugares da freguesia que não o seu, aspeto também muito criticado ao longo das entrevistas. Após a abertura solene, considerarei também ser importante a realização de uma exposição de vários trabalhos de artistas residentes na freguesia, nas imediações da JFA, de modo a que seja reconhecido e valorizado o seu trabalho.

3.3.2 *TERÇA FEIRA*

No segundo dia do evento, terça-feira, o mesmo ir-se-á focar nos lugares de Freixial e Várzea, dado em conta a cultura que contêm em si e que preservam ano após ano, estabelecendo uma ponte entre o passado e o presente através dos costumes dos nossos antepassados. Assim sendo, e uma vez que as crianças são o público que representa

diretamente o nosso presente, decidi destinar este dia à FLSM, nas valências de creche e ATL, da AP e do MEF.

Durante o período da manhã irá decorrer a visita ao MEF, sendo que o almoço das crianças, como é habitual, será garantido pela FLSM. Os pais poderão trazer o seu ou então aproveitar para provar a gastronomia pela qual o RFF é conhecido, o festival do feijão. Durante o período da tarde, e tendo por base a visita ao MEF, as crianças são convidadas a desenvolver uma pequena peça de teatro em conjunto com os seus encarregados de educação e/ou familiares, onde esteja representado um pouco do que aprenderam na visita, fazendo uso das histórias e experiências dos seus pais para a conclusão da atividade proposta.

3.3.3 QUARTA FEIRA

No terceiro dia, quarta feira, os lugares escolhidos serão o Casal dos Ferreiros e os Cardosos, sendo que o local escolhido serão as imediações do edifício dos Bombeiros dos Cardosos, a Associação de Bombeiros do Sul do Concelho de Leiria 6ª Companhia dos Bombeiros Voluntários de Leiria (ABVL). É no espaço exterior ao edifício que se costuma realizar, no dia 16 de cada mês, a feira dos 16, em que a venda de artesanato e outros artigos constituem a principal atração. Para tal, decidi aproveitar esta tradição e destinar um dia a toda essa atividade, recorrendo a coletividades/instituições, como a CSVP, o RFF e a ABVL, de modo a proporcionar um dia bastante animado e cheio de tradição. Agregado a esta tradição, será realizado um espetáculo do RFF, bem como um leilão solidário, de modo a ajudar a CSVP que procura constantemente apoiar casos sociais da freguesia.

3.3.4 QUINTA FEIRA

Para a quinta-feira, os lugares escolhidos são o Vale de Santa Margarida e a Parracheira, que irão ter como local de convívio o recinto do CIRCAV. As atividades irão ser distribuídas ao longo do dia, e as instituições/coletividades responsáveis pelas mesmas são o CRDS, CCPM, o CIRCAV e a CP. Durante o período da manhã, o CRDS, o CCPM e o CIRCAV estarão responsáveis pela realização de uma caminhada para os adultos e de um *peddy-paper* para as crianças. No período da tarde o CRDS, a CP e o CIRCAV ficarão encarregues de organizar um concurso de talentos, em que qualquer um poderá participar.

3.3.5 SEXTA FEIRA

Na sexta-feira, as atividades irão decorrer no lugar de Martinela, cuja juventude desconhece o enorme campo desportivo que existe no topo do lugar, quase junto ao pinhal, o “Ring”, como é chamado. Este é o exemplo direto de alguns sítios que se encontram ao abandono, e embora os baixos muros de tijolos do campo estejam a cair, as condições ainda são bastante boas para a realização de algumas festividades. Logo, dado que este espaço, circundado de natureza, não é muito conhecido pela população mais jovem da freguesia, é importante dar a conhecê-lo. É com base nessa ideia, de regeneração, e na sugestão do sr. Renato Brites, que as atividades referentes ao período da manhã irão ser atribuídas ao AEA e ao CDRSB, consistindo assim na realização de torneios, como habitualmente era feito entre solteiros e casados. Na parte da tarde a intenção passa pela realização de jogos tradicionais e atividades intergeracionais, pelas quais as coletividades/associações responsáveis pela organização são, o LSA, a EB1, o RFF, o CRDSB, e o AEA. Com esta atividade pretende-se fazer um levantamento dos jogos mais jogados no tempo em que os idosos residentes no LSA eram jovens, ou tinham por costume brincar.

3.3.6 SÁBADO

No penúltimo dia de festa e de partilha interassociativa, intergeracional e de interação com a comunidade, o sábado é por si o dia de mais afluência e abertura por parte da população, pelo que os lugares da Freguesia escolhidos são Lagoa, Lagoinha e Soutocico. O local onde irão decorrer as atividades será o Parque da Charnequinha, por ser mais um espaço ao ar livre e pelas condições que oferece.

Ao longo deste dia, proceder-se-á à realização de um picnic musical, ficando ao encargo da SAMA, da SFSA e do GCA, evento sempre muito bem recebido por toda a população. Embora o picnic musical tenha tendência a prolongar-se ao longo da tarde, irão também existir atividades de verão, como o vólei de praia, ténis e até mesmo uma aula de zumba, dado existirem espaços adequados para a realização destes desportos, sob orientação do CRDS.

3.3.7 DOMINGO

No último dia, as coletivades/instituições são novamente chamadas a estarem presentes na missa Dominical, presidida pelo Padre António Faria, bem como a terem um espaço destinado à gastronomia tradicional por meio de uma tasquinha comunitária denominada “A tradição da Freguesia”, em que cada coletividade ficaria responsável por um prato específico. Esta última atividade tem como objetivo a promoção da união e a criação de laços entre as coletividades/associações, bem como da população dos diversos lugares da freguesia.

3.3.7 PLANIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES

Dia	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Lugar	Arrabal	Freixial e Várzea	Cardosos e Casal dos Ferreiros	Parracheira e Vale de Santa Margarida	Martinela	Soutocico, Lagoa e Lagoinha	Arrabal
Local	Auditório da Junta de Freguesia	Recinto de Festas do Freixial e Museu etnográfico do Freixial	Bombeiros	CIRCAV	Ringue da Martinela	Parque da Charnequinha	Igreja e Imediações do edifício da Junta de Freguesia
Coletividades / associações dinamizadoras	Todas as coletividades (nomear todas aqui) Artistas da Freguesia	FLSM (valências de creche e ATL) AP MEF	RFF ABVL CSVP Aberto também à população que queira participar	CRDS CCPM CIRCAV CP	RFF AEA FLSM LA GDRSB	SFSA SAMA GCA CRDS	Todas as coletividades Artistas da Freguesia
Período da Manhã	Inauguração do Evento “à Descoberta da Freguesia” Exposição de	Visita ao MEF Almoço assegurado pela FLSM e petiscos típicos do Festival do Feijão.	Feira dos 16 Atuação do RFF Leilão Solidário a reverter para a CSVP	Caminhada / <i>peddypaper</i> Organizadores: CRDS CCPM CIRCAV	Torneios (solteiros/casados) Organizadores: AEA CRDSB	Picnic musical Organizadores: SAMA SFSA GCA	Missa dominical

Período da tarde	trabalhos realizados pelos artistas da freguesia.	Apresentação das peças de teatro realizadas pelas crianças da FLSM		Concurso de talentos Organizadores: CIRCAV CRDS CP	Jogos Tradicionais Atividades intergeracionais Organizadores: Lar do Arrabal EB1 RFF CDRSB AEA	Atividades desportivas de verão - Vólei de praia - Ténis - Aula de zumba Organizadores: CRDS	Atuação do Projeto SOAR Tasquinhas “a tradição da Freguesia”
-------------------------	---	--	--	--	---	---	---

Tabela 1 - Tabela de planeamento das atividades

3.3.8 CONSIDERAÇÕES

Com esta dinâmica ao longo da semana, pretende-se que as coletividades desenvolvam laços e entendimento entre si, abraçando as atividades e gerindo-as de acordo com a sua identidade pessoal, dando a conhecer o seu trabalho à população por meio de uma experiência mais abrangente.

Tal como exemplificado por Serrano (2008) nos casos práticos, o projeto de animação sociocultural num centro de dia para a terceira idade, é destacado na introdução que:

“qualquer projeto social de animação sociocultural deve aproximar-se do meio onde pretende atuar. O seu objetivo consiste em planear uma ação que conduza a uma transformação, quando o que realmente se passa pode e deve ser melhorado, propiciando uma tomada de consciência por parte do grupo em causa” (p. 159).

CAPÍTULO 4 – APLICAÇÃO/EXECUÇÃO – DO PAPEL À REALIDADE

A partir do diagnóstico feito inicialmente e dado a projeto apresentado atrás na planificação, torna-se importante fazer uma preparação cuidada com a comunidade, neste caso as coletividades e instituições da freguesia. Dado que o diagnóstico me levou a apresentar este projeto como possível atividade a desenvolver, devidamente explicado na planificação, há que ter em conta que, para que os objetivos pretendidos se cumpram, é necessário um trabalho pormenorizado e em rede.

De acordo com a obra dedicada à elaboração de projetos, Serrano (2008) apresenta vários casos, entre os quais destaco o “Projeto de animação sociocultural num Centro de Dia para a Terceira Idade” por se aproximar deste no estabelecimento de prioridades através da consciencialização, participação, estimulação integração e envolvimento.

De acordo com a mesma autora, a “execução implica pôr em prática o projeto e ter em conta o seu desenvolvimento, acompanhamento e controlo. É a fase prática da animação sociocultural. O cerne da mesma consiste na forma de a executar”. Para a aplicação/execução deste projeto, irei seguir algumas etapas definidas por esta autora, nomeadamente a sensibilização, a coesão a nível grupal e a criatividade.

A sensibilização aplicada a este projeto irá consistir em consciencializar, informar e fazer uma interpretação da história e cultura existentes na freguesia. A coesão a nível grupal consiste na promoção da organização e realização das atividades onde todos os membros do grupo façam parte integrante da mesma, e sejam responsáveis pelas mesmas. Esta coesão a nível grupal é considerada uma mediação comunitária onde a participação de todos é um fator de extrema importância para atingir os resultados expectados. A criatividade consiste no meio de solucionar os problemas que vão surgindo ao longo da planificação e elaboração das atividades (Serrano, 2008).

Para tal é indispensável uma primeira reunião com todas as coletividades, que se encaixa na etapa da sensibilização, de modo a apresentar o diagnóstico resultante das entrevistas e assim poder debater pontos de vista, aspetos negativos e positivos, bem como possíveis estratégias a ter em conta na realização do evento, uma vez que, como referi na introdução trata-se de um projeto com e para a comunidade da freguesia em que a participação de todos é um aspeto importantíssimo.

Assim, a primeira reunião estará prevista para dia 5 de abril de 2019, pelas 21 horas no auditório da JFA. Dentro da coesão grupal, irão estar inseridas as reuniões seguintes, com uma periodicidade de 3 semanas de modo a perceber em que ponto está a planificação a nível de organização, criação e gestão. Há que não esquecer de que isto é apenas um plano pré-definido e, portanto, pode sofrer alterações ao longo do tempo, uma vez que se trata de trabalho em rede e não de uma atividade impositiva. Deste modo, será importante o recurso à criatividade, de modo a solucionar os problemas que possam surgir ao longo da planificação/elaboração das mesmas.

Duas semanas antes do evento serão distribuídas as funções para a montagem dos espaços, bem como a respetiva limpeza e no dia anterior a cada respetiva dinamização de cada lugar as coletividades estarão responsáveis por assegurar que não falta nada.

Após a realização do evento será feita uma reunião para avaliar os pros e contras da atividade e deixar sugestões para a próxima edição através de um questionário e de uma conversa informal de modo a perceber as motivações dos intervenientes.

CAPÍTULO 5 - AVALIAÇÃO

De acordo com Serrano (2008), a avaliação traduz-se num processo de reflexão que nos “permite explicar e avaliar os resultados das ações realizadas a avaliação permite-nos reconhecer os erros e os sucessos da nossa prática, a fim de corrigir aqueles no futuro. É uma perspetiva dinâmica que nos permite reconhecer os avanços, os retrocessos e os desvios no processo de consolidação”.

Embora a atividade não tenha sido realizada, irei fornecer uma ferramenta de avaliação pré-feita, passível de ser alterada, mediante a realização e os parâmetros a avaliar. Esta será realizada principalmente através de um questionário aplicável a todas as atividades e distribuído pelos representantes das entidades envolvidas, de modo a obter uma comparação entre os aspetos mencionados quer ao longo das entrevistas já realizadas, quer da avaliação de cada atividade.

Para além da observação direta participante e da utilização de um diário de campo, onde poderei tomar nota dos pontos fortes e fracos ao longo de todo o processo de criação e aplicação da atividade, enquanto residente da Freguesia de Arrabal e funcionária de JFA, a avaliação da atividade proposta irá ser realizada essencialmente através da aplicação de um questionário irá conter duas questões fechadas, em que a pessoa é solicitada a avaliar o evento entre positivo, negativo e intermédio e duas questões abertas, em que é solicitado que mencione três aspetos que sejam negativos, positivos, e que possam ser melhorados (cf. apêndice 16). No que diz respeito às questões abertas, estas permitem ao responsável pelo projeto, ter uma noção do ponto de vista dessa pessoa sobre o evento, de um modo muito mais espontâneo e livre, propondo mesmo que os questionados sugiram aspetos que gostariam de ver melhorados em 2020, no ano previsto para a repetição do evento (cf. apêndice 16).

CAPÍTULO 6 – REFLEXÕES FINAIS

Como foi possível observar, o presente relatório de Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social não assenta numa dissertação nem num estágio, mas sim na preparação de uma intervenção social. Esta intervenção prima pelo desenvolvimento de um trabalho realizado mais em rede e, portanto, seguindo a filosofia da mediação intercultural e da sua particularidade, aplicada a um território que é a mediação comunitária (Cunha, Alcobia & Alves, 2017; Milagre & Rodrigues, 2017; Vieira & Araújo, 2017).

Ao longo de todo o texto acredito que ficou visível a aposta feita num diagnóstico real e preciso, realizado com as próprias coletividades. Uma vez que exerço funções na JFA, e dado conhecer muitas das suas atividades, procurei ao longo desta investigação ouvir as pessoas, ou na linguagem da mediação, usar a escuta ativa. Esta escuta teve como finalidade a recolha de pontos de vista críticos e pontos de vista de planificação para, em conjunto, criar um projeto que, embora esteja em aberto, está apresentado no capítulo 4 e que segue de perto essencialmente a obra de Serrano (2008) – *Elaboração de Projetos Sociais*.

Embora tenha noção que os capítulos não são muito equilibrados do ponto de vista de número de páginas, é certo também que este relatório só ficará pronto na verdade com a aplicação e a avaliação. Estas etapas só serão realizadas após o mês de setembro de 2019, ou seja, a altura em que o projeto “À descoberta da Freguesia” será efetivamente implementado, contando com o empenho de todas as coletividades apresentadas e ouvidas no capítulo 2, correspondente ao diagnóstico.

Ainda que não seja possível obter uma avaliação final, uma vez que não foi implementado, deixo, contudo, uma proposta de avaliação no capítulo 5, correspondente à avaliação. Nesta avaliação, o instrumento previsto a utilizar, designadamente um questionário, encontra-se disponível em anexo. Saliento também que procurei ter o

cuidado em colocar em apêndices todos os documentos utilizados na análise dos dados, onde se encontram organizados por coletividades entrevistadas. Estes documentos são essencialmente os guiões, as transcrições e as sinopses de todas as entrevistas feitas com os dirigentes das coletividades.

Todo este trabalho de análise e compreensão do ponto de vista e das motivações do outro, fez-me conhecer uma realidade diferente daquela que conhecia na freguesia. Permitiu-me ter a oportunidade de conhecer individualmente cada entrevistado e perceber que nem todos são iguais, e muito menos apresentam as mesmas necessidades. Isto leva-me a admitir que o diagnóstico por mim realizado não permitiu apenas ter uma base sólida para a realização e aplicação de um projeto, mas também mudou a minha forma de estar, ver e sentir a população.

Deste modo, avalio o trabalho realizado até ao momento como um trabalho positivo, admitindo estar curiosa para o aplicar no território estudado, esperando colher os frutos de uma intervenção social por meio de uma mediação comunitária, em que todos seriam beneficiados a longo prazo.

BIBLIOGRAFIA

Amiguinho, A. (1992). *Formação e inovação: Viver a formação - construir a mudança: estudo de caso baseado numa experiência de inovacao-formacao (projecto Eco-Arronches)*. Lisboa: Educa.

Baptista, I., (2011). A animação sociocultural e educação social. In J. Pereira & M. Lopes, *As Fronteiras Da Animação Sociocultural* (pp.35-41).

Baptista, Isabel. 2011. A Animação Sociocultural e a Educação Social. In J. Pereira & M. Lopes. *As Fronteiras da Animação Sociocultural* (pp. 35-42). Chaves: INTERVENÇÃO – Associação para a promoção e divulgação cultural;

Câmara Municipal de Leiria (2014). *Programas Culturais e Desportivos a Desenvolver em Parceria com as Juntas de Freguesia. Acedido em 5 de dezembro de 2018 em https://www.cm-leiria.pt/uploads/document/file/4875/Ponto_13.2._edital_n._7.2014_Altera_o_ao_Regulamento_do_Programa_ViverActivo.pdf*

Camponês, A. (2018). Arrabal em Movimento: População Unida em Prol de uma Freguesia Dinâmica. *Jornal de Leiria*, (supl), setembro, 27, p. 1-8.

Cardoso, O. (1992). *Arrabal, Terra de Santa Margarida. Quatro Séculos de História*. Leiria: JFA / Câmara Municipal de Leiria;

Caride, A. (2016). La mediación como pedagogia social: viejas realidades, nuevos retos para la intervención social. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva A. Vieira & C. Margarido. *Pedagogias da Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp.13-25).

Castro, F. (2011). O que diferencia o educador em diálogo do animador sociocultural. In J. Pereira & M. Lopes, *As Fronteiras Da Animação Sociocultural* (pp.303-311).

Cebolo, C. (2011). O que diferencia o técnico de serviço social do animador sociocultural. In J. Pereira & M. Lopes, *As Fronteiras Da Animação Sociocultural* (pp.297-301).

Costa, C. (2011). O/a animador/a sociocultural: uma identidade de compromisso. In J. Pereira & M. Lopes, *As Fronteiras Da Animação Sociocultural* (pp.271-280).

Cunha, C., Alcobia, C., & Alves, N. (2017). Boas práticas de mediação intercultural e intervenção social. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira, & C. Margarido. *Conceções e práticas de mediação intercultural e intervenção social* (pp.87-102).

d'Almeida, J. L., Sousa, P., & Afonso, H. (Orgs). (2014). *Perspetivas Sobre o Envelhecimento Ativo*. Lisboa: Cáritas Portuguesa.

Faria, S., Vieira, R. (2016). Epistemologia e Metodologia em Mediação e Ciências Sociais. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva A. Vieira & C. Margarido. *Pedagogias da Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp.105-124)

Freguesia de Arrabal (s.d.a). Rancho Folclórico do Freixial. Acedido em 5 de dezembro de 2018 em <http://www.arrabal.pt/coletividades-rancho-folclorico-do-freixial>.

Freguesia de Arrabal (s.d.b). Museu Etnográfico do Freixial. Acedido em 5 de dezembro de 2018 em <http://www.arrabal.pt/coletividades/1630/museu-etnografico-do-freixial>

Freguesia de Arrabal (s.d.c). acedido em 5 de dezembro de 2018 em <http://www.arrabal.pt/instituicoes-casa-do-povo-de-arrabal>.

Freguesia de Arrabal (s.d.d). acedido em 5 de dezembro de 2018 em <http://www.arrabal.pt/coletividades/1609/clube-recreativo-e-desportivo-do-soutocico>.

Freguesia de Arrabal (s.d.e). acedido em 5 de dezembro de 2018 em <http://www.arrabal.pt/>.

Freguesia de Arrabal (s.d.f). acedido em 5 de dezembro de 2018 em <http://www.arrabal.pt/coletividades/1629/circav-circulo-cultural-amigos-do-vale>.

Gimenez, R. (1997). La Naturaleza de la Mediación. *Revista MIGRACIONES*, 2, 125-160

Gimenez, C. (2010). *Interculturalidade e Mediação*. Lisboa: ACIDI, IP

Gomez, J. (2011). As Identidade da Animação Sociocultural nas Fronteiras da Sociedade Globalizada. In J. Pereira & M. Lopes. *As Fronteiras da Animação Sociocultural* (pp. 17-29). Chaves: INTERVENÇÃO – Associação para a promoção e divulgação cultural;

Jarez, X. R. (2002). *Educação e Conflito – Guida de Educação Para a Convivência*. Porto: Asa Editores.

Lar Social do Arrabal (s.d.). acessido em 5 de dezembro de 2018 em <http://larsocialdoarrabal.pt/page.aspx?IdPagina=1>.

Leirena Teatro (s.d.). acessido em 5 de dezembro de 2018 em <https://leirenateatro.wordpress.com/novos-ventos/>.

Lopes, M. (2011). A Animação Sociocultural e a Animação Cultural. In J. Pereira & M. Lopes. *As Fronteiras da Animação Sociocultural* (pp. 187-197). Chaves: INTERVENÇÃO – Associação para a promoção e divulgação cultural;

Matos, R. (2018). Da evolução do brincar na Criança ao interculturalismo: notável paralelismo. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva A. Vieira & C. Margarido. *Da Mediação Intercultural à Mediação Comunitária – Estar dentro e estar fora para mediar e intervir* (pp. 15-24)

Mendes, P. (2008). Cidadania e Mediação Comunitária. *Da Economia*, 1 de abril, 14.

Mendonça, H. (2008). O Poder Discreto da Mediação. *Notícias Magazine*, 13 de abril, 27-28.

Milagre, C., & Rodrigues, C., (2017). Mediação intercultural: participação dos atores locais para a coesão social. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira, & C. Margarido. *Conceções e práticas de mediação intercultural e intervenção social* (pp.75-86).

Museu Etnográfico do Freixial (s.d.). acessido em 5 de dezembro de 2018 em <http://museu.rffreixial.pt/10/historia.html>.

Oliveira, A. & Freire, I. (2009). *Sobre...a mediação Sócio-Cultural*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (Acidi);

Pereira J. D. L. & Lopes M. S. L. (2011). *As Fronteiras da Animação Sociocultural*, Chaves: INTERVENÇÃO – Associação para a promoção e divulgação cultural;

Pereira, J., D., L., & Lopes, M., S. (2011). *As Fronteiras Da Animação Sociocultural*. Chaves: Intervenção.

Santos, B. (1997). Por Uma Conceção Multicultural dos Direitos Humanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 48, 11-32.

Serrano, G. P. (2008). *Elaboração de Projetos sociais – casos práticos*. (M. I. A. Marques, Trad.). Porto: Porto Editora (trabalho original em espanhol lançado em 1997);

Serrano, G., P. & Capedevila M., L. (2011). Epistemologia da animação sociocultural e conceitos afins. In J. Pereira & M. Lopes, *As Fronteiras Da Animação Sociocultural* (pp.105-119).

Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD), (2014). *Linhas orientadoras para a mediação social e comunitária no âmbito da reinserção de pessoas com comportamentos aditivos e dependências*. Lisboa: Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências;

Silva, P., Margarido, C., Pimentel, L., & Santos, R., (2016). Mediação e intervenção: famílias, grupos e comunidades. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva A. Vieira & C. Margarido. *Pedagogias da Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp.179-217).

Teixeira, J. (2014). Projecto de Centro Interpretativo da Cultura Kwanyama (Cuanhama). Projeto de Investigação. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

Torremorell, 2008. *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto: Porto Editora.

Vieira, A. (2013). *Educação Social e Mediação Sociocultural*. Porto: Profedições.

Vieira, A., & Vieira, R., (2007). A entrevista em grupo: formas de desocultar representações e práticas de trabalho social nas escolas. *Etnografia*. Cabeceiras de Basto: (Actas do III Congresso Internacional).

Vieira, R. & Araújo, N., (2018). Políticas municipais para a inclusão social. Da mediação intercultural à mediação comunitária: mesa redonda / focus group com as câmaras da Batalha, Leiria, Marinha Grande e Pombal. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva A. Vieira & C. Margarido. *Da Mediação Intercultural à Mediação Comunitária – Estar dentro e estar fora para mediar e intervir* (pp.127-173).

Vieira, R. & Vieira, A., 2016. *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações*. Porto: Profedições;

Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A., & Margarido, C. (Orgs). (2018). *Da Mediação Intercultural à Mediação Comunitária – Estar dentro e estar fora para mediar e intervir*. Porto: Edições Afrontamento.

Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A., & Margarido, C. (2016). (Orgs). *Pedagogias da Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento.

APÊNDICES

APÊNDICE 1A - GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. LUIS BERNARDINO

Entrevistado: Luís Bernardino

Coletividade/Associação: Sociedade Artística Musical 20 de Julho de Santa Margarida do Arrabal

No âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, encontro-me a desenvolver um projeto de mediação comunitária na Freguesia de Arrabal, pretendo ir ao encontro das vontades e/ou necessidades da população de modo a criar um conjunto de atividades mais em rede e de forma mais colaborativa.

Tudo o que for abordado nesta entrevista será única e exclusivamente destinado ao projeto de investigação conducente ao mestrado de Mediação Intercultural e Intervenção Social subordinado ao tema “Uma Freguesia (Com Vida)tiva”, sendo uma ferramenta essencial para a criação das atividades a implementar em 2019.

- 1: Qual a sua idade?
- 2: Há quanto tempo dirige a Filarmónica do Arrabal?
- 3: Na sua opinião qual é o impacto que a Filarmónica do Arrabal tem tido na Freguesia?
- 4: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?
- 5: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?
- 6: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?
- 7: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?
- 8: O que representou para si a criação do projeto SOAR, tendo em conta que é um exemplo direto de mediação, e contribuiu para a união das duas filarmónicas?

9: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

Muito obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE 1B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO SR. LUÍS BERNARDINO

Entrevistado: Luís Bernardino

Coletividade/Associação: Filarmónica do Arrabal

Data: 17/03/2018

SP: Qual é a sua idade Luís?

LB: 45.

SP: Há quanto tempo dirige a Filarmónica do Arrabal?

LB: Há 14 anos ou 15.

SP: Na sua opinião, qual é o impacto que a Filarmónica do Arrabal tem tido na Freguesia?

LB: É um impacto positivo no âmbito ... é assim, se olharmos um bocadinho a história da Filarmónica, já é uma instituição centenária, e foi criada mesmo com o objetivo de promoção cultural na altura, e que nas freguesias não havia. E tanto que até estava muito associado às igrejas, ao culto. Elas foram essencialmente criadas para isso. Para dar uma resposta ao culto. As filarmónicas são mesmo nesse sentido.

Com a evolução dos tempos notou-se que houve uma promoção da cultura, do ensinamento da música e nos valores que muitas vezes as famílias, e estamos a falar dos anos 30, 40, 50, muitas vezes não tinham grandes valores, e esses grandes valores que a sociedade tinha eram aprendidos aqui na filarmónica.

O estar em grupo, o estar com outras pessoas, a levá-las a outros sítios que não na comunidade local, e agora mais recente com as mudanças todas que há, não é? Principalmente no ensino da música, é uma mais valia para o ensino da população.

SP: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades?

LB: Há!

SP: Quais?

LB: Com a escola da EB1 do Arrabal, o projeto que a gente tem todos os anos para os meninos do primeiro ciclo, colaboramos com a Fundação Lar Santa Margarida, com o infantário, o outro infantário e depois temos colaborações pontuais com as outras instituições da freguesia. Tanto com a Junta de Freguesia que não é uma instituição, mas é um poder local, como com outras instituições que quando entendemos haver alguma necessidade, algum momento que se queira criar em conjunto, tem-se feito.

SP: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado?

LB: Pode, muito!

SP: Como?

LB: Principalmente nas instituições aceitarem que o caminho é o juntarem-se. Porque infelizmente estamos muito voltados para nós próprios e isso não traz grandes frutos.

SP: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

LB: Temos um, por exemplo, que é o Arrabal em Movimento, que foi da Junta de Freguesia, onde todas as coletividades estão presentes e se fosse individual não se conseguia fazer. Porque todas as coletividades lutam em prol de um momento.

Temos outro exemplo, por exemplo, o SOAR, a junção das duas filarmónicas é outro projeto em conjunto, que se consegue melhorar a atividade e fazer outras coisas que individualmente não se consegue.

SP: O que representou para si a criação do projeto SOAR, tendo em conta que é um exemplo direto de mediação, e contribuiu para a união das duas filarmónicas?

LB: Para mim, se calhar não diz tanto, mas em termo das pessoas mais velhas, se calhar, diz muito. Porque estamos a falar que a filarmónica do Soutocico foi criada, no fundo, por uma rescisão entre as duas filarmónicas, não é? Porque havia só a filarmónica do Arrabal e houve uns senhores do Soutocico que chatearam-se, zangaram-se. Pronto, só lendo bem agora a história. Criaram a filarmónica do Soutocico, estiveram anos voltados, costas voltadas, claro que os tempos aproximou-as e o projeto SOAR é mesmo isso. É

um aproximar, mas o tocar em conjunto. Por exemplo, o trabalho em conjunto é... e resulta noutra qualidade que não teríamos se não fosse assim feito.

SP: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

LB: Essencialmente porque são muitas, e como são individualizadas acabam por ser muitas e fracas e se fossem menos e em conjunto podiam ser muito melhores.

SP: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

LB: Assim agora de repente, é essencialmente o unirmo-nos uns aos outros, porque a realidade económica, financeira e social na nossa freguesia está muito diferente. A diminuição da população, menos interesse em tudo o que seja associativo.... Temos que repensar na forma de estar nestas instituições e mudar, essencialmente na aproximação, porque o individualismo não nos traz grandes resultados e um exemplo disso é, por exemplo, é cada instituição tem uma sede, instalações e depois são pouco usadas e quando precisamos de umas instalações condignas não temos. E temos aí tantas espalhadas.

É um bom exemplo, é o ... sim, auditório, salas, toda a gente tem, mas ninguém tem nada com jeito, ou não é nada com jeito, é fraco, pronto. Porque todas têm, todas têm ... depois não serve condignamente quando se quer fazer uma coisa ... para elas, individualmente, serve, com as mesmas sinergias podia se ter muito melhor

SP: Luís Bernardino, muito obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE 1C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. LUÍS BERNARDINO

CATEGORIA	VOZES	INTERPRETAÇÃO
1 – Qual é a sua idade?	“45 anos”	
2 - Há quanto tempo dirige a Filarmónica do Arrabal?	“14 anos”	
3 - Na sua opinião, qual é o impacto que a Filarmónica do Arrabal tem tido na Freguesia?	“Um impacto positivo, tendo em conta todo o passado da mesma, que antes estava destinada unicamente a servir a igreja. Com a evolução dos tempos e a promoção da cultura, houve mudanças visíveis e que atualmente se destinam a toda a população, ajudando assim a transmitir valores e competências através das aulas de música dinamizadas pela Escola da Sociedade Artística e Musical da Filarmónica do Arrabal (SAMA), de modo a poder renovar as gerações da banda, o que se torna numa ferramenta importante na educação da população.”	<ul style="list-style-type: none"> - Aulas de música - Renovação de gerações - Educação - Valores
4 - Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?	“As atividades dinamizadas em parceria com outras entidades são essencialmente realizadas com a EB1 do Arrabal, a Fundação Lar Santa Margarida do Arrabal (a vertente do infantário), com a Junta de Freguesia do Arrabal, que não sendo uma instituição é um órgão de poder local, bem como outras colaborações pontuais com outras instituições da freguesia, mediante a existência de necessidade.”	<ul style="list-style-type: none"> - EB1 - Fundação Lar Sta. Margarida - Junta de Freguesia
5 - Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?	“[...] pode ser bastante melhorado, a partir do momento em que as instituições aceitem que o caminho para o sucesso passa por se juntarem, pois infelizmente, as associações/coletividades ainda estão bastante viradas para si próprias, o que no futuro irá ter resultados negativos.”	-O sucesso passa pela união.
6 - Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que possa ser ainda mais desenvolvida?	“[...] o Arrabal em Movimento, em 2014 que, organizado pela Junta de Freguesia, foi um evento onde todas as coletividades marcaram presença, e se fosse realizado de modo individual não iria resultar do modo esperado, tendo em conta que todas as coletividades lutam em prol de um momento. Outro exemplo foi o projeto SOAR, que juntou as duas filarmónicas, o que resultou na melhoria de uma atividade que só consegue os resultados desejados se for realizada com a união das duas filarmónicas.”	<ul style="list-style-type: none"> - Arrabal em Movimento - SOAR
7 - Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?	“[...]são, essencialmente, duas. A primeira é o facto de serem bastantes as atividades individualizadas e sobrepostas, o que resulta numa fraca aderência, e caso contrário, se fossem realizadas em conjunto, teriam muito melhores resultados. A segunda crítica é o facto de cada instituição/associação ter as suas instalações e muitas delas serem pouco usadas, e quando necessárias, apresentam instalações pouco condignas.”	<ul style="list-style-type: none"> - Individualismo - Sobreposição - Muitas instalações - Fracas condições
8 - O que representou para si a criação do projeto SOAR, tendo em conta que é um exemplo direto de mediação,	“[...] estamos a falar que a filarmónica do Soutocico foi criada, no fundo, por uma rescisão entre as duas filarmónicas, [...] Criaram a filarmónica do Soutocico, estiveram anos voltados, costas voltadas, claro que os tempos as aproximou e o projeto SOAR é mesmo isso. É um aproximar, mas o tocar em conjunto.	<ul style="list-style-type: none"> - História - Divisão - União - Qualidade

e contribuiu para a união das duas filarmónicas?	Por exemplo, o trabalho em conjunto é... e resulta noutro trabalho de qualidade que não teríamos se não fosse assim feito.”	
9 - Algum aspeto que queira mencionar em relação ao trabalho colaborativo na freguesia?	“[...] todas as entidades se unirem, tendo em conta que a realidade económica e social na freguesia do Arrabal está bastante diferente, devido à diminuição da população e do interesse em tudo o que é considerado associativismo.”	- União - Realidade diferente

Tabela 2 - Sinopse da entrevista ao sr. Luís Bernardino

APÊNDICE 2A – GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. SÉRGIO FERREIRA

Entrevistado: Sérgio Ferreira

Coletividade/Associação: Sociedade Filarmónica Senhor dos Aflitos

No âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, encontro-me a desenvolver um projeto de mediação comunitária na Freguesia de Arrabal, pretendo ir ao encontro das vontades e/ou necessidades da população de modo a criar um conjunto de atividades mais em rede e de forma mais colaborativa.

Tudo o que for abordado nesta entrevista será única e exclusivamente destinado ao projeto de investigação conducente ao mestrado de Mediação Intercultural e Intervenção Social subordinado ao tema “Uma Freguesia (Com Vida)tiva”, sendo uma ferramenta essencial para a criação das atividades a implementar em 2019.

1: Qual a sua idade?

2: Há quanto tempo dirige a Filarmónica do Soutocico?

3: Na sua opinião qual é o impacto que a Filarmónica do Soutocico tem tido na Freguesia?

4: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?

5: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

6: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

7: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

8: O que representou para si a criação do projeto SOAR, tendo em conta que é um exemplo direto de mediação, e contribuiu para a união das duas filarmónicas?

9: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

Muito obrigada pela sua colaboração

APÊNDICE 2B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO SR. SÉRGIO FERREIRA

Entrevistado: Sérgio Ferreira

Coletividade/Associação: Sociedade Filarmónica Senhor dos Aflitos

Data: 14/07/2018

SP: Qual é a sua idade?

SF: 55

SP: Há quanto tempo dirige a Filarmónica do Soutocico?

SF: É assim, estou na direção há sete anos, como presidente á dois anos e três meses. Já estou na associação há sete anos.

SP: Na sua opinião qual é o impacto que a Filarmónica do Soutocico tem tido na Freguesia?

SF: Eu acho que as pessoas da Freguesia...acho que esta pergunta, a mim, é um bocado difícil de responder. Acho que as pessoas da Freguesia é que deviam de saber. Mas acho que o impacto é bastante positivo até, como sabe, há duas filarmónicas, o que é inédito no concelho de Leiria. Se calhar, se for a ver, são poucas, não deve de haver mais freguesias com duas filarmónicas, que envolve logo cento e tal pessoas, não é?! Numa freguesia. E penso que tanto uma como outra teve sempre muitas, muitos ... não queria dizer fãs, seguidores, mas muitas pessoas que gostam das filarmónicas, tanto de uma como de outra.

SP: Se calhar tem uma afinidade mais chegada..!

SF: Sim, a afinidade, neste momento... Bem, a gente sabe o que aconteceu no passado, não vou esconder isso. Pronto! Sim, isso acho que isso está mais que ultrapassado! Vamos lá ver, há pessoas do antigamente que ainda ligam um bocado a isso, pessoas de 70, 80 anos que ainda ligam a isso. Com os miúdos já não faz sentido nenhum, porque eles hoje são amigos, vão para os cursos juntos... Como sabe, não sei se sabe, se não sabe fica a

saber, este ano o Arrabal, a filarmónica do Arrabal e do Soutocico vão ser responsáveis pela Sinfónica. As estações, a direção, são grupos gerentes, os grupos com músicos... Já faz parte do passado! Houve o SOAR como sabe, o projeto SOAR pode ser de um momento para o outro reaberto, outra vez. Aproveitar ao máximo o que se pode, e acho que ambas contribuem bastante para a união dos miúdos e para a projeção da freguesia e para transmitir valores, porque nós não transmitimos só na escola de música formação musical, há outros valores que passam para os garotos e ficam para a vida, de quem passa por uma filarmónica.

SP: O que representou para si a criação do projeto SOAR, tendo em conta que é um exemplo direto de mediação, e contribuiu para a união das duas filarmónicas?

SF: Sim, acho que sim! Acho que contribuiu bastante!

SP: E o que representou para si?

SF: Na altura eu estava na direção, não estava como presidente, mas para mim foi agradável ver, ao vivo mesmo, uma coisa que muita gente imaginava que não seria possível ao ver as duas filarmónicas juntas. Embora não tivessem cem por cento representadas, só estivessem ali os mais novos, mas acho que foi um passo bastante importante para mostrar às pessoas, de uma vez por todas, que já não havia nenhuma intriga entre elas. Não havia nada. É uma coisa que não faz sentido.

É evidente que se não fosse isto, que não existia a filarmónica do Soutocico. Foi mau na altura, mas até foi bom porque fez com que criasse duas filarmónicas na freguesia. Mas o SOAR foi precisamente importante para se perceber que isso já faz parte do passado. Até os mais novos, da idade da minha filha, que têm 16, 17, 18 anos. Isso já não diz nada, porque vão às festas de anos uns dos outros, dos amigos, isso não faz sentido nenhum.

SP: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?

SF: Sim. Posso dizer que este ano a direção da filarmónica, se formos responsáveis pelas festas da Senhora das Graças, de São João, no Soutocico... todos os anos há uma comissão organizadora que faz, juntamente e em colaboração com a comissão da capela. E este ano foi a filarmónica do Soutocico. E outras coisas irão acontecer, que eu não posso dizer ainda. É muito a minha preocupação, atividades que não sejam só no Soutocico...

Preocupação não é, faz parte da minha forma de estar, e transmiti sempre aos colegas da direção, sempre que somos solicitados para alguma coisa que aconteça na freguesia, como foi agora o caso do Festival do Feijão, com o Rancho Folclórico do Freixial. Foi com a Junta de Freguesia que também estivemos a colaborar, foi-nos pedida a nossa colaboração, sendo que eu não pude ir uma vez que não estava cá nesse dia, mas foram bastantes elementos da direção e músicos, e nós fizemos aquilo que eramos capazes. Sempre que nos solicitam....

SP: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

SF: Bastante. Isto é complicado, porque acho que, nós temos essa visão, mas ainda muita gente não tem essa visão. Eu vou-lhe dar um exemplo, como sabe a junta de freguesia colaborou connosco no aniversário da filarmónica. Nós fizemos um aniversário virado para a freguesia, para a comunidade toda. Se calhar contavam-se pelos dedos as pessoas que estavam no concerto, a ver um concerto grande de uma orquestra do exército, é a segunda vez que eles cá vêm, também já vieram às festas do Arrabal, mas não é todos os dias que vem cá uma orquestra do exército. Contavam-se pelos dedos das duas mãos as pessoas que estavam de fora da freguesia, fora do Soutocico, a ver o concerto. Fiquei triste, entristeceu-me bastante.

SP: E o que é que aponta aí como falha?

SF: Não sei, se calhar os culpados podemos ser nós, porque as pessoas sabiam que o concerto existia, havia os cartazes, havia isso tudo, não sei, não consigo explicar...se eu soubesse era fácil. Se eu soubesse qual era a solução era fácil para que isso não tornasse a acontecer, mas não sei, sinceramente não sei porquê.

SP: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

SF: A Junta de Freguesia criou um site onde estão as atividades todas, não sei se as pessoas as consultam, ou não, esporadicamente, um cartaz para as pessoas porem.... Sinceramente acho que também é das pessoas. Eu acho que está na mentalidade das pessoas, está mesmo enraizado na mentalidade das pessoas. Temos que ser nós a mudar as pessoas. Eu já disse mais do que uma vez aos colegas da direção, enquanto eu estiver,

sempre que eu puder, eu ou alguém, vai estar sempre presente em qualquer atividade das outras coletividades, na freguesia. Pode ser que isso contribua, que as pessoas vão.

SP: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

SF: Não, críticas não tenho

SP: Nem construtivas?

SF: Sim, isso sim. Já disse a Dra. Helena, até aquela coisa, aquilo que vai acontecer agora do “Arrabal Em Movimento”, é precisamente um passo muito grande para que as pessoas se comecem a juntar. E porque não, até juntar 2 coletividades ou 3 num só espaço, para as pessoas começarem a criar laços, porque acho que isso está nas pessoas, acho que a junta tem feito um bom trabalho nesse aspeto, está nas pessoas.

SP: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

SF: Há lacunas em termos de espaços físicos, isso existe. Eu sou defensor que devia haver um espaço na freguesia, tipo um pequeno pavilhão multiusos, um anfiteatro, em que todas as coletividades contribuíssem para a construção total, não teriam que ser a Junta de Freguesia nem a Câmara Municipal. Claro que com a ajuda deles, as próprias instituições esforçarem-se para que isso acontecesse e arranjar um pequeno multiusos à nossa medida para criar mais condições, visto que tem 2 filarmónicas, tem não-sei-quantas associações, tem rancho, o clube do Soutocico tem os miúdos do basquete... acho que faz falta umas instalações próprias, e isso talvez, com uma pequena dinâmica nas associações todas, isso talvez melhorasse um pouco. Não é fácil, eu sei que não é fácil porque cada um olha para o seu umbigo. Eu não sou muito assim até porque, repara, eu estou na filarmónica do Soutocico, mas eu não sou do Soutocico. Não sou do Soutocico, não moro no Soutocico, eu sou dos Andrinos, estou na Freguesia das Cortes e estou na filarmónica do Soutocico... Isto faz confusão às pessoas, talvez, mas eu não tenho confusão nenhuma. A minha filha foi para lá, na altura para a escola de música, pronto, nós optamos porque a minha sogra é de lá, embora não more lá, é de lá. E foi assim que surgiu a nossa ida para o Soutocico, apesar de fazer confusão a algumas pessoas. Eu voto nas Cortes, mas a minha freguesia é o Arrabal, não voto lá mas a minha freguesia é o Arrabal, é lá que eu passo o meu tempo livre. Sinceramente, posso melhorar todas as coisas, agora de repente não me estou a

lembrar de alguma coisa que possa melhorar, mas tudo é possível de melhorar, quando fazemos uma coisa podemos fazer sempre melhor.

APÊNDICE 2C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. SÉRGIO FERREIRA

QUESTÃO	VOZES	INTERPRETAÇÃO
1 – Qual é a sua idade?	“55 anos”	
2 - Há quanto tempo dirige a Filarmónica do Soutocico?	“[...] estou na direção há sete anos, como presidente á dois anos e três meses. Já estou na associação há sete anos.”	- Mais de cinco anos
3 - Na sua opinião, qual é o impacto que a Filarmónica do Soutocico tem tido na Freguesia?	“[...] acho que o impacto é bastante positivo até, como sabe, há duas filarmónicas, o que é inédito no concelho de Leiria. Se calhar, se for a ver, são poucas, não deve de haver mais freguesias com duas filarmónicas, que envolve logo cento e tal pessoas, não é?! Numa freguesia.” “[...] a gente sabe o que aconteceu no passado, não vou esconder isso. [...] há pessoas do antigamente que ainda ligam um bocado a isso, pessoas de 70, 80 anos [...]. Com os miúdos já não faz sentido nenhum, porque eles hoje são amigos, vão para os cursos juntos...” “Houve o SOAR como sabe, o projeto SOAR pode ser de um momento para o outro reaberto, outra vez. Aproveitar ao máximo o que se pode, e acho que ambas contribuem bastante para a união dos miúdos e para a projeção da Freguesia e para transmitir valores, porque nós não transmitimos só na escola de música formação musical, há outros valores que passam para os garotos e ficam para a vida, de quem passa por uma filarmónica.”	- Destaque da Freguesia pela existência de duas Filarmónicas. - População envolvida ativamente. - O passado e a rivalidade - Jovens como agentes de mudança - Projeto SOAR
4 - Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?	“Sim. [...] É muito a minha preocupação, atividades que não sejam só no Soutocico [...] sempre que somos solicitados para alguma coisa que aconteça na freguesia, como foi agora o caso do Festival do Feijão, com o Rancho Folclórico do Freixial. Foi com a Junta de Freguesia que também estivemos a colaborar, foi-nos pedida a nossa colaboração, sendo que [...] foram bastantes elementos da direção e músicos, e nós fizemos aquilo que eramos capazes. Sempre que nos solicita.”	- Recetividade - Abertura - Disponibilidade
5 - Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?	“Bastante. Isto é complicado, porque acho que, nós temos essa visão, mas ainda muita gente não tem essa visão. Eu vou-lhe dar um exemplo, como sabe a junta de freguesia colaborou connosco no aniversário da filarmónica. Nós fizemos um aniversário virado para a freguesia, para a comunidade toda. Se calhar contavam-se pelos dedos as pessoas que estavam no concerto [...]. Fiquei triste, entristeceu-me bastante.” “[...] se calhar os culpados podemos ser nós, porque as pessoas sabiam que o concerto existia, havia os cartazes, havia isso tudo, não sei, não consigo explicar...se eu soubesse era fácil. Se eu soubesse qual era a solução era fácil para que isso não tornasse a acontecer.”	- Exemplo do Aniversário da Filarmónica - Pouca aderência ao concerto - Quais as causas?
6 - Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que possa ser ainda mais desenvolvida?	“Eu já disse mais do que uma vez aos colegas da direção, enquanto eu estiver, sempre que eu puder, eu ou alguém, vai estar sempre presente em qualquer atividade das outras coletividades, na freguesia. Pode ser que isso contribua, que as pessoas vão.”	- Representação ativa e assídua da Filarmónica

		em eventos de outras coletividades.
7 - Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?	<p>“[...] críticas não tenho”</p> <p>“Já disse a Dra. Helena, [...] aquilo que vai acontecer agora do “Arrabal Em Movimento”, é precisamente um passo muito grande para que as pessoas se comecem a juntar. E porque não, até juntar 2 coletividades ou 3 num só espaço, para as pessoas começarem a criar laços, porque acho que isso está nas pessoas, acho que a junta tem feito um bom trabalho nesse aspeto, está nas pessoas.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Arrabal em Movimento - Criação de laços
8 - O que representou para si a criação do projeto SOAR, tendo em conta que é um exemplo direto de mediação, e contribuiu para a união das duas filarmónicas?	<p>“Na altura eu estava na direção, não estava como presidente, mas para mim foi agradável ver, ao vivo mesmo, uma coisa que muita gente imaginava que não seria possível ao ver as duas filarmónicas juntas. Embora não tivessem cem por cento representadas, só estivessem ali os mais novos, mas acho que foi um passo bastante importante para mostrar às pessoas, de uma vez por todas, que já não havia nenhuma intriga entre elas. Não havia nada. É uma coisa que não faz sentido.”</p> <p>“É evidente que se não fosse isto, que não existia a filarmónica do Soutocico. Foi mau na altura, mas até foi bom porque fez com que criasse duas filarmónicas na freguesia. Mas o SOAR foi precisamente importante para se perceber que isso já faz parte do passado.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - União - Representação de um passo importante para a Freguesia. - Relação entre o passado e o presente.
9 - Algum aspeto que queira mencionar em relação ao trabalho colaborativo na freguesia?	<p>“Há lacunas em termos de espaços físicos, isso existe. Eu sou defensor que devia haver um espaço na freguesia, tipo um pequeno pavilhão multiusos, um anfiteatro, em que todas as coletividades contribuíssem para a construção total, [...] e arranjar um pequeno multiusos à nossa medida para criar mais condições, visto que tem 2 filarmónicas, tem não-sei-quantas associações, tem rancho, o clube do Soutocico tem os miúdos do basquete...acho que faz falta umas instalações próprias, e isso talvez, com uma pequena dinâmica nas associações todas, isso talvez melhorasse um pouco. Não é fácil, eu sei que não é fácil porque cada um olha para o seu umbigo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Espaços físicos com lacunas - Contribuição de todos para um espaço multiusos em comum - Egoísmo

Tabela 3 - Sinopse da entrevista ao sr. Sérgio Ferreira

APÊNDICE 3A - GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. MANUEL BRITES

Entrevistado: Manuel Brites

Coletividade/Associação: Grupo Coral do Arrabal

No âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, encontro-me a desenvolver um projeto de mediação comunitária na Freguesia de Arrabal, pretendo ir ao encontro das vontades e/ou necessidades da população de modo a criar um conjunto de atividades mais em rede e de forma mais colaborativa.

Tudo o que for abordado nesta entrevista será única e exclusivamente destinado ao projeto de investigação conducente ao mestrado de Mediação Intercultural e Intervenção Social subordinado ao tema “Uma Freguesia (Com Vida)tiva”, sendo uma ferramenta essencial para a criação das atividades a implementar em 2019.

1: Qual a sua idade?

2: Há quanto tempo dirige o Grupo Coral do Arrabal?

3: Na sua opinião qual é o impacto que o Grupo Coral do Arrabal tem tido na Freguesia?

4: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?

5: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

6: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

7: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

8: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

Manuel Brites, muito obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE 3B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO SR. MANUEL BRITES

Entrevistado: Manuel Brites

Coletividade/Associação: Grupo Coral do Arrabal

Data: 21/04/2018

SP: Qual é a sua idade senhor Manuel?

MB: 64.

SP: E há quanto dirige o coro?

MB: Desde o início. Desde a comissão instaladora! Porque nós...o grupo coral iniciou-se com a vontade de uns quantos, de umas quantas pessoas, que acharam por bem juntar as vozes e temos um maestro que ainda é o mesmo, o Mário Gomes. Então ele, também com a curiosidade de ver até onde é que podia chegar e até onde é que conseguiria ir, e nós, falando neste caso em concreto, por mim, quis também perceber do que é que eu era capaz, do que é que a minha voz era capaz de fazer num contexto destes, um grupo coral.

Não fazia a mais pequena ideia. Sempre gostei de música desde garoto. Tinha, comprava instrumentos musicais, mas não percebia nada daquilo, mas, entretanto, cantar era qualquer coisa que eu gostaria de experimentar, se era capaz de fazer alguma coisa. E assim como eu, creio que foram, foi também a ideia de muitas pessoas e fomos partir para esta aventura.

Iniciámos os encontros projetando uma comissão instaladora. A partir daí fomos criar estatutos e fomos para a apresentação, portanto da identidade como hoje é conhecida com os devidos estatutos e tal. E eu fui elemento da comissão instaladora e depois vim a ser o presidente daqui, do grupo coral, o que ainda acontece até hoje porque...Não sei se é por não haver mais ninguém que queira, ou se é por acharem que as coisas estão bem assim.

SP: Ou seja, desde há quantos anos mais ou menos? Assim, só para ter uma ideia!

MB: Nós fundamos em 1988 e de então para cá tem sido este o registo.

SP: Na sua opinião, qual é o impacto do Coro do Arrabal na Freguesia tem tido na freguesia?

MB: Olhe, eu, se calhar falar do grupo coral é falar da nossa criança, nasceu-nos nos braços e, portanto, é sempre, achamos sempre que o nosso filho é mais bonito que o filho dos outros. Mas a cegonha também dizia o mesmo! Também achava os filhos dela muito bonitos.

O impacto, eu penso que tem um impacto aceitável, porque não há cá mais nenhuma coisa desse género, as pessoas gostam de ouvir, temos tido feedback nas participações que temos tido cá na freguesia, desde logo o nosso concerto, que é também o nosso concerto anual. É também um marco nosso do nosso aniversário e, portanto, já festejamos vinte e uma primaveras e fazemos sempre o nosso concerto anual coincidindo com a data, mais ou menos do nosso início. E portanto, temos tido a participação de outros coros que convidamos para o efeito. De preferência, procuramos sempre pôr a fasquia um pouco alta para também nós termos também o prazer de receber, com alguma dimensão, e felizmente temos conseguido e isso tem valorizado também a nossa prestação dentro e fora da freguesia.

SP: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades?

MB: Tivemos, temos tido participações conjuntas com a filarmónica, não com grande assiduidade, mas com alguma, desde logo a anterior presidente falecida, não me ocorre o nome dela agora. Que era a presidente da Junta, perdão, a presidente da filarmónica.

SP: A Cila!

MB: A Cila, era vizinha do Mário, tinha uma afinidade próxima e chegaram a combinar fazer. Portanto, juntámo-nos e fizemos algumas peças em comum. A filarmónica com os instrumentos entendidos pelos maestros como importantes e esses instrumentos acompanhados com as nossas vozes.

Fizemos algumas participações públicas com algumas peças, já tivemos também a participação, já estivemos também em parceria, uma vez ou outra, com a filarmónica do Soutocico. Isto para falar das filarmónicas daqui da nossa freguesia, porque de resto também já tivemos participação em conjunto com outros coros de leiria.

Portanto tivemos participação na orquestra sinfónica das beiras, que teve também a parte instrumental, como é obvio, e a parte coralista interpretada por alguns elementos do nosso grupo, por grupos de Leiria. E fizemos, temos tido, portanto essas parcerias.

Ao nível, já agora só para concluir, ao nível de outros coros também tivemos peças em conjunto com o grupo coral da Barreira, onde fomos lá ensaiar com eles uma peça, cujo nome também penso que agora não é importante. Ensaiámos lá durante algum tempo, eles vieram retribuir os ensaios aqui também no Arrabal e fizemos intercambio. E depois fizemos a apresentação dessa peça na Sé Catedral, na Sé de Leiria, e noutros locais inclusive, aqui também na freguesia do Arrabal, também apresentamos essa peça em conjunto.

Portanto, temos tido, para responder mais sinteticamente à pergunta, temos tido participação com todas estas entidades.

SP: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado, direcionando mais para a Freguesia em questão?

MB: Poder melhorar, poder ser melhorado pode sempre porque o teto não existe. Como se costuma dizer: “o céu é o limite”.

SP: E como?

MB: Mas como?! Não é fácil! Porque é assim, não há ninguém profissional, cada um tem as suas atividades e é preciso conjugar uma série de esforços e de vontades para se conseguir alguma coisa, desde logo que, uns porque estão ocupados naquele dia que é o ensaio, no outro não foram ao ensaio, e no outro não podem ir e isto, juntar todos estes esforços não é fácil. Mas com esforço tudo se consegue. Aliás nada se consegue sem esforço.

E, portanto, é um pouco nesta linha, na linha da carolice, entre aspas, que se vai conseguir mudar alguma coisa. De resto, melhorar pode-se sempre assim haja essa vontade. Opá, e eu penso que essa vontade existe!

SP: Quer dar um exemplo de um trabalho ou atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvido, aqui na freguesia?

MB: É assim, eu acho que teria que partir sempre deste estilo, participação. Nós com as vozes, que somos um coral e depois da mesma linha teria de ser como a filarmónica. Temos duas na Freguesia e, portanto, no fundo era enraizar mais ou fortalecer mais aquilo que já iniciamos, só que como, portanto, também já disse há pouco, não é fácil juntar as disponibilidades. Portanto, intercalar nos reportórios que cada um tem, as datas necessárias para preparar uma peça é uma coisa que demora muito tempo e as pessoas durante o dia trabalham, à noite têm aquele bocadinho para se disponibilizarem, mas é sempre muito, como é que hei de dizer, é sempre muito cansativo e é muito problemático lançar um projeto desta ordem.

Desde logo quem tem de estar de acordo são os maestros, sem eles nada feito. Se eu, ou aquele, ou outro faltarmos a um ensaio nada acontece, portanto, os outros estão lá, TUDO se resolveu. Faltando o maestro, de um modo ou de outro...

SP: E relativo à Filarmónica e ao coro em si, atividades no geral?

MB: Atividades no geral, procuramos quando o rancho folclórico tem uma atividade, procuramos estar lá como cidadãos comuns e nas outras entidades a mesma coisa. Portanto, cada um tem mais tendência para se juntar ou para participar naquilo que mais gosta. Desde logo, se nós estamos no grupo coral porque gostamos, o outro está no rancho porque gosta mais e outro está na filarmónica porque gosta mais. Tudo o resto para todos é mais secundário, logo há outros compromissos, não é tão apelativo, já estamos mais agarrados, entre aspas, aquilo que é a nossa função amadora, mas direcionada naquilo que é a área de cada um, portanto menos disponibilidade, mas valorizando sempre aquilo que vai aparecendo. E portanto, é positivo também que haja outras entidades e cada um defenderá melhor a sua “dama”.

SP: Tem críticas relativamente às atividades de animação e intervenção que tem vindo a ser desenvolvidas na freguesia?

MB: Não. Também quem sou eu para criticar esse tipo de coisas. Eu acho que quem lança os seus programas, as filarmónicas, os grupos corais, as entidades aqui também em questão, fazem-no apresentando o melhor de si próprias. Portanto, criticar esse trabalho, penso que era ir longe demais. Quem sabe melhor o que está a fazer e porque o faz são as respetivas entidades e, portanto, temos que respeitar aquilo que cada um faz e se nos

respeitarmos todos somos, penso eu, parte da solução e não do problema que é isso que pretendemos também ser enquanto pessoas.

SP: Algum aspeto, e agora para finalizar, que queira mencionar em relação ao trabalho colaborativo na freguesia?

MB: Penso que das vezes que tem havido essa vontade ou essa disponibilidade tem havido feedback por todas as...já tivemos sessões culturais no rancho Folclórico e no anfiteatro, já tivemos, já lá fomos participar com o Grupo Coral em atividades, em eventos que houberam lá. Fomos convidados num dos últimos eventos, que foi relacionado com a cultura e portanto, eram sessões ligadas à apresentação de trabalhos como poesias, coisas que cada pessoa faz a nível individual e que vai lá apresentar. Acho que foi bastante interessante.

As filarmónicas também fazem concertos de quando em vez, quando podemos acompanhar vamos acompanhar, de resto o Rancho Folclórico convidou-nos para participarmos nesse evento ligado à cultura, mas como eu tive oportunidade de transmitir ao senhor presidente, foi quem falou comigo, um grupo coral não é uma coisa que chegue lá e apresente uma peça. Tem que envolver trinta e tal pessoas, que são os elementos que nós temos no grupo, é período de férias ou não, mas é um evento onde nem todas as pessoas podem ir e depois não pode lá ir meia dúzia de pessoas, porque nós temos quatro naipes, cantamos a quatro vozes. Ir lá um, não ir lá um naipe completo, ou não haver lá. Temos de ter um grupo e então se é uma participação rápida de cada entidade que era isso que se pretendia, não era o sítio nem a situação mais indicada para nós podermos participar nesse evento. Daí que depois de transmitir isto ao presidente do rancho, entendeu perfeitamente, nem tinha pensado nesta questão de sermos um grupo que temos que estar muita gente envolvida para que a coisa dê certo, porque se também formos para lá para fazer uma coisa qualquer também não faz sentido e portanto, gostamos de ir com os pés mais assentes no chão e também mostrar o trabalho que estamos a fazer e não uma coisa desligada e fora do contexto.

SP: Sendo assim já acabaram as minhas perguntas, muito obrigada pela sua colaboração

APÊNDICE 3C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. MANUEL BRITES

QUESTÃO	VOZES	INTERPRETAÇÃO
1 – Qual é a sua idade?	“64 anos”	
2 - Há quanto tempo dirige o Grupo Coral do Arrabal?	<p>“Desde o início. Desde a comissão instaladora! Porque nós...o grupo coral iniciou-se com a vontade de uns quantos, de umas quantas pessoas, que acharam por bem juntar as vozes e temos um maestro que ainda é o mesmo, o Mário Gomes. [...] Sempre gostei de música desde garoto. [...] E assim como eu, creio que foram, foi também a ideia de muitas pessoas e fomos partir para esta aventura.”</p> <p>“Iniciámos os encontros projetando uma comissão instaladora. A partir daí fomos criar estatutos e fomos para a apresentação, portanto da identidade como hoje é conhecida com os devidos estatutos e tal. E eu fui elemento da comissão instaladora e depois vim a ser o presidente daqui, do grupo coral, o que ainda acontece até hoje porque...Não sei se é por não haver mais ninguém que queira, ou se é por acharem que as coisas estão bem assim.</p> <p>Nós fundamos em 1988 e de então para cá tem sido este o registo.”</p>	<p>- Os elementos dirigentes são os mesmos desde 1988</p> <p>- Aventura</p>
3 - Na sua opinião, qual é o impacto que o Grupo Coral do Arrabal tem tido na Freguesia?	<p>“Olhe, eu, se calhar falar do grupo coral é falar da nossa criança, nasceu-nos nos braços e, portanto, é sempre, achamos sempre que o nosso filho é mais bonito que o filho dos outros.</p> <p>O impacto, eu penso que tem um impacto aceitável, porque não há cá mais nenhuma coisa desse género, as pessoas gostam de ouvir, temos tido feedback nas participações que temos tido cá na freguesia, desde logo o nosso concerto, que é também o nosso concerto anual.”</p>	<p>- Será sempre a preferida e a protegida</p> <p>- Concerto anual</p>
4 - Há atividades que o Grupo Coral do Arrabal desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?	<p>“[...] temos tido a participação de outros coros [...] De preferência, procuramos sempre pôr a fasquia um pouco alta para também nós termos também o prazer de receber, com alguma dimensão, e felizmente temos conseguido e isso tem valorizado também a nossa prestação dentro e fora da freguesia.</p> <p>“[...] temos tido participações conjuntas com a filarmónica, não com grande assiduidade, mas com alguma, desde logo a anterior presidente falecida, [...] A Cila, era vizinha do Mário, tinha uma afinidade próxima e chegaram a combinar fazer. Portanto, juntámo-nos e fizemos algumas peças em comum. A filarmónica com os instrumentos entendidos pelos maestros como importantes e esses instrumentos acompanhados com as nossas vozes. [...] já estivemos também em parceria, uma vez ou outra, com a filarmónica do Soutocico. Isto para falar das filarmónicas daqui da nossa freguesia, porque de resto também já tivemos participação em conjunto com outros coros de leiria. [...] Ao nível, já agora só para concluir, ao nível de outros coros também tivemos peças em conjunto</p>	<p>- Colaboração com filarmónicas da freguesia.</p> <p>- Colaborações fora da freguesia com outras orquestras e coros</p>
5 - Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?	<p>“Poder melhorar, poder ser melhorado pode sempre porque o teto não existe. Como se costuma dizer: “o céu é o limite”.</p> <p>Mas como?! Não é fácil! Porque é assim, não há ninguém profissional, cada um tem as suas atividades e é preciso conjugar uma série de esforços e de vontades para se conseguir alguma coisa, desde logo que, uns</p>	<p>- “o céu é o limite”.</p> <p>- Impedimentos</p> <p>- Esforço</p>

	<p>porque estão ocupados naquele dia que é o ensaio, no outro não foram ao ensaio, e no outro não podem ir e isto, juntar todos estes esforços não é fácil. Mas com esforço tudo se consegue. Aliás nada se consegue sem esforço. [...] De resto, melhorar pode-se sempre assim haja essa vontade. Opá, e eu penso que essa vontade existe!”</p>	
<p>6 - Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que possa ser ainda mais desenvolvida?</p>	<p>“É assim, eu acho que teria que partir sempre deste estilo, participação. Nós com as vozes, que somos um coral e depois da mesma linha teria de ser como a filarmónica. Temos duas na Freguesia e, portanto, no fundo era enraizar mais ou fortalecer mais aquilo que já iniciamos, só que como, portanto, também já disse há pouco, não é fácil juntar as disponibilidades. Portanto, intercalar nos reportórios que cada um tem, as datas necessárias para preparar uma peça é uma coisa que demora muito tempo e as pessoas durante o dia trabalham, à noite têm aquele bocadinho para se disponibilizarem, mas é sempre muito, como é que hei de dizer, é sempre muito cansativo e é muito problemático lançar um projeto desta ordem.”</p> <p>“Atividades no geral, procuramos quando o rancho folclórico tem uma atividade, procuramos estar lá como cidadãos comuns e nas outras entidades a mesma coisa. [...] E portanto, é positivo também que haja outras entidades e cada um defenderá melhor a sua “dama”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Dar continuidade ao intercambio com as filarmónicas - Dificuldades - Representação do coro em atividades de outras coletividades
<p>7 - Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?</p>	<p>“Não. Também quem sou eu para criticar esse tipo de coisas. Eu acho que quem lança os seus programas, as filarmónicas, os grupos corais, as entidades aqui também em questão, fazem-no apresentando o melhor de si próprias. Portanto, criticar esse trabalho, penso que era ir longe demais. Quem sabe melhor o que está a fazer e porque o faz são as respetivas entidades e, portanto, temos que respeitar aquilo que cada um faz e se nos respeitarmos todos somos, penso eu, parte da solução e não do problema que é isso que pretendemos também ser enquanto pessoas.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Não está no direito de criticar - Respeito
<p>8 - Algum aspeto que queira mencionar em relação ao trabalho colaborativo na freguesia?</p>	<p>“Penso que das vezes que tem havido essa vontade ou essa disponibilidade tem havido feedback por todas as...já tivemos sessões culturais no rancho Folclórico e no anfiteatro, já tivemos, já lá fomos participar com o Grupo Coral em atividades, em eventos que houveram lá. Fomos convidados num dos últimos eventos, que foi relacionado com a cultura e portanto, eram sessões ligadas à apresentação de trabalhos como poesias, coisas que cada pessoa faz a nível individual e que vai lá apresentar. Acho que foi bastante interessante.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Abertura e feedback positivo por parte das coletividades que colaboram com o coro.

Tabela 4 - Sinopse da entrevista ao sr. Manuel Brites

APÊNDICE 4A - GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. SÉRGIO FERREIRA

Entrevistado: Jorge Ferreira

Coletividade/Associação: Rancho Folclórico Do Freixial E Museu Etnográfico Do Freixial

No âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, encontro-me a desenvolver um projeto de mediação comunitária na Freguesia de Arrabal, no qual pretendo ir ao encontro das vontades e/ou necessidades da população de modo a criar um conjunto de atividades mais em rede e de forma mais colaborativa.

Tudo o que for abordado nesta entrevista será única e exclusivamente destinado ao meu projeto de mestrado “Uma Freguesia (Com Vida)tiva”, sendo uma ferramenta essencial para a criação das atividades a implementar em 2019.

1: Qual a sua idade?

2: Há quanto tempo dirige o Rancho Folclórico do Freixial e o Museu Etnográfico do Freixial?

3: Na sua opinião qual é o impacto que o Rancho Folclórico do Freixial e o Museu Etnográfico do Freixial tem tido na Freguesia?

4: Há atividades que estas instituições desenvolvem colaborativamente com outras entidades? Quais?

5: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

6: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

7: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

8: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

Muito obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE 4B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO SR. JORGE FERREIRA

Entrevistado: Jorge Ferreira

Coletividade/Associação: Rancho Folclórico do Freixial e Museu Etnográfico do Freixial

Data: 21/04/2018

SP: Qual é a sua idade?

JF: 37.

SP: Há quanto tempo dirige o Rancho Folclórico do Freixial e o Museu Etnográfico do Freixial?

JF: Portanto, ora, já vou no terceiro mandato, seis, sete, oito anos.

SP: Na sua opinião, qual é o impacto que o Rancho Folclórico do Freixial e o Museu Etnográfico do Freixial têm tido na Freguesia?

JF: Eu acho que é um impacto bastante grande, não só pelo número de elementos que o próprio grupo tem, também nas atividades que realiza e que têm também muita adesão. Também no contexto cultural, tem se afirmado também a sua importância quer nos eventos, quer na própria atividade relacionada com o folclore, relacionada com a etnografia. E penso que também relacionado com a recolha etnográfica que nós também temos desenvolvido. Portanto, eu acho que o impacto é bastante positivo e grande no contexto não só de freguesia, mas também do concelho, acho eu.

SP: Há atividades que estas instituições desenvolvem colaborativamente com outras entidades? Quais?

JF: Sim! Temos parceria com a camara municipal de Leiria, com a Junta de Freguesia do Arrabal, com a Associação Folclórica da região de Leira Alta Estremadura e também com a Federação do Folclore Português.

SP: Mais aqui da Freguesia...

JF: Daqui da Freguesia, já colaborámos muito esporadicamente com outras associações, nomeadamente a filarmónica do Arrabal, a do Soutocico, com o São Bento e Soutocico, o Clube. Penso eu! Pelos menos, foram essas colaborações que temos.

SP: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

JF: Ah, sim! Eu acho que tem a ver com as vontades das próprias associações. Quando nós começamos a pensar num todo, ou seja, cada um está neste momento, quanto a mim, a pensar na sua própria associação, em desenvolver os eventos da associação, em levar a sua associação para a frente. Ok, tudo bem e acho que é de louvar logicamente. Mas vamos estar sempre a atingir o mesmo público-alvo, ou seja, não estamos a expandir. Sem esta interligação com as outras associações e o trabalho em rede como falavas, vamos estar sempre a trabalhar para as mesmas pessoas. Pessoas essas que já nos ajudam noutras situações, ou seja, não estamos a pensar global.

Quanto a mim, acho que devíamos de começar a pensar em freguesia, as associações trabalharem. É claro que tem que haver um membro agregador, que no meu entender poderia ser a Junta de Freguesia. É a minha opinião, mas há muito trabalho a fazer nesse aspeto, acho que sim.

SP: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida, aqui na freguesia?

JF: Por exemplo, o Arrabal em Movimento é um exemplo do que, pronto, que as coisas podem realmente funcionar. O último Arrabal em Movimento acabou por demonstrar este afastamento das associações perante o objetivo comum. Ou seja, fez-se um evento, foi um evento interessante, sem dúvida nenhuma, mas parece que era um monte de associações que ali estava, cada uma a trabalhar para si em vez de ser a Freguesia do Arrabal agregada e a trabalhar em prol de um único objetivo. Penso eu, que no último Arrabal em Movimento isso notou-se e muito. Agora, há muitas coisas que podem ser efetivamente desenvolvidas, mesmo noutros contextos, não só em eventos como temos o Lar Social do Arrabal que poderia, como outras associações, podíamos dar aqui um outro contributo. Cada associação tem as suas próprias necessidades, se calhar com a ajuda das outras associações podia-se criar sinergias, não sei, entrar-se aqui em parcerias, colaborações que conseguiam... Os objetivos seriam mais facilmente alcançados, acho eu, isto é a minha opinião.

SP: Posso só fazer uma pergunta que não está aqui no guião?

JF: Ok.

SP: Em relação ao Arrabal em Movimento, o que é que notou que estava ali desligado, que eram só associações? Como é que isso poderia ser melhorado do seu ponto de vista, uma estratégia?

JF: Pois, eu não tenho fórmula. Eu acho que tem que haver um sentimento mais de missão.

SP: Ou seja, de perderem a identidade própria e unirem-se só em função daquele dia?

JF: Pelo menos pensar em comum, pelo menos isso. Desde então que temos vindo a assistir, e eu pelo menos tenho vindo a assistir, a uma maior abertura também das outras associações, que não existia nessa altura. Não existia pura e simplesmente. Havia algumas pessoas que realmente colaboravam e que pensavam um pouco no conjunto, mas na realidade o que se passou ali um bocado foi...as associações foram ali desenvolver e promover-se a elas próprias, não foram promover a freguesia. Penso que já muito foi feito e evoluiu no sentido contrário, acho que sim, mas ainda assim...

SP: Foi um ensaio, foi um primeiro cenário.

JF: Exatamente, mas principalmente o que eu acho que é necessário tem a ver com mentalidades, a nossa freguesia realmente nesse contexto a dada altura, isto é histórico, houve aquela separação pelo ramo de baixo, pelo ramo de cima, do Arrabal e depois é Martinela e não sei o quê. E isto, ainda hoje nós estamos a sentir na pele esta guerrilha, é um pouco isso. O bairrismo, a divisão, cada um puxa para si e não se pensa num todo, mas penso que aos poucos e poucos vamos vendo sinais de melhoria, acho eu...

SP: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

JF: Não. Em termos de crítica há uma que eu tenho que dizer. Qualquer que seja a associação, ou várias associações, a promover na freguesia produzem-se eventos de grande qualidade. Muita qualidade! As pessoas empenham-se naquilo que fazem e aquilo que fazem, fazem bem! Agora, o meu problema aqui era aquilo que eu falava há pouco,

é a projeção, é o público-alvo. Acaba por ser sempre o mesmo. Ou seja, nós estamos a trabalhar, temos com brio, a fazer as coisas como deve de ser e bem feitas. E estou a falar em relação ao Rancho Folclórico do Freixial, como posso falar em relação em outra associação qualquer. Ou seja, é tudo bem feito, com brio, com qualidade e depois as pessoas são as mesmas, ou seja, isto não há projeção para fora da Freguesia, não há divulgação, mas mesmo que haja parece que as coisas não fluem. Alguma resistência sim.

E depois o bairrismo acaba por provar isso. Ok, é no Soutocico que é o evento, então não vou. Se eu sou do Freixial não vou ao Soutocico, e do Soutocico, é no Freixial então também não vou. Isto é um exemplo! Não sei se, às vezes pode acontecer, mas...

SP: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia, que eu não tenha falado e que ache importante ressaltar?

JF: Eu não sei, sei lá! Eu acho que há que, antes de mais, mudar mentalidades. Isso, se calhar, é o trabalho de todos nós. Logicamente, não é principalmente dos responsáveis associativos, mas também o membro agregador que eu falava, a Junta de Freguesia tem que promover aqui alguma interligação. Promover, sei lá, debates e termos, pode talvez ir ao encontro disso, não sei até que ponto. Mas principalmente, precisa mudar algumas mentalidades e eu penso que a nossa freguesia, principalmente ao nível cultural, é uma freguesia riquíssima, mesmo muito, com capacidade para executar coisas fantásticas. Assim a trabalharmos separadamente não vamos lá, acho eu!

SP: Por mim é tudo, só tenho a agradecer por este bocadinho..

JF: Eu não sei, está aqui a Célia pode dizer...acho que sim, também acrescentar aqui algo.

CC: Eu já vim um bocadinho fora do tempo, peço desculpa, mas pronto, no fundo também é aquilo que realmente o Jorge está a dizer. Eu sou do tempo da Filarmónica do Arrabal, em que o meu pai também lá andava e havia aquele trabalhar só em função deles mesmos, e então com as pessoas de mais idade isso era uma complicação. Nós tivemos lá uma vez uma reunião que aquilo deu mesmo para o torto, porque realmente as pessoas de mais idade eram muito agarradas às suas raízes, pronto. E eu estou convencida que a partir do momento em que as gerações mais novas começam a aparecer, até porque depois isto acaba por ter influência também nas escolas, os miúdos conhecem-se nas escolas, uns

são da Várzea, outros são do Arrabal, outros são do Soutocico. Acabam por minimizar, entre aspas, os atritos do antigamente e vão mudando as tais mentalidades que é mesmo preciso mudar.

Agora, realmente a Freguesia tem um potencial enorme, nós podemos desenvolver muita, muitas atividades, e como o Jorge dizia, realmente as atividades que se fazem são com muita qualidade e às vezes... Mas realmente o enfoque e a projeção com que sai para fora não é se calhar suficiente. Mas também, se formos a verificar à nossa volta, também existem outras freguesias que fazem a mesma coisa. Neste momento, por exemplo, o Arrabal é muito conhecido pela festa do...pela festa não, pelo Enterro do Bacalhau, por exemplo. Toda a gente conhece o Soutocico ou a Freguesia do Arrabal pelo Enterro do Bacalhau, também o nosso festival do feijão que também já começa a ser um ícone na nossa freguesia. A filarmónica do Arrabal também organiza todos os anos o concerto de ano novo, assim como a filarmónica do Soutocico, que ultimamente até tem feito no teatro José Lúcio da Silva. Isto são tudo sinais de que realmente nós somos uma freguesia em movimento mesmo.

APÊNDICE 4C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. JORGE FERREIRA

QUESTÃO	VOZES	INTERPRETAÇÃO
1 – Qual é a sua idade?	37 anos de idade.	
2 - Há quanto tempo dirige o Rancho Folclórico do Freixial e o Museu Etnográfico do Freixial?	“Portanto, ora, já vou no terceiro mandato, seis, sete, oito anos.”	- Mais de cinco anos
3 - Na sua opinião, qual é o impacto que o Rancho Folclórico do Freixial e o Museu Etnográfico do Freixial tem tido na Freguesia?	“Eu acho que é um impacto bastante grande, não só pelo número de elementos que o próprio grupo tem, também nas atividades que realiza e que têm também muita adesão. Também no contexto cultural, tem se afirmado também a sua importância quer nos eventos, quer na própria atividade relacionada com o folclore, relacionada com a etnografia.” “Portanto, eu acho que o impacto é bastante positivo e grande no contexto não só de freguesia, mas também do concelho, acho eu.”	- Etnografia - Folclore - Rancho envolve muitos elementos - Tem tido bastante destaque
4 - Há atividades que o Rancho Folclórico do Freixial e o Museu Etnográfico do Freixial desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?	“Sim! Temos parceria com a camara municipal de Leiria, com a Junta de Freguesia do Arrabal, com a Associação Folclórica da região de Leira Alta Estremadura e também com a Federação do Folclore Português. “ “Daqui da Freguesia, já colaborámos muito esporadicamente com outras associações, nomeadamente a filarmónica do Arrabal, a do Soutocico, com o São Bento e Soutocico, o Clube. Penso eu! Pelos menos, foram essas colaborações que temos.”	- Várias colaborações dentro e fora da Freguesia - Dentro da freguesia também tem colaborações assíduas com outras entidades.
5 - Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?	“Ah, sim! Eu acho que tem a ver com as vontades das próprias associações. Quando nós começamos a pensar num todo, ou seja, cada um está neste momento, quanto a mim, a pensar na sua própria associação, em desenvolver os eventos da associação, em levar a sua associação para a frente. Ok, tudo bem e acho que é de louvar logicamente. Mas vamos estar sempre a atingir o mesmo público-alvo, ou seja, não estamos a expandir. Sem esta interligação com as outras associações e o trabalho em rede como falavas, vamos estar sempre a trabalhar para as mesmas pessoas. Pessoas essas que já nos ajudam noutras situações, ou seja, não estamos a pensar global.” “Quanto a mim, acho que devíamos de começar a pensar em freguesia, as associações trabalharem. É claro que tem que haver um membro agregador, que no meu entender poderia ser a Junta de Freguesia. É a minha opinião, mas há muito trabalho a fazer nesse aspeto”	- Possível de ser melhorado - Cada um está concentrado na sua própria associação - Trabalho em rede - Necessidade de interligação entre coletividades para expandir o público alvo. - Pensar em Freguesia - Necessidade de um membro agregador
6 - Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que possa ser ainda mais desenvolvida?	“Por exemplo, o Arrabal em Movimento é um exemplo do que, pronto, que as coisas podem realmente funcionar. O último Arrabal em Movimento acabou por demonstrar este afastamento das associações perante o objetivo comum. Ou seja, fez-se um evento, foi um evento interessante, sem dúvida nenhuma, mas parece que era um monte de associações que ali estava, cada uma a trabalhar para si em	- Arrabal em Movimento (visível o individualismo entre as coletividades)

	vez de ser a Freguesia do Arrabal agregada e a trabalhar em prol de um único objetivo. Penso eu, que no último Arrabal em Movimento isso notou-se e muito. Agora, há muitas coisas que podem ser efetivamente desenvolvidas, mesmo noutros contextos, não só em eventos como temos o Lar Social do Arrabal que poderia, como outras associações, podíamos dar aqui um outro contributo. Cada associação tem as suas próprias necessidades, se calhar com a ajuda das outras associações podia-se criar sinergias, não sei, entrar-se aqui em parcerias, colaborações que conseguiam... Os objetivos seriam mais facilmente alcançados, acho eu, isto é a minha opinião.”	<ul style="list-style-type: none"> - Todos juntos em prol de um único objetivo - Criação de sinergias de modo a dar resposta às necessidades das coletividades e alcançar os objetivos
7 - Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?	<p>“Qualquer que seja a associação, ou várias associações, a promover na freguesia produzem-se eventos de grande qualidade. Muita qualidade! As pessoas empenham-se naquilo que fazem e aquilo que fazem, fazem bem! Agora, o meu problema aqui era aquilo que eu falava há pouco, é a projeção, é o público-alvo. [...] Ou seja, é tudo bem feito, com brio, com qualidade e depois as pessoas são as mesmas, ou seja, isto não há projeção para fora da Freguesia, não há divulgação, mas mesmo que haja parece que as coisas não fluem..”</p> <p>“E depois o bairrismo acaba por provar isso. Ok, é no Soutocico que é o evento, então não vou. Se eu sou do Freixial não vou ao Soutocico, e do Soutocico, é no Freixial então também não vou.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Eventos de qualidade - Falta de projeção - Resistência da população - Bairrismo
8 - Algum aspeto que queira mencionar em relação ao trabalho colaborativo na freguesia?	<p>“Eu não sei, sei lá! Eu acho que há que, antes de mais, mudar mentalidades. Isso, se calhar, é o trabalho de todos nós. Logicamente, não é principalmente dos responsáveis associativos, mas também o membro agregador que eu falava, a Junta de Freguesia tem que promover aqui alguma interligação. Promover, sei lá, debates e termos, pode talvez ir ao encontro disso, não sei até que ponto. Mas principalmente, precisa mudar algumas mentalidades e eu penso que a nossa freguesia, principalmente ao nível cultural, é uma freguesia riquíssima, mesmo muito, com capacidade para executar coisas fantásticas. Assim a trabalharmos separadamente não vamos lá, acho eu!”</p> <p>Intervenção de Célia Carvalho: “Eu sou do tempo da Filarmónica do Arrabal, em que o meu pai também lá andava e havia aquele trabalhar só em função deles mesmos, e então com as pessoas de mais idade isso era uma complicação. Nós tivemos lá uma vez uma reunião que aquilo deu mesmo para o torto, porque realmente as pessoas de mais idade eram muito agarradas às suas raízes, pronto. E eu estou convencida que a partir do momento em que as gerações mais novas começam a aparecer, até porque depois isto acaba por ter influência também nas escolas, os miúdos conhecem-se nas escolas, uns são da Várzea, outros são do Arrabal, outros são do Soutocico. Acabam por minimizar, entre aspas, os atritos do antigamente e vão mudando as tais mentalidades que é mesmo preciso mudar.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Fundamental a mudança das mentalidades - Auxílio da Junta de Freguesia na mudança - Comparação entre um episódio do passado e a realidade que se vive atualmente

Tabela 5 - Sinopse da entrevista ao sr. Jorge Ferreira

APÊNDICE 5A - GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. LÚCIO CRESPO

Entrevistado: Lúcio Crespo

Coletividade/Associação: Fundação Lar Santa Margarida

No âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, encontro-me a desenvolver um projeto de mediação comunitária na Freguesia de Arrabal, no qual pretendo ir ao encontro das vontades e/ou necessidades da população de modo a criar um conjunto de atividades mais em rede e de forma mais colaborativa.

Tudo o que for abordado nesta entrevista será única e exclusivamente destinado ao meu projeto de mestrado “Uma Freguesia (Com Vida)tiva”, sendo uma ferramenta essencial para a criação das atividades a implementar em 2019.

1: Qual a sua idade?

2: Há quanto tempo dirige a Fundação Lar Santa Margarida?

3: Na sua opinião qual é o impacto que a Fundação Lar Santa Margarida tem tido na Freguesia?

4: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?

5: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

6: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

7: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

8: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

Lúcio Crespo, muito obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE 5B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO SR. LÚCIO CRESPO

Entrevistado: Lúcio Crespo

Coletividade/Associação: Fundação Lar Santa Margarida

Data: 21/04/2019

SP: Qual é a sua idade?

LC: A minha ou a da instituição?

SP: A sua.

LC: A minha, sessenta e três.

SP: Há quanto tempo dirige a Fundação Lar Santa Margarida?

LC: Trinta anos.

SP: Na sua opinião qual é o impacto que a Fundação Lar Santa Margarida tem tido na Freguesia?

LC: Eu acho que tem tido um impacto importante, desde logo o acolhimento das crianças, a possibilidade que a gente tem. Ao acolher cá as crianças é dar possibilidade para que os pais procurem a sua subsistência, nomeadamente com a possibilidade que tanto as mães como os pais possam ter, desenvolver uma atividade profissional.

SP: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?

LC: Não muitas. Para além da atividade que temos com o fornecimento de refeições ao pré-escolar, em colaboração com a associação de pais, pronto...estamos sempre disponíveis para desenvolver outro tipo de atividades, sempre que nos venham propor isso. Já fizemos outro, se calhar trabalhos com a filarmónica, se calhar parcerias com a junta, se calhar com o rancho, com o Lar Social. Essencialmente, sempre que nos pedem colaboração nós estamos disponíveis.

SP: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

LC: É assim, pode ser sempre melhorado, eu acho que é uma das coisas que, se calhar, não existe aqui na freguesia, é digamos, portanto, a convivência, chamemos assim, entre as diversas coletividades. Porque muitas vezes a gente vai a ver nos calendários as atividades, já há atividades marcadas para o mesmo fim de semana de duas e três coletividades ao mesmo tempo, não é?! E isso tira o impacto em todas. Portanto, nem é bom para um nem é bom para outras. Acho que devia de haver qualquer coisa, uma entidade ou uma pessoa, ou alguém, ou seja lá quem for, que coordenasse as diversas atividades das diversas entidades, não é? Penso que a Junta, neste momento, está a fazer um pouco disso, mas no passado, pronto, acontecia muitas vezes estarem as festas de final do ano marcadas para a mesma altura. Por exemplo, o encerramento da catequese, o encerramento das atividades da filarmónica, pronto, e outras coisas assim.

SP: Ou seja, essa seria uma estratégia de como melhorar o trabalho! E que outras pode apresentar?

LC: Poderíamos, acho que podemos passar por aí! Sei lá Sandra, assim de repente não estou assim a ver. Para além da cooperação que eu acho que deveria de existir em todas as coletividades, eu acho que havendo essa colaboração poder-se-ia desenvolver qualquer tipo de trabalho ou qualquer tipo de atividade.

SP: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

LC: Agora apanhaste-me na curva! Sei lá! Não sei...

SP: Algo que já tenha em mente há muito tempo!

LC: Não é assim, oh Sandra. Sinceramente, essas coisas eu também, como já ando nisto há tanto tempo, portanto, a minha parte está mais ligada à gestão. Disso, eu deixo mais esse tipo de atividades, tipo de propostas que possam surgir para as nossas colaboradoras, nomeadamente, portanto, aqui no ATL é a Luísa ou a Ana Rita e neste momento a Bárbara, lá em baixo é a Irene e a Dulcínea. Elas é que coordenam mais esse tipo de atividades. A nós só nos pedem luz verde e nós, se entendermos que devem de avançar, avançam e pronto, e muitas delas praticamente, portanto, sabem que estamos de acordo, nem tão pouco, só nos dão conhecimento depois das coisas estarem em andamento,

porque eu não tenho nada contra isso e acho muito bem que elas promovam esse tipo de atividades.

SP: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

LC: Só se forem por ser poucas não é? mas de resto não! Não tenho, acho que não tenho assim nada a apontar naquilo que é feito. Penso que é feito com cabeça, tronco e membros e pronto. Não sei também se poderíamos fazer mais, se calhar sim, podem sempre fazer sempre mais qualquer coisa, mas sinceramente não tenho assim exemplos para dar, muito nesse aspeto, não.

SP: Algum aspeto que queira mencionar sobre o trabalho colaborativo na freguesia?

LC: Não, penso que não tenho assim nada a apontar, nem tão pouco.... Pronto, assim de repente, que me possa sugerir alguma ideia que possa dar sugestão, mas neste momento não tenho assim, nada assim de especial.

APÊNDICE 5C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. LÚCIO CRESPO

QUESTÃO	VOZES	INTERPRETAÇÃO
1 – Qual é a sua idade?	“63 anos”	
2 - Há quanto tempo dirige a Fundação Lar Santa Margarida?	“Trinta anos”	- Mais de vinte e cinco anos
3 - Na sua opinião, qual é o impacto que a Fundação Lar Santa Margarida tem tido na Freguesia?	“Eu acho que tem tido um impacto importante, desde logo o acolhimento das crianças, a possibilidade que a gente tem. Ao acolher cá as crianças é dar possibilidade para que os pais procurem a sua subsistência, nomeadamente com a possibilidade que tanto as mães como os pais possam ter, desenvolver uma atividade profissional.”	- Acolhimento - Apoio aos pais
4 - Há atividades que a Fundação Lar Santa Margarida desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?	“Não muitas. Para além da atividade que temos com o fornecimento de refeições ao pré-escolar, em colaboração com a associação de pais, pronto... estamos sempre disponíveis para desenvolver outro tipo de atividades, sempre que nos venham propor isso. Já fizemos outro, se calhar trabalhos com a filarmónica, se calhar parcerias com a junta, se calhar com o rancho, com o Lar Social. Essencialmente, sempre que nos pedem colaboração nós estamos disponíveis.”	- Colaboração e abertura com as entidades da Freguesia
5 - Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?	“É assim, pode ser sempre melhorado, eu acho que é uma das coisas que, se calhar, não existe aqui na freguesia, é digamos, portanto, a convivência, chamemos assim, entre as diversas coletividades. Porque muitas vezes a gente vai a ver nos calendários as atividades, já há atividades marcadas para o mesmo fim de semana de duas e três coletividades ao mesmo tempo, não é?! E isso tira o impacto em todas. Portanto, nem é bom para um nem é bom para outras. Acho que devia de haver qualquer coisa, uma entidade ou uma pessoa, ou alguém, ou seja lá quem for, que coordenasse as diversas atividades das diversas entidades, não é? Penso que a Junta, neste momento, está a fazer um pouco disso, mas no passado, pronto, acontecia muitas vezes estarem as festas de final do ano marcadas para a mesma altura. [...] Para além da cooperação que eu acho que deveria de existir em todas as coletividades, eu acho que havendo essa colaboração poder-se-ia desenvolver qualquer tipo de trabalho ou qualquer tipo de atividade.”	- Calendário Sobrecarregado com duas e três atividades diferentes a decorrer no mesmo dia e horário - Membro regulador (Junta de Freguesia) - Cooperação
6 - Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que possa ser ainda mais desenvolvida?	Sinceramente, essas coisas eu também, como já ando nisto há tanto tempo, portanto, a minha parte está mais ligada à gestão. Disso, eu deixo mais esse tipo de atividades, tipo de propostas que possam surgir para as nossas colaboradoras, nomeadamente, portanto, aqui no ATL é a Luísa ou a Ana Rita e neste momento a Bárbara, lá em baixo é a Irene e a Dulcínea. Elas é que coordenam mais esse tipo de atividades. A nós só nos pedem luz verde e nós, se entendermos que devem de avançar, avançam e pronto, e muitas delas praticamente, portanto, sabem que estamos de acordo, nem tão pouco, só nos dão conhecimento depois das coisas estarem em andamento, porque eu não tenho nada contra isso e acho muito bem que elas promovam esse tipo de atividades.”	- Não são da responsabilidade o entrevistado. - Complemento da entrevista com uma segunda entrevista a Ana Júlio

7 - Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?	“Não tenho, acho que não tenho assim nada a apontar naquilo que é feito. Penso que é feito com cabeça, tronco e membros e pronto.”	- Sem críticas
8 - Algum aspeto que queira mencionar em relação ao trabalho colaborativo na freguesia?	“[...] neste momento não tenho assim nada assim de especial.”	- Não aprofundou o tema

Tabela 6 - Sinopse da entrevista ao sr. Lúcio Crespo

APÊNDICE 5.1A - GUIÃO DE ENTREVISTA À COLABORADORA ANA JÚLIO

Entrevistado: Ana Júlio

Coletividade/Associação: Fundação Lar Santa Margarida

No âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, encontro-me a desenvolver um projeto de mediação comunitária na Freguesia de Arrabal, no qual pretendo ir ao encontro das vontades e/ou necessidades da população de modo a criar um conjunto de atividades mais em rede e de forma mais colaborativa.

Tudo o que for abordado nesta entrevista será única e exclusivamente destinado ao meu projeto de mestrado “Uma Freguesia (Com Vida)tiva”, sendo uma ferramenta essencial para a criação das atividades a implementar em 2019.

1: Qual a sua idade?

2: Há quanto tempo dirige a Fundação Lar Santa Margarida?

3: Na sua opinião qual é o impacto que a Fundação Lar Santa Margarida tem tido na Freguesia?

4: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?

5: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

6: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

7: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

8: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

Ana Júlio, muito obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE 5.1B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA À COLABORADORA ANA JÚLIO

Entrevistada: Ana Júlio

Coletividade/Associação: Fundação Lar Santa Margarida

Data: 04/01/2019

SP: Qual é a sua idade?

AJ: 40

SP: Há quanto tempo se encontra na Fundação Lar Santa Margarida?

AJ: Há quatro anos.

SP: Sem nenhum contacto antes com ela?

AJ: Sem nenhum contacto antes, sim!

SP: Na sua opinião qual é o impacto que a Fundação Lar Santa Margarida tem tido na Freguesia?

AJ: Penso que é uma resposta social fundamental, quer na parte creche/jardim de infância não é, a primeira infância é fundamental enquanto resposta (tosse), enquanto IPSS, mesmo na parte creche...berçário, creche. É uma resposta única com uma qualidade ímpar. Penso que ao nível pré-escolar é excelente, ao nível de ATL também penso que é fundamental, penso que é uma resposta também fantástica no sentido que estamos a falar, quer em termos de resposta de almoços, quer em termos de resposta de complemento ao horário letivo que se dá um apoio ao nível escolar...Opá mesmo espetacular. Ou seja, tendo em conta às vezes a pouca disponibilidade, ou a falta de conhecimentos, ou a falta de tempo que os pais muitas vezes têm para fazer esse acompanhamento, eu acho que conseguem ter, neste caso no ATL, que é a parte onde eu estou mais associada, conseguem ter no ATL uma resposta de facto com uma qualidade semelhante a um centro de estudos, como eu digo. Ou seja, tem o apoio, tem professores de apoio, tem as

colaboradoras que também tem formação específica para fazer o acompanhamento. Acho que em termos de resposta é mesmo muito, muito importante na vida destas crianças para dar resposta um bocadinho às solicitações escolares. Isto, ao nível escolar não é, acho que é mesmo fundamental no dia a dia destas crianças a resposta do ATL, sem dúvida alguma.

SP: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?

AJ: É assim, desde que cá estou, penso que isso já se fazia com alguma frequência, mas eu tento de alguma forma fazer um bocadinho essa criação de laços e de rede. Temos feito visitas ao Lar Social do Arrabal, não com a frequência desejada, porque nem sempre é possível, porque só no período de férias é que conseguimos fazer essa interação, mas temos feito algumas visitas, na páscoa eles também nos visitam sempre a nós.

Quando houve o projeto CAOsas também fiz questão de tentarmos articular e festejamos lá o dia dos avós, um bocadinho no âmbito de um projeto que tinham lá de material escolar, que também foi muito interessante para dar a conhecer o projeto CAOsas. E depois vamos contando também com a Junta de Freguesia, sempre que é possível, quer para utilização de equipamentos, seja o pavilhão, seja as infraestruturas, não é?! Também vamos de alguma forma, seja o Parque de Merendas do Soutocico, também de vez em quando vamos solicitar as chaves para utilizar as infraestruturas. Ou seja, vamos tentando articular desta forma.

Depois existe também com a filarmónica, uma vez que também quando é o período de férias eles também fazem cá os almoços do período de férias deles, por isso nós também tentamos sempre fazer alguma articulação de algumas atividades em conjunto também com a filarmónica. Ou seja tentamos de alguma forma articular com os diferentes...

SP: Em período de férias a filarmónica vem aqui almoçar?

AJ: Eles almoçam cá sim, eles beneficiam do nosso espaço para fazer os almoços aqui. E por isso vamos assim articulando dentro do possível. É assim para já o que eu me estou a lembrar, depois também existem aquelas atividades conjuntas do dia da criança e outras atividades em que também há alguma ligação entre as diferentes valências, sim.

SP: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

AJ: Eu penso que sim. Penso que há sempre aspetos a melhorar. E como? Eu penso que passa um pouquinho por aí, ou seja, precisamente pela articulação. Ou seja, por exemplo, nas férias da filarmónica, ou seja, de alguma forma também articular e serem eles a desenvolver atividades no ATL que, já no fundo, têm um programa de férias. Mas porque não articular e fazer aqui também atividades connosco, ou os escuteiros fazerem aqui atividades connosco?! De alguma forma fazer essa articulação. Eu penso que poderia ser interessante fazermos mais atividades conjuntas, sem dúvida.

SP: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

AJ: (A pensar) Eu, por exemplo, acho que o Arrabal em Movimento foi interessantíssimo. Acho que já foi uma articulação... Eu, pessoalmente, não conhecia, como não sou da freguesia não conhecia, já achei superinteressante. Por isso, eu acho que são atividades um bocado, dessa forma, que são benéficas para as próprias instituições. Também são formas de valorizar o seu trabalho, darem a conhecer... Eu sugeria esse tipo de atividade, ou seja, se fosse num dia da Freguesia, fosse com uma desculpa qualquer num determinado dia, mas que as pessoas pudessem apresentar os seus trabalhos e articular, pronto... E conhecer o trabalho que é feito pelas outras instituições.

Houve um outro projeto também muito interessante, que acho que também resultou muito bem, foi os Novos Ventos, que no ano passado, eu estava de licença de maternidade, não estive cá no período de férias, mas não correu da mesma maneira. Pronto, fiquei com pena de não ter corrido da mesma maneira. Não sei se correu melhor, se pior, pronto, mas não correu da mesma maneira. Porquê? Porque calhou-nos, à freguesia, a vinda dos Novos Ventos em período escolar, ou seja, nós enquanto fundação não conseguimos funcionar da mesma maneira, porque de facto, há dois anos, ou seja, no ano anterior, também acho que resultou muito bem. Não sei se estiveste presente no espetáculo, acho que foi giríssimo. Participou o Rancho, participou o Lar, participou a Fundação. Mesmo os miúdos aqui da Fundação adoraram e os pais adoraram, os miúdos que participaram adoraram e acho que fizeram um trabalho fantástico com eles e acho que também foi, mesmo quem foi, porque as pessoas acho que nem tinham muito conhecimento do que ia acontecer e então acabaram por ir assim um bocado “vamos lá ver o que é que é”, mas quem foi gostou muito, não é? E por isso é que eu acho que era de promover e voltar a repetir. Pronto, acho que o trabalho resultou muito bem.

Eu sei que este ano estão a fazer um trabalho também interessante para o dia da criança em articulação com as escolas. Estão a fazer qualquer coisa também que, e acho que vai um bocado nesse sentido, e acho que é importante essa articulação, sim.

SP: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

AJ: Não! Em termos de articulação, que eu conheço, foi mesmo essa do Arrabal em Movimento, foi a que eu acompanhei mais de perto, e acho que correu muito bem, pronto. É a tal questão, eu como não sou da Freguesia se calhar é assim um bocadinho mais diferente, se calhar não estou tão presente, mas eu de facto surpreende-me esta freguesia precisamente pelo facto de ter tantas instituições, de ter tanta valência, tanta cultura, de ter uma oferta cultural excelente. Eu fico mesmo impressionada pela positiva. Exatamente, por ter tantas instituições e pessoas tão dinâmicas, e eu acho que o que eu tenho a dizer é de bom.

SP: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

AJ: Pois, não sei, também enquanto instituição de que forma é que poderemos ser mais participativos, mais colaborativos. Quer a parte da creche/jardim de infância, que nós enquanto ATL. Aí posso fazer uma crítica que é nesse sentido, ou seja, às vezes nós enquanto ATL, como nós apanhamos uma faixa etária que é mais relacionada com a escola, muitas vezes a escola é que fica convidada a participar e o ATL nesse momento não é tanto. Ou seja, nós participamos enquanto creche e jardim de infância e depois vai à escola, ou seja, nós enquanto ATL não tanto. Por isso, o que eu posso dizer é que, nas férias, ou sempre que seja possível, e que nós aí estamos a tempo inteiro com os meninos, sempre que for necessário também estamos disponíveis... Aí somos nós a resposta, não é a escola, não é, aí somos nós, é connosco que eles estão, por isso o que precisarem da nossa parte é a nós que podem recorrer.

Ana Júlio, muito obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE 5.1C – SINOPSE DA ENTREVISTA À COLABORADORA ANA JÚLIO

CATEGORIA	VOZES	INTERPRETAÇÃO
1 – Qual é a sua idade?	“40 anos”	
2 - Há quanto tempo se encontra na Fundação Lar Santa Margarida?	“Há quatro anos.” “Sem nenhum contacto antes”.	- Menos de cinco anos
3 - Na sua opinião qual é o impacto que a Fundação Lar Santa Margarida tem tido na Freguesia?	“Penso que é uma resposta social fundamental, quer na parte creche/jardim de infância não é, a primeira infância é fundamental enquanto resposta (tosse), enquanto IPSS, mesmo na parte creche...berçário/creche. É uma resposta única com uma qualidade ímpar. Penso que ao nível pré-escolar é excelente, ao nível de ATL também penso que é fundamental, penso que é uma resposta também fantástica no sentido que estamos a falar, quer em termos de resposta de almoços, quer em termos de resposta de complemento ao horário letivo que se dá um apoio ao nível escolar...[...] Ou seja, tendo em conta às vezes a pouca disponibilidade, ou a falta de conhecimentos, ou a falta de tempo que os pais muitas vezes têm para fazer esse acompanhamento, eu acho que conseguem ter, neste caso no ATL, que é a parte onde eu estou mais associada, conseguem ter no ATL uma resposta de facto com uma qualidade semelhante a um centro de estudos, como eu digo. Ou seja, tem o apoio, tem professores de apoio, tem as colaboradoras que também tem formação específica para fazer o acompanhamento. Acho que em termos de resposta é mesmo muito, muito importante na vida destas crianças para dar resposta um bocadinho às solicitações escolares”.	- Valências creche/Jardim de Infância e ATL - Qualidade ímpar - Almoços -Complemento de horário letivo - Ajuda nos estudos -Formação dos funcionários
4 - Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?	“É assim, desde que cá estou, penso que isso já se fazia com alguma frequência, mas eu tento de alguma forma fazer um bocadinho essa criação de laços e de rede. Temos feito visitas ao Lar Social do Arrabal, não com a frequência desejada, porque nem sempre é possível, porque só no período de férias é que conseguimos fazer essa interação, mas temos feito algumas visitas, na páscoa eles também nos visitam sempre a nós.” “Quando houve o projeto CAOsas também fiz questão de tentarmos articular e festejamos lá o dia dos avós, um bocadinho no âmbito de um projeto que tinham lá de material escolar, que também foi muito interessante para dar a conhecer o projeto CAOsas. E depois vamos contando também com a Junta de Freguesia, sempre que é possível, quer para utilização de equipamentos, seja o pavilhão, seja as infraestruturas, não é?! Também vamos de alguma forma, seja o Parque de Merendas do Soutocico, também de vez em quando vamos solicitar as chaves para utilizar as infraestruturas. Ou seja, vamos tentando articular desta forma”.	- Visitas intergeracionais ao Lar Social do Arrabal - Período de férias é onde se desenvolvem mais atividades - O projeto CAOsas espaço usado para comemorar o dia dos avós - A junta de Freguesia para utilização de infraestruturas - Filarmónica do Arrabal que beneficia nas férias com o apoio dos almoços

	<p>“Depois existe também com a filarmónica, uma vez que também quando é o período de férias eles também fazem cá os almoços do período de férias deles, por isso nós também tentamos sempre fazer alguma articulação de algumas atividades em conjunto também com a filarmónica. “</p> <p>“Eles almoçam cá sim, eles beneficiam do nosso espaço para fazer os almoços aqui. E por isso vamos assim articulando dentro do possível. É assim para já o que eu me estou a lembrar, depois também existem aquelas atividades conjuntas do dia da criança e outras atividades em que também há alguma ligação entre as diferentes valências, sim”.</p>	
5 - Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?	<p>“Eu penso que sim. Penso que há sempre aspetos a melhorar. E como? Eu penso que passa um pouquinho por aí, ou seja, precisamente pela articulação. Ou seja, por exemplo, nas férias da filarmónica, ou seja, de alguma forma também articular e serem eles a desenvolver atividades no ATL que, já no fundo, têm um programa de férias. Mas porque não articular e fazer aqui também atividades connosco, ou os escuteiros fazerem aqui atividades connosco?! De alguma forma fazer essa articulação. Eu penso que poderia ser interessante fazermos mais atividades conjuntas, sem dúvida”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Pode ser melhorado - Articulação - Mais atividades conjuntas
6 - Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que possa ser ainda mais desenvolvida?	<p>“Eu, por exemplo, acho que o Arrabal em Movimento foi interessantíssimo. Acho que já foi uma articulação... Eu, pessoalmente, não conhecia, como não sou da freguesia não conhecia, já achei superinteressante. Por isso, eu acho que são atividades um bocado, dessa forma, que são benéficas para as próprias instituições. Também são formas de valorizar o seu trabalho, darem a conhecer... Eu sugeria esse tipo de atividade, ou seja, se fosse num dia da Freguesia, fosse com uma desculpa qualquer num determinado dia, mas que as pessoas pudessem apresentar os seus trabalhos e articular, pronto... E conhecer o trabalho que é feito pelas outras instituições.”</p> <p>“Houve um outro projeto também muito interessante, que acho que também resultou muito bem, foi os Novos Ventos, que no ano passado, eu estava de licença de maternidade, não estive cá no período de férias, mas não correu da mesma maneira. Pronto, fiquei com pena de não ter corrido da mesma maneira. Não sei se correu melhor, se pior, pronto, mas não correu da mesma maneira. Porquê? Porque calhou-nos, à freguesia, a vinda dos Novos Ventos em período escolar, ou seja, nós enquanto fundação não conseguimos funcionar da mesma maneira, porque de facto, há dois anos, ou seja, no ano anterior, também acho que resultou muito bem. [...] Participou o Rancho, participou o Lar, participou a Fundação. Mesmo os miúdos aqui da Fundação adoraram e os pais adoraram, os miúdos que participaram adoraram e acho que fizeram um trabalho fantástico com eles e acho que também foi, mesmo quem foi, porque as pessoas acho que nem tinham muito conhecimento do que ia acontecer e então acabaram por ir assim um bocado “vamos lá ver o que é que é”, mas quem foi gostou muito, não é? E por isso é que eu acho que era de promover e voltar a repetir”.</p> <p>“Eu sei que este ano estão a fazer um trabalho também interessante para o dia da criança em articulação com as escolas. Estão a fazer qualquer coisa também que, e acho que vai um bocado nesse sentido, e acho que é importante essa articulação, sim”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Arrabal em Movimento - Apresentar o trabalho das coletividades - Valorização do trabalho de cada instituição - Novos Ventos - Evento avaliado positivamente - Várias participações - Dia da Criança - Articulação importante

<p>7 - Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?</p>	<p>“É a tal questão, eu como não sou da Freguesia se calhar é assim um bocadinho mais diferente, se calhar não estou tão presente, mas eu de facto surpreende-me esta freguesia precisamente pelo facto de ter tantas instituições, de ter tanta valência, tanta cultura, de ter uma oferta cultural excelente. Eu fico mesmo impressionada pela positiva. Exatamente, por ter tantas instituições e pessoas tão dinâmicas, e eu acho que o que eu tenho a dizer é de bom”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Freguesia surpreendente - Várias instituições e valências - Muita cultura e oferta cultural excelente - Pessoas dinâmicas
<p>8 - Algum aspeto que queira mencionar em relação ao trabalho colaborativo na freguesia?</p>	<p>“Pois, não sei, também enquanto instituição de que forma é que poderemos ser mais participativos, mais colaborativos. Quer a parte da creche/jardim de infância, que nós enquanto ATL. Aí posso fazer uma crítica que é nesse sentido, ou seja, às vezes nós enquanto ATL, como nós apanhamos uma faixa etária que é mais relacionada com a escola, muitas vezes a escola é que fica convidada a participar e o ATL nesse momento não é tanto. Ou seja, nós participamos enquanto creche e jardim de infância e depois vai à escola, ou seja, nós enquanto ATL não tanto. Por isso, o que eu posso dizer é que, nas férias, ou sempre que seja possível, e que nós aí estamos a tempo inteiro com os meninos, sempre que for necessário também estamos disponíveis... Aí somos nós a resposta, não é a escola, não é, aí somos nós, é connosco que eles estão, por isso o que precisarem da nossa parte é a nós que podem recorrer”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Crítica escola convidada a participar mais vezes eventos que o ATL que também acompanha assiduamente as crianças, não só depois da escola, mas como em tempo de férias

Tabela 7 - Sinopse da entrevista à colaboradora Ana Júlio

APÊNDICE 6A – GUIÃO DE ENTREVISTA À DRA. LILIANA BRITES

Entrevistado: Liliana Barites

Coletividade/Associação: Lar Social do Arrabal

No âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, encontro-me a desenvolver um projeto de mediação comunitária na Freguesia de Arrabal, no qual pretendo ir ao encontro das vontades e/ou necessidades da população de modo a criar um conjunto de atividades mais em rede e de forma mais colaborativa.

Tudo o que for abordado nesta entrevista será única e exclusivamente destinado ao meu projeto de mestrado “Uma Freguesia (Com Vida)tiva”, sendo uma ferramenta essencial para a criação das atividades a implementar em 2019.

1: Qual a sua idade?

2: Há quanto tempo dirige o Lar Social do Arrabal?

3: Na sua opinião qual é o impacto que o Lar Social do Arrabal tem tido na Freguesia?

4: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades?
Quais?

5: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

6: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

7: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

8: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

Liliana Brites, muito obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE 6B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA À DRA. LILIANA BRITES

Entrevistado: Liliana Brites

Coletividade/Associação: Lar Social do Arrabal

Data: 05/04/2019

SP: Qual é a sua idade?

LB: 35

SP: Há quanto tempo dirige o Lar Social do Arrabal?

LB: Três anos na função de Diretora Técnica

SP: Na sua opinião, qual é o impacto que o Lar Social do Arrabal tem tido na Freguesia?

LB: É a única instituição de apoio aos idosos na freguesia e é muito solicitada. Não conseguimos dar resposta a todos os pedidos da freguesia.

SP: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?

LB: Sim. Temos as Novas Primaveras, que é a Junta de Freguesia que financia, na festa de natal convidamos sempre um grupo da freguesia a participar e durante o ano temos intercâmbios com a escola de música, com o ATL, com os Infantários.

SP: Das Instituições todas que existem na freguesia, há alguma de que se lembre com a qual não dinamizaram nenhuma atividade?

LB: Sim. Os clubes recreativos. Muitas atividades que eles dinamizam são, sobretudo, ao fim de semana e as nossas atividades, normalmente, são durante a semana.

SP: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

LB: Pode. Da nossa parte tentamos fazer atividades com as instituições. Algumas, como não têm esse tipo de atividades diretamente direcionadas para o nosso público-alvo, nós

não os procuramos para dinamizarmos atividades em conjunto. Só se eles mudarem o tipo de atividades para a nossa instituição. Algumas são durante a noite, outras são durante o fim de semana, e nós temos dificuldade em, à noite, deslocar os nossos utentes para participar neste tipo de eventos que algumas associações desempenham ao fim de semana.

SP: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

LB: Fizemos, há uns anos, um projeto com o Clube do Soutocico, onde as crianças vinham pelo menos uma vez por mês estar com os idosos, fizeram uma árvore de natal com garrações reciclados, o grupo masculino veio jogar às cartas com os idosos, e foi pena termos parado esse intercâmbio.

SP: Porquê?

LB: Porque eles têm jogos, treinos, e era difícil para eles continuar. E depois as pessoas que estão no clube também mudam, mudam as ideias,

SP: E esse foi o motivo pelo qual parou?

LB: Sim. Eles tinham que disponibilizar mais tempo para além dos jogos e dos treinos e utilizavam esse tempo para virem ao lar.

SP: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

LB: Não.

SP: Nem uma?

LB: Penso que se têm dinamizado várias atividades que vão de encontro de toda a população.

SP: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

LB: A nível de atividades não tenho nada a apontar. O que nós notamos nos nossos utentes do apoio domiciliário, nalguns casos, é a necessidade de meio de transporte, não têm família para se deslocarem ao Centro de Saúde e esse é um aspeto que não sei se passa pela Junta (de Freguesia) tentar fazer alguma coisa. Às vezes, a falta de médico para esta

população, nós não conseguimos dar resposta aos nossos utentes do apoio domiciliário na área clínica, de enfermagem vamos tentando, pois eles podem vir cá e, se for urgente, a enfermeira vai lá a casa. A nível clínico não conseguimos colmatar essas necessidades, e sinto que eles têm essa necessidade, não só os nossos utentes mas a maioria dos idosos, pois não têm família e para se deslocarem à consulta aberta têm dificuldade em se deslocar, e é uma das lacunas que vejo, mas não deve ser fácil resolver.

SP: Não tenho mais perguntas a colocar. Não sei se quer dizer mais alguma coisa, esteja à vontade.

LB: Continuem (a Junta de Freguesia) a desenvolver atividades. As atividades que têm desenvolvido no dia da criança, acho que tentam abranger todas as instituições, apesar de ser o dia da criança e de ser dirigido para as crianças, conseguem envolver os idosos e as outras associações, nem que seja só participação nos jogos que eles têm, da música, da ginástica, as áreas todas.

SP: Sendo assim, obrigada pela sua colaboração.

APÊNDICE 6C – SINOPSE DA ENTREVISTA À DRA., LILIANA BRITES

QUESTÃO	VOZES	INTERPRETAÇÃO
1 – Qual é a sua idade?	“35 anos”	
2 - Há quanto tempo dirige o Lar Social do Arrabal?	“Três anos na função de Diretora Técnica”	- Menos de cinco anos
3 - Na sua opinião, qual é o impacto que o Lar Social do Arrabal tem tido na Freguesia?	“É a única instituição de apoio aos idosos na freguesia e é muito solicitada. Não conseguimos dar resposta a todos os pedidos da freguesia.”	- Impacto positivo - Bastante solicitada - Única na Freguesia
4 - Há atividades que o Lar Social do Arrabal desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?	“Sim. Temos as Novas Primaveras, que é a Junta de Freguesia que financia, na festa de natal convidamos sempre um grupo da freguesia a participar e durante o ano temos intercâmbios com a escola de música, com o ATL, com os Infantários.”	- Vários intercâmbios dentro da Freguesia
5 - Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?	“Pode. Da nossa parte tentamos fazer atividades com as instituições. Algumas, como não têm esse tipo de atividades diretamente direcionadas para o nosso público-alvo, nós não os procuramos para dinamizarmos atividades em conjunto. Só se eles mudarem o tipo de atividades para a nossa instituição. Algumas são durante a noite, outras são durante o fim de semana, e nós temos dificuldade em, à noite, deslocar os nossos utentes para participar neste tipo de eventos que algumas associações desempenham ao fim de semana.”	- Prioridade e procura de atividades colaborativas dentro da Freguesia - Dificuldade em colaborar com algumas entidades - Impedimentos
6 - Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que possa ser ainda mais desenvolvida?	“Fizemos, há uns anos, um projeto com o Clube do Soutocico, onde as crianças vinham pelo menos uma vez por mês estar com os idosos, fizeram uma árvore de natal com garrafas recicladas, o grupo masculino veio jogar às cartas com os idosos, e foi pena termos parado esse intercâmbio. “ “Porque eles têm jogos, treinos, e era difícil para eles continuar. E depois as pessoas que estão no clube também mudam, mudam as ideias,” “Eles tinham que disponibilizar mais tempo para além dos jogos e dos treinos e utilizavam esse tempo para virem ao lar.”	- Intercambio com o Clube do Soutocico - Crianças - Diversidade de atividades - Impossibilidade por parte do Clube em continuar
7 - Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?	“Não. Penso que se têm dinamizado várias atividades que vão de encontro de toda a população.”	- Sem críticas - Atividades destinadas a toda a população
8 - Algum aspeto que queira mencionar em relação ao	“A nível de atividades não tenho nada a apontar. O que nós notamos nos nossos utentes do apoio domiciliário, nalguns casos, é a necessidade de meio de transporte, não têm família para se deslocarem ao Centro de Saúde e esse é um aspeto que não sei se passa pela Junta (de Freguesia) tentar fazer alguma	- Necessidade de transporte para a população mais envelhecida e com dificuldades em se deslocar

trabalho colaborativo na freguesia?	coisa. Às vezes, a falta de médico para esta população, nós não conseguimos dar resposta aos nossos utentes do apoio domiciliário na área clínica, de enfermagem vamos tentando, pois eles podem vir cá e, se for urgente, a enfermeira vai lá a casa. A nível clínico não conseguimos colmatar essas necessidades, e sinto que eles têm essa necessidade, não só os nossos utentes mas a maioria dos idosos, pois não têm família e para se deslocarem à consulta aberta têm dificuldade em se deslocar, e é uma das lacunas que vejo, mas não deve ser fácil resolver.”	ao centro da Freguesia ou outros lados que necessite.
-------------------------------------	---	---

Tabela 8 - Sinopse da entrevista à dra. Liliana Brites

APÊNDICE 7A - GUIÃO DE ENTREVISTA À PROFESSORA LÍDIA

Entrevistada: Professora Lídia

Coletividade/Associação: Escola Básica do 1º Ciclo do Arrabal

No âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, encontro-me a desenvolver um projeto de mediação comunitária na Freguesia de Arrabal, no qual pretendo ir ao encontro das vontades e/ou necessidades da população de modo a criar um conjunto de atividades mais em rede e de forma mais colaborativa.

Tudo o que for abordado nesta entrevista será única e exclusivamente destinado ao meu projeto de mestrado “Uma Freguesia (Com Vida)tiva”, sendo uma ferramenta essencial para a criação das atividades a implementar em 2019.

1: Qual a sua idade?

2: Há quanto tempo dirige/se encontra na EB1 do Arrabal?

3: Na sua opinião qual é o impacto que a EB1 do Arrabal tem tido na Freguesia?

4: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?

5: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

6: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

7: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

8: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

Professora, muito obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE 7B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À PROFESSORA LÍDIA

Entrevistada: Professora Lídia

Coletividade/Associação: Escola Básica do 1º Ciclo do Arrabal

Data: 14/07/2018

SP: Qual é a sua idade?

PL: 44.

SP: Há quanto tempo dirige/se encontra na EB1 do Arrabal?

PL: Aqui nesta escola estou há quatro anos.

SP: Na sua opinião, qual é o impacto que a EB1 do Arrabal tem tido na Freguesia?

PL: Eu penso que há um grande envolvimento entre todas as instituições, nomeadamente entre a escola, a Junta de Freguesia, o Lar de Santa Margarida (interrupção). Eu penso que há um grande envolvimento entre todas as instituições aqui da Freguesia do Arrabal e penso que há uma dinâmica muito grande entre a escola e entre a Junta de Freguesia e vice-versa. Portanto, no envolvimento da Junta de Freguesia no cuidar do estabelecimento, como envolver as pessoas nas atividades tanto da escola como da escola com a junta. Penso que há um grande envolvimento.

SP: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?

PL: Sim! Por exemplo, com a farmácia. Há atividades sempre que nos são propostas com a farmácia e a farmácia vem cá a escola. Com o lar há sempre a atividade tradicional dos reis, que nós vamos ao lar ou então no carnaval que costumamos sair. Este ano não saímos devido ao tempo. Há sempre essa atividade que fazemos com o lar.

Com a Junta de Freguesia é o dia da criança e o postal tradicional de natal, como fazemos sempre, e depois também outros projetos que aparecem ou que nos propõem, como foi o projeto Rostos que ainda está em fase de...que já está quase a seguir.

Mas acho que vai sempre surgindo coisas que nós levamos e que aderindo é que se consegue concretizar.

SP: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

PL: Isso estamos cá sempre para melhorar, isso há sempre coisas que...

SP: E como?

PL: E como? Continuando a mesma colaboração, a mesma comunicação que tem havido de parte a parte. Isso tem sido essencial e a criatividade vem daí, da capacidade de comunicarmos entre nós.

SP: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

PL: Ui, essa pergunta agora é difícil...um trabalho em rede.... Pois, agora assim de repente não me ocorre assim nada em concreto. Nós já temos este trabalho em rede que é dinamizado pela professora Tânia Lhera, sei que é em parceria com a Junta de Freguesia e com a banda filarmónica, que é uma mais valia para a escola no âmbito das artes e que inicialmente até chegámos a falar que era importante até ser incluído numa AEC. Haver inclusão numa AEC, mas nunca houve essa prospeção. Não havendo essa prospeção, pelo menos a escola tem esta mais valia de ter cá a arte pela música, pelo teatro e a Junta de Freguesia está a fomentar, é que está a fomentar esta dinâmica, e acho que é continuar.

SP: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

PL: Só são críticas positivas, porque os contratemplos que podem acontecer, ou é o caso do tempo, mas depois arranja-se uma solução. Vejo antes, sempre uma abertura muito grande ao espaço da escola. É isso que eu vejo, não vejo nenhuma crítica assim.

SP: Mas em relação a outras atividades fora do contexto da escola?

PL: Outras atividades? Agora assim não tenho conhecimento prático que ache que tenha valorizado uma crítica negativa, para dizer que esta atividade foi negativa. Não pelo que eu tenha conhecimento. Mas positivas é o âmbito que eu vejo!

Eu acho o Arrabal uma localidade com muita dinâmica a nível cultural, tanto a nível de música, como de teatro, como social. Acho que é uma comunidade que está muito envolvida e desenvolvida. Não é em todo o lado que nós encontramos um ATL tão dinâmico, uma Junta de Freguesia tão atenta aos pormenores e às necessidades.

Está bem que a gente queria que correspondesse sempre mais um bocadinho, há sempre qualquer coisa que nos falta, mas vê-se que há uma atenção e um cuidado sobre as coisas.

SP: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

PL: Acho que é para continuar e que haja sempre esta visão de abranger. Uma coisa que eu acho muito importante é a preocupação em abranger todas as faixas etárias, e acho que é muito importante porque todas as faixas etárias têm algo de benévolo para contribuir e não se precisa só da infância, nem dos jovens, nem só da classe mais idosa, mas todos em comum. E acho que isso procura transmitir muito e acho que isso era de continuar a valorizar como, em pequenos pormenores nós vemos. quando é no dia da criança, a importância de estarem presentes os idosos. Estes pequenos pormenores que transmitem logo uma mentalidade.

APÊNDICE 7C – SINOPSE DA ENTREVISTA À PROFESSORA LÍDIA

QUESTÃO	VOZES	INTERPRETAÇÃO
1 – Qual é a sua idade?	“44 anos”	
2 - Há quanto tempo dirige a EB1 do Arrabal?	“Aqui nesta escola estou há quatro anos.”	- Menos de cinco anos
3 - Na sua opinião, qual é o impacto que a EB1 do Arrabal tem tido na Freguesia?	“Eu penso que há um grande envolvimento entre todas as instituições aqui da Freguesia do Arrabal e penso que há uma dinâmica muito grande entre a escola e entre a Junta de Freguesia e vice-versa.”	- Positivo dado a ligação que tem com a Junta de Freguesia
4 - Há atividades que a EB1 do Arrabal desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?	“Sim! Por exemplo, com a farmácia. Há atividades sempre que nos são propostas com a farmácia e a farmácia vem cá a escola. Com o lar há sempre a atividade tradicional dos reis, que nós vamos ao lar ou então no carnaval que costumamos sair.” “Com a Junta de Freguesia é o dia da criança e o postal tradicional de natal, como fazemos sempre, e depois também outros projetos que aparecem ou que nos propõem, como foi o projeto Rostos”	- Bastantes atividades colaborativas - Farmácia - Intercambio interjecional com o Lar Social do Arrabal -Projeto Rostos
5 - Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?	“Isso estamos cá sempre para melhorar, isso há sempre [...] E como? Continuando a mesma colaboração, a mesma comunicação que tem havido de parte a parte. Isso tem sido essencial e a criatividade vem daí, da capacidade de comunicarmos entre nós.”	- Pode ser sempre melhorado - Criatividade - Comunicação
6 - Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que possa ser ainda mais desenvolvida?	“Ui, essa pergunta agora é difícil [...] Nós já temos este trabalho em rede que é dinamizado pela professora Tânia Lhera, sei que é em parceria com a Junta de Freguesia e com a banda filarmónica, que é uma mais valia para a escola no âmbito das artes e que inicialmente até chegámos a falar que era importante até ser incluído numa AEC. [...] mas nunca houve essa prospeção. Não havendo essa prospeção, pelo menos a escola tem esta mais valia de ter cá a arte pela música, pelo teatro e a Junta de Freguesia está a fomentar, é que está a fomentar esta dinâmica, e acho que é continuar.”	- Trabalho em rede - AEC de artes (com a ajuda da Junta de Freguesia e da Escola de Música da Filarmónica do Arrabal)
7 - Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?	“Vejo antes, sempre uma abertura muito grande ao espaço da escola. É isso que eu vejo, não vejo nenhuma crítica assim.” “Eu acho o Arrabal uma localidade com muita dinâmica a nível cultural, tanto a nível de música, como de teatro, como social. Acho que é uma comunidade que está muito envolvida e desenvolvida. Não é em todo o lado que nós encontramos um ATL tão dinâmico, uma Junta de Freguesia tão atenta aos pormenores e às necessidades.” “Está bem que a gente queria que correspondesse sempre mais um bocadinho, há sempre qualquer coisa que nos falta, mas vê-se que há uma atenção e um cuidado sobre as coisas”.	- Sem críticas - Uma abertura grande à escola - Freguesia dinâmica a nível cultural e social - Comunidade envolvida e desenvolvida - Atenção e cuidado

<p>8 - Algum aspeto que queira mencionar em relação ao trabalho colaborativo na freguesia?</p>	<p>“Acho que é para continuar e que haja sempre esta visão de abranger. Uma coisa que eu acho muito importante é a preocupação em abranger todas as faixas etárias, e acho que é muito importante porque todas as faixas etárias têm algo de benévolo para contribuir e não se precisa só da infância, nem dos jovens, nem só da classe mais idosa, mas todos em comum. E acho que isso procura transmitir muito e acho que isso era de continuar a valorizar como, em pequenos pormenores nós vemos. quando é no dia da criança, a importância de estarem presentes os idosos. Estes pequenos pormenores que transmitem logo uma mentalidade”.</p>	<p>- Todos os públicos são abrangidos e são valorizados.</p>
--	---	--

Tabela 9 - Sinopse da entrevista à professora Lídia

APÊNDICE 8A - GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. ABEL SANTOS

Entrevistado: Abel Santos

Coletividade/Associação: Casa do Povo

No âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, encontro-me a desenvolver um projeto de mediação comunitária na Freguesia de Arrabal, no qual pretendo ir ao encontro das vontades e/ou necessidades da população de modo a criar um conjunto de atividades mais em rede e de forma mais colaborativa.

Tudo o que for abordado nesta entrevista será única e exclusivamente destinado ao meu projeto de mestrado “Uma Freguesia (Com Vida)tiva”, sendo uma ferramenta essencial para a criação das atividades a implementar em 2019.

1: Qual a sua idade?

2: Há quanto tempo dirige a Casa do Povo?

3: Na sua opinião qual é o impacto que a Casa do Povo tem tido na Freguesia?

4: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades?
Quais?

5: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

6: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

7: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

8: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

Muito obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE 8B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO SR. ABEL SANTOS

Entrevistado: Abel Santos

Coletividade/Associação: Casa do Povo

Data: 23/03/2018

SP: Primeira pergunta, qual é a sua idade?

AS: Opá... 59!

SP: E há quanto tempo dirige a Casa do Povo?

AS: Vai fazer quatro anos!

SP: Quatro anos.

AS: Enquanto presidente da Casa do Povo!

SP: Ou seja, já teve alguns presidentes?

AS: Já! Já teve desde que foi reaberto... ora um, dois, três, eu sou o quarto.

SP: Na sua opinião, qual é o impacto da Casa do Povo para a freguesia?

AS: É o impacto...é o feedback que a gente tem das pessoas é grande! Apesar de as pessoas não darem grande apoio à instituição. Temos o caso do boletim que é fundamental que ele saia, porque quando a gente se atrasa a publicar o boletim ouvimos logo críticas, ou que não há dinheiro, ou que nos esquecemos das coisas... Por isso, se as pessoas fazem esses reparos é porque é interessante. Depois, a nossa parte social, das formações e assim também é interessante.

SP: Que formações é que têm desenvolvido?

AS: De químicos, de empilhadores, transações que são necessárias para as firmas trabalharem convenientemente e para as pessoas poderem também adquirir os produtos.

SP: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades?

AS: Há! É o caso das festas (risos). A única festa que a Casa do Povo faz praticamente é o 10 de junho. Temos feito... todos os anos fazemos parceria com uma ou outra instituição que, pelo menos enquanto eu estiver aqui nesta instituição faço questão de assim ser, para uma instituição inclusive. E para tentar, nos tempos que correm é difícil angariar verbas, tentar ver se a gente se consegue unir todos para levarmos as coisas a bom termo.

SP: Então e quais são essas atividades e essas instituições com quem até agora tem desenvolvido?

AS: Então, até agora, a primeira foi com a CAOSas, a segunda foi, e era para ser o São Bento, mas o São Bento tinha a festa deles. Depois o ano passado foi com o Centro.

SP: Centro?

AS: O Centro do Arrabal.

SP: O CCRF.

AS: E este ano estamos a pensar noutra instituição. É claro que ainda não vou dizer qual é a instituição, porque primeiro ainda tenho de fazer o pedido da escola à Senhora Presidente. Se ela ceder o espaço, então vou convidar a outra instituição.

Mas é sempre, a minha ideia será sempre fazer uma, rodar todas as instituições que há na Freguesia e tentar agrupar... não...

SP: E acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado?

AS: Pode. Assim os outros o queiram. E assim os outros o pensem. Porque é assim, hoje em dia é como eu estava a dizer, não há verbas suficientes para toda a gente, por isso não há, eu acho que ... há tempos estive a ler um coiso ... acho que a freguesia do Arrabal é das freguesias, a nível nacional, com mais associações e instituições e filarmónicas e isso tudo. Então filarmónicas acho que não há nenhuma que tenha duas, em termos de freguesias como a nossa.

Como tal, é difícil a gente chegar a toda a gente porque não há verbas, não é isso? Se a gente se unir todos, se calhar é mais fácil haver verbas, e fazemos força porque a parte

política também não tem interesse em que a gente se una todos. Porque se a gente se unir todos é uma menos valia.

SP: Porquê?

AS: Porque é assim, se estão... pode ser uma menos valia ou uma mais valia porque na altura das eleições pode ser uma mais valia como pode ser uma menos valia. Fora das eleições também pode ser. É de pensar que a Casa do Povo, ultimamente, esta última vez que foi reaberta, foi com o fito de fazer aqui uma oposição à ...a quem estava na presidência da freguesia. Por isso, isso aí já mostramos que entraram mal, no meu ponto de vista entraram mal, porque as instituições não devem servir de como de cavalo de batalha nem como de trampolim. Devem de ser para apoiar as freguesias e as pessoas que moram nas freguesias.

SP: Sim, porque a Casa do Povo, segundo se consta, teve um passado um bocadinho atribulado.

AS: Não, não teve passado atribulado nenhum! Porquê?

SP: Porque foi fechada...

AS: Foi fechada não! Isto é assim, houve em 80, se não estou em erro, um Decreto-Lei que extinguiu, que dizia que extinguiu as Casas do Povo. Eles, quando mandaram o Decreto-Lei, foi, extinguiu enquanto braços da Segurança Social, porque a Casa do Povo era um braço da Segurança Social. Nós aqui recebíamos as contribuições das pessoas idosas, dos rurais. Todas as Casas do Povo do país foram criadas para receber as verbas dos rurais que até aquela data não pagavam nada. E foi uma maneira de a gente incentivar...

SP: E segundo se consta também concentrava em si o Posto Médico e afins?

AS: Sim! Exatamente! Porque é assim, a Junta diz lá “Casa do Povo”, aquilo era as instalações da Casa do Povo, e quando o posto médico foi para ali já foi com a Casa do Povo. Então quem estava na altura na presidência entendeu que era encerrar, ponto. Então deu o património da Casa do Povo à Junta e o dinheiro, não sei a quem é que eles deram, mas também houve uma distribuição do dinheiro, e ponto final.

Quer dizer, o fecho não foi atribulado, foi uma interpretação da lei. Porque havia dinheiro, havia património. Não havia necessidade nenhuma de estar... não houve atribulação nenhuma! Houve foi uma interpretação mal da lei. Tanto que a gente, quando reabriu, é que houve uma presidência que pediu um parecer á ACNIS, que é a confederação de IPSS's, era para saber se havia hipótese de reverter todos os bens para a Casa do Povo e o parecer foi favorável. Só que a gente não quis entrar por aí, porque era complicado e depois era obrigar a Junta a ceder todo o património, mas havia possibilidade de isso acontecer.

SP: Quere dar um exemplo de um trabalho ou atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvido entre as coletividades e a Freguesia em questão?

AS: Sim! Entre as coletividades e todas as firmas que estão na freguesia, e era importante, era um sonho que não sei se vou conseguir levar a bom termo, é certificar a Casa do Povo enquanto uma instituição de formação. Há muita falta na freguesia, porque há muitas firmas na freguesia e se a gente for contabilizá-las há muitas firmas, e a gente sabe que as firmas têm de dar trinta e cinco horas de formação todos os anos aos empregados e a maior parte delas não o dão. Se os empregados soubessem, se lessem o contrato coletivo de trabalho, sabem que têm dois anos para receber a formação, ou então pedir a devolução do dinheiro. Não sabem, também não pedem. E também às vezes com medo também não pedem.

Se a Casa do Povo se juntasse, se houvesse interesse, se várias associações se juntarem à Casa do Povo e a Casa do Povo, ter um âmbito só... Por exemplo, imagina que o São Bento se juntava, imagina que o CRD se juntava (tosse)... A gente não quer aglutinar ninguém, não quer comer ninguém! Eles ficariam autónomos na área deles. Faz de conta que, dentro da Casa do Povo, haveria um departamento desportivo, um departamento cultural, um departamento informativo e formativo, e aí a gente juntava, se houvesse interesse, as instituições em virem para aqui. Se não, a Casa do Povo vai fazer, se quiserem continuar com esta ideia, no fim de a gente liquidar as nossas verbas, que infelizmente nos deixaram e que nos sufocam, porque se a gente tivesse esse dinheiro já estava certificado que eu já fui tratar e logo no primeiro mês que eu tomei a posse fui tratar da certificação para a Casa do Povo. Só que é assim, mil euros para fazer a certificação, depois uma diretora de formação também já teríamos e que depois teríamos de pôr no quadro. Depois o problema é que estas formações, tanto faz as cofinanciadas

como não, é preciso investir dinheiro. Quem tem que andar com o dinheiro à frente é a instituição, e possivelmente só vai receber passado seis, sete, oito meses. Então, o que é que eu pensei, bem, os mil euros não há problema porque a gente certifica a firma, o problema é termos de ter um fundo maneio tipo vinte mil euros para pagar aos formadores atempadamente, porque eles não podem estar seis meses à espera, pagar aos formadores, pagar a toda a logística, administração...

SP: Tudo o que é implicado!

AS: Pronto, e aí obrigava-nos a ter vinte mil euros de lado. A esta altura do campeonato, a gente trabalha só para pagar o empréstimo. Eu já queria entregar aquilo só pelo valor da dívida e aí tirava o sufoco de cima e eu começava a tratar...e é assim eu, imagina, eu, quando foi as festas, a gente teve a analisar quantas firmas é que há e a gente conseguiu analisar que havia algumas vinte ou trinta firmas.

SP: É possível.

AS: Aqui, e se a gente for para mais, assim um âmbito um bocadinho mais largo, também conseguíamos chegar lá. Ora, se a gente chegar ali aos serralheiros, “olhem vocês precisam de uma formação de quê para o vosso pessoal? Há precisamos de solda!”. Vamos então estabelecer os protocolos para fazer uma formação de solda. Olha ... aos lares, “ah, precisamos de primeiros socorros e de geriatria”. Temos um lar aqui, temos um lar nos Cardosos, a gente conseguia facilmente conciliar a situação. Esta é a minha ideia para ajudar...

Por exemplo, agora há pouco tempo tivemos empilhadoras, empilhadores foi para o Nuno lá de cima da serração, foi para a metalúrgica do Soutocico e foi para o Gameiro, que são as firmas que usam empilhadores. E são as firmas que têm de ter o pessoal certificado, pelo menos o Nuno e a Metalúrgica fazem obras públicas, obras públicas exigem-lhes que tenham os certificados e exigem que eles sejam certificados e isso implica que tenham o seguro.

SP: Exemplo direto disso é o dos fitofarmacêuticos, que muita gente não pode levantar produtos para pôr nas terras por não ter essa autorização.

AS: Se fosse, se a gente conseguisse chegar a bom termo nesta situação que eu te estou a dizer, digo-te já que iria fazer de tudo por tudo para as pessoas não comprarem os produtos

químicos. E isso faz-se como? Com formação! Se a gente der formação às pessoas, em que há hipótese de a gente cultivar as mesmas coisas sem químicos. Isto devia de ter sido por aí, não era ... químicos, não! Primeiro é: agricultura biológica. O que é que se pode fazer? Porque é assim, nós só precisamos de químicos para atingir valores industriais, mas será que a gente, enquanto particulares, precisamos de atingir valores industriais, será que a gente precisa de ter cem quilos de feijão quando a gente só vai utilizar vinte?

Se usarmos...eu estou a dizer ... não, mas por exemplo se a gente usar químicos será cem quilos, se a gente não usar químicos serão uns sessenta. Por isso, será que a gente precisa de usar os químicos?

SP: Somos um bocadinho dependentes disso.

AS: Só para teres uma ideia, Portugal, que é um retangulozinho, gasta tantos herbicidas em termos de ... gasta-te cerca de uma tonelada e meia de herbicidas por ano, gasta mais que a Espanha e que a França juntas.

SP: É possível!

AS: E são um dos maiores produtores agrícolas da Europa. Porque é que a gente, não sendo produtores nem sendo concorrência daqueles senhores, porque é que a gente precisa de gastar uma tonelada e meia?

SP: Ora nem mais.

AS: E daqui em 2025 em cada duas pessoas, uma tem cancro!

SP: Possivelmente!

AS: Não não, o estudo já está assim mesmo!

SP: Abel, não fugindo à pergunta, peço desculpa, então sendo assim para além das atividades que a Casa do Povo já dinamiza, que outras mais podia fazer de uma maneira mais mediadora.

AS: É exatamente as formações, e a gente não quer entrar nas áreas das outras pessoas. É claro que não vamos criar uma equipa de futebol, apesar que na altura quando as raparigas formaram uma equipa de futebol vieram aqui oferecer à Casa do Povo. Não vamos criar

um coro porque não faz sentido nenhum. No meu ponto de vista, desde que haja uma instituição com alguma atividade numa área, não faz sentido nenhum a gente ir para aí. E pensando bem, e analisando bem, a Casa do Povo só tem alguma lógica de existir se conseguir atingir uma área em que ninguém trabalhe e que seja benéfica para a população na freguesia. E essa área que eu acho que está a faltar é exatamente a área da formação!

SP: O que se podia estender às outras coletividades perante as necessidades delas?

AS: Por exemplo, tenho a ideia ...quando foi os químicos nós fomos os primeiros a fazer. Propus à Junta fazer os químicos lá na junta, pela junta... que eu dava os meus contactos todos e disseram que não, que dava trabalho. Por isso, é assim, eu acho que é uma área que a Junta também devia ter agarrado. Houve Juntas aí que agarraram essa área. Mas prontos, quem está lá é que achou que não devia pegar nisso e prontos, muito bem, achou! É o entendimento de cada um, e os atos de gestão...eu costumo dizer que os atos de gestão são um bocadinho antidemocráticos, porque senão as pessoas não iam fazer nada.

Se não for com a ideia de cada um, “ora eu tenho a ideia...”, eu por exemplo tenho esta ideia da formação. O presidente que vier a seguir, se vier algum presidente, pode não vir com essa ideia e dizer que isso é uma ideia estapafúrdia. E a gente tem de aceitar porque é assim, o ato de gestão dessa pessoa não é igual ao meu.

SP: É verdade sim senhor.

AS: Por isso eu acho que o ato de gestão é antidemocrático, e quem ganha deve trabalhar nas suas ideias, não deve partilhar com outros, porque se estás a partilhar, porque é o caso da ... está-se a basear em três partidos. Eles não estão a levar à frente a ideia deles porque estão, têm estado dependentes sempre. Olhe eu quero aumentar aqui os ordenados, o outro “não senhor, não podes aumentar os ordenados porque não há dinheiro”, e outro “não, tem de haver dinheiro pelo menos para isto”. Não, também não há. Prontos, estás a ver! O ato de gestão não pode ser copiado, não pode ser partilhado. Isto é um ponto de vista! Vais dizer assim ...é egoísta!

SP: Não, não! De todo. Então, sendo assim, tem críticas relativamente às atividades de animação ou intervenção que tem vindo a ser desenvolvidas na Junta? Na Junta, na Freguesia, peço desculpa! Na freguesia.

AS: Não, não! De maneira nenhuma! Acho que a única crítica que eu tenho é o individualismo das entidades. Existem, ... cada uma pensa que é melhor que a outra.

SP: Sente isso...

AS: Há delas que dizem que não, dizem que não precisam. É o caso da filarmónica que diz que não precisa, que já tem 100 anos, já tem muito historial. Não precisa nada de se unir com ninguém. O rancho diz que tem um património grande, também não pode, não é preciso unir-se a ninguém. Mas eles qualquer dia chegam à conclusão que têm de se unir. E se eles alguma vez pensassem que se unissem, juntassem à Casa do Povo enquanto...faz de conta que isto é uma “VV”, uma “VV” é uma sociedade em que todos têm a sede na sociedade, mas que todos são independentes. Trabalham é em áreas diferentes.

Se eles pensassem isso e dissessem assim “olha, vamos beneficiar a Casa do Povo, o estatuto da Casa do Povo não paga IVA, têm algumas isenções de impostos e a gente pode-se juntar à Casa do Povo e pode-se e vamos buscar mais essa verba, que é o IVA, que a gente está a entregar, que eles estão todos a entregar, não é”?

Tu dás... fazes uma fatura de um donativo, nas outras instituições tens de pagar o IVA, na Casa do Povo não tens de pagar.

SP: E se calhar beneficiavam um bocadinho se estivessem todos ligados.

AS: Claro! Pelo menos dessa parte! Eu por exemplo, eu faço os pedidos...por exemplo quando foi com a CAOSAS a gente pagou. Pagou não, foi a Raquel que tratou e as licenças foram pagas...a Raquel pagou as licenças do Ruído e isso tudo. O ano passado foi a Casa do Povo que foi tratar e não pagou nada porque está isenta dessas taxas. Só pagamos os direitos de autor, mas isso aí não estamos isentos, o resto das licenças camarárias é a custo zero. Já é um benefício.

SP: Bastante bom! Pensando que não é menos uns custos.

AS: Epá é mais qualquer coisa que a gente põe no bolso

SP: Ora nem mais!

AS: E se a gente depois pensar assim, Casa do Povo ... por acaso não tratei porque, por incúria minha, temos direito a água social e a luz social. Por acaso luz a gente não gasta muito e água também não gasta nada. Mas é assim, o que é que a água e a luz sociais nos dão? Não é que aquilo vá ser bem regado, pelo menos não pagamos os resíduos sólidos nem os saneamentos, nem as taxas nem nada disso. Que bem vistas as contas, ainda ontem estive a ver, são trinta a quarenta por cento da verba da fatura.

SP: Ainda é um bom bocado!

AS: Estás a ver! Mas como a gente paga treze euros de água e depois pagamos quinze euros ou dezanove euros, eit! Também, olha! Mas é incúria da minha parte. Mas isto é assim, infelizmente...

SP: E não pode corrigir?

AS: Não! Só a partir daquela data. Apesar de que deveria ser automático. Porque é assim, IPSS's tem essa ...deveria ser automático. Se é IPSS atribui-se logo as tarifas sociais. Devia de ser!

SP: Devia de ser! Facilitavam muita volta.... Então sendo assim, para terminar Abel. Algum aspeto que queira mencionar sobre o trabalho colaborativo na freguesia?

AS: Epá, não há! Não há trabalho colaborativo tirando a Casa do Povo que faz algum e é só uma atividade anual, mas é para ver se as pessoas começam a se habituar a partilhar. Eu, por exemplo, o ano passado já nem convidamos a deste ano, que a gente está a pensar em convidar. Já não foi preciso convidar porque eles é que se convidaram. Eles é que se ofereceram. Olha... epá se vocês quiserem a gente estamos disponíveis.

SP: Porque acaba de ir de boca em boca o sucesso!

AS: Exatamente! Se não havia nada e depois é assim, a Casa do Povo sente-se um bocado revoltada. Porque é assim, começamos com as ações de formação de informática, passado pouco tempo toda a gente estava a dar informática. A gente acabamos por começar a fazer as excursões, passado um bocadinho toda a gente fazia excursões. A gente...a sueca não, porque a sueca não. Mas por exemplo, também já aconteceu as formações, já houve uma ação de formação lá para baixo na Martinela que eles conseguiram fazer por eles.

SP: Essa não tive conhecimento!

AS: Foi o Zé Luís e o “coiso”, e aquele que trabalhava no banco. Eles fizeram uma turma de químicos na Martinela. Estás a ver, não tem lógica nenhuma a gente andar a...

SP: E certificadas?

AS: São todas certificadas, não tens direito a...porque aquilo tem de ir sempre à GRAP, todas as ações que impliquem uma autorização de compra neste caso. Que ir á GRAP e aquilo fica-te como uma valência para ti e que foi o caso das novas oportunidades. As pessoas tiraram as valências e se tu quiseses usar aquela valência também para te valorizares, o teu currículo serve também. Por isso é que elas têm de ir à GRAP também, a gente tem de juntar os diplomas. É que isto, a gente fazer formações, as pessoas às vezes dizem assim, “ah, vocês por cada formação ganham cem euros!”. Pois ganham cem euros, sim senhora. Pois esquecem-se que para esta formação eu tenho de ter dezanove pessoas por lei, não aceitam nem mais nem menos.

Dezanove pessoas, tenho de telefonar para essas pessoas várias vezes, tenho de fazer fotocópias dos documentos dessas pessoas, tenho de falar com o engenheiro, isso “n” vezes.

SP: É uma data de burocracias!

AS: Depois cai tudo em cima de mim. É assim, as outras três ações que a gente fez as pessoas vem me dizer assim, “então oh, Abel, então e o diploma e o cartãozito?”. Epá, o cartãozito é assim...eu não tenho hipótese nenhuma de fazer cartões, quem tem hipótese de fazer os cartões é o ministério da agricultura. Se o ministério da agricultura não passa o certificado e o que é que é o certificado. Olhe se a nossa ação é certificada e homologada porque é que o ministério da agricultura tem que passar outro certificado a dizer que aquela, que a pessoa fez a formação e que foi ...que concluiu com valores positivos, e que aquilo foi uma ação de formação certificada com o número tal, porque é que eles precisam de fazer esse certificado?

Para imitar um, para ...depois eu com esse certificado vou outra vez ao ministério da agricultura, olhe está aqui o vosso certificado agora quero os cartõeszitos. Não tem lógica nenhuma, com esse certificado da firma que é certificada a gente chega ali “olha tirei o ...essa habilitação para uma firma certificada, está aqui a homologação”, porque diz lá

nos certificados qual é a homologação e isso tudo. Está aqui, eu chegava com essa coisa “olhe, meus senhores, está aqui. Mandem para cá o cartão” porque é que eu hei de estar dois anos à espera de uma porcária...não é? Eu tenho aqui um comunicado, uma mensagem, que eu posso te ler só para teres uma ideia, de um dos Secretários de Estado, que era um dos sujeitos que estava à frente da firma com quem a gente estava a trabalhar e que me diz assim (só para teres ideia), “Amigo Abel, os três dossiers das três turmas já foram enviados para Castelo Branco (isto foi a semana de 17 de março), já foram enviados para Castelo Branco, em Cláudia Reique. A diretora de Castelo Branco do Ministério da Agricultura comprometeu-se a tratar da certificação até final deste mês. Tens toda a razão, mas fomos ultrapassados pela situação do técnico de formação que saiu da Competir. Mas uma coisa te garanto, ninguém vai ficar prejudicado”.

Mas isto, as pessoas não querem saber nada disto, isto é um Secretário de Estado. Estás a ver?

SP: As pessoas não têm conhecimento do que vai por trás!

AS: Foi o Abel é que fez essas certificações. O Abel é que recebeu a massa, o Abel recebeu a massa...mas entrega logo ao engenheiro. O engenheiro, no fim de lá ir, diz assim, “Toma lá”. Ora, ele recebe 1900 euros e assim toma lá cem euros para ajuda do aluguer da sala. E só para teres a ideia destas três turmas recebemos trezentos euros, houve uma das turmas que me deixaram a água do autoclismo aberta em que eu paguei cerca de quatrocentos euros de água. Quer dizer, tivemos algum lucro? *Rien!*

SP: Nada! Isso é que é mau!

AS: (Risos) Estás a ver? E depois as pessoas dizem assim, “ah vocês ganham...”

SP: Acaba por não se saber o cenário todo que esta por detrás!

AS: Pensam que é só “toma lá da cá”! Acabou-se as responsabilidades, mas não. Nem com o IEFP a coisa funcionou bem, porque eles estiveram dois anos para mandar os certificados e depois chegou-se à conclusão que o IEFP nem sequer era certificado para dar formações, por isso é que acabaram com as formações do IEFP aqui na Casa do Povo.

SP: Faz sentido!

AS: (Risos) Chegava à conclusão que estava a dar formações sem ter autorização para dar formações. É o estado que a gente tem.

SP: Sendo assim Abel, a única coisa aqui que indigna a Casa do Povo é que...

AS: É a gente não ter umas instalações

SP: Uma identidade própria...

AS: Umas instalações em que a gente possa tirar partido dessas instalações. Fizemos este ano o pedido ao Senhor Presidente da Câmara lá de baixo da escola e ele diz que não! Que é para vender.

SP: Ou seja, estão em risco de ficar sem a Casa do Povo?

AS: E aqui não estamos com uma ação de despejo, porque tem de ser uma...mas isto está à venda!

SP: Há quanto tempo?

AS: Já está à venda há um ano! Isto e o terreno todo. Tens noventa mil euros e o Afonso entrega-te isto! Já perguntei ao Afonso: “Queres fazer uma cedência de trinta anos que é para eu poder pedir um apoio para fazer a renovação de todo...?”. Porque é assim, estes patrimónios aqui daqui dali abaixo ao José Maria, isto está tudo em ...está tudo classificado. Quem comprar isto só para deitar o interior e ter de manter a fachada ... por isso ...

SP: Senão vai ter de recuar!

AS: Não, não pode. Isto está tudo classificado são edifícios classificados!

SP: Ok, pronto.

AS: Eu, em parte... tem isto... que houve alguém que mandou classificar isto porque tem alguma história. Aqui é a Casa do Povo, ali foi a Casa do Povo também, o centro. Foi ali que também se fez os primeiros cursos de alfabetização que o meu pai deu ali...

SP: É a história da freguesia que está aqui em jogo!

AS: Mas é de particulares, mas os particulares sabem que isto está classificado. Por isso é que não deitam abaixo. E se deixarem cair tem de se fazer tal e qual com a traça que está. Por isso, não há grandes ganhos em um particular comprar isto, por isso é que ainda não foi vendido.

SP: Pode ser que tenha...

AS: Se a Casa do Povo ficar com isso, candidata-se a um fundo de renovação...mas é claro que eles dizem logo assim: “ah, isto tem de ser a vinte e cinco anos pelo menos um contrato” Era aquilo que a gente também queria na escola. Não queríamos que nos dessem a escola, queríamos que nos cedessem por um prazo de “X” tempo, candidatávamo-nos a um fundo, recuperávamos aquilo tudo e ficava ali até...até ali ficavam umas salas boas para várias...

SP: Uma coisinha como deve de ser, um edifício requalificado, útil e que não estivesse a cair.

AS: Para a venda depois a gente vai ver. Se aquilo alguma vez vai ser vendido. Porque isso aí estão a comprar uma guerra, porque aquela escola foi feita em terrenos dados para fazer a escola.

SP: Pois foi, em terrenos das pessoas...

AS: Particulares dados para fazer escolas, não é para vender para fazer outras atividades. Se não há, a gente vai arranjar maneira de lembrar as pessoas que aqueles terrenos foram dados e vamos fazer questão de falar com as pessoas que eram os herdeiros para fazerem a ação de preferência.

Está ali a história da freguesia, foi ali que muita gente se casou, foi ali que muita gente namorou, que é ali que as pessoas aprenderam a ler e escrever. Não tem lógica nenhuma abandonarem a escola. Já não teve lógica nenhuma terem fechado, era a escola com mais condições, não...

SP: Segundo sei tinha recebido obras há pouco tempo antes de fechar.

AS: Tinha, aquela escola já levou três renovações. Aquilo era de rés do chão, depois passou para primeiro andar, já houve três obras oficiais, mas a associação de pais fez,

tentou arranjar o telhado porque estava a chover lá dentro, mas o dinheiro que lhe pediam era muito, mas eles fizeram... tiraram as telhas partidas, pintaram por fora

SP: Por eles próprios

AS: Sim, foram os pais que fizeram.

SP: E nota-se! Outra das escolas um bocadinho desprotegida é a da Martinela. Também está com super boas condições.

AS: Mas é que a escola da Martinela não está fechada, a escola da Martinela ainda é escola.

SP: Ainda é escola!

AS: Ainda é escola porque aquilo ainda...

SP: Está em standby, caso esta não tenha condições suficientes para acolher...

AS: Caso haja um boom de crianças

SP: Mas isso aí acho bom terem uma como...

AS: Mas não tem lógica nenhuma, a escola que tinha mais condições era aquela lá de baixo, não tem lógica terem gasto um milhão de euros a reconstruir aquela escola, não tem fundo, tiraram o recreio às crianças, não tem recreio, se quiserem aumentar a escola não podem...

SP: O espaço é limitado...

AS: Ali, aquela tinha tudo isso e mais alguma coisa.

SP: Aquela tinha um espaço lindo.

AS: E só fechou porque a política assim o exigiu, porque se tivessem deslocado os miúdos da Martinela para aquela escola, não se tinha que fechar aquela escola. Devia de ser era a Martinela a fechar e tinha toda a lógica ser fechada. Porque não tem condições. Tem condições físicas, mas não tem condições para albergar ali... Não tem lógica nenhuma mantermos o Arrabal e a Martinela e terem os miúdos no Arrabal e outros na Martinela, não tem lógica nenhuma. Quando a Martinela não tem miúdos para alimentar

aquela escola e o Arrabal também não os tem. Conclusão, fazia alguma lógica juntá-los todos onde tivessem mais condições e aquela ali era a que tinha mais condições.

SP: E mais espaço.

AS: Mais espaço, era mais segura, porque só tem a rua à frente, mas aquilo é tudo fechado, os miúdos não saem. Agora, não tem logica nenhuma continuar aquilo ao abandono como está. Os miúdos saltam a rede, degradam a rede. Se estivesse ali uma instituição aquilo estava aberto, os miúdos entravam sem ter que saltar a rede e se calhar fazíamos ali um espaço bonito para os velhotes estarem a jogar às cartas, para fazer um campo de chinquilha para os velhotes estarem a jogar ao chinquilha.

SP: Abel, algum aspeto que queiras referenciar no âmbito da mediação na freguesia?

AS: Da mediação?!

SP: Da mediação!

AS: Epá não há, não há... É como eu te digo, não há possibilidade, a Junta já tentou, a Casa do Povo já tentou, julgo que mais ninguém tentou

SP: Consideras tentativas falhadas?

AS: Completamente!

SP: Porquê?

AS: Olha, porque é assim, a Junta se quiser, pode fazer um forcing. É dizer assim, meus senhores, não há verba para ninguém enquanto vocês não se juntarem todos. Mas é para ninguém mesmo. Nem da junta nem da câmara. As filarmónicas, a verba da câmara não vinha, também não iam fazer serviço para a câmara, mas também não vinha a verba, e faz falta, o rancho não vinha também e as outras a mesma coisa. Aqui a Casa do Povo, a gente também não pode dizer ...a gente está-se borrifando para isso porque não nos tem calhado nada, por isso (risos) então a verba continua a não vir, por isso, para mim, não há problema nenhum, não vem, não vem, às vezes vem qualquer coisica mas ...

SP: E com pouco se faz o muito!

AS: Não. Ajuda sempre. É chato é a gente ter que andar a mendigar quando uma instituição que já teve tanto e que deu tanto para a freguesia, agora a parte que pode dar qualquer coisa não ligar nenhuma à instituição. Porque a gente vê logo, não há interesse e a gente vai andando aqui aos saltinhos, aos empurrões, até que queiram e quando chegarem à conclusão que a Casa do Povo tem algum interesse para a freguesia... a gente fez a semana, fazíamos normalmente a semana de verão para os miúdos, na altura até isso foram fazer os outros também.

Agente teve uma carrinha, fomos a primeira instituição a ter uma carrinha, a carrinha esteve emprestada um ano inteiro ao Soutocico, nós é que pagávamos o gasóleo, nós é que pagávamos o seguro e os pneus e eles é que andavam o ano todo com a carrinha, é que ela nem vinha dormir aqui, dormia lá para baixo.

SP: Ainda têm a carrinha?

AS: Não, foi vendida há dois anos. Era uma carrinha de sete lugares. Não, de sete não, era de nove lugares mesmo e quem a comprou foi exatamente por ser de nove lugares, porque de sete há muitas, agora de nove... Agora, não tem logica nenhuma, tás a ver... até aí é contraproducente as instituições andarem de costas viradas. É assim, o São Bento tem duas carrinhas, não é?

SP: Sim! Sendo que uma também já é velhinha...

AS: O Soutocico tem duas ou três, a Junta vai ter uma.

SP: Em princípio...

AS: Não é em princípio, tem todo o fundamento em ter. A gente sempre disse e as pessoas sempre disseram que se houver um acidente...

SP: Com a do São Bento...

AS: A gente espera que não haja, porque é assim, nem a condutora tem nada a ver com o São Bento, nem se calhar é sócia do São Bento, que era um argumento que podia valer, nem as pessoas que andam dentro da carrinha são sócias do São Bento. Aquilo está com o seguro de uma instituição para a instituição. Ao menos que os fizessem todos sócios do

São Bento, que era para minimizar a coisa, mas assim como está ...o Luís disse várias vezes que se houver um acidente não paga nada, o seguro.

Já a gente, quando fizemos força para o Soutocico devolver a carrinha, foi porque o Manel Brites disse que “atenção que se houver um problema é a Casa do Povo que vai ter que assumir todas as responsabilidades, porque o seguro não paga nada”. Por causa disso é que a gente acabou com a carrinha. Mas estás a ver, já aí são quatro ou cinco carrinhas, cinco carrinhas, se estivessem todas numa instituição, até podia ser na junta, aí tem mais lógica a junta ter as carrinhas e ceder para a população e para as instituições da população, mas aí tinha um problema, tinha que ter condutores da junta.

SP: Sim faz sentido, obvio!

AS: (Risos) Estás a ver? Fazia sentido! Até aí andam todos de costas viradas! A junta adquire as viaturas e ceder às instituições conforme é preciso, ou então uma camionetazinha pequenina, visto que a gente tem duas filarmónicas, para as filarmónicas se puderem deslocar.

SP: É uma ideia!

AS: Já teve. A do Arrabal já teve camioneta. Epá, são coisas que são tão simples de implementar, porque é assim a parte política, é que devia incentivar que a união das freguesias das associações existisse.

SP: E isso é incentivado?

AS: Não!

SP: Não?

AS: Tirando uma ou duas reuniões que se faz por ano para tentar saber os planos que não levam a lado nenhum, que aparecem duas ou três instituições e que das duas ou três instituições, uma ou duas é que mandam o plano mais nada. Por isso não.. Aquilo é show-off.

Tenho muita pena que assim seja, se calhar se eu lá estivesse era a mesma coisa, mas se calhar se eu lá estivesse dizia logo que não havia verba para ninguém, contrariamente

àquilo que as pessoas possam pensar. E aí, quando a verba começar a falhar, as pessoas pensarão “se calhar vale a pena a gente se reunir para discutir a situação”.

SP: Se calhar aí já era por interesse das coletividades.

AS: Não, assim as coletividades sabem que não há interesse nenhum em manter um diálogo quando elas conseguem desenrascarem-se sozinhas (risos) de alguma maneira com os *fediveres*. Temos o Rancho que recebeu agora vinte e cinco mil euros numa tranche, e há de receber mais porque vinte e cinco mil euros, não dão para fechar a obra. Prontos, mais uns *fediveres*. Por isso, acho que se a Junta quisesse, e se a Câmara quisesse, meus senhores, vocês são uma freguesia, espetáculo! Têm muitas associações e muitas instituições, vamos lá sentar toda a gente à mesa porque a verba acabou-se!

Aí as pessoas começavam a pensar assim, se calhar os mil e quinhentos euros ou o que vem fazer falta, que dá sempre jeito. Se calhar diziam assim, “vamos lá jantar então”. Não tem lógica nenhuma a gente continuar com duas filarmónicas. Não é bom para um lado nem para o outro. É engraçado a gente ter para o ego. Aquilo é assim, epá somos as únicas no país que temos duas filarmónicas. Para o ego é bom, para alimentar o ego, mas em termos futuros, a gente, quando faz as coisas, deve pensar no futuro. Que em termos futuros não há de haver viabilidade de manter, continuar a manter, porque é difícil. Os “faz-fatos” estão-se a acabar, que deu as fardas disso tudo.

Já houve muitas casas de roupa, agora já não há. Quando estas se resgarem dificilmente se consegue arranjar verba para... Nessa altura, começa a faltar o dinheiro. Quando tu tens de te fardar para ser apresentável e se não tiveres dinheiro para comprar a farda particularmente... Por isso é que a gente temos de continuar a promover, enquanto eu aqui estiver continuo a promover que haja uma união e que haja um dialogo, independente se são cor de rosa, se são...aliás, é coisa que eu sempre disse e as pessoas sempre estão conhecedoras do caso, aqui o Abel é só o presidente da Casa do Povo, ponto final. Nem misturo alhos nem...aqui não falo em política nem no jornal... Já várias pessoas pediram para dar pareceres e eu disse assim, “não entram pareceres aqui no boletim, porque se entra um parecer depois tenho de dar direito a resposta, depois isto começa uma guerra...não. Acabou-se!”

Agente é que faz a gestão do boletim, é como a gente quer e é igual para toda a gente. Quem manda notícias tem direito a publicá-las, quem não manda não tem direito.

SP: Pronto!

AS: Epá prontos e... há meia dúzia de instituições que usa..

SP: Como é o caso do Lar!

AS: O Lar, esse aí, espetáculo, mandam sempre. É o caso da filarmónica do, mais ou menos aqui do Arrabal, do Soutocico, cortaram uma vez porque entregaram primeiro e a notícia deles veio em segundo. Prontos! Essas m#@das que não tem lógica nenhuma. Os festeiros usam. Às vezes do Arrabal, o Centro também usa, o São Bento também usa. Praticamente o ramo de baixo é que usa todo, o resto ...

Não é por eu morar no ramo de baixo atenção, não faço força nenhuma. As pessoas é que, do ramo de baixo acham que devem então, e a gente não faz exigências nenhuma. Conforme vêm a gente publica. Agora, às vezes dizem assim, “epá então vocês puseram lá que a Joana fez oitenta e cinco anos, ela já fez oitenta e cinco anos há três anos”. Epá, a notícia vem e a gente publica quem nos manda as notícias é que ...

SP: Tem de se assegurar da veracidade dos factos

AS: E a gente não tem, há dias estive a falar com a Mena, que houve alguém que me pediu para ver se a gente podia começar a incluir no boletim os mortos. Porque há pessoas, o boletim a gente manda para fora, também vai para França, para a Suíça, para a Alemanha, para os Estados Unidos. Para pessoas que são socias, não pagam, mas a gente manda, tem os e-mails deles e manda na mesma, e fica todos os meses o boletim, fica no arquivo distrital. Eles têm um histórico de todos os boletins que saíram. E houve alguém que disse, “epá fazia lógica vocês porem quem faleceu para que gente lá fora também tenha conhecimento das pessoas que vão falecendo”.

SP: Nem que seja só no fim.

AS: Fiz esse pedido à Mena, se havia alguma viabilidade, para perguntar à Senhora Presidente se havia alguma viabilidade. Não me deram resposta ainda. Porque a Junta é que tem conhecimento. Tem de passar os óbitos.

Não é tanto as mortuárias, porque as mortuárias, umas podem ser de Cascais e vem aqui fazer um serviço, não sabem que existe a Casa do Povo e depois dizem assim, “então

publica uns, não publicam outros”. A junta é que pode mandar um relatório, “as pessoas até ao dia 15 que faleceram foram esta, esta, esta esta” ...não quer dizer que a gente ponha a fotografia, mas pelo menos...

SP: O nome aparece!

AS: Até aí não há interesses...

SP: Abel, obrigada por este bocadinho

AS: De nada, sempre!

APÊNDICE 8C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. ABEL SANTOS

QUESTÃO	VOZES	INTERPRETAÇÃO
1 – Qual é a sua idade?	“59 anos”.	
2 - Há quanto tempo dirige a Casa do Povo?	“Vai fazer quatro anos!”	- Menos de cinco anos
3 - Na sua opinião, qual é o impacto que a Casa do Povo tem tido na Freguesia?	“É o impacto...é o feedback que a gente tem das pessoas é grande! Apesar de as pessoas não darem grande apoio à instituição. Temos o caso do boletim que é fundamental que ele saia, porque quando a gente se atrasa a publicar o boletim ouvimos logo críticas, ou que não há dinheiro, ou que nos esquecemos das coisas... Por isso, se as pessoas fazem esses reparos é porque é interessante. Depois, a nossa parte social, das formações e assim também é interessante”.	- Grande impacto - Boletim informativo - Formações
4 - Há atividades que a Casa do Povo desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?	“Há! É o caso das festas (risos). A única festa que a Casa do Povo faz praticamente é o 10 de junho. Temos feito...todos os anos fazemos parceria com uma ou outra instituição que, pelo menos enquanto eu estiver aqui nesta instituição faço questão de assim ser, para uma instituição inclusive”. “Então, até agora, a primeira foi com a CAOSas, a segunda foi, e era para ser o São Bento, mas o São Bento tinha a festa deles. Depois o ano passado foi com o Centro”. “E este ano estamos a pensar noutra instituição. É claro que ainda não vou dizer qual é a instituição, porque primeiro ainda tenho de fazer o pedido da escola à Senhora Presidente. Se ela ceder o espaço, então vou convidar a outra instituição”. “Mas é sempre, a minha ideia será sempre fazer uma, rodar todas as instituições que há na Freguesia e tentar agrupar...”	- 10 de Junho, festejos dos Santos Populares - Alternância entre coletividades parceiras
5 - Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?	“Pode. Assim os outros o queiram. E assim os outros o pensem. Porque é assim, hoje em dia é como eu estava a dizer, não há verbas suficientes para toda a gente, por isso não há, eu acho que ... há tempos estive a ler um coiso ...acho que a freguesia do Arrabal é das freguesias, a nível nacional, com mais associações e instituições e filarmónicas e isso tudo. Então filarmónicas acho que não há nenhuma que tenha duas, em termos de freguesias como a nossa”. “Como tal, é difícil a gente chegar a toda a gente porque não há verbas, não é isso? Se a gente se unir todos, se calhar é mais fácil haver verbas, e fazermos força porque a parte política também não tem interesse em que a gente se una todos. Porque se a gente se unir todos é uma mais valia”.	- Falta de verbas - Freguesia com mais destaque a nível nacional
6 - Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que possa ser ainda mais desenvolvida?	“Sim! Entre as coletividades e todas as firmas que estão na freguesia, e era importante, era um sonho que não sei se vou conseguir levar a bom termo, é certificar a Casa do Povo enquanto uma instituição de formação. Há muita falta na freguesia, porque há muitas firmas na freguesia e se a gente for contabilizá-las há muitas firmas, e a gente sabe que as firmas têm de dar trinta e cinco horas de formação todos os anos aos empregados e a maior parte delas não o dão”.	- Dividas que sufocam

	<p>“Se a Casa do Povo se juntasse, se houvesse interesse, se várias associações se juntarem à Casa do Povo e a Casa do Povo, ter um âmbito só... Por exemplo, imagina que o São Bento se juntava, imagina que o CRD se juntava (tosse)... A gente não quer aglutinar ninguém, não quer comer ninguém! Eles ficariam autónomos na área deles. Faz de conta que, dentro da Casa do Povo, haveria um departamento desportivo, um departamento cultural, um departamento informativo e formativo, e aí a gente juntava, se houvesse interesse, as instituições em virem para aqui. Se não, a Casa do Povo vai fazer, se quiserem continuar com esta ideia, no fim de a gente liquidar as nossas verbas, que infelizmente nos deixaram e que nos sufocam, porque se a gente tivesse esse dinheiro já estava certificado ...”</p> <p>“Ora, se a gente chegar ali aos serralheiros, “olhem vocês precisam de uma formação de quê para o vosso pessoal? Há precisamos de solda!”. Vamos então estabelecer os protocolos para fazer uma formação de solda. Olha ... aos lares, “ah, precisamos de primeiros socorros e de geriatria”. Temos um lar aqui, temos um lar nos Cardosos, a gente conseguia facilmente conciliar a situação. Esta é a minha ideia para ajudar...”</p>	
7 - Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?	<p>“Não, não! De maneira nenhuma! Acho que a única crítica que eu tenho é o individualismo das entidades. Existem, ... cada uma pensa que é melhor que a outra.”</p> <p>“Há delas que dizem que não, dizem que não precisam. É o caso da filarmónica que diz que não precisa, que já tem 100 anos, já tem muito historial. Não precisa nada de se unir com ninguém. O rancho diz que tem um património grande, também não pode, não é preciso unir-se a ninguém. Mas eles qualquer dia chegam à conclusão que têm de se unir. E se eles alguma vez pensassem que se unissem, juntassem à Casa do Povo enquanto...faz de conta que isto é uma “VV”, uma “VV” é uma sociedade em que todos têm a sede na sociedade, mas que todos são independentes. Trabalham é em áreas diferentes”.</p> <p>“Se eles pensassem isso e dissessem assim “olha, vamos beneficiar a Casa do Povo, o estatuto da Casa do Povo não paga IVA, têm algumas isenções de impostos e a gente pode-se juntar à Casa do Povo e pode-se e vamos buscar mais essa verba, que é o IVA, que a gente está a entregar, que eles estão todos a entregar, não é?”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Individualismo das entidades - Aproveitamento dos benefícios que podem usufruir ao se juntarem à casa do povo.
8 - Algum aspeto que queira mencionar em relação ao trabalho colaborativo na freguesia?	<p>“Epá, não há! Não há trabalho colaborativo tirando a Casa do Povo que faz algum e é só uma atividade anual, mas é para ver se as pessoas começam a se habituar a partilhar. Eu, por exemplo, o ano passado já nem convidamos a deste ano, que a gente está a pensar em convidar. Já não foi preciso convidar porque eles é que se convidaram. Eles é que se ofereceram. Olha... epá se vocês quiserem a gente estamos disponíveis”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Criação de uma atividade que cative as outras a colaborar.

Tabela 10 - Sinopse da entrevista ao sr. Abel Santos

APÊNDICE 9A - GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. RENATO BRITES

Entrevistado: Renato Brites

Coletividade/Associação: Círculo Cultural Dos Amigos Do Vale

No âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, encontro-me a desenvolver um projeto de mediação comunitária na Freguesia de Arrabal, no qual pretendo ir ao encontro das vontades e/ou necessidades da população de modo a criar um conjunto de atividades mais em rede e de forma mais colaborativa.

Tudo o que for abordado nesta entrevista será única e exclusivamente destinado ao meu projeto de mestrado “Uma Freguesia (Com Vida)tiva”, sendo uma ferramenta essencial para a criação das atividades a implementar em 2019.

1: Qual a sua idade?

2: Há quanto tempo dirige o CIRCAV?

3: Na sua opinião qual é o impacto que o CIRCAV tem tido na Freguesia?

4: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades?
Quais?

5: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

6: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

7: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

8: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

Muito obrigada pela sua colaboração

APÊNDICE 9B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA AO SR. RENATO BRITES

Entrevistado: Renato Brites

Coletividade/Associação: Círculo Cultural dos Amigos do Vale

Data: 21/04/2018

SP: Qual é a sua idade?

RB: 43.

SP: Há quanto tempo dirige o CIRCAV?

RB: Há cerca de um ano e meio!

SP: Na sua opinião, qual é o impacto que o CIRCAV tem tido na Freguesia?

RB: A nível, prontos, a nível de associativo, se calhar podemos dividir aqui a Freguesia, digamos em duas partes, a parte mais cultural e a parte mais, digamos, entre aspas, mais de cafés, de comes e bebes. Nesse a parte mais, digamos, a parte mais cultural não tem muito significativo, pronto. A nível cultural, se calhar, o que se aproxima mais é, tem haver com o festival da filhós mas na outra parte mais de cafés, digamos assim, tem algum impacto, que os eventos que são feitos, tanto o carnaval, como os santos populares, como o convívio de 15 de agosto, como já tem alguma história também ao longo destes anos, até já tem um impacto grande na freguesia.

E depois também como é um lugar onde, digamos, onde não é de ninguém, entre aspas, não é de nenhum ramo, pronto, tem também essa vantagem de conciliar aqui muitas pessoas dos vários ramos. Resumindo, tem uma predominância um bocado, digamos, média, na freguesia.

SP: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?

RB: Não! Pontualmente poderá aparecer umas, mas por norma não!

SP: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

RB: Pode, pode muito ser melhorado. A comunicação, por exemplo, os eventos que existentes para não haver coincidências. O festival, como o Arrabal em Movimento, tanto que é e fomos obrigados, entre aspas, positivamente, a trabalhar em conjunto porque o espaço muitas das vezes foi comum e aí és mesmo obrigado a trabalhar em rede. Prontos, tem essas vantagens não é?

SP: E sendo assim era um aspeto positivo.

RB: Era exatamente, era um aspeto positivo.

SP: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

RB: Sei lá, assim de repente... Se calhar é mesmo o evento anual. Na altura foi falado ser bianual, mas o evento na anual que agregasse, não só a parte de comes e bebes, não só desse género, mas também de mais de artes, mais de filarmónica, mais de rancho.

Se calhar, já o fim de semana onde pudesse haver várias valências e porque não aproveitar, é uma ideia minha que já vem de há muito tempo. Por exemplo, na Martinela temos um campo de futebol que está parado, mas tem lá um campo e é o único que existe na freguesia com aquelas características, temos um pavilhão, temos como café... As pessoas também dizem que este aqui é o melhor como sala, digamos assim, como sala não há muitos na freguesia, a nível de associações no Soutocico mas não é tão grande. Ou seja, nesse fim de semana dinamizar um bocadinho de cada uma e fazer um evento parecido com o Arrabal em movimento, não só de comes e bebes, mas também cultural, um bocadinho mais por aí, um bocadinho desportivo também...

SP: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

RB: Críticas de quê?

SP: Quaisquer críticas, construtivas...

RB: De qualquer associação?

SP: De qualquer associação, de qualquer atividade...

RB: Não ouço críticas assim, é mesmo é às vezes essa duplicação de datas. Pronto, que há... A Junta tenta, nós já tentámos também, já houve muitas reuniões há alguns anos quando era na Casa do Povo, tentar que não se coincidissem, mas há sempre coincidências, porque depois há os fura datas. Digamos, é a característica. Agora, umas contra as outras não, não acho que haja nenhuma crítica muito má para apontar.

SP: E em relação às atividades em questão? Para além do agendamento, alguma atividade colaborativamente, por exemplo o Arrabal em movimento, achas que alguma coisa deveria ser melhorada?

RB: Sim, se calhar, aquilo que eu estava a dizer há bocadinho, mais ampla, não só mesmo de, mais de comer e beber, mas também por exemplo meter um dia dedicado ao desporto, ao futebol, ao futsal. Aí já entrava a malta por exemplo, lá do São Bento. Incentivar também o pessoal a praticar também o futebol ou o basquetebol. Pronto, era um fim de semana mais...onde tinhas a parte desportiva, a parte do basquete, a parte do futsal, se calhar a parte, aí já se podia utilizar o tal campo da Martinela, porque temos lá um campo de futsal ao ar livre, único aqui na freguesia. Pronto, se calhar não estás centrada só ali no centro, no Arrabal, num sítio específico, mas espalhado, várias atividades a decorrer na freguesia aproveitando um bocadinho do que cada uma tem. Ou o campo aqui em cima do, este campo, por exemplo ao pé do lar, do lar não, do Jardim Infantil do Soutocico também.

SP: Do parque da Charnequinha!

RB: Exatamente, o parque da Charnequinha, também algumas atividades ao mesmo tempo em vários locais da Freguesia diferentes. Acho que era uma mais valia, como se fosse quase um dia aberto à Freguesia.

SP: Ou seja, como se fosse um roteiro temático!

RB: Exatamente! Um roteiro temático, olha aí está um bom nome.

SP: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia? Ou sintetizar!

RB: A nível das instituições? Não, assim, a nível cultural tem melhorado muito. Tem havido um grande *forcing* desta nova junta e da passada. Notou-se aqui uma grande diferença na parte cultural, em agregar e fazer com que haja estas atividades todas mais culturais na freguesia. Epá, digamos, isso é o que salta mais.

O que é que se poderia fazer mais? Se calhar, o não ser só de quatro em quatro anos, mas por exemplo, na altura da ideia dela era fazer de dois em dois anos pronto. Mas isso dá muito trabalho, é certo, eu entendo isso e para trabalhar a gente também sabe que são sempre os mesmos, mas pronto. É uma mais valia e acho que era reforçar a continuação dessa atividade por ano. Resumidamente é.

APÊNDICE 9C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. RENATO BRITES

QUESTÃO	VOZES	INTERPRETAÇÃO
1 – Qual é a sua idade?	“43 anos”	
2 - Há quanto tempo dirige o CIRCAV?	“Há cerca de um ano e meio!”	- Menos de cinco anos
3 - Na sua opinião, qual é o impacto que o CIRCAV tem tido na Freguesia?	“[...] a nível de associativo, se calhar podemos dividir aqui a Freguesia, digamos em duas partes, a parte mais cultural e a parte mais, digamos, entre aspas, mais de cafés, de comes e bebes. [...] A nível cultural, se calhar, o que se aproxima mais é, tem haver com o festival da filhós mas na outra parte mais de cafés, digamos assim, tem algum impacto, que os eventos que são feitos, tanto o carnaval, como os santos populares, como o convívio de 15 de agosto, como já tem alguma história também ao longo destes anos, até já tem um impacto grande na freguesia.” “E depois também como é um lugar onde, digamos, onde não é de ninguém, entre aspas, não é de nenhum ramo, pronto, tem também essa vantagem de conciliar aqui muitas pessoas dos vários ramos. Resumindo, tem uma predominância um bocado, digamos, média, na freguesia.”	- Grande impacto - Eventos (Festival da filhós; Convívio de 15 de agosto; Festa de carnaval; Santos Populares) - Lugar da Freguesia isento de rivalidades - Acolhe a população de toda a freguesia
4 - Há atividades que o CIRCAV desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?	“Não! Pontualmente poderá aparecer umas, mas por norma não!”	- Não há atividade colaborativa
5 - Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?	“Pode, pode muito ser melhorado. A comunicação, por exemplo, os eventos que existentes para não haver coincidências. O festival, como o Arrabal em Movimento, tanto que é e fomos obrigados, entre aspas, positivamente, a trabalhar em conjunto porque o espaço muitas das vezes foi comum e aí és mesmo obrigado a trabalhar em rede”.	- Pode ser melhorado - Comunicação - Ausência de eventos sobrepostos - Arrabal em movimento - Trabalho em comum
6 - Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que possa ser ainda mais desenvolvida?	“Sei lá, assim de repente... Se calhar é mesmo o evento anual. Na altura foi falado ser bianual, mas o evento na anual que agregasse, não só a parte de comes e bebes, não só desse género, mas também de mais de artes, mais de filarmónica, mais de rancho”. “Se calhar, já o fim de semana onde pudesse haver várias valências e porque não aproveitar, é uma ideia minha que já vem de há muito tempo. Por exemplo, na Martinela temos um campo de futebol que está parado, mas tem lá um campo e é o único que existe na freguesia com aquelas características, temos um pavilhão, temos como café... As pessoas também dizem que este aqui é o melhor como sala, digamos assim, como sala não há muitos na freguesia, a nível de associações no Soutocico mas não é tão grande. Ou seja, nesse fim de semana dinamizar um bocadinho de cada uma e fazer um evento parecido com o	- Arrabal em movimento - Frequência com que ocorre o evento - Sugestão de atividade a realizar.

	Arrabal em movimento, não só de comes e bebes, mas também cultural, um bocadinho mais por aí, um bocadinho desportivo também...”	
7 - Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?	<p>“Não ouço críticas assim, é mesmo é às vezes essa duplicação de datas. [...] A Junta tenta, nós já tentámos também, já houve muitas reuniões há alguns anos quando era na Casa do Povo, tentar que não se coincidissem, mas há sempre coincidências, porque depois há os fura datas [...]. Agora, umas contra as outras não, não acho que haja nenhuma crítica muito má para apontar”.</p> <p>“Sim, se calhar, aquilo que eu estava a dizer há bocadinho, mais ampla, não só mesmo de, mais de comes e bebes, mas também por exemplo meter um dia dedicado ao desporto, ao futebol, ao futsal. Aí já entrava a malta por exemplo, lá do São Bento. Incentivar também o pessoal a praticar também o futebol ou o basquetebol. Pronto, era um fim de semana mais...onde tinhas a parte desportiva, a parte do basquete, a parte do futsal, se calhar a parte, aí já se podia utilizar o tal campo da Martinela, porque temos lá um campo de futsal ao ar livre, único aqui na freguesia. Pronto, se calhar não estás centrada só ali no centro, no Arrabal, num sítio específico, mas espalhado, várias atividades a decorrer na freguesia aproveitando um bocadinho do que cada uma tem. Ou o campo aqui em cima do, este campo, por exemplo ao pé do lar, do lar não, do Jardim Infantil do Soutocico também”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Sobreposição de eventos - Junta de Freguesia como entidade mediadora - Explicação mais pormenorizada sobre a proposta do Arrabal em Movimento - Roteiro da Freguesia - Descentralização do evento
8 - Algum aspeto que queira mencionar em relação ao trabalho colaborativo na freguesia?	<p>“Não, assim, a nível cultural tem melhorado muito. Tem havido um grande <i>forcing</i> desta nova junta e da passada. Notou-se aqui uma grande diferença na parte cultural, em agregar e fazer com que haja estas atividades todas mais culturais na freguesia. Epá, digamos, isso é o que salta mais”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Diferenças positivas - Forcing da Junta de Freguesia

Tabela 11 - Sinopse da entrevista ao sr. Renato Brites

APÊNDICE 10A – GUIÃO DE ENTREVISTA À SRA. SANDRINA FAUSTINO

Entrevistado: Sandrina Faustino

Coletividade/Associação: Clube Desportivo e Recreativo do Soutocico

No âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, encontro-me a desenvolver um projeto de mediação comunitária na Freguesia de Arrabal, no qual pretendo ir ao encontro das vontades e/ou necessidades da população de modo a criar um conjunto de atividades mais em rede e de forma mais colaborativa.

Tudo o que for abordado nesta entrevista será única e exclusivamente destinado ao meu projeto de mestrado (título), sendo uma ferramenta essencial para a criação das atividades a implementar em 2019.

1: Qual a sua idade?

2: Há quanto tempo dirige o CDR Soutocico?

3: Na sua opinião qual é o impacto que o CDR Soutocico tem tido na Freguesia?

4: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades?
Quais?

5: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

6: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

7: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

9: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

Muito obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE 10B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À SRA. SANDRINA FAUSTINO

Entrevistado: Sandrina Faustino

Coletividade/Associação: CDRSoutocico

Data: 21/04/2018

SP: Qual a sua idade?

SF: 55 anos

(neste momento chega a vice-presidente do Clube, Sílvia Brites)

SP: Há quanto tempo dirige o CDR Soutocico?

SF: Há um mês.

SP: Na sua opinião qual é o impacto que o CDR Soutocico tem tido na Freguesia?

SF: É uma coletividade que já nasceu há bastante tempo e que teve sempre a sua utilidade social, foi sempre necessária, principalmente às pessoas do Soutocico, mas é cada vez mais útil a toda a freguesia, não só pelas valências, pelas pessoas que envolve, pelas atividades, pelo seu património, pelas suas instalações, e mesmo pela sua cultura. Nós sempre nos tentámos envolver, sempre que é preciso, com toda a freguesia, nomeadamente às outras coletividades, é a melhor forma de chegar à restante população.

SP: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?

SF: Normalmente queremos sempre enriquecer as nossas atividades. Primeiro enriquecemos e depois facilitamos. Temos o enterro do bacalhau, temos as atividades desportivas. No enterro do bacalhau entramos mesmo em colaboração com outras instituições, pois vêm músicos, vêm figurantes, vêm atores. Nós não fazemos o enterro do bacalhau sem a filarmónica, eles são os músicos, temos figurantes que vêm do freixial.

SP: Ou seja, o enterro do bacalhau é sempre uma iniciativa do clube?

SF: É uma iniciativa do clube, sim. É da inteira responsabilidade do clube.

SP: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

SF: pode sempre ser melhorado. Havendo sempre mais interação, havendo sempre mais participação. Primeiro é necessário que haja abertura, não só para convidar, como também para aceitar o convite, e isso é preciso de ambas as partes. Mas eu penso que as coisas estão a caminhar muito nesse sentido.

SB: uma coisa que eu acho que a Sandrina tem pensado é em termos de comunicação, melhorar um bocadinho a comunicação, tanto interna como exteriormente para as outras coletividades, também um bocadinho para melhorar essa...

SF: sim. Por exemplo tivemos agora um caso. O último foi o festival do feijão, estivemos lá, faz todo o sentido estarmos lá, tal como faz todo o sentido eles virem cá quando tivermos o nosso arroz doce. Mas é o que a Sissi diz, tem muito a haver com a comunicação das instituições, ainda falha muito a comunicação, mas é preciso que haja comunicação, e vai havendo.

SB: E a freguesia é muito rica em instituições e a colaboração entre elas é mesmo importante.

SP: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

SF: temos o caso do enterro do bacalhau. Cabíamos cá todos, todas as coletividades seriam úteis, uns porque dançam, outros porque cantam, outros porque tocam, outros porque são novos figurantes. Nós aqui, por exemplo, é uma coisa que tentamos fazer e já o ano passado o rancho veio mesmo vestido a rigor, destacaram-se, percebeu-se que estava cá o rancho do freixial. Das outras vezes as coisas vêm mais ou menos disfarçadas, desta vez foi muito interessante, foi giro ver. Gostamos de cá ter os músicos...é giro, pronto. Este é um dos eventos em que isso pode acontecer.

SB: E a filarmónica do Arrabal também veio participar com os músicos do Soutocico, foi em conjunto.

SF: Misturaram-se, sim sim!

SP: Através do projeto SOAR?

SB: Não, foi mesmo a filarmónica. Foi convite à filarmónica. Os elementos da filarmónica do Soutocico, muitos deles, participam quer no cortejo em si, quer na organização e fica muito desfalcado e o convite foi feito diretamente à filarmónica do Arrabal e foi aberto para quem quisesse vir.

SF: E foram eles que compuseram o grupo de músicos do cortejo. Isso já acontece um bocadinho, mas podia acontecer mais e este é um exemplo em que cabem cá todos. O coro pode cá vir.

SB: se calhar o objetivo futuro é abrir mais às coletividades.

SP: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

SF: É difícil, porque as que são ao nível da freguesia nunca são muito divulgadas, e portanto nunca são muito participadas, portanto, também não podem ser muito criticadas, certo? Para que isso aconteça é preciso que as pessoas participem, e assim é que se pode criticar alguma coisa. Portanto, há aí uma falha de comunicação muito grande, e depois também não há muita recetividade por causa disso. Isto acontece ao nível da freguesia. O mesmo acontece ao nível das coletividades, ainda que menos, porque as formas de comunicar entre as coletividades é mais informal e as pessoas vão de forma mais voluntária. Quando é exigida uma formalidade maior há uma dificuldade maior de chegar às pessoas.

SP: Como, por exemplo?

SB: Houve uma altura que a Junta reuniu com todas as coletividades e fez uma espécie de plano de atividades anual, um calendário para que as atividades não coincidissem, isto porque houve uma altura em que haviam coisas ao mesmo tempo, sem a necessidade de isso acontecer. Não há necessidade disso, não temos de separar as pessoas, porque o público é o mesmo. E a Junta ter tido essa iniciativa de criar o calendário, para que as coisas não coincidissem foi muito bom. E acho que isso é muito importante!

SP: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

SF: Ah, outra coisa! houve, ainda há pouco tempo um encontro de bandas na Junta. Por exemplo, foi muito pouco divulgado e acabou por não aparecer quase ninguém. A questão está sempre na falta de comunicação.

SB: Comunicação e divulgação, principalmente.

SF: sempre! E digo o mesmo porque acontece o mesmo a outro nível nas coletividades. É mais fácil nós colmatarmos as nossas dificuldades...porque é menos formal, e porque chegamos mais facilmente às pessoas, do que a nível de...

SP: Sendo assim, acham que a divulgação está um bocadinho fraca, certo?

SF: Sim. Para envolver as pessoas, para elas se sentirem envolvidas, porque senão não vão, não participam, não se sentem parte, não fazem parte.

SB: Por exemplo, há pouco tempo houve o baile de carnaval no Freixial e foi organizado pela comissão de festas do freixial. Eu conheço grande parte dos elementos e eu disse, “não estava nenhum prospeto no Soutocico”. Por exemplo! Quem disse às pessoas do Soutocico que havia baile no Freixial fui eu, porque tinha falado com eles e no Soutocico ninguém sabia. Portanto, de uma coisa tão simples como pôr folhetos nas outras partes da freguesia ou noutras coletividades, era uma coisa tão simples quanto isso.

SF: Sabes que a nível histórico há estas rivalidades entre as terrinhas, e de facto, não há melhor do que a cultura e o turismo para as pessoas se juntarem, para as pessoas colaborarem e para as pessoas andarem. Portanto, é um papel muito importante que as coletividades têm. Tem havido progressos e tem acontecido e vai haver mais, e que há boa vontade, e que faz parte dos objetivos de cada uma das coletividades, mas ainda falta! Falta isto, falta ir lá, e quem é que lá vai pôr o cartaz. “Ah, e está no Facebook, e não sei quê, e quem quiser vê e quem não quiser não vê”. Não é assim.

SB: Se calhar nós também falhamos! Se calhar nós também podíamos pôr lá algumas coisas e se calhar havia pessoas daquele lado, a gente tem noção que às vezes parece que há uma fronteira e não tem que haver. E também para a Martinela, quer dizer, não tem que haver. Até porque essa coisa de rivalidades já é passado, é só histórico, e está, se calhar, na cabeça de algumas pessoas mais velhas porque as gerações mais novas têm até intenções de acabar com isso

SF: E ao nível do associativismo, um dos aspetos muito importantes é esse, a cultura chega a todo o lado, no desporto, não consegues fazer uma equipa de futebol se não tiverem os elementos todos e se não os tiveres todos aqui tens de os teres em diversos sítios, não faz sentido estares só a pensar na tua rua, quer dizer... e isto é um papel fundamental para a Junta. A Junta devia de puxar, é um centro agregador.

SB: Podia servir de intermediário, de elo de ligação entre as várias coletividades, e ter um papel, se calhar, mais ativo. A nossa freguesia é muito rica, muito rica em termos de coletividade.

SF: Porque quando tu falas em coletividades, não estás a falar só...elas são todas diferentes. Tu tens música, tens escutismo, tens escolas, tu tens desporto, tens basquete, tens futebol, tens coro, tens filarmónica, tens cordas, tens violas. Tens uma série de coisas em todo o lado, e é uma pena não se potenciar mais, e isso é um papel vosso (da Junta de Freguesia), nós fazemos o que se pode.

SP: Sendo assim já responderam à última pergunta sobre o trabalho colaborativo na freguesia. Não tenho mais nenhuma pergunta, não tenho mais nada para vos perguntar, só vos tenho a agradecer este bocadinho.

APÊNDICE 10C – SINOPSE DA ENTREVISTA À SRA. SANDRINA FAUSTINO

QUESTÃO	VOZES	INTERPRETAÇÃO
1 – Qual é a sua idade?	SF: “55 anos”	
2 - Há quanto tempo dirige o CDR Soutocico?	SF: “Há um mês.”	- Menos de cinco anos - Muito recente
3 - Na sua opinião, qual é o impacto que o CDR Soutocico tem tido na Freguesia?	SF: “É uma coletividade que já nasceu há bastante tempo e que teve sempre a sua utilidade social, foi sempre necessária, principalmente às pessoas do Soutocico, mas é cada vez mais útil a toda a freguesia, não só pelas valências, pelas pessoas que envolve, pelas atividades, pelo seu património, pelas suas instalações, e mesmo pela sua cultura. Nós sempre nos tentámos envolver, sempre que é preciso, com toda a freguesia, nomeadamente às outras coletividades, é a melhor forma de chegar à restante população”.	- Utilidade social - Bastante envolvimento
4 - Há atividades que o CDR Soutocico desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?	SF: “[...] normalmente queremos sempre enriquecer as nossas atividades. Primeiro enriquecemos e depois facilitamos. Temos o enterro do bacalhau, temos as atividades desportivas. No enterro do bacalhau entramos mesmo em colaboração com outras instituições, pois vêm músicos, vêm figurantes, vêm atores. Nós não fazemos o enterro do bacalhau sem a filarmónica, eles são os músicos, temos figurantes que vêm do Freixial”.	- Enterro do bacalhau (dinâmica entre as coletividades para enriquecer este cortejo fúnebre) Desporto
5 - Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?	SF: “[...] pode sempre ser melhorado. Havendo sempre mais interação, havendo sempre mais participação. Primeiro é necessário que haja abertura, não só para convidar, como também para aceitar o convite, e isso é preciso de ambas as partes. Mas eu penso que as coisas estão a caminhar muito nesse sentido”. SB: “[...] uma coisa que eu acho que a Sandrina tem pensado é em termos de comunicação, melhorar um bocadinho a comunicação, tanto interna como exteriormente para as outras coletividades, também um bocadinho para melhorar essa...” SF: “[...] sim. Por exemplo tivemos agora um caso. O último foi o festival do feijão, estivemos lá, faz todo o sentido estarmos lá, tal como faz todo o sentido eles virem cá quando tivermos o nosso arroz doce. Mas é o que a Sissi diz, tem muito a haver com a comunicação das instituições, ainda falta muito a comunicação, mas é preciso que haja comunicação, e vai havendo”. SB: “E a freguesia é muito rica em instituições e a colaboração entre elas é mesmo importante”.	- Pode ser melhorado - Mais interação e abertura - A Vice-presidente, Sílvia Brites, chega e participa na entrevista - Melhorar a comunicação interna e externa - Colaboração é muito importante
6 - Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que possa ser ainda mais desenvolvida?	SF: “Temos o caso do enterro do bacalhau. Cabíamos cá todos, todas as coletividades seriam úteis, uns porque dançam, outros porque cantam, outros porque tocam, outros porque são novos figurantes. Nós aqui, por exemplo, é uma coisa que tentamos fazer e já o ano passado o rancho veio mesmo vestido a rigor, destacaram-se, percebeu-se que estava cá o rancho do freixial. Das outras vezes as coisas vêm mais ou menos disfarçadas, desta vez foi muito interessante, foi giro ver. Gostamos de cá ter os músicos...é giro, pronto. Este é um dos eventos em que isso pode acontecer”.	- Enterro do Bacalhau - Participação de várias entidades - Filarmónicas em conjunto (convite aberto a quem quer participar) - Tornar ainda mais aberto

	<p>SB: “E a filarmónica do Arrabal também veio participar com os músicos do Soutocico, foi em conjunto”.</p> <p>SF: “Misturaram-se, sim sim!”</p> <p>SB: “Não, foi mesmo a filarmónica. Foi convite à filarmónica. Os elementos da filarmónica do Soutocico, muitos deles, participam quer no cortejo em si, quer na organização e fica muito desfalcado e o convite foi feito diretamente à Filarmónica do Arrabal e foi aberto para quem quisesse vir”.</p> <p>SF: “E foram eles que compuseram o grupo de músicos do cortejo. Isso já acontece um bocadinho, mas podia acontecer mais e este é um exemplo em que cabem cá todos. O coro pode cá vir”.</p> <p>SB: “Se calhar o objetivo futuro é abrir mais às coletividades”.</p>	
7 - Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?	<p>SF: “É difícil, porque as que são ao nível da freguesia nunca são muito divulgadas, e portanto nunca são muito participadas, portanto, também não podem ser muito criticadas, certo? Para que isso aconteça é preciso que as pessoas participem, e assim é que se pode criticar alguma coisa. Portanto, há aí uma falha de comunicação muito grande, e depois também não há muita recetividade por causa disso. Isto acontece ao nível da freguesia. O mesmo acontece ao nível das coletividades, ainda que menos, porque as formas de comunicar entre as coletividades é mais informal e as pessoas vão de forma mais voluntária. Quando é exigida uma formalidade maior há uma dificuldade maior de chegar às pessoas”.</p> <p>SB: “Houve uma altura que a Junta reuniu com todas as coletividades e fez uma espécie de plano de atividades anual, um calendário para que as atividades não coincidissem, isto porque houve uma altura em que haviam coisas ao mesmo tempo, sem a necessidade de isso acontecer. Não há necessidade disso, não temos de separar as pessoas, porque o público é o mesmo. E a Junta ter tido essa iniciativa de criar o calendário, para que as coisas não coincidissem foi muito bom”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Pouca divulgação - Falta de convivência - Pouca participação pouca recetividade - Tentativa da Junta em reunir as coletividades e criar um calendário de atividades anual – boa iniciativa
8 - Algum aspeto que queira mencionar em relação ao trabalho colaborativo na freguesia?	<p>SF: “Sabes que a nível histórico há estas rivalidades entre as terrinhas, e de facto, não há melhor do que a cultura e o turismo para as pessoas se juntarem, para as pessoas colaborarem e para as pessoas andarem. Portanto, é um papel muito importante que as coletividades têm. Tem havido progressos e tem acontecido e vai haver mais, e que há boa vontade, e que faz parte dos objetivos de cada uma das coletividades, mas ainda falta! Falta isto, falta ir lá, e quem é que lá vai pôr o cartaz. “Ah, e está no Facebook, e não sei quê, e quem quiser vê e quem não quiser não vê”. Não é assim”.</p> <p>SB: “Se calhar nós também falhamos! Se calhar nós também podíamos pôr lá algumas coisas e se calhar havia pessoas daquele lado, a gente tem noção que às vezes parece que há uma fronteira e não tem que haver. E também para a Martinela, quer dizer, não tem que haver. Até porque essa coisa de rivalidades já é passado, é só histórico, e está, se calhar, na cabeça de algumas pessoas mais velhas porque as gerações mais novas têm até intenções de acabar com isso”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Rivalidades - União por meio da cultura e turismo - Gerações mais novas como agentes de mudança e extinção das rivalidades

Tabela 12 - Sinopse da entrevista à sra. Sandrina Faustino

APÊNDICE 11A – GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. FERNANDO BERNARDINO

Entrevistado: Fernando Bernardino

Coletividade/Associação: Grupo Desportivo e Recreativo do São Bento

No âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, encontro-me a desenvolver um projeto de mediação comunitária na Freguesia de Arrabal, no qual pretendo ir ao encontro das vontades e/ou necessidades da população de modo a criar um conjunto de atividades mais em rede e de forma mais colaborativa.

Tudo o que for abordado nesta entrevista será única e exclusivamente destinado ao meu projeto de mestrado “Uma Freguesia (Com Vida)tiva”, sendo uma ferramenta essencial para a criação das atividades a implementar em 2019.

1: Qual a sua idade?

2: Há quanto tempo dirige o GDR São Bento?

3: Na sua opinião qual é o impacto que o GDR São Bento tem tido na Freguesia?

4: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades?
Quais?

5: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

6: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

7: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

8: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

Muito obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE 11B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA AO SR. FERNANDO BERNARDINO

Entrevistado: Fernando Bernardino

Coletividade/Associação: GDR São Bento

Data: 26/03/2019

SP: Senhor Fernando qual é a sua idade?

FB: 47

SP: E há quanto tempo se encontra a dirigir o Clube do São Bento?

FB: Há seis!

SP: Na sua opinião qual é o impacto que o Clube do São Bento tem para a freguesia?

FB: Desenvolver o desporto,

SP: Desenvolver o desporto, ...

FB: Desenvolver o desporto, pôr as pessoas novas a jogar futebol e dar oportunidade também às pessoas de praticar desporto.

SP: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?

FB: Sim! Quando surge essa oportunidade faz-se algumas brincadeiras, sim

SP: Quais?

FB: Mais ligado ao desporto, nem que seja o futsal e fazemos alguns eventos,

SP: Como por exemplo? Não quer mencionar alguns?

FB: Não, é consoante a oportunidade!

SP: Mas os mais marcantes?

FB: É jogar futebol!

SP: Jogar futebol?

FB: Sim

SP: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado?

FB: Sim!

SP: De que modo?

FB: Mais atenção da parte das pessoas que gerem!

SP: Que gerem?! Um exemplo desses...

FB: O presidente, se tivesse mais tempo, possivelmente as coisas seriam melhores.

SP: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

FB: Deixa pensar!

SP: Com base no desporto acha que poderia ser ... algumas das atividades que são dinamizadas na freguesia poderia ser mais desenvolvida?

FB: Sim! Provavelmente sim! Agora não me recordo ... há coisas que se podem melhorar sempre, agora é a gente saber de que forma é que se deve fazer. Agora, sim, agora melhorar, tudo é possível.

SP: Mas, por exemplo, uma atividade que você tenha como referência que se calhar poderia ser mais trabalhada, vá...

FB: Eu acho que a quase todas poderiam ser melhoradas!

SP: Todas!?

FB: A quase! Em geral!

SP: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal?

FB: Não

SP: Não?! Ou seja, tudo positivo?

FB: Sim! Acho que não, a crítica é não! Sobre isso não tenho nenhuma crítica a fazer.

SP: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

FB: ... (Silencio)

SP: Alguma dica, alguma ...

FB: Espera aí, espera aí, faz lá a pergunta outra vez.

SP: Algum aspeto que queira mencionar sobre o trabalho colaborativo na freguesia?

FB: Acho que a Freguesia Ativa, acho que é um trabalho muito bom que a freguesia tem feito para a parte das pessoas de idade. Acho que é excelente.

SP: Estamos feitos?

FB: Estamos! Tudo certinho.

SP: É tudo senhor Fernando? Então olhe, muito obrigada pela sua colaboração!

FB: Não tem de quê!

APÊNDICE 11C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. FERNANDO BERNARDINO

QUESTÃO	VOZES	INTERPRETAÇÃO
1 – Qual é a sua idade?	“47 anos”.	
2 - Há quanto tempo dirige o GDR São Bento?	“Há seis!”	- Mais de cinco anos
3 - Na sua opinião, qual é o impacto que o GDR São Bento tem tido na Freguesia?	“Desenvolver o desporto, pôr as pessoas novas a jogar futebol e dar oportunidade também às pessoas de praticar desporto”.	- Prática de desporto
4 - Há atividades que o GDR São Bento desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?	“Sim! Quando surge essa oportunidade faz-se algumas brincadeiras, sim Mais ligado ao desporto, nem que seja o futsal e fazemos alguns eventos,” “Não, é consoante a oportunidade!” “É jogar futebol!”	- Mediante as oportunidades que surgem no contexto do desporto - Prática do futebol
5 - Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?	“Sim!” “Mais atenção da parte das pessoas que gerem!” “O presidente, se tivesse mais tempo, possivelmente as coisas seriam melhores.”	- Pode ser melhorado - Mais atenção por parte dos envolvidos.
6 - Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que possa ser ainda mais desenvolvida?	“Sim! Provavelmente sim! Agora não me recordo ... há coisas que se podem melhorar sempre, agora é a gente saber de que forma é que se deve fazer. Agora, sim, agora melhorar, tudo é possível.” “Eu acho que a quase todas poderiam ser melhoradas!”	- Em geral tudo pode ser melhorado
7 - Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?	“Não”.	- Não tem críticas
8 - Algum aspeto que queira mencionar em relação ao trabalho colaborativo na freguesia?	“Acho que a Freguesia Ativa, acho que é um trabalho muito bom que a freguesia tem feito para a parte das pessoas de idade. Acho que é excelente.”	- Salienta o Programa Freguesia Ativa como um bom trabalho

Tabela 13 - Sinopse da entrevista ao sr. Fernando Bernardino

APÊNDICE 12A – GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. DAVID SANTOS

Entrevistado: David Santos

Coletividade/Associação: Agrupamento de Escuteiros

No âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, encontro-me a desenvolver um projeto de mediação comunitária na Freguesia de Arrabal, no qual pretendo ir ao encontro das vontades e/ou necessidades da população de modo a criar um conjunto de atividades mais em rede e de forma mais colaborativa.

Tudo o que for abordado nesta entrevista será única e exclusivamente destinado ao meu projeto de mestrado “Uma Freguesia (Com Vida)tiva”, sendo uma ferramenta essencial para a criação das atividades a implementar em 2019.

1: Qual a sua idade?

2: Há quanto tempo dirige o Agrupamento de Escuteiros?

3: Na sua opinião qual é o impacto que o Agrupamento de Escuteiros tem tido na Freguesia?

4: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?

5: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

6: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

7: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

8: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia

Muito obrigada pela sua colaboração

APÊNDICE 12B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA AO SR. DAVID SANTOS

Entrevistado: David Santos

Coletividade/Associação: Agrupamento de Escuteiros

Data: 21/04/2018

SP: Qual é a sua idade?

DS: 59 anos

SP: Há quanto tempo dirige o Agrupamento de Escuteiros?

DS: Estou no ativo desde as origens. Iniciámos as atividades em outubro de 1996, mas houve uma pré-abordagem, reuniões, de como é que isto funcionava, porque era uma incógnita para todos! Nenhum de nós, dos elementos principais, éramos uns 6 ou 7 aqui da freguesia, que nunca tinham sido escuteiros, e não sabíamos como é que isto funcionava, qual era o método. Sabíamos que a ideia era boa para ajudar as crianças e os jovens, mas era sempre uma incógnita, quase todos os membros do início eram pais e preocupados com o futuro dos nossos miúdos, e então começámos a reunir, e desde essa altura, 1994, que nós começámos a reunir, mas iniciámos as nossas atividades em outubro de 1996 com alguma ajuda de alguns chefes amigos, de outros agrupamentos principalmente da Bajouca, que já não existe, e iniciámos, e fizemos as promessas em abril de 1997, já com miúdos.

SP: Mas desde quando é que iniciou a liderança?

DS: Assumi por várias alturas, espaçadas. No ano 2001 ou 2000, em 2000 assumi a chefia um triénio, depois saí. Passado um triénio saí e não continuei como chefe de agrupamento. Estive sempre no ativo, nunca saí, e depois fi-lo há 3 anos, que assumi novamente e agora estou no segundo mandato, que começou este ano.

SP: Na sua opinião, qual é o impacto que o Agrupamento de Escuteiros tem tido na Freguesia?

DS: É misto. Há uma classe de pessoas, porque o agrupamento de escuteiros está muito ligado à igreja católica, somos um movimento católico, portanto, nem toda a gente vê da mesma forma que aqueles são crentes, as pessoas são crentes, veem que realmente ajuda, os valores são ligados à igreja, não são só os valores da igreja, mas também estão ligados. Aquelas pessoas que estão mais afastadas da igreja, é uma indiferença, é um grupo que andam ali pelos campos e fazem algumas brincadeiras e não ligam muito. Mas a grande maioria tem uma boa impressão dos escuteiros.

SP: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?

DS: Não têm sido. Ultimamente tenho combatido um pouco isso, porque há pouca abertura à comunidade e às outras associações, porque acho que o agrupamento tem andado muito fechado para si próprio. Sempre senti isso, e se calhar tem um pouco a haver com os movimentos da direção, tem a ver com os elementos que têm composto as direções, porque se eles forem mais abertos para as outras associações há interação entre elas.

SP: Mas sente que essa é uma resistência só do vosso lado, ou sente que do outro lado também existe uma resistência?

DS: Há! Há muita resistência do outro lado, mas nós também temos de tentar ultrapassar essa questão, porque claro que há algumas associações que não se enquadram com a nossa, como por exemplo, a caça não combina connosco. Mas quase todas elas podiam combinar, desde a Casa do Povo, de um clube desportivo, podiam todos associar-se. Só que às vezes estamos muito vocacionados só para as nossas atividades. Temos de ver que também estamos num movimento, nós não somos autónomos, estamos integrados, somos um agrupamento de uma associação, que é o Corpo Nacional dos Escutas, e isso, além de nacional, estamos ligados a uma junta regional, que é Leiria, e nós, só depois de as atividades estarem organizadas ou agendadas, da região é que poderemos, nos intervalos, desenvolver as nossas atividades. O nosso plano é sempre depois de termos o plano regional

SP: Ou seja, só podem atuar depois de terem o feedback positivo de cima

DS: Exatamente.

SP: Sendo assim, mesmo independentemente de não existirem muitas atividades realizadas em parceria com as outras instituições, acha que o trabalho rede na Freguesia pode ser melhorado?

DS: Pode, muito.

SP: Como?

DS: Haver intercâmbio, haver atividades, nem que, no princípio poderá são ser com elas todas, mas tentarmos reunir o máximo possível, 3 4 5 coletividades, enquadradas, que tenham juventude, para podermos fazer intercâmbios e atividades em comum. Há sempre outras atividades que podemos fazer. Se por exemplo, num Rancho, que é uma área diferente, dança e do canto popular, nós também não nos podemos associar a eles para fazer uma atividade mista mais completa. Numa atividade com o grupo de caça, por exemplo, trazes as pessoas que habitualmente têm e que habitualmente gostam das suas atividades e nós conquistamos o outro grupo, podemos ajudar-nos uns aos outros.

SP: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

DS: Eu gostei daquela atividade do *Trail* do Dragão, em que a Junta de Freguesia que esteve também integrada, em que as associações também se mobilizavam e conseguia trazer também algumas pessoas de fora aqui da freguesia e as pessoas de cá também gostaram. As associações também, cada um à sua maneira, também se integraram, envolveram-se muito, pelo menos nos primeiros anos, porque depois ao fim de alguns anos as pessoas também acabam por se cansar, se saturar. Isto porquê? Porque as pessoas são de uma população tão pequena, com tantas associações, há de haver elementos que estão em várias associações, e as pessoas não se podem partir ao meio, como é que podem estar no rancho e ao mesmo tempo estar nos escuteiros, ou estar na filarmónica e estar no rancho, ou estar num clube de futsal e estar noutra associação qualquer, isso de certa forma cansa as pessoas. Mas se também não fizermos nada, se não nos mexermos, também não fazemos nada. Eu reconheço que também não sou uma pessoa muito social, tenho as minhas qualidades e os meus defeitos, e isso também tenho dito que as direções têm de se renovar, e espero que brevemente se volte para novas ideias. Mas eu acho que ultimamente temos feito uma abertura maior do que fazíamos há 10 anos, estamos mais abertos a novas ideias e envolvimento. O último *trail* do dragão em que nós nos

envolvemos na parte alimentar, que foram 3 ou 4 associações que se inscreveram, gostei da partilha, de nós nos organizarmos assim e eram diferentes, eram umas do Soutocico, outras do Arrabal, e correu bem.

SP: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

DS: A Junta tem tentado fazer essa ligação, mas tem sido difícil, esta presidente tal como anterior tentaram de várias formas que houvesse uma maior colaboração entre as associações, e não têm sido tão frutíferas quanto gostariam que fossem, mas têm lutado, há sempre quem faça uns passos atrás, mas acho que o trabalho tem tido alguns frutos. Pelo menos eu sinto que, mesmo a colaboração dos planos, não coincidir atividades, tem-se tentado, desde o princípio. Por exemplo, o nosso agrupamento é o único agrupamento da região, e se calhar dos poucos a nível nacional, que têm atividades ao sábado de manhã, têm todos ao sábado à tarde. Porque nós sabíamos que, primeiro no tempo que começámos a catequese era no sábado à tarde, depois para o domingo por causa dos escuteiros, depois passou outra vez para os outros dias da semana, principalmente aos sábados à tarde. Depois tivemos também a questão da filarmónica, principalmente aqui a filarmónica do Arrabal, com a escola de música que tinha atividades no sábado à tarde, estavam lá muitos miúdos nossos. Se é a forma de que nós conseguimos conciliar, porque é que não o fazemos, e já o fazemos, e já não pomos em questão quando estamos a fazer o nosso plano de quando vamos fazer as atividades, pois não houve alteração nenhuma. Portanto, acho que tem a ver com isso. Mas estamos a falar numa associação ou duas. Se calhar, eu não sei o que é que se passa na filarmónica do Soutocico, não sei o que é que se passa no clube, ou só sei em cima da hora, e eu não gostava que interferisse, mas o que é que eu vou fazer? Com o rancho, também temos tido elementos nossos e temos conseguido conciliar porque temos tido alguns membros na direção com miúdos que também nos vão dando o feedback, e há sempre a comunicação através de algumas formas, através do Facebook ou com cartazes, e são pouco mais. Catequese, filarmónica do Arrabal, rancho, o coral também tem poucas atividades que coincidem com as nossas, depois olhamos para outras associações e vemos que não interfere, temos algumas miúdas no basquete que, lá está, têm um calendário que não podem alterar em função do nosso.

SP: Há esta tentativa de colaborar com os horários.

DS: Exatamente. E se os planos viessem cá para fora com alguma antecedência que a coisa poderia correr melhor, mas faz-se aquilo que se pode, e a Junta tem tentado puxar por isso, só que nem todos partilham da mesma opinião ou não conseguem tão bem ter um plano tão rígido como nós conseguimos, temos de ter um plano de ação anual e até trienal, porque senão não nos conseguíamos organizar.

SP: David, não tenho mais nada a perguntar, só tenho a agradecer a colaboração.

APÊNDICE 12C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. DAVID SANTOS

QUESTÃO	VOZES	INTERPRETAÇÃO
1 – Qual é a sua idade?	“59 anos”.	
2 - Há quanto tempo dirige o Agrupamento de Escuteiros?	“Estou no ativo desde as origens. [...] Assumi por várias alturas, espaçadas. No ano 2001 ou 2000, em 2000 assumi a chefia um triénio, depois saí. Passado um triénio saí e não continuei como chefe de agrupamento. Estive sempre no ativo, nunca saí, e depois fi-lo há 3 anos, que assumi novamente e agora estou no segundo mandato, que começou este ano”.	<ul style="list-style-type: none"> - Mais de cinco anos - Acompanha desde o início
3 - Na sua opinião, qual é o impacto que o Agrupamento de Escuteiros tem tido na Freguesia?	“É misto. Há uma classe de pessoas, porque o agrupamento de escuteiros está muito ligado à igreja católica, somos um movimento católico, portanto, nem toda a gente vê da mesma forma que aqueles são crentes, as pessoas são crentes, veem que realmente ajuda, os valores são ligados à igreja, não são só os valores da igreja, mas também estão ligados. Aquelas pessoas que estão mais afastadas da igreja, é uma indiferença, é um grupo que andam ali pelos campos e fazem algumas brincadeiras e não ligam muito. Mas a grande maioria tem uma boa impressão dos escuteiros”.	<ul style="list-style-type: none"> - Varia de acordo com a mentalidade e as crenças religiosas.
4 - Há atividades que o Agrupamento de Escuteiros desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?	<p>“Não têm sido. Ultimamente tenho combatido um pouco isso, porque há pouca abertura à comunidade e às outras associações, porque acho que o agrupamento tem andado muito fechado para si próprio. Sempre senti isso, e se calhar tem um pouco a haver com os movimentos da direção, tem a ver com os elementos que têm composto as direções, porque se eles forem mais abertos para as outras associações há interação entre elas”.</p> <p>“Há muita resistência do outro lado, mas nós também temos de tentar ultrapassar essa questão, porque claro que há algumas associações que não se enquadram com a nossa, como por exemplo, a caça não combina connosco. Mas quase todas elas podiam combinar, desde a Casa do Povo, de um clube desportivo, podiam todos associar-se. Só que às vezes estamos muito vocacionados só para as nossas atividades. Temos de ver que também estamos num movimento, nós não somos autónomos, estamos integrados, somos um agrupamento de uma associação, que é o Corpo Nacional dos Escutas, e isso, além de nacional, estamos ligados a uma junta regional, que é Leiria, e nós, só depois de as atividades estarem organizadas ou agendadas, da região é que poderemos, nos intervalos, desenvolver as nossas atividades. O nosso plano é sempre depois de termos o plano regional”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Não têm tido. - Um pouco fechado ao trabalho colaborativo com outras entidades. - Todos se podem associar - Concentração na sua coletividade - Dependente de uma agenda e obedece a uma hierarquia
5 - Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?	<p>“Pode, muito”.</p> <p>“Haver intercâmbio, haver atividades, nem que, no princípio poderá são ser com elas todas, mas tentarmos reunir o máximo possível, 3 4 5 coletividades, enquadradas, que tenham juventude, para podermos fazer intercâmbios e atividades em comum. Há sempre outras atividades que podemos fazer. Se por exemplo, num Rancho, que é uma área diferente, dança e do canto popular, nós também não nos podemos associar a eles para fazer uma atividade mista mais completa. Numa atividade com o grupo de caça, por exemplo,</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Pode ser melhorado - Intercambio

	trazes as pessoas que habitualmente têm e que habitualmente gostam das suas atividades e nós conquistamos o outro grupo, podemos ajudar-nos uns aos outros”.	
6 - Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que possa ser ainda mais desenvolvida?	“O último <i>Trail</i> do Dragão em que nós nos envolvemos na parte alimentar, que foram 3 ou 4 associações que se inscreveram, gostei da partilha, de nós nos organizarmos assim e eram diferentes, eram umas do Soutocico, outras do Arrabal, e correu bem”.	- <i>Trail</i> do Dragão
7 - Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?	“Eu gostei daquela atividade do <i>Trail</i> do Dragão, em que a Junta de Freguesia que esteve também integrada, em que as associações também se mobilizavam e conseguia trazer também algumas pessoas de fora aqui da freguesia e as pessoas de cá também gostaram. As associações também, cada um à sua maneira, também se integraram, envolveram-se muito, pelo menos nos primeiros anos, porque depois ao fim de alguns anos as pessoas também acabam por se cansar, se saturar. Isto porquê? Porque as pessoas são de uma população tão pequena, com tantas associações, há de haver elementos que estão em várias associações, e as pessoas não se podem partir ao meio, como é que podem estar no rancho e ao mesmo tempo estar nos escuteiros, ou estar na filarmónica e estar no rancho, ou estar num clube de futsal e estar noutra associação qualquer, isso de certa forma cansa as pessoas. Mas se também não fizermos nada, se não nos mexermos, também não fazemos nada. Eu reconheço que também não sou uma pessoa muito social, tenho as minhas qualidades e os meus defeitos, e isso também tenho dito que as direções têm de se renovar, e espero que brevemente se volte para novas ideias. Mas eu acho que ultimamente temos feito uma abertura maior do que fazíamos há 10 anos, estamos mais abertos a novas ideias e envolvimento”.	- <i>Trail</i> do Dragão - Positivo - Com a repetição perdeu a aderência da população
8 - Algum aspeto que queira mencionar em relação ao trabalho colaborativo na freguesia?	“A Junta tem tentado fazer essa ligação, mas tem sido difícil, esta presidente tal como anterior tentaram de várias formas que houvesse uma maior colaboração entre as associações, e não têm sido tão frutíferas quanto gostariam que fossem, mas têm lutado, há sempre quem faça uns passos atrás, mas acho que o trabalho tem tido alguns frutos. Pelo menos eu sinto que, mesmo a colaboração dos planos, não coincidir atividades, tem-se tentado, desde o princípio. Por exemplo, o nosso agrupamento é o único agrupamento da região, e se calhar dos poucos a nível nacional, que têm atividades ao sábado de manhã, têm todos ao sábado à tarde. Porque nós sabíamos que, primeiro no tempo que começámos a catequese era no sábado à tarde, depois para o domingo por causa dos escuteiros, depois passou outra vez para os outros dias da semana, principalmente aos sábados à tarde. Depois tivemos também a questão da filarmónica, principalmente aqui a filarmónica do Arrabal, com a escola de música que tinha atividades no sábado à tarde, estavam lá muitos miúdos nossos. Se é a forma de que nós conseguimos conciliar, porque é que não o fazemos, e já o fazemos, e já não pomos em questão quando estamos a fazer o nosso plano de quando vamos fazer as atividades, pois não houve alteração nenhuma. Portanto, acho que tem a ver com isso. Mas estamos a falar numa associação ou duas. Se calhar, eu não sei o que é que se passa na filarmónica do Soutocico, não sei o que é que se passa no clube, ou só sei em cima da hora, e eu não gostava que interferisse, mas o que é que eu vou fazer? Com o rancho, também temos tido elementos nossos e temos conseguido conciliar porque temos tido alguns membros na direção com miúdos que também nos vão	- Tentativa por parte da Junta de obter uma maior colaboração - Gerência das atividades de modo a que se possam conciliar - Atenção por parte das coletividades

	dando o feedback, e há sempre a comunicação através de algumas formas, através do Facebook ou com cartazes, e são pouco mais. Catequese, filarmónica do Arrabal, rancho, o coral também tem poucas atividades que coincidem com as nossas, depois olhamos para outras associações e vemos que não interfere, temos algumas miúdas no basquete que, lá está, têm um calendário que não podem alterar em função do nosso”.	
--	--	--

Tabela 14 - Sinopse da entrevista ao sr. David Santos

APÊNDICE 13A - GUIÃO DE ENTREVISTA À PRESIDENTE HELENA BRITES

Entrevistada: Helena Brites

Coletividade/Associação: Junta de Freguesia de Arrabal

No âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, encontro-me a desenvolver um projeto de mediação comunitária na Freguesia de Arrabal, no qual pretendo ir ao encontro das vontades e/ou necessidades da população de modo a criar um conjunto de atividades mais em rede e de forma mais colaborativa.

Tudo o que for abordado nesta entrevista será única e exclusivamente destinado ao meu projeto de mestrado “Uma Freguesia (Com Vida)tiva”, sendo uma ferramenta essencial para a criação das atividades a implementar em 2019.

1: Qual a sua idade?

2: Há quanto tempo se encontra na Presidência desta Junta de Freguesia?

3: Na sua opinião qual é o impacto que a Junta de Freguesia tem tido na Freguesia?

4: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades?
Quais?

5: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

6: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

7: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

8: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

Muito obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE 13B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À PRESIDENTE HELENA BRITES

Entrevistada: Helena Brites

Coletividade/Associação: Junta de Freguesia de Arrabal

Data: 05/04/2018

SP: Helena, qual é a sua idade?

HB: A minha idade são 42 anos!

SP: E há quanto tempo é que se encontra aqui, na Junta de Freguesia, a dirigir?

HB: Na Junta de Freguesia, fui eleita pela primeira vez em outubro de 2013, portanto este já é o segundo mandato.

SP: Enquanto presidente, e na sua opinião, qual é o impacto que a Junta de Freguesia tem tido na freguesia?

HB: A Junta de Freguesia continuou a levar a cabo, digamos assim, as atividades que já existiam e que são da sua responsabilidade nos diversos âmbitos, mas abriu também áreas novas. Portanto, eu penso e considero que esse foi o principal impacto, nomeadamente ao nível de uma maior coesão cultural e divulgação da cultura e da artística da nossa freguesia, sobretudo e também na divulgação. Portanto, foram as nossas, digamos, as nossas inovações, relativamente aquilo que era a liderança anterior.

Também, penso que temos uma relação de proximidade com a população, e que as pessoas sabem disso. Podem vir falar com o executivo, procurar o executivo, porque temos uma relação interpessoal, próxima com a população.

SP: Há atividades que a instituição desenvolve colaborativamente com outras entidades?

HB: Várias!

SP: Quais?

HB: Temos, sobretudo, o evento do Dia da Criança. Portanto, onde há atividade colaborativa a nível gastronómico, a nível cultural, a nível desportivo. Tentamos envolver o associativismo da freguesia, e vamos realizar pela segunda vez, porque normalmente tem um ciclo de uma vez por mandato, o evento “Arrabal em Movimento”, que esse sim é o exemplo disso. Portanto, é o associativismo da freguesia constituído por 18, 19 instituições em dois, três dias de gastronomia, cultura e atividade desportiva, tudo prata da casa.

Portanto, é, digamos, o evento topo em termos daquilo que é a inter-relação e conjugação de toda esta diversidade da freguesia.

SP: Tendo em conta essas atividades e as demais, acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado?

HB: Pode! Pode ser melhorado aumentando o número de frequência de vezes em que ele ocorre, portanto, aquilo que sabemos ou diagnosticamos da freguesia é que havia uma grande divisão. Portanto, por ramos de lugares, por algum bairrismo, digamos assim, que se contrapunha aquilo que nós pretendíamos, que era a criação da identidade da freguesia no seu todo, e portanto, a nossa estratégia de liderança para ir rompendo com este tipo de divisões, digamos assim. Foi colocar, repetidamente, as pessoas a trabalhar em conjunto. Agora, acreditamos que esse objetivo vai sendo tanto mais conseguido quanto mais vezes isso for acontecendo. Portanto achamos que é o que podemos melhorar.

SP: Ou seja, uma rotina!

HB: Exatamente!

SP: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvido? Ou seja, para além destas todas, uma em concreto?

HB: Temos um projeto que gostaríamos imenso, que era a criação dos roteiros, os roteiros da freguesia. Portanto, falamos de roteiros que podem ser desde o património natural ao património religioso, ao património histórico, onde podemos realmente envolver estas diversas valências dos diferentes lugares, pondo essas pessoas a trabalhar em conjunto de maneira a conseguirmos criar um roteiro que possa dar a conhecer a freguesia, e que simultaneamente possa ser mais um projeto que sirva para unir pessoas. Acho que podemos acrescentar desta forma àquilo que já existe.

SP: Tem críticas relativamente às atividades de animação ou intervenção que tem vindo a ser desenvolvidas na freguesia?

HB: Este lugar e a atividade em si promovida pela Junta de Freguesia é, por si só, um grande atrativo para a crítica. Não vou particularizar tipos de críticas, críticas há em todo o lado, agora isso também é um sinal claro de duas conclusões. Portanto, é aqui nos vamos e mexemos não é? Se mexemos, obviamente, que somos criticados, e se somos criticados é porque fazemos e, portanto, lidamos muito bem com essas críticas, não é? Portanto, quando fizemos o dia da criança e divulgamos algumas imagens, tivemos logo um grande questionamento acerca das autorizações que tínhamos para a divulgação daquelas crianças, portanto... e neste sentido e em outros há sempre críticas, obviamente. Em contexto de assembleia de freguesia, sobretudo levantadas pela oposição, como é lógico, mas como disse aprende-se a lidar com isso e é sinal que se faz, não é? Porque senão não se era criticado.

SP: Mas em relação às atividades dinamizadas em geral, não só pela Junta de Freguesia em si, alguma coisa que ache que devia de ser melhorada, uma crítica construtiva.

HB: Mas da minha parte ou que venha da parte da população?

SP: Da parte da população... Uma crítica que a Helena veja que tenha, que possa ser melhorado, uma atividade em concreto...

HB: Eu penso que aquilo que, atividade em concreto, eu não diria. Vou falar das principais críticas que eu sinto que tivemos. Portanto, a Junta de Freguesia, como eu disse, nunca satisfaz todo o tipo de população, portanto há pessoas que gostam mais da cultura, há outras que gostam mais das obras públicas, há outras que tem uma paixão pelos espaços verdes. Cada uma sente as necessidades ou as suas prioridades de acordo com o seu ponto de vista. Portanto, quando recebemos este tipo de crítica, ou que a Junta apostou pouco em espaços verdes ou que a junta fez pouca obra pública, ou que a Junta só pensou em cultura e descuidou outras áreas.

Portanto, aquilo que tentamos passar às pessoas é dizer-lhes que cada pessoa que procura a Junta individualmente, vem com o seu ponto de vista individual e a Junta de Freguesia tem que pensar as necessidades das pessoas a um nível amplo e, portanto, quando decide,

toma decisões baseadas em várias pessoas que ouviu em vários grupos que ouviu, e obviamente que isto vai satisfazer uns e vai não satisfazer outros.

Agora, eu posso autocriticar claramente o primeiro ano, o primeiro mandato nesta Junta de Freguesia, teve um pouco de obra física visível, falando em obras publicas, portanto as pessoas que gostam muito do alcatrão, que gostam muito dos taludes, que gostam muito dos passeios e que gostam muito das rotundas, se calhar, viram pouca atividade da Junta, relativamente aquilo que gostavam. Que isso também tem três justificações claras:

A primeira é porque queríamos também assinalar aquilo que era a nossa mudança na forma de liderar, que era muito virada para as pessoas e para o desenvolvimento da cultura. A segunda é porque abraçamos este projeto novo e tivemos que aprender a conhecer todos os procedimentos, todos os mecanismos, meios, hierarquias a quem nos dirigir para conseguir resultados para a freguesia. E a terceira é porque vivíamos numa altura de crise, é bom que isso não se esqueça e, portanto, o dinheiro era muito contido e a nossa prioridade foi manter em dia as contas da Freguesia.

SP: Algum aspeto que queira mencionar em relação ao trabalho colaborativo na freguesia?

HB: O trabalho colaborativo é das coisas que mais nos enriquece, portanto, ou seja, a junta de freguesia não existe para liderar sozinha com o executivo de três pessoas. Portanto, todas as atividades que promovem a colaboração, ou de instituições, ou de coletividades, ou de terceiros, ou de colaboradores, ou de voluntários, são de facto aquelas que mais nos enriquecem, não é? Porque a mentalidade deste executivo é precisamente romper com a ideia de que os líderes não lideram sozinhos e não mandam sozinhos, portanto, um bom líder é aquele que motiva, é aquele que envolve e aquele que trabalha o mais possível em conjunto com a população e a comunidade

SP: Da minha parte está tudo Helena! Alguma coisa a acrescentar ...

HB: Espero que tenha sido suficiente.

APÊNDICE 13C – SINOPSE DA ENTREVISTA À PRESIDENTE HELENA BRITES

Questão	Resposta	Interpretação
1 – Qual é a sua idade?	“42 anos”.	
2 - Há quanto tempo dirige a Junta de Freguesia de Arrabal?	“Na Junta de Freguesia, fui eleita pela primeira vez em outubro de 2013, portanto este já é o segundo mandato”.	- Há cinco anos
3 - Na sua opinião, qual é o impacto que a Junta de Freguesia tem tido na Freguesia?	“A Junta de Freguesia continuou a levar a cabo, digamos assim, as atividades que já existiam e que são da sua responsabilidade nos diversos âmbitos, mas abriu também áreas novas. Portanto, eu penso e considero que esse foi o principal impacto, nomeadamente ao nível de uma maior coesão cultural e divulgação da cultura e da artística da nossa freguesia, sobretudo e também na divulgação. Portanto, foram as nossas, digamos, as nossas inovações, relativamente aquilo que era a liderança anterior. Também, penso que temos uma relação de proximidade com a população, e que as pessoas sabem disso. Podem vir falar com o executivo, procurar o executivo, porque temos uma relação interpessoal, próxima com a população”.	- Abertura de novas áreas - Coesão cultural e divulgação da cultura - Proximidade com a população
4 - Há atividades que a Junta de Freguesia de Arrabal desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?	“Várias!” “Temos, sobretudo, o evento do Dia da Criança. Portanto, onde há atividade colaborativa a nível gastronómico, a nível cultural, a nível desportivo. Tentamos envolver o associativismo da freguesia, e vamos realizar pela segunda vez, porque normalmente tem um ciclo de uma vez por mandato, o evento “Arrabal em Movimento”, que esse sim é o exemplo disso. Portanto, é o associativismo da freguesia constituído por 18, 19 instituições em dois, três dias de gastronomia, cultura e atividade desportiva, tudo prata da casa”. “Portanto, é, digamos, o evento topo em termos daquilo que é a inter-relação e conjugação de toda esta diversidade da freguesia”.	Bastantes atividades desenvolvidas em colaboração com as coletividades (gastronómicas, culturais e desportivas) - Evento Arrabal em Movimento
5 - Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?	“Pode! Pode ser melhorado aumentando o número de frequência de vezes em que ele ocorre, portanto, aquilo que sabemos ou diagnosticamos da freguesia é que havia uma grande divisão. Portanto, por ramos de lugares, por algum bairrismo, digamos assim, que se contrapunha aquilo que nós pretendíamos, que era a criação da identidade da freguesia no seu todo, e portanto, a nossa estratégia de liderança para ir rompendo com este tipo de divisões, digamos assim. Foi colocar, repetidamente, as pessoas a trabalhar em conjunto. Agora, acreditamos que esse objetivo vai sendo tanto mais conseguido quanto mais vezes isso for acontecendo. Portanto achamos que é o que podemos melhorar”.	- Pode ser melhorado tendo em conta as relações do passado afetadas pelo bairrismo - Evento visto como estratégia.
6 - Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que possa ser ainda mais desenvolvida?	“Temos um projeto que gostaríamos imenso, que era a criação dos roteiros, os roteiros da freguesia. Portanto, falamos de roteiros que podem ser desde o património natural ao património religioso, ao património histórico, onde podemos realmente envolver estas diversas valências dos diferentes lugares,	- Criação de Roteiros da Freguesia - Envolver e divulgar os lugares - Promoção da união

	pondo essas pessoas a trabalhar em conjunto de maneira a conseguirmos criar um roteiro que possa dar a conhecer a freguesia, e que simultaneamente possa ser mais um projeto que sirva para unir pessoas”.	
7 - Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?	<p>“Este lugar e a atividade em si promovida pela Junta de Freguesia é, por si só, um grande atrativo para a critica. Não vou particularizar tipos de críticas, críticas há em todo o lado, agora isso também é um sinal claro de duas conclusões. Portanto, é aqui nós vamos e mexemos não é? Se mexemos, obviamente, que somos criticados, e se somos criticados é porque fazemos e, portanto, lidamos muito bem com essas críticas, não é? Portanto, quando fizemos o dia da criança e divulgamos algumas imagens, tivemos logo um grande questionamento acerca das autorizações que tínhamos para a divulgação daquelas crianças, portanto... e neste sentido e em outros há sempre críticas, obviamente. Em contexto de assembleia de freguesia, sobretudo levantadas pela oposição, como é lógico, mas como disse aprende-se a lidar com isso e é sinal que se faz, não é? Porque senão não se era criticado”.</p> <p>“Vou falar das principais críticas que eu sinto que tivemos. Portanto, a Junta de Freguesia, como eu disse, nunca satisfaz todo o tipo de população, portanto há pessoas que gostam mais da cultura, há outras que gostam mais das obras públicas, há outras que tem uma paixão pelos espaços verdes. Cada uma sente as necessidades ou as suas prioridades de acordo com o seu ponto de vista. Portanto, quando recebemos este tipo de crítica, ou que a Junta apostou pouco em espaços verdes ou que a junta fez pouca obra pública, ou que a Junta só pensou em cultura e descuidou outras áreas”.</p> <p>“Portanto, aquilo que tentamos passar às pessoas é dizer-lhes que cada pessoa que procura a Junta individualmente, vem com o seu ponto de vista individual e a Junta de Freguesia tem que pensar as necessidades das pessoas a um nível amplo e, portanto, quando decide, toma decisões baseadas em várias pessoas que ouviu em vários grupos que ouviu, e obviamente que isto vai satisfazer uns e vai não satisfazer outros”.</p> <p>“Agora, eu posso autocriticar claramente o primeiro ano, o primeiro mandato nesta Junta de Freguesia, teve um pouco de obra física visível, falando em obras publicas, portanto as pessoas que gostam muito do alcatrão, que gostam muito dos taludes, que gostam muito dos passeios e que gostam muito das rotundas, se calhar, viram pouca atividade da Junta, relativamente aquilo que gostavam. Que isso também tem três justificações claras:</p> <p>A primeira é porque queríamos também assinalar aquilo que era a nossa mudança na forma de liderar, que era muito virada para as pessoas e para o desenvolvimento da cultura. A segunda é porque abraçamos este projeto novo e tivemos que aprender a conhecer todos os procedimentos, todos os mecanismos, meios, hierarquias a quem nos dirigir para conseguir resultados para a freguesia. E a terceira é porque vivíamos numa altura de crise, é bom que isso não se esqueça e, portanto, o dinheiro era muito contido e a nossa prioridade foi manter em dia as contas da Freguesia”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Basta haver atividade para que hajam críticas - Exemplos: o Dia da Criança e a Assembleia de Freguesia - Pessoas diferentes, gostos e necessidades diferentes - Autocritica - Corte com o passado de modo a assinalar e a demarcar as novas prioridades da Junta de Freguesia.
8 - Algum aspeto que queira mencionar em relação ao	“O trabalho colaborativo é das coisas que mais nos enriquece, portanto, ou seja, a junta de freguesia não existe para liderar sozinha com o executivo de três pessoas. Portanto, todas as atividades que promovem a colaboração, ou de instituições, ou de coletividades, ou de terceiros, ou de colaboradores, ou de	<ul style="list-style-type: none"> - Enriquecedor - Não se pode liderar sozinho - Motivação e envolvimento

trabalho colaborativo na freguesia?	voluntários, são de facto aquelas que mais nos enriquecem, não é? Porque a mentalidade deste executivo é precisamente romper com a ideia de que os líderes não lideram sozinhos e não mandam sozinhos, portanto, um bom líder é aquele que motiva, é aquele que envolve e aquele que trabalha o mais possível em conjunto com a população e a comunidade”.	
-------------------------------------	--	--

Tabela 15 - Sinopse da entrevista à presidente Helena Brites

APÊNDICE 14A - GUIÃO DE ENTREVISTA AO SR. PADRE FARIA

Entrevistado: Padre Faria

Coletividade/Associação: Igreja

No âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, encontro-me a desenvolver um projeto de mediação comunitária na Freguesia de Arrabal, no qual pretendo ir ao encontro das vontades e/ou necessidades da população de modo a criar um conjunto de atividades mais em rede e de forma mais colaborativa.

Tudo o que for abordado nesta entrevista será única e exclusivamente destinado ao meu projeto de mestrado “Uma Freguesia (Com Vida)tiva”, sendo uma ferramenta essencial para a criação das atividades a implementar em 2019.

1: Qual a sua idade?

2: Há quanto tempo se encontra na Paróquia do Arrabal?

3: Na sua opinião qual é o impacto que a Igreja tem tido na Freguesia?

4: Há atividades que a Igreja desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?

5: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

6: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

7: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

8: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

Muito obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE 14B - TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA AO SR. PADRE FARIA

Entrevistado: Padre Faria

Coletividade/Associação: Igreja

Data: 21/04/2018

SP: Qual a sua idade?

PF: 75 anos.

SP: Há quanto tempo se encontra na Presidência nesta paróquia?

PF: 16 anos, vai para 17 em novembro.

SP: Na sua opinião qual é o impacto que a Igreja tem tido na Freguesia?

PF: A Igreja tem sempre muita importância, como certamente calculas. Boa parte da vida das pessoas gira em volta da Igreja, que é o seu centro de atenção, o seu centro de preocupações e centro, mesmo daquelas pessoas que andam assim, mais distantes, há um momento e há um dia que passam pela Igreja. Mas a Igreja não é tanto a casa, não é o edifício. A Igreja é a comunidade cristã.

O Arrabal, como tu sabes, é uma comunidade profundamente cristã, quer dizer, com laços cristãos, com tradição cristã e com convicção cristã, e portanto, os valores cristãos ainda estão muito presentes na vida das pessoas e da comunidade.

SP: Há atividades que a Igreja (quem diz Igreja também diz catequese) desenvolva colaborativamente com outras entidades? Quais?

PF: Há! Eu diria que toda a vida da paróquia e da comunidade está ligada, de alguma maneira, às outras instituições. Mas há umas que mais, por exemplo, estou a pensar nos vicentinos, que é um grupo socio-criativo, tem sobretudo influência, tem presença e preocupação com as pessoas com mais problemas, sobretudo de ordem material, mas também de ordem social e espiritual, os doentes, os idosos, os necessitados. Procura

atingir abordar e acompanhar e prepara-se com a vinda dessas pessoas e ajuda-os, na medida do possível também.

Podíamos falar da catequese, podíamos falar no escutismo, podíamos falar de todo o trabalho que há. A vida da Igreja é a vida da comunidade, é a vidas pessoas, é para as pessoas. Muitas vezes, individualmente, isso não se percebe, não se vê, a vida ...amanhã temos aí cerimónia de batismo de crianças da catequese, já são crescidinhos. Envolve algumas quantas famílias que vem celebrar, as crianças e os pais e os padrinhos, as famílias, esse sacramento quando é das crianças, os casamentos. Um momento muito forte é só nos funerais, como tu deves perceber.

SP: Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?

PF: Há! Com certeza que sim! Na medida em que as pessoas se possam disponibilizar, se sintam parte da comunidade cristã e se envolvam e queiram comprometer-se. Não estar só à espera de receber, mas também de dar. Porque ninguém devia sentir-se numa comunidade destas só para vir receber aquilo que precisa, e dar. E dar não é material, é dar-se, colaborar, contribuir e voluntariamente fazer parte deste grupo, daquele grupo, um grupo de jovens, um grupo de jovens para a Igreja. Por exemplo, nos próximos dois nós vamos trabalhar o tema da juventude, e os jovens da terra e as pessoas que estão mais envolvidas, os jovens que estão a estudar esses assuntos de ordem social na paróquia podem tentar dar aqui o contributo, “o que é que eu posso fazer em ordem para que esta comunidade seja mais enriquecida e dinamizada, tenha mais força?”. Porque não podemos viver só de uma comunidade mais envelhecida, só com as pessoas mais idosas a trabalhar, a preocupar-se, e as mais novas sentados no cadeirão ou então de pantufas ou a ir para a discoteca.

SP: Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que poderia ser ainda mais desenvolvida?

PF: Olha, a Pastoral Juvenil aqui no Arrabal está a precisar muito de trabalho, precisa de muitos jovens, muitos, precisa de alguns jovens que sejam motores dos outros jovens. Arrastá-los e a convidá-los para valores maiores, valores da juventude, valores de ordem social, de ordem moral, de ordem eclesial, portanto, e não tendo aqui assim um trabalho devidamente organizado além dos escuteiros.

Os escuteiros, é bom, é importante. A festa das promessas, a igreja muito animada e com uma missa muito...um pouco diferente daquilo que é habitual, mas assim os jovens em geral são atingidos mais... Tu sabes melhor do que eu, estás aí no terreno, não sei qual é a tua área de contacto com os jovens, quais são os valores dos jovens de hoje, os centros de interesse. Hoje os jovens andam à procura de muita coisa que não sabem o que é, que lhes falta para serem felizes. É o que eu penso, e também não são os mais velhos com essas respostas, nem são os pais, que esses estão a por um pouco de lado. Muitas vezes a igreja, enquanto instituição, encontra tal, mas podem ser alguns jovens mais comprometidos que podem levar por diante esta mensagem, este contacto, este desafio, chamá-los a essa realidade. Não sabendo onde estão, mas que os procura.

SP: Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?

PF: Não, não tenho!

SP: Críticas, podem não ser negativas!

PF: Sim, estou a perceber! Não tenho, quer dizer, para mim o grande problema, aquilo que eu sinto aqui no Arrabal desde sempre é, há demasiadas iniciativas, demasiadas atividades. Muitas vezes colidem umas com as outras e que se atropelam, portanto, e que não há, como é que eu hei de dizer... capacidade para responder a todas essas iniciativas que podem, quer de ordem cultural, quer de ordem desportiva, quer de animação. E tu vês isso, as pessoas dizem “ah, o Arrabal tem muitas coletividades, 17 ou 18, mas parece-me que se atropelam um pouco umas às outras, a certa altura não há nem espaço, tempo, nem pessoas para desenvolver essas atividades.

SP: E acha que isso poderia ser melhorado como?

PF: É, pois, como? Se eu tivesse um remédio ou solução já tinha dado. Porque todas as iniciativas são boas e todos os grupos tem o seu objetivo, tem a sua finalidade E isto podia resolver, a Junta como tu sabes, tem tentado fazer uma espécie de um programa em conjunto, ou pelo menos fazer, digamos, uma organização de atividades, não sei o resultado que tem tido. Ainda vejo aí muitas atividades ao domingo, à mesma hora. Os mesmos sectores se prejudicam, todos entre aspas, quer dizer, não tem...sobretudo, aliás é almoços, é jantares, é leilões, é tanta coisa e apenas pessoas que gostam de colaborar.

A certa altura está tudo tão esmagado, que muitas pessoas a pedir para a... e a nível das atividades, eu sinto que também há pouca disponibilidade de muita gente. As pessoas que podiam mais colaborar e que tem mais valores e mais capacidades, deixam-se estar. As pessoas que gostam de colaborar, às vezes estão em tudo. Ora, estão no centro nesta atividade, estão naquilo, estão no clube, estão no escutismo, até em atividades da Igreja eu vejo às vezes. Pessoas que estão em atividades da Igreja são chamadas para irem ao concerto. Tantas atividades, tantas direções de tantas coisas, é da filarmónica, é do Rancho...

Estamos a analisar isso, já não me recordo qual era a iniciativa! Já brinquei, agora imagine-se, vamos dar catequese, vêm roubar-te os catequistas para ir para estas atividades, inclusive junta e etc...

SP: Algum aspeto que queira mencionar ao trabalho colaborativo na freguesia?

PF: Não, é assim muito conhecimento para poder estar assim a ajuizar e a avaliar o que se está a fazer e como se está a fazer. A minha perspetiva, ou melhor, a experiência, é mais realmente dentro deste problema de unidade cristã e de atividades eclesiais dentro da Igreja. Nas outras confesso que não estou assim tanto dentro.

Eu, quando cheguei, fiquei muito entusiasmado e queria até estar em todo o lado, isto é, para participar, para acompanhar, e a certa altura pensei assim, “não é possível, o melhor é, também podia ser uma atitude budista mas não se consegue responder”. Ir a uma, não estar noutra, apoiar aqui, não estar acolá. É melindroso e agora, pronto, é assim.

Eu acho que o enriquecimento da comunidade, todas estas atividades que há, sinto e ouço. Que cansa algumas pessoas porque são chamadas a tudo e a estar em todo o lado. Eu tenho conhecimento de algumas pessoas em concreto, não vale a pena estar a dizer, que às vezes não têm tempo nenhum para a família, porque todos os serões estão envolvidas em tantas atividades na comunidade.

SP: Muito obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE 14C – SINOPSE DA ENTREVISTA AO SR. PADRE FARIA

QUESTÃO	VOZES	INTERPRETAÇÃO
1 – Qual é a sua idade?	“75 anos”.	
2 - Há quanto tempo se encontra na Paróquia do Arrabal?	“16 anos, vai para 17 em novembro.”	- Mais de 15 anos
3 - Na sua opinião qual é o impacto que a Igreja tem tido na Freguesia?	<p>“A Igreja tem sempre muita importância, como certamente calculas. Boa parte da vida das pessoas gira em volta da Igreja, que é o seu centro de atenção, o seu centro de preocupações e centro, mesmo daquelas pessoas que andam assim, mais distantes, há um momento e há um dia que passam pela Igreja. Mas a Igreja não é tanto a casa, não é o edifício. A Igreja é a comunidade cristã.”</p> <p>“O Arrabal, como tu sabes, é uma comunidade profundamente cristã, quer dizer, com laços cristãos, com tradição cristã e com convicção cristã, e portanto, os valores cristãos ainda estão muito presentes na vida das pessoas e da comunidade”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Papel bastante importante - Igreja sinonimo da comunidade - Comunidade religiosa - Existência de laços, tradição cristã e valores
4 - Há atividades que a Igreja desenvolve colaborativamente com outras entidades? Quais?	<p>“Há! Eu diria que toda a vida da paróquia e da comunidade está ligada, de alguma maneira, às outras instituições. Mas há umas que mais, por exemplo, estou a pensar nos vicentinos, que é um grupo socio-criativo, tem sobretudo influência, tem presença e preocupação com as pessoas com mais problemas, sobretudo de ordem material, mas também de ordem social e espiritual, os doentes, os idosos, os necessitados.” “Procura atingir abordar e acompanhar e prepara-se com a vinda dessas pessoas e ajudados, na medida do possível também”.</p> <p>“Podíamos falar da catequese, podíamos falar no escutismo, podíamos falar de todo o trabalho que há. A vida da Igreja é a vida da comunidade, é a vidas pessoas, é para as pessoas. Muitas vezes, individualmente, isso não se percebe, não se vê, a vida ...amanhã temos aí cerimónia de batismo de crianças da catequese, já são crescidinhos. Envolve algumas quantas famílias que vem celebrar, as crianças e os pais e os padrinhos, as famílias, esse sacramento quando é das crianças, os casamentos. Um momento muito forte é só nos funerais, como tu deves perceber.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A paróquia e a comunidade estão ligadas seja de que maneira for. - Catequese - Escuteiros - A vida das pessoas
5 - Acha que esse trabalho em rede pode ser melhorado? Como?	<p>“Há! Com certeza que sim! Na medida em que as pessoas se possam disponibilizar, se sintam parte da comunidade cristã e se envolvam e queiram comprometer-se. Não estar só à espera de receber, mas também de dar. Porque ninguém devia sentir-se numa comunidade destas só para vir receber aquilo que precisa, e dar. E dar não é material, é dar-se, colaborar, contribuir e voluntariamente fazer parte deste grupo, daquele grupo, um grupo de jovens, um grupo de jovens para a Igreja. Por exemplo, nos próximos dois nós vamos trabalhar o tema da juventude, e os jovens da terra e as pessoas que estão mais envolvidas, os jovens que estão a estudar esses assuntos de ordem social na paróquia podem tentar dar aqui o contributo, “o que é que eu posso fazer em ordem para que esta comunidade seja mais</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Pode ser melhorado - Colaboração voluntária em oposição ao interesse e individualismo - Comunidade envelhecida - Mentalidades retrógradadas

	enriquecida e dinamizada, tenha mais força?”. Porque não podemos viver só de uma comunidade mais envelhecida, só com as pessoas mais idosas a trabalhar, a preocupar-se, e as mais novas sentados no cadeirão ou então de pantufas ou a ir para a discoteca”.	
6 - Quer dar um exemplo de um trabalho/atividade em rede que possa ser ainda mais desenvolvida?	“Os escuteiros, é bom, é importante. A festa das promessas, a igreja muito animada e com uma missa muito...um pouco diferente daquilo que é habitual, mas assim os jovens em geral são atingidos mais... Tu sabes melhor do que eu, estás aí no terreno, não sei qual é a tua área de contacto com os jovens, quais são os valores dos jovens de hoje, os centros de interesse. Hoje os jovens andam à procura de muita coisa que não sabem o que é, que lhes falta para serem felizes. É o que eu penso, e também não são os mais velhos com essas respostas, nem são os pais, que esses estão a por um pouco de lado”.	- Escuteiros
7 - Tem críticas relativamente às atividades de animação/intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas na Freguesia de Arrabal? Quais?	“[...] para mim o grande problema, aquilo que eu sinto aqui no Arrabal desde sempre é, há demasiadas iniciativas, demasiadas atividades. Muitas vezes colidem umas com as outras e que se atropelam, portanto, e que não há, como é que eu hei de dizer... capacidade para responder a todas essas iniciativas que podem, quer de ordem cultural, quer de ordem desportiva, quer de animação. E tu vês isso, as pessoas dizem “ah, o Arrabal tem muitas coletividades, 17 ou 18, mas parece-me que se atropelam um pouco umas às outras, a certa altura não há nem espaço, tempo, nem pessoas para desenvolver essas atividades”. “[...] todas as iniciativas são boas e todos os grupos tem o seu objetivo, tem a sua finalidade E isto podia resolver, a Junta como tu sabes, tem tentado fazer uma espécie de um programa em conjunto, ou pelo menos fazer, digamos, uma organização de atividades, não sei o resultado que tem tido. [...] é tanta coisa e apenas pessoas que gostam de colaborar. A certa altura está tudo tão esmagado, que muitas pessoas a pedir para a... e a nível das atividades, eu sinto que também há pouca disponibilidade de muita gente. As pessoas que podiam mais colaborar e que tem mais valores e mais capacidades, deixam-se estar. As pessoas que gostam de colaborar, às vezes estão em tudo. Ora, estão no centro nesta atividade, estão naquilo, estão no clube, estão no escutismo, até em atividades da Igreja eu vejo às vezes. Pessoas que estão em atividades da Igreja são chamadas para irem ao concerto. Tantas atividades, tantas direções de tantas coisas, é da filarmónica, é do Rancho...”	- Muitas atividades - Muitas iniciativas - Muitas datas sobrepostas - Eventos diversos - Continua a haver falta de organização nas atividades - Sempre os mesmos a desenvolver as atividades, por vezes até mais que uma ou duas atividades diferentes.
8 - Algum aspeto que queira mencionar em relação ao trabalho colaborativo na freguesia?	“Não, é assim muito conhecimento para poder estar assim a ajuizar e a avaliar o que se está a fazer e como se está a fazer. A minha perspetiva, ou melhor, a experiência, é mais realmente dentro deste problema de unidade cristã e de atividades eclesiais dentro da Igreja. Nas outras confesso que não estou assim tanto dentro”. “Eu, quando cheguei, fiquei muito entusiasmado e queria até estar em todo o lado, isto é, para participar, para acompanhar, e a certa altura pensei assim, “não é possível, o melhor é, também podia ser uma atitude budista mas não se consegue responder”. Ir a uma, não estar noutra, apoiar aqui, não estar acolá. É melindroso e agora, pronto, é assim”. “Eu acho que o enriquecimento da comunidade, todas estas atividades que há, sinto e ouço. Que cansa algumas pessoas porque são chamadas a tudo e a estar em todo o lado. Eu tenho conhecimento de	- Não tem muito conhecimento para se poder avaliar o que se está a fazer - Tomada de uma atitude budista - As mesmas pessoas na dinamização de eventos

	algumas pessoas em concreto, não vale a pena estar a dizer, que às vezes não têm tempo nenhum para a família, porque todos os serões estão envolvidas em tantas atividades na comunidade.”	
--	--	--

Tabela 16 - Sinopse da entrevista ao sr. Padre Faria

APÊNDICE 15 – SINOPSE GERAL DAS ENTREVISTAS

Tabela Geral de Sinopses									
Entrevistado	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Questão 4	Questão 5	Questão 6	Questão 7	Questão 8	Questão 9
Luís Bernardino	“45 anos”.	“14 anos”.	“Um impacto positivo, tendo em conta todo o passado da mesma”.	“[...] são essencialment e realizadas com a EB1 do Arrabal, a Fundação Lar Santa Margarida do Arrabal (a vertente do infantário), com a Junta de Freguesia do Arrabal, [...] bem como outras colaborações pontuais com outras instituições da freguesia, mediante a existência de necessidade”.	“[...] pode ser bastante melhorado, a partir do momento em que as instituições aceitem que o caminho para o sucesso passa por se juntarem”.	“O Arrabal em Movimento, em 2014 que [...] foi um evento onde todas as coletividades marcaram presença, e se fosse realizado de modo individual não iria resultar do modo esperado [...] foi o projeto SOAR, que juntou as duas filarmónicas, o que resultou na melhoria de uma atividade que só consegue os resultados desejados se for realizada com a união das duas filarmónicas”.	“São, essencialment e, duas. A primeira é o facto de serem bastantes as atividades individualizad as e sobrepostas, o que resulta numa fraca aderência, e caso contrário, se fossem realizadas em conjunto, teriam muito melhores resultados. A segunda crítica é o facto de cada instituição/associação ter as suas instalações e muitas delas serem pouco usadas, e quando	“É um aproximar, mas o tocar em conjunto Por exemplo, o trabalho em conjunto é... e resulta noutro trabalho de qualidade que não teríamos se não fosse assim feito”.	“[...] Todas as entidades se unirem, tendo em conta que a realidade económica e social na freguesia do Arrabal está bastante diferente, devido à diminuição da população e do interesse em tudo o que é considerado associativismo”.

							necessárias, apresentam instalações pouco condignas”.		
Sérgio Ferreira	“55 anos”.	“Estou na direção há sete anos, como presidente á dois anos e três meses. Já estou na associação há sete anos”.	“Acho que o impacto é bastante positivo até”.	“Sim. [...] É muito a minha preocupação, atividades que não sejam só no Soutocico [...] sempre que somos solicitados para alguma coisa que aconteça na freguesia, como foi agora o caso do Festival do Feijão, com o Rancho Folclórico do Freixial. Foi com a Junta de Freguesia que também estivemos a colaborar”.	“Bastante”.	“Eu já disse mais do que uma vez aos colegas da direção, enquanto eu estiver, sempre que eu puder, eu ou alguém, vai estar sempre presente em qualquer atividade das outras coletividades, na freguesia. Pode ser que isso contribua, que as pessoas vão.”	“...Críticas não tenho”.	“Para mim foi agradável ver, ao vivo mesmo, uma coisa que muita gente imaginava que não seria possível ao ver as duas filarmónicas juntas. Embora não tivessem cem por cento representadas, só estivessem ali os mais novos, mas acho que foi um passo bastante importante para mostrar às pessoas, de uma vez por todas, que já não havia nenhuma intriga entre elas”.	“Há lacunas em termos de espaços físicos, isso existe. Eu sou defensor que devia haver um espaço na freguesia, tipo um pequeno pavilhão multiusos, um anfiteatro, em que todas as coletividades contribuíssem para a construção total [...] Não é fácil, eu sei que não é fácil porque cada um olha para o seu umbigo”.

<p style="text-align: center;">Manuel Brites</p>	<p>“64 anos”.</p>	<p>“Desde o início. Desde a comissão instaladora”.</p>	<p>“O impacto, eu penso que tem um impacto aceitável, porque não há cá mais nenhuma coisa desse género, as pessoas gostam de ouvir”.</p>	<p>“[...] Temos participado conjuntas com a filarmónica, com os instrumentos entendidos pelos maestros como importantes e esses instrumentos acompanhado s com as nossas vozes. [...] já estivemos também em parceria, uma vez ou outra, com a filarmónica do Soutocico. Isto para falar das filarmónicas daqui da nossa freguesia, porque de resto também já tivemos participação em conjunto com outros coros de leiria.</p>	<p>“Poder melhorar, poder ser melhorado pode sempre porque o teto não existe.”</p>	<p>“Enraizar mais ou fortalecer mais aquilo que já iniciamos”.</p>	<p>“Não. Também quem sou eu para criticar esse tipo de coisas. [...] criticar esse trabalho, penso que era ir longe demais”.</p>	<p>“Já tivemos sessões culturais no rancho Folclórico e no anfiteatro, [...] já lá fomos participar com o Grupo Coral em atividades, em eventos que houveram lá. Fomos convidados num dos últimos eventos, que foi relacionado com a cultura e portanto, eram sessões ligadas à apresentação de trabalhos como poesias, coisas que cada pessoa faz a nível individual e que vai lá apresentar. Acho que foi bastante interessante”.</p>
---	-------------------	--	--	--	--	--	--	---

				[...] Ao nível, já agora só para concluir, ao nível de outros coros também tivemos peças em conjunto”.				
Jorge Ferreira	“37 anos”.	“Portanto, ora, já vou no terceiro mandato, seis, sete, oito anos”.	“Eu acho que é um impacto bastante grande, não só pelo número de elementos que o próprio grupo tem, também nas atividades que realiza e que têm também muita adesão”.	“Sim!” “Daqui da Freguesia, já colaborámos muito esporadicamente com outras associações, nomeadamente a filarmónica do Arrabal, a do Soutocico, com o São Bento e Soutocico, o Clube. Penso eu!”	“Ah, sim! Eu acho que tem a ver com as vontades das próprias associações. “[...] Quanto a mim, acho que devíamos de começar a pensar em freguesia, as associações trabalharem”.	“Por exemplo, o Arrabal em Movimento é um exemplo do que, pronto, que as coisas podem realmente funcionar”.	“[...] O meu problema aqui era aquilo que eu falava há pouco, é a projeção, é o público-alvo. [...] Ou seja, é tudo bem feito, com brio, com qualidade e depois as pessoas são as mesmas, ou seja, isto não há projeção para fora da Freguesia”.	“Eu acho que há que, antes de mais, mudar mentalidades. Isso, se calhar, é o trabalho de todos nós. Logicamente, não é principalment e dos responsáveis associativos, mas também o membro agregador que eu falava, a Junta de Freguesia”.
Lúcio Crespo	“63 anos”.	“30 anos”.	“Eu acho que tem tido um impacto importante, desde logo o acolhimento das crianças, a possibilidade	Não muitas. [...] estamos sempre disponíveis para desenvolver outro tipo de atividades,	“Pode ser sempre melhorado, eu acho que é uma das coisas que, se calhar, não existe aqui na freguesia, é	“Como já ando nisto há tanto tempo, portanto, a minha parte está mais ligada à gestão. Disso,	“Não tenho, acho que não tenho assim nada a apontar naquilo que é feito”.	“[...] Neste momento não tenho assim nada assim de especial”.

			que a gente tem. Ao acolher cá as crianças é dar possibilidade para que os pais procurem a sua subsistência”.	sempre que nos venham propor isso. Já fizemos [...] trabalhos com a filarmónica, se calhar parcerias com a junta, se calhar com o rancho, com o Lar Social”.	digamos, portanto, a convivência, chamemos assim, entre as diversas coletividades. Porque muitas vezes a gente vai a ver nos calendários as atividades, já há atividades marcadas para o mesmo fim de semana de duas e três coletividades ao mesmo tempo, não é?! E isso tira o impacto em todas”.	eu deixo mais esse tipo de atividades, tipo de propostas que possam surgir para as nossas colaboradoras”.			
Ana Júlio	“40 anos”.	“Há quatro anos”.	“Penso que é uma resposta social fundamental, quer na parte creche/jardim de infância”.	“É assim, desde que cá estou, penso que isso já se fazia com alguma frequência, mas eu tento de alguma forma fazer um bocadinho essa criação de laços e de	“Eu penso que sim. Penso que há sempre aspetos a melhorar. [...] Eu penso que poderia ser interessante fazermos mais atividades conjuntas, sem dúvida”.	“Eu, por exemplo, acho que o Arrabal em Movimento foi interessantíssimo. [...] Por isso, eu acho que são atividades um bocado, dessa forma, que são	“É a tal questão, eu como não sou da Freguesia se calhar é assim um bocadinho mais diferente, se calhar não estou tão presente, mas eu, de facto, surpreende-		“Pois, não sei, também enquanto instituição de que forma é que poderemos ser mais participativos, mais colaborativos. Quer a parte da

				<p>rede. Temos feito visitas ao Lar Social do Arrabal”.</p> <p>“[...] vamos contando também com a Junta de Freguesia, sempre que é possível, quer para utilização de equipamentos, seja o pavilhão, seja as infraestruturas”.</p> <p>Depois existe também com a filarmónica, “lembrar, depois também existem aquelas atividades conjuntas do dia da criança e outras atividades em que também há alguma ligação entre as diferentes</p>	<p>benéficas para as próprias instituições. Também são formas de valorizar o seu trabalho, darem a conhecer... Eu sugeria esse tipo de atividade”.</p>	<p>me esta freguesia precisamente pelo facto de ter tantas instituições”.</p>	<p>creche/jardim de infância, que nós enquanto ATL”.</p>
--	--	--	--	---	--	---	--

				valências, sim”.				
Liliana Brites	“35 anos”.	“Três anos na função de Diretora Técnica”.	“É a única instituição de apoio aos idosos na freguesia e é muito solicitada. Não conseguimos dar resposta a todos os pedidos da freguesia”.	“Sim. Temos as Novas Primaveras, que é a Junta de Freguesia que financia, na festa de natal convidamos sempre um grupo da freguesia a participar e durante o ano temos intercâmbios com a escola de música, com o ATL, com os Infantários”.	“Pode. Da nossa parte tentamos fazer atividades com as instituições. Algumas, como não têm esse tipo de atividades diretamente para o nosso público-alvo, nós não os procuramos para dinamizarmos atividades em conjunto. Só se eles mudarem o tipo de atividades para a nossa instituição”.	“ Fizemos, há uns anos, um projeto com o Clube do Soutocico, onde as crianças vinham pelo menos uma vez por mês estar com os idosos, fizeram uma árvore de natal com garrações reciclados, o grupo masculino veio jogar às cartas com os idosos, e foi pena termos parado esse intercâmbio”.	“Não. Penso que se têm dinamizado várias atividades que vão de encontro de toda a população”.	“O que nós notamos nos nossos utentes do apoio domiciliário, nalguns casos, é a necessidade de meio de transporte, não têm família para se deslocarem ao Centro de Saúde e esse é um aspeto que não sei se passa pela Junta (de Freguesia) tentar fazer alguma coisa”.
Professora Lídia	“44 anos”.	“Aqui nesta escola estou há quatro anos”.	“Eu penso que há um grande envolvimento entre todas as instituições aqui da Freguesia do Arrabal e	“Sim! Por exemplo, com a farmácia.” “Com o lar há sempre a atividade tradicional dos reis,”	“Isso estamos cá sempre para melhorar, isso há sempre [...] E como? Continuando a mesma colaboração, a	“Nós já temos este trabalho em rede que é dinamizado pela professora Tânia Lhera, sei que é em	“Eu acho o Arrabal uma localidade com muita dinâmica a nível cultural, tanto a nível de música,	“Uma coisa que eu acho muito importante é a preocupação em abranger todas as faixas etárias, e acho

			penso que há uma dinâmica muito grande entre a escola e entre a Junta de Freguesia e vice-versa”.	“Com a Junta de Freguesia é o dia da criança e o postal tradicional de natal”.	mesma comunicação que tem havido de parte a parte”.	parceria com a Junta de Freguesia e com a banda filarmónica, que é uma mais valia para a escola no âmbito das artes e que inicialmente até chegámos a falar que era importante até ser incluído numa AEC. [...] mas nunca houve essa prospeção”.	como de teatro, como social. Acho que é uma comunidade que está muito envolvida e desenvolvida”.	que é muito importante porque todas as faixas etárias têm algo de benévolo para contribuir”.
Abel Santos	“59 anos”.	“Vai fazer quatro anos!”	“É o impacto...é o feedback que a gente tem das pessoas é grande!”	“Há! É o caso das festas (risos). A única festa que a Casa do Povo faz praticamente é o 10 de junho. [...] todos os anos fazemos parceria com uma ou outra instituição”.	“Pode. Assim os outros o queiram. E assim os outros o pensam”.	“Certificar a Casa do Povo enquanto uma instituição de formação. Há muita falta na freguesia, porque há muitas firmas na freguesia e se a gente for contabilizá-las há muitas firmas, e a gente sabe que as firmas têm	“A única crítica que eu tenho é o individualism o das entidades. Existem, ... cada uma pensa que é melhor que a outra”.	“Epá, não há! Não há trabalho colaborativo tirando a Casa do Povo que faz algum e é só uma atividade anual, mas é para ver se as pessoas começam a se habituar a partilhar”.

						de dar trinta e cinco horas de formação todos os anos aos empregados e a maior parte delas não o dão”.		
Renato Brites	“43 anos”.	“Há cerca de um ano e meio!”	“Tem uma predominância a um bocado, digamos, média, na freguesia”.	“Não! Pontualmente poderá aparecer umas, mas por norma não!”	“Pode, pode muito ser melhorado. A comunicação, por exemplo, os eventos que existem para não haver coincidências”	“Sei lá, assim de repente... Se calhar é mesmo o evento anual”.	“Não ouço críticas assim, é mesmo é às vezes essa duplicação de datas”.	a nível cultural tem melhorado muito. Tem havido um grande <i>forcing</i> desta nova junta e da passada. Notou-se aqui uma grande diferença na parte cultural, em agregar e fazer com que haja estas atividades todas mais culturais na freguesia”.
Sandrina Faustino	SF: “55 anos”.	SF: “Há um mês”.	SF: “É uma coletividade que já nasceu há bastante tempo e que teve sempre a sua utilidade	SF: “Temos o enterro do bacalhau, temos as atividades desportivas. No enterro do	SF: “Pode sempre ser melhorado. Havendo sempre mais interação, havendo	SF: “Temos o caso do enterro do bacalhau. Cabíamos cá todos, todas as coletividades	SF: “É difícil, porque as que são ao nível da freguesia nunca são muito divulgadas, e	SF: “Sabes que a nível histórico há estas rivalidades entre as terrinhas, e de

			social, foi sempre necessária, principalmente e às pessoas do Soutocico, mas é cada vez mais útil a toda a freguesia, não só pelas valências, pelas pessoas que envolve, pelas atividades, pelo seu património, pelas suas instalações, e mesmo pela sua cultura”.	bacalhau entramos mesmo em colaboração com outras instituições, pois vêm músicos, vêm figurantes, vêm atores”.	sempre mais participação. Primeiro é necessário que haja abertura, não só para convidar, como também para aceitar o convite, e isso é preciso de ambas as partes”.	seriam úteis, uns porque dançam, outros porque cantam, outros porque tocam, outros porque são novos figurantes”.	portanto nunca são muito participadas, portanto, também não podem ser muito criticadas, certo?”		facto, não há melhor do que a cultura e o turismo para as pessoas se juntarem, para as pessoas colaborarem e para as pessoas andarem. Portanto, é um papel muito importante que as coletividades têm”.
Fernando Bernardino	“47 anos”.	“Há seis!”	“Desenvolver o desporto, pôr as pessoas novas a jogar futebol e dar oportunidade também às pessoas de praticar desporto”.	“Sim! Quando surge essa oportunidade faz-se algumas brincadeiras, sim! Mais ligado ao desporto, nem que seja o futsal e fazemos alguns eventos”.	“Sim!” “Mais atenção da parte das pessoas que gerem!”	“Eu acho que a quase todas poderiam ser melhoradas!”	“Não”.		“Acho que a Freguesia Ativa, acho que é um trabalho muito bom que a freguesia tem feito para a parte das pessoas de idade. Acho que é excelente”.

<p>David Santos</p>	<p>“59 anos”.</p>	<p>“Estou no ativo desde as origens. [...] Assumi por várias alturas, espaçadas. [...] agora estou no segundo mandato, que começou este ano”.</p>	<p>“É misto. Há uma classe de pessoas, porque o agrupamento de escuteiros está muito ligado à igreja católica, somos um movimento católico, portanto, nem toda a gente vê da mesma forma que aqueles”.</p>	<p>“Não têm sido. Ultimamente tenho combatido um pouco isso, porque há pouca abertura à comunidade e às outras associações, porque acho que o agrupamento tem andado muito fechado para si próprio. Sempre senti isso, e se calhar tem um pouco a haver com os movimentos da direção, tem a ver com os elementos que têm composto as direções, porque se eles forem mais abertos para as outras associações há interação entre elas”.</p>	<p>“Pode, muito”. “Haver intercâmbio, haver atividades, nem que, no princípio poderá não ser com elas todas, mas tentarmos reunir o máximo possível, 3 4 5 coletividades, enquadradas, que tenham juventude, para podermos fazer intercâmbios e atividades em comum”.</p>	<p>“O último <i>Trail</i> do Dragão em que nós nos envolvemos na parte alimentar, que foram 3 ou 4 associações que se inscreveram, gostei da partilha, de nós nos organizarmos assim e eram diferentes, eram umas do Soutocico, outras do Arrabal, e correu bem”.</p>	<p>“As pessoas são de uma população tão pequena, com tantas associações, há de haver elementos que estão em várias associações, e as pessoas não se podem partir ao meio”.</p>	<p>“A Junta tem tentado fazer essa ligação, mas tem sido difícil, esta presidente tal como anterior tentaram de várias formas que houvesse uma maior colaboração entre as associações, e não têm sido tão frutíferas quanto gostariam que fossem, mas têm lutado, há sempre quem faça uns passos atrás, mas acho que o trabalho tem tido alguns frutos”.</p>
----------------------------	-------------------	---	--	---	---	---	--	--

<p>Helena Brites</p>	<p>“42 anos”.</p>	<p>“Na Junta de Freguesia, fui eleita pela primeira vez em outubro de 2013, portanto este já é o segundo mandato”.</p>	<p>“A Junta de Freguesia continuou a levar a cabo, digamos assim, as atividades que já existiam e que são da sua responsabilidade de nos diversos âmbitos, mas abriu também áreas novas. Portanto, eu penso e considero que esse foi o principal impacto, nomeadamente e ao nível de uma maior coesão cultural e divulgação da cultura e da artística da nossa freguesia, sobretudo e também na divulgação”.</p>	<p>“Várias!” “Temos, sobretudo, o evento do Dia da Criança. [...] o evento Arrabal em Movimento.” “Portanto, é, digamos, o evento topo em termos daquilo que é a inter-relação e conjugação de toda esta diversidade da freguesia”.</p>	<p>“Pode! Pode ser melhorado aumentando o número de frequência de vezes em que ele ocorre, portanto, aquilo que sabemos ou diagnosticamos da freguesia é que havia uma grande divisão”.</p>	<p>“Temos um projeto que gostaríamos imenso, que era a criação dos roteiros, os roteiros da freguesia”.</p>	<p>“Este lugar e a atividade em si promovida pela Junta de Freguesia é, por si só, um grande atrativo para a crítica. Não vou particularizar tipos de críticas, críticas há em todo o lado, agora isso também é um sinal claro de duas conclusões. [...] Se mexemos, obviamente, que somos criticados, e se somos criticados é porque fazemos e, portanto, lidamos muito bem com essas críticas”.</p>	<p>[REDACTED]</p>	<p>“O trabalho colaborativo é das coisas que mais nos enriquece, portanto, ou seja, a junta de freguesia não existe para liderar sozinha com o executivo de três pessoas. Portanto, todas as atividades que promovem a colaboração, [...] são de facto aquelas que mais nos enriquecem [...] Porque a mentalidade deste executivo é precisamente romper com a ideia de que os líderes não lideram sozinhos [...]um bom líder é aquele que motiva, é aquele que</p>
-----------------------------	-------------------	--	--	---	---	---	---	-------------------	--

									envolve e aquele que trabalha o mais possível em conjunto com a população e a comunidade”.
Padre António Faria	“75 anos”.	“16 anos, vai para 17 em novembro”.	“A Igreja tem sempre muita importância [...] Boa parte da vida das pessoas gira em volta da Igreja”, “O Arrabal, como tu sabes, é uma comunidade profundamente e cristã”.	“Há! Eu diria que toda a vida da paróquia e da comunidade está ligada, de alguma maneira, às outras instituições.” “Podíamos falar da catequese, podíamos falar no escutismo, podíamos falar de todo o trabalho que há. A vida da Igreja é a vida da comunidade, é a vidas pessoas, é para as pessoas. Muitas vezes, individualmente, isso não se	“Há! Com certeza que sim! Na medida em que as pessoas se possam disponibilizar, se sintam parte da comunidade cristã e se envolvam e queiram comprometer-se. Não estar só à espera de receber, mas também de dar”.	“Os escuteiros, é bom, é importante”.	“...para mim o grande problema, aquilo que eu sinto aqui no Arrabal desde sempre é, há demasiadas iniciativas, demasiadas atividades. Muitas vezes colidem umas com as outras e que se atropelam, portanto, e que não há, como é que eu hei de dizer... capacidade para responder a todas essas iniciativas”.		“Não, é assim muito conhecimento para poder estar assim a ajuizar e a avaliar o que se está a fazer e como se está a fazer. A minha perspectiva, ou melhor, a experiência, é mais realmente dentro deste problema de unidade cristã e de atividades eclesiais dentro da Igreja. Nas outras confesso que não estou assim tanto dentro”.

				percebe, não se vê”.					
--	--	--	--	-------------------------	--	--	--	--	--

Tabela 17 - Sinopse geral das entrevistas realizadas

APÊNDICE 16 – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO EVENTO “À DESCOBERTA DA FREGUESIA”

Coletividade: _____

Questão 1:

De forma geral, como avalia o evento “À descoberta da Freguesia”?

- Positivo
 Negativo
 Intermédio

Questão 2:

De acordo com a sua opinião mencione três aspetos:

- Negativos: _____; _____; _____
- Positivos: _____; _____; _____
- A melhorar: _____; _____; _____

Questão 3:

Qual é a sua opinião sobre o trabalho em rede desenvolvido ao longo do evento? Acha que foi positivo ou negativo? Porquê?

Questão 4:

Aspetos a melhorar para 2020?

Muito obrigada pela colaboração!

ANEXOS

ANEXO 1

ARRABAL
em MOVIMENTO

26
A
28
SET 2014

GASTRONOMIA * CULTURA * DESPORTO

 PARA MAIS INFORMAÇÕES:
JUNTA DE FREGUESIA DE ARRABAL
RUA JOSÉ BERNARDINO CRESPO, 23
2420-009 ARRABAL
JF.ARRABAL@MAIL.TELEPAC.PT

☎ 244744414 * 918785663
WWW.ARRABAL.PT

ARRABAL em MOVIMENTO

26 DE SETEMBRO SEXTA-FEIRA

- 18:00H RECEÇÃO ÀS ENTIDADES CONVIDADAS
- 18:15H CERIMÓNIA DE ABERTURA
- 19:00H ABERTURA DAS TASQUINHAS
- 21:00H MOMENTO DE POESIA (AUDITÓRIO DA JUNTA DE FREGUESIA)
- 22:30H ATUAÇÃO DO GRUPO MUSICAL "Os Cecília"
- 23:30H ATUAÇÃO DA BANDA "AR DE POP"

27 DE SETEMBRO SÁBADO

- 10:00H CONCERTO MUSICAL PARA BEBÉS (ATÉ 3 ANOS)
- 11:00H HORA DO CONTO
- 11:30H CONCERTO MUSICAL PARA CRIANÇAS (3 AOS 5 ANOS)
- 14:00H ABERTURA DE WORKSHOPS
- 17:00H DEMONSTRAÇÃO DE ATIVIDADE OPERACIONAL - BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS
- 17:30H JOGOS TRADICIONAIS
- 20:00H ABERTURA DAS TASQUINHAS
- 21:00H ATUAÇÃO DA BANDA "SOFT CORE"
- 22:00H ATUAÇÃO DO GRUPO MUSICAL "NKZ"

28 DE SETEMBRO DOMINGO

- 7:00H ABERTURA DO SECRETARIADO DA PROVA TRAIL DO DRAGÃO
- 9:00H INÍCIO DO TRAIL LONGO E CURTO
- 9:30H INÍCIO DA CAMINHADA
- 11:15H CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA (IGREJA PAROQUIAL)
- 12:30H ABERTURA DAS TASQUINHAS
- 14:30H ENTREGA DE PRÉMIOS DA PROVA TRAIL DO DRAGÃO
- 15:00H RECRIAÇÃO DE TRADIÇÕES (RANCHO / MUSEU DO FREIXAL)
- 17:00H ATUAÇÃO DO GRUPO MUSICAL "NOVE RITMOS"
- 18:30H CONCERTO DA ORQUESTRA SOAR (FILARMÓNICAS DO ARRABAL E SOUTOCICO)
- 21:00H ENCERRAMENTO



JUNTA DE FREGUESIA DE ARRABAL
RUA JOSÉ BERNARDINO CRESPO, 23
2420-009 ARRABAL
JF.ARRABAL@MULTELEPAC.PT

☎ 244744414 * 918785663

WWW.ARRABAL.PT



INSTITUIÇÕES E COLETIVIDADES

2.^a EDIÇÃO

ARRABAL

EM MOVIMENTO



28 A 30
SETEMBRO



2018

CULTURA
DESPORTO



GASTRONOMIA



MAIS INFORMAÇÕES EM: WWW.ARRABAL.PT

ORGANIZAÇÃO >>>



Junta de Freguesia
Arrabal

PARCEIROS >>>



Câmara Municipal de Leiria



Grupo
Coral
Arrabal



CÍRCULO
CULTURAL
AMIGOS
DO VALE



ASSOCIAÇÃO
SANTA
MARGARIDA



ASSOCIAÇÃO
CULTURAL
DO VALE



ASSOCIAÇÃO
CULTURAL
DO VALE



ASSOCIAÇÃO
CULTURAL
DO VALE



ASSOCIAÇÃO
CULTURAL
DO VALE



ASSOCIAÇÃO
CULTURAL
DO VALE



ASSOCIAÇÃO
CULTURAL
DO VALE

28 a 30 SETEMBRO 2018

ARRABAL EM MOVIMENTO

2.ª EDIÇÃO



DIA 28 SEXTA-FEIRA

19h00 Abertura do Evento

Marchas Filarmónicas

- Sociedade Artística e Musical 20 de Julho de Santa Margarida do Arrabal
- Sociedade Filarmónica Senhor dos Aflitos do Soutocico

João Gomes, Francisco Gomes e bailarinos do Conservatório Internacional Annarella Sanchez

19h20 Sessão de abertura

19h30 Visita ao Centro de Exposições

20h00 Início dos petiscos/refeições

Arruada pelo grupo "Som D'Aço"

21h30 Peça de Teatro

- Companhia Meia Dúzia e um Sapato

Peça de Teatro Comunitário

- Rancho folclórico do Freixial e Leirena Teatro

22h30 Atuação do Grupo Musical "Os Cecília"

23h30 Atuação da Banda "Garage 96"

DIA 29 SÁBADO

10h00 Concertos de Música para bebés

11h00 Hora do Conto

11h30 Concerto de Música para crianças 3/5 anos

14h00 Jogos tradicionais

16h00 Peddy paper

19h00 Entrega de prémios do Peddy paper

20h00 Início das refeições

Arruada pela Tocata do Rancho Folclórico do Freixial

21h30 Sarau de música e poesia

22h30 Atuação do Grupo Musical "Baile Moda Rock"

DIA 30 DOMINGO

8h00 Abertura do secretariado de apoio à realização das provas - entrega dos kits

9h00 Atividade Física de aquecimento *Freguesia Ativa*

9h15 Partida do passeio BTT - Ferrugentos

9h20 Partida da caminhada

9h30 Início dos Torneios Multidesportivos Futsal / Basket / Frisbee

11h15 Missa na Igreja paroquial Solenizada pelo Grupo Coral do Arrabal

12h30 Abertura das Tasquinhas

14h30 Atuação da cantora "Zara Furtado"

15h00 Atuação do Grupo Musical "9 Ritmo's"

15h45 Festival da Filhós

16h00 Concerto da Orquestra SOAR Filarmónicas do Soutocico e Arrabal

17h00 Divulgação dos vencedores do Festival da Filhós

17h30 Sessão de encerramento do evento Entrega de lembranças



CULTURA



DESPORTO



GASTRONOMIA

MAIS INFORMAÇÕES EM: WWW.ARRABAL.PT